

a poesia sou eu

Luís Augusto
Cassas

2

a poesia sou

eu

POESIA REUNIDA

mestre em becos

phd em ladeiras

ofm das águas
do maranhão



IMAGO

Copyright © Luís Augusto Cassas, 2012

Título Original: *A Poesia Sou Eu, Poesia Reunida, Volume 2*

Capa: *Luciana Mello e Monika Mayer*

Imagem da Capa: *Christian Knepper* (o poeta Luís Augusto Cassas lendo poemas na Escadaria do Comércio, em São Luís do Maranhão)

Revisão: *Pe. Lauro Palú*

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

C336p
v.2

Cassas, Luís Augusto, 1953-
A Poesia Sou Eu, Poesia Reunida, Volume 2 /
por Luís Augusto Cassas.
— Rio de Janeiro : Imago, 2012. 2v : il. ; 23 cm

ISBN 978-85-312-1094-5

1. Poesia brasileira. I. Título.
11-8289.

CDD: 869.91
CDU: 821.134.3(81)-1

Reservados todos os direitos. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida por fotocópia, microfilme, processo fotomecânico ou eletrônico sem permissão expressa da Editora.

2012

IMAGO EDITORA
Rua Santos Rodrigues, 201-A — Estácio
20250-430 — Rio de Janeiro-RJ
Tel.: (21) 2242-0627 — Fax: (21) 2224-8359
E-mail: imago@imagoeditora.com.br
www.imagoeditora.com.br

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

Volume 2

DEUS MIX: SALMOS ENERGÉTICOS
DE AÇAÍ C/ GUARANÁ E CASSIS

O VAMPIRO DA PRAIA GRANDE

EM NOME DO FILHO:
ADVENTO DE AQUÁRIO

TAO À MILANESA (INÉDITO)

EVANGELHO DOS PEIXES
PARA A CEIA DE AQUÁRIO

POEMAS PARA ILUMINAR O
TRÓPICO DE CÂNCER (INÉDITO)

A MULHER QUE MATOU ANA PAULA USHER:
HISTÓRIA DE UMA PAIXÃO

O FILHO PRÓDIGO:
UM POEMA DE LUZ E SOMBRA

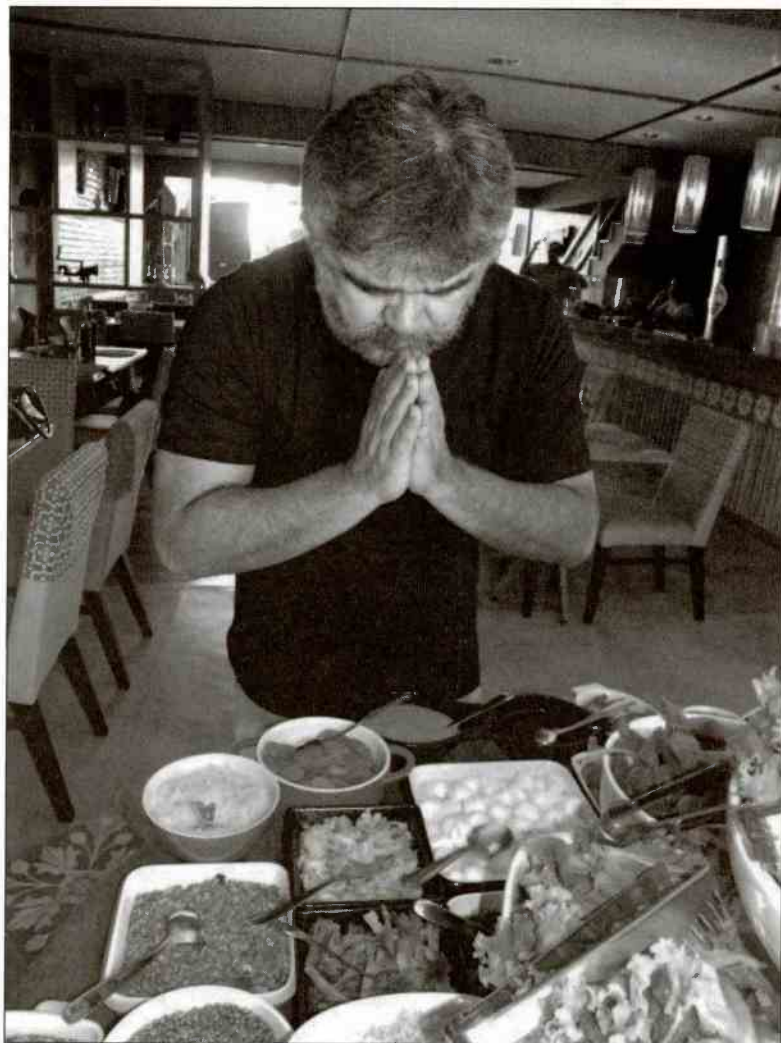
BACURI-SUSHI: A ESTÉTICA
DO CALOR (INÉDITO)

A CEIA SAGRADA DE MÍRIAM

O LIVRO (INÉDITO)
LIVRO I

O SENTIDO (RELATOS DA FUMAÇA DO INCENSO)

LIVRO II
O PARAÍSO REENCONTRADO



**SAUDAÇÃO
AO LEITOR**

*namastê
que bom te ver
o poeta que mora em mim
saúda o poeta que mora em você*

Precisamos de poetas e visionários que decodifiquem para nós a experiência de transcendência do mundo que vivemos.

Joseph Campbell

O que quer escrever o seu sonho deve estar infinitamente acordado (...). O poeta mantém-se vigilante entre o seu sonho originário – a raiz nebulosa – e a claridade que se exige. Claridade exigida pelo seu próprio sonho, que aspira a realizar-se por virtude da palavra poética. É o herói, o mártir que se consome pela poesia. Terá, porventura, necessidade de alguma outra coisa para justificar, e até “santificar”, os seus dias?

Maria Zambrano

Eu tirei o máximo de mim mesmo e essa é a melhor vitória que se pode desejar.

Cervantes

SUMÁRIO

AO CORAÇÃO DO LEITOR.....	23
UM AUGUSTINHO PÓS-MODERNO E SUA ATRAÇÃO PELO TODO.....	27
A SÍNTESE COSMOGÔNICA DE TUDO.....	31
DEUS MIX: SALMOS ENERGÉTICOS DE AÇAÍ C/ GUARANÁ E CASSIS (2001)	65
UMA TAÇA DE AÇAÍ PELO AMOR AOS SEUS.....	69
SALMO INAUGURAL.....	71
SALMO DA REINAUGURAÇÃO.....	71
SALMO DO VERDADEIRO MANDAMENTO.....	71
SALMO DAS PROPRIEDADES INFINITAS.....	72
SALMO DA ALTA ROTATIVIDADE.....	72
SALMO DA FILOSOFIA DE VIDA.....	73
SALMO SEGUNDO JOÃO.....	73
SALMO EXECUTADO.....	74
SALMO IMOBILIÁRIO.....	74
SALMO DO INIMIGO-AMIGO.....	75
SALMO COM MIX DE AÇAÍ GUARANÁ E CASSIS.....	75
SALMO DOS MUROS.....	76
SALMO DA RETIRADA ESTRATÉGICA.....	77
SALMO DA REVELAÇÃO.....	77
SALMO DO DÍZIMO DA VIDA.....	77
SALMO RESPONSABIL.....	78
SALMO DA LOJA DE ACESSÓRIOS.....	78
SALMO SALVADOR.....	79
McSALMO.....	79
SALMO RESIDUAL.....	80
SALMO DA CARTEIRA DE HABILITAÇÃO.....	80
SALMO DO EXEMPLAR DE ASSINANTE.....	81
SALMO CURADO.....	81
SALMO DO OITAVO SELO.....	82
SALMO DO SUPER-HOMEM.....	82
SALMO DAS APARIÇÕES.....	83
SALMO DA IMAGEM E SEMELHANÇA.....	83
NOVO SALMO DO AÇAÍ.....	84
SALMO DAS FORMIGUINHAS.....	84
SALMO BRONZEADO.....	85
SALMO ACORDADO.....	85
SALMO DA CASA DO AÇAÍ.....	86
SALMO VIRTUAL.....	86
SALMO 24 HORAS.....	86
SALMO MANDRAKE.....	87
SALMO MALUCO.....	87
SALMO REFORMADOR.....	88
SALMO KUNDALINI.....	89
SALMO ESQUERDO.....	89
SALMO DE FARMÁCIA.....	89
SALMO PRÉ-DATADO.....	90
SALMO CAPITAL.....	90
SALMO DO FILHO PRÓDIGO.....	90
SALMO DO NADA.....	91
SALMO DO MILAGRE.....	91
SALMO DAS VANGUARDAS.....	92
SALMO DA LIVRARIA COM AZIA.....	92
SALMO DO MEIO-NORTE.....	92
SALMO MERCANTIL.....	93
SALMO DEVEDOR.....	93
SALMO DO CONSELHO DE ANCIÕES DA TRIBO.....	94

SALMO DO CRÉDITO EM LIQUIDAÇÃO	95
SALMO DAS CENAS DA VIDA DIVINA	95
SALMO ASTROLÓGICO	95
SALMO DA SOCIEDADE DOS POETAS VIVOS	96
SALMO PARANOICO	96
SALMO DA GRANDE BOCA	97
SALMO NEGRO	97
SALMO PESSOAL	98
SALMO DO SEXO DOS ANJOS NA CAMA DA ETERNIDADE	98
SALMO DO DOGMA PESSOAL	99
SALMO <i>DIET</i>	99
SALMO DOS TEMPOS PÓS-MODERNOS	99
SALMO DOS PROVÉRBIOS	100
SALMO DO ESPELHO RETROVISOR	100
SALMO DA GRAÇA	100
SALMO COM MEL PARA GABRIEL	101
SALMO DO ENCONTRO MARCADO	101
SALMO DE BIAFRA	102
SALMO DO PATRÃO	102
SALMO DEMASIADO HUMANO	103
SALMO CLONADO	104
SALMO PELA ORAÇÃO	104
SALMO DA PRIMEIRA PEDRA	105
SALMO PENITENCIAL	105
SALMO <i>FAST FOOD</i>	105
SALMO DA SAGRADA FAMÍLIA	106
SALMO <i>SELF SERVICE</i>	106
SALMO DO SANTO DE PAU OCO	107
SALMO DO ANO DA SERPENTE (escrito com pregos)	107
SALMO DA SANTÍSSIMA TRINDADE DA VONTADE	108
SALMO <i>MASS MEDIA</i>	108
SALMO DO REINO DO AÇAÍ	109
SALMO QUASE HUMILDE	110
SALMO VINGADOR	110
SALMO-RENÚNCIA	111
SALMO DO QUINTO ELEMENTO	111
SALMO DO SÉCULO XXI	112
SALMO MORDIDO NO RABO	113
SALMO <i>KITSCH</i>	113
SALMO DESENGARRAFADO	114
SALMO DA RAPSÓDIA HÚNGARA	114
SALMO APASCENTADOR	115
SALMO DO VICIADO	115
SALMO DA DEFESA DA GRANDE OBRA	116
SALMO CRIADOR	117
SALMO APOSENTADO	117
SALMO DO GRANDE PROFETA	117
SALMO RESSACADO	118
SALMO DAS LOCADORAS DE VÍDEO	118
SALMO DAS CARTOMANTES	119
SALMO SEM GRAÇA	120
SALMO ECOLÓRFICO	120
SALMO DA CRUZ DE FERRO	121
SALMO AZEDADO	121
SALMO ZOLÓGICO	122
SALMO DA DESPEDIDA FINAL	122
O VAMPIRO DA PRAIA GRANDE (2002)	123
A NOITE DESCE SOBRE A PRAIA GRANDE	125
O ANTIVAMPIRO LÊ A ANNE RICE FRAGMENTOS DE SUAS MEMÓRIAS	125

CARTÃO DE APRESENTAÇÃO.....	127
BIOGRAFIA (AUTORIZADA) DO VAMPIRO.....	128
SANGUINÁRIO ROMÂNTICO.....	128
O MORCEGO.....	129
VAMPIRO: REDEFINIÇÃO.....	129
INICIAÇÃO DO MAGO NEGRO.....	130
CANÇÃO VAMPIRÁ.....	131
O VAMPIRO DA PRAIA GRANDE (1).....	132
O VAMPIRO DA PRAIA GRANDE (2).....	132
O VAMPIRO DA PRAIA GRANDE (3).....	133
O VAMPIRO DA PRAIA GRANDE (4).....	133
PASSEIO NO PARQUE.....	134
THE WASTE LAND.....	134
VAMPIRO NOS NEURÓTICOS ANÔNIMOS.....	135
MEIA-NOITE.....	135
A BROCA DO DENTISTA.....	136
VAMPIRO FILOSOFANDO COM CAVEIRA.....	136
CAMILLE CLAUDEL (retrato dos 20 anos).....	136
GENEALOGIA DO CRÁPULA.....	137
VERA FISCHER.....	138
X-LOVE.....	138
VAMPIRO NO SEMÁFORO.....	138
LIQUIDAÇÃO DE VERÃO.....	139
VAMPIRO NO CIRCO.....	139
MOÇA VAMP PASSANDO ESMALTE NAS UNHAS.....	140
VAMPIRO POSANDO PRA FOTO NA COLUNA SOCIAL.....	140
SÚPLICA DE TURISTA ESCANDINAVA.....	142
VAMPIRO TOTAL.....	142
MORCEGOS DA RUA PORTUGAL recenseamento com (c) aspas.....	145
PERFUMADO PRA RONDA NOTURNA.....	146
DIGESTÃO DO NOME.....	146
S.O.S. PESCOÇO.....	147
LOCADORA DE VÍDEO.....	147
VAMPIRO NA MUSCULAÇÃO.....	148
JANTAR À LUZ DE VELAS.....	148
ESCÓLIOS DO ESPÓLIO (Vingança a Seco do Morcego).....	148
CANÇÃO DO LOBO DOWN.....	149
VAMPIRO NA CÂMARA MUNICIPAL RETRIBUINDO A CIDADANIA.....	150
OSSOBUCO.....	151
VAMPIRO TOCANDO SAX NO SEX SHOP.....	151
MAIS.....	152
SEXTA-FEIRA 13.....	154
VAMPIRO EM DESFILE DE MODAS.....	154
VAMPIRO NO CARNAVAL DA MADRE DEUS.....	155
VAMPIRO NO W.C. (a descarga da consciência).....	155
15 MINUTOS DE GLÓRIA.....	156
VAMPIRO LENDO GARCIA MARQUEZ.....	156
VAMPIRO BRECHANDO BANHISTAS NA PRAIA DO OLHO D'ÁGUA.....	156
A DIETA DO VAMPIRO.....	157
VAMPIRO NA SESSÃO DA ACADEMIA MARANHENSE DE LETRAS.....	157
O DÂNDI.....	158
A OBRA EM NEGRO (Testamento Provinciano).....	158
O ASSASSINATO DE DEUS.....	159
CANÇÃO DE GAMBIARRA PARA A TREVA & SUA FANFARRA.....	160
EM NOME DO FILHO: ADVENTO DE AQUÁRIO (2003).....	163
POESIA-SÍNTESE Mãe-nifesto de novo Paideuma Poético para o Filiarcado da Era de Aquário.....	165
INTRODUÇÃO AO SANCTUS.....	171
CANTOS DA PEDRA DA MEMÓRIA.....	172
ORÁCULO CONTRA A INFÂNCIA DESAMPARADA.....	173

LADAINHA DO CHÁ DE QUEBRA-PEDRA	174
CARTA A SÃO LUÍS	175
MINA DOS ENCANTADOS	176
LADAINHA DE MARIA PRETINHA	176
TOADA DE HUMBERTO MARACANÃ	177
HINO DO MENINO-SOL À IRMÃ-PEDRA (por criança do Desterro).....	177
EXORCISMO DAS RUÍNAS	178
O ANÚNCIO DA CURA	178
RESSURREIÇÃO DOS SOBRADOS	180
MARTIROLOGIO DOS MENINOS DE RUA	180
FECHAMENTO DO CORPO DA CIDADE	181
CORO DOS OGUNS.....	181
CARTA DAS SETE IGREJAS ÀS REDONDEZAS	182
OS TAMBORES DE SÃO LUÍS (Cântico de Graças pela Recuperação da Saúde da Cidade).....	183
SALMO	184
OFERTÓRIO.....	184
AVE, MATÉRIA	185
INICIAÇÃO PÚBLICA	185
AVE, MARIAS	186
CÂNTICO DO ANJO GABRIEL.....	186
AS BEM-AVENTURANÇAS DA PEDRA.....	187
SAGRAÇÃO DO APOSENTO	188
CRÔNICA DE NOMEAÇÃO DA DEFENSORIA LÍRICA DA CIDADE	188
OS LUSÍADAS (Cântico do Poeta à Cidade-Musa).....	189
LITANIA DOS TAMBORES	189
LANÇAMENTO DA PEDRA FUNDAMENTAL DA JERUSALÉM PEDESTRE.....	190
CONFERÊNCIA SOBRE OS TELHADOS.....	190
PROCISSÃO DOS MENINOS DO MARANHÃO.....	191
ORAÇÃO FINAL PELA CIDADE DE SÃO LUÍS DO MARANHÃO	192
ANEXO: ALTAR DO FILHO (Ladainha p/ ser recitada até alcançar-se a Graça).....	192
LADAINHA AO MENINO JESUS DE PRAGA PELAS CRIANÇAS POBRES DE SÃO LUÍS	
DO MARANHÃO	193
TAO À MILANESA (INÉDITO).....	195
TAO À MILANESA (1)	197
TAO À MILANESA (2)	197
O TAO DO PEDICURO CELESTIAL.....	197
A EXPERIÊNCIA DO VAZIO.....	199
SANTUÁRIO ECOLÓGICO	199
VOTO DE SILÊNCIO.....	200
INTERIORES (Sale).....	200
FOGO SAGRADO	201
OM	202
O BAILE DAS IDEIAS.....	202
OS DEUSES DE BOLSO	203
A BIOGRAFIA QUE NÃO FOI ESCRITA	203
TELEMO	205
DAS ILUMINAÇÕES	206
O PÃO DA VIDA	207
ALEGRIA: PRINCÍPIOS E MÉTODOS DE TRATAMENTO.....	208
AMOREX	209
A REABERTURA DO CÍRCULO.....	210
TARAS BULBA.....	211
INVOCÇÃO AO GRANDE REATOR NUCLEAR	212
VAN GOGH NAS PÁGINAS AMARELAS	212
O TREM.....	213
ODE AO NIILISMO	214
O VAZIO DO ESPELHO	216
BUDA E O SAMURAI.....	217

A CRUZ DE NICOTINA	217
A GEMA DO OVO	218
O CÉU DO CORAÇÃO	219
ARTUR BISPO DO ROSÁRIO	220
UM OSCAR AO OSCAR	221
ANISTIA	222
5.0	223
ABRINDO O PARAQUEDAS P/ O ALTO	223
O SILÊNCIO	224
TAO À MILANESA (3)	224
A ARMADURA	225
RETRATO DO AUTISTA QDO. JOVEM	225
MITOLOGIA ÍNTIMA	226
A ESCRIVANINHA	226
PRENDAS ESTÉTICAS	227
PONTA DE ESTOQUE	228
PEQUENO GUIA P/ SALVAÇÃO DO PLANETA	229
O TAO DAS RUAS	229
SEM TÍTULO	230
CAMONEANDO	230
SEM HORA MARCADA	231
ODE À PARÓDIA	232
HARAKIRI	233
KODAMA	233
DA ARTE DE ENGOLIR PROBLEMAS	234
TAO À MILANESA (4)	235
EDUCAÇÃO DE VOZ E SILÊNCIO	236
A ROSA	236
FRÁGIL	237
BANCO DO KARMA S/A	237
A FAXINEIRA DO DHARMA	238
CABARET OLENKA	238
KOAN	239
MEUS FILHOS	239
O SACRIFÍCIO	240
MANIFESTO DE TRAVESSEIRO	240
OVIDIANA	240
SILÊNCIOS	241
A CELA DO MONGE (contraincrições do Claustro)	242
O ASCETA	242
TAO À MILANESA (5)	242
A VIAGEM DO PÓ	243
PEQUENO GUIA DO CÉU	243
TAO À TOA	244
EVANGELHO DOS PEIXES PARA A CEIA DE AQUÁRIO (2008)	245
CONFISSÕES DE ADAR	247
OS PEIXES	249
DO LIVRO DA ÁGUA	249
O GRANDE PEIXE DA EXISTÊNCIA	252
A CANÇÃO DA ÁGUA SALGADA E DOCE (Invocação dos Peixes e Crustáceos dos Rios e Mares do Maranhão)	253
EPÍSTOLA DO PEIXE PARA O SÁBADO DE ALELUIA	255
ORAÇÃO PELOS RIOS DO MARANHÃO	257
PRANTO PELO RIO ITAPECURU	258
CARTA NATAL DO PEIXE	260
O OLHAR DO PEIXE	261
RECEITA DE PEIXE-PEDRA FRITO	262
AUTOBIOGRAFIA DE UM PEIXE CONTEMPORÂNEO	263
ODE A UMA LATA DE SARDINHA	264

O CÍRCULO DOS PEIXES	264
A SANTA CEIA DOS BAGRES (Litania da Água e Sal).....	266
O KARMA	266
O CARDÁPIO DO PEIXE.....	267
PAZ, CIÊNCIA	267
VISÕES DO PEIXE (L. V. S., pescador, 38 anos, morador da Praia do Barbosa).....	268
MEDITAÇÃO DO IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA.....	269
A PORTA-DOS-PEIXES	269
AQUA PRO NOBIS.....	270
PELAS PRAIAS DE SÃO LUÍS.....	271
ÁGUA-VIVA.....	271
O PEIXE E A ÁRVORE DA VIDA	272
ORATÓRIO DAS ONDAS.....	274
OS SAPATEIROS.....	275
OS FIÉIS COMPANHEIROS.....	276
O BOM COMBATE.....	277
MILAGRE DOS PEIXES.....	277
O LAVA-PRATOS	278
NOVA EUCARISTIA.....	278
A GOTA D'ÁGUA	279
O DISCURSO DO PEIXE NA SINAGOGA.....	279
O SONHO DA ÁGUA.....	281
A TERCEIRA ONDA	282
ELOGIO DA DELICADEZA.....	282
A NOITE ESCURA DA ÁGUA.....	285
FOGO E ÁGUA	287
MARIA: A OUTRA FACE DA ALQUIMIA.....	288
A MULHER SEM ÁGUA	289
A ARCA DE NOÉ.....	290
A CRUZ DA BALANÇA.....	290
O PRATO LIMPO.....	291
PÉROLAS DO PEIXE.....	292
O MILAGRE DE CADA DIA	294
TÁBUA DE OPALINA.....	294
OFÍCIO DA MISERICÓRDIA PARA A SALVAÇÃO DOS RIOS (o oficiante após a consagração do cântaro com água benta lança as águas às nascentes)	295
FOTOCÓPIA AUTENTICADA DO PEIXE	297
MATANÇA DOS PEIXES.....	297
GARRAFA DOS PEIXES.....	298
A DESPEDIDA DO PEIXE.....	298
SALMO DO PEIXE DE AQUÁRIO	299
LUÍS AUGUSTO CASSAS: AUTOBIOGRAFIA LÍQUIDA	299
POEMAS PARA ILUMINAR O TRÓPICO DE CÂNCER (INÉDITO)	301
OS MESTRES DO JARDIM (Presságios)	303
A REVOLUÇÃO.....	304
A CANÇÃO DO ACELERADOR DE PARTÍCULAS NA CONSTELAÇÃO DE CÂNCER	304
ESPADA DE MIGUEL	306
SÃO PAULO.....	306
A GRAVIDADE.....	307
SINFONIA DO DNA.....	308
KUNDALINI	309
AO DEUS ÚNICO	310
PARTÍCULAS ELEMENTARES	312
OS IDOS DE MARÇO.....	313
NOTURNO.....	313
A ESTRELA.....	314
A FLOR (Químio & Rádio).....	315
CONVERSA COM O AMIGO.....	317
DANIEL SAINDO DA FORNALHA QUENTE.....	318

A CURA.....	319
CONVERSA COM NICODEMOS.....	319
UM LUGAR.....	320
MENOS.....	320
O DEPOIS.....	321
A MULHER QUE MATOU ANA PAULA USHER: HISTÓRIA DE UMA PAIXÃO	
poema-romance (2008)	323
ACENOS DO NUMINOSO.....	325
UMA INICIAÇÃO À LUZ PELO VERSO E PELO PÃO.....	325
CÓSMICA.....	328
WANTED.....	329
TORPEDO À MODA ANTÍGONA.....	329
RECEITAS & FORNADAS	330
PADARIA.....	330
UMA FLOR AOS SIGNOS (DA PAIXÃO) EM ROTAÇÃO	330
POESIA VIVA.....	330
UM.....	331
A CAMA.....	331
DA BIOQUÍMICA DO AMOR.....	333
O AÇAÍ.....	334
A PÉROLA.....	335
MULHER.....	335
O JOGO DO BICHO.....	336
SATORI.....	336
GRITOS & SUSSURROS (A FLOR DESPETALADA).....	337
TRANSTORNO DE HUMOR.....	337
A BELA E A FERA.....	337
HERANÇA.....	338
DOENÇA & CURA.....	339
O VENTO E A ESTRELA.....	339
DIA DOS NAMORADOS.....	341
O CALDEIRÃO.....	341
O CÍRCULO.....	342
CONTATOS IMEDIATOS DO ASTRAL.....	343
O RETORNO DA MULHER IDEAL (Cenas do Seriado Guerra nas Estrelas).....	343
O DISCURSO DE LILITH NOS LENÇÓIS DE OR (Gasolina & Chantilly para o meu Odiado).....	347
A MULHER QUE MATOU ANA PAULA USHER	350
A MULHER QUE MATOU ANA PAULA USHER.....	350
INTERVENÇÃO DA POESIA.....	351
O PRAZER (Doutrina da Poesia).....	351
ESBOÇOS FLASHES & FINALMENTES	354
O AMOR.....	354
A BUSCA DO MITO (pintando quadros).....	355
AS NÚPCIAS.....	359
O FILHO PRÓDIGO: UM POEMA DE LUZ E SOMBRA (2008).....	361
EPÍGRAFES.....	363
A.....	367
B.....	367
C.....	368
D.....	369
E.....	370
F.....	371
G.....	374
H.....	376
I.....	377
J CARTA AO ALEPH (ou a 2ª Luta de Jacó contra o Anjo).....	379

K	381
L	382
M	384
N	386
O	390
P	393
Q	393
R	395
S	397
T	398
U	400
V	401
X	402
Z	404
BACURI-SUSHI: A ESTÉTICA DO CALOR (INÉDITO)	407
PEQUENO ORATÓRIO BARROCO E SOBRENATURAL	409
INICIAÇÕES BARROCAS	409
SÃO LUÍS DO MARANHÃO	409
CREDO PESSOAL	409
VISITANTE	410
MIRANTE DAS ESTAÇÕES	410
UMBIGO DO MUNDO	411
O GUARÁ	412
BACURI-SUSHI	413
BACURI-SUSHI	413
SECOS & MOLHADOS	414
CANTIGA DE POÇO DE SÃO LUÍS DO MARANHÃO	415
BAR DOS MILAGRES	416
RUA DO SOL (Os Anúncios do Dia)	417
MURAL LUDOVICUS (recados 24 horas)	420
RESUMO DA COR	421
O FESTIVAL DE CARNE-SECA NA DANÇA DA RAPADURA (c/ O Pudim das Almas)	422
CANÇÃO DA BOLA DE GUDE	425
GALINHA AO MOLHO PARDO	426
SÃO LUÍS É UMA SESTA	427
CESTA BÁSICA	428
AUTOS DA IGREJA DO CARMO	429
A MISSÃO (1)	429
CANTIGA DE CEGO NA ESCADARIA DO CARMO (2)	429
AS NÚPCIAS (3)	431
SÚPLICA DAS ALMAS PIEDOSAS (4)	432
PRECE ACESA (5)	432
O SONHO DE JESUS (6)	433
LA FAMIGLIA (7)	434
SALMO PARA UM NOVO TEMPO (8)	434
A CEIA TROPICAL (9)	435
OFÍCIO CÔSMICO (10)	436
RETRATOS FALADOS	437
EDITAL PERFUMADO DA CASA CHRISTIAN DIOR (a uma francesa equinocial)	437
COMPANHEIRO MAGNO	437
SERMÃO/SERÃO A ANTÔNIO VIEIRA (pra cavaquinho & cavaquinho)	439
RITA BENNEDITTO	441
RECEITUÁRIO POÉTICO DE ODORICO AMARAL DE MATTOS (escrito com mercurocromo em nuvens de algodão)	443
A CASA DOS ESPÍRITOS (O Batismo da Cruz sobre a Foice e o Martelo)	444
SANTA ALMERINA	447
SÃO JOSÉ FRANCISCO DAS CHAGAS (Ofício Matutino)	449

À SOMBRA DOS BACURIZAIS EM FLOR — Ensaios metalúdicos sobre a Poesia & os seus	
cultores de cabeça-dura como a casca do bacuri	450
MUY LOCO.....	450
A LÍNGUA DE SOUSÂNDRADE.....	451
O ANJO EXTERMINADOR	451
COCÓ FILOSÓFICO	452
ROYAL STREET FLASH	452
QUEIXA NA DELEGACIA DA POESIA.....	452
O ARCO-ÍRIS MOLHADO.....	453
PRIMEIRAS IMPRESSÕES DO BARDO	453
ARTAUD	454
CHARLES CHAPLIN	454
A COISA.....	455
OS POETAS TAMBÉM AMAM	455
PERSONA	456
BULHUFAS.....	456
AS CARAMBOLAS	457
MANIFESTO AOS POETAS	457
ÚLTIMO TEMA.....	458
A ESTÉTICA DO CALOR.....	458
A ESTÉTICA DO CALOR	458
POSTAIS DOMICILIARES.....	459
HORÓSCOPO DA CIDADE.....	460
INVENÇÃO DA CHUVA.....	460
TAMBOR DE CRIOLA	461
A LONGA NOITE DO POETA	461
CABEÇA DE CAMARÃO SECO (O Discurso das Barbearias).....	464
MERCADO CENTRAL	467
LAMENTAÇÕES DOS JARDINS DO ROXY (profecia de joana de deus louca do senhor).....	468
CORDEL DA MULHER INFIEL	472
SÉCULO XX (A última sessão do Cine-Éden).....	472
O PALHAÇO (O Homem que Ri)	473
BONITO	474
DAS CONEXÕES.....	476
CONFIDÊNCIA MINEIRA (ECOS NO LARGO DE BEQUIMÃO)	476
QUASE.....	477
FLUXOS E REFLUXOS DO ETERNO.....	477
OS APOSENTADOS DA BRUMA	478
ECLÉSIASTES TROPICAL	479
SAUDAÇÃO AO SOL	479
FORRÓ DO BATIZADO	480
RUMO À ESTAÇÃO SATURNO.....	481
O GAMBÁ	482
MOSCA ZUMBINDO NO OUVIDO DO POETA.....	483
PMSL	484
POSTE C/ ERVAS (das especiarias tupiniquins).....	485
PADARIA SANTA MARIA	485
LAMENTO QUATROCENTÃO.....	486
400 ANOS.....	486
A CEIA SAGRADA DE MÍRIAM Oferenda Lírica (2010)	487
O CORAÇÃO NA MESA.....	489
A CEIA SAGRADA DE MÍRIAM.....	493
HNOS A MÍRIAM.....	494
LIVRO DO ÊXODO	496
VIAGEM AOS SEIOS DE MÍRIAM	497
O NOME DA FOME	499
O BANQUETE	499
BOLO DE LARANJA	503

MAMÃE NO DIVÃ	504
CHORUS LINE.....	504
ROMANCE DE D. MÍRIAM E O NAMORADO DA MÃE	506
MAMÃE E A ESTRELA D'ALVA.....	507
LADAINHA AO QUEIJO DE SÃO BENTO.....	507
LADY MÍRIAM (pequeno oratório místico).....	507
PIETÁ.....	508
O LIVRO (INÉDITO)	509
LIVRO I	511
O SENTIDO (relatos da fumaça do incenso)	511
O LIVRO (O Sopro).....	513
BURACOS NEGROS.....	514
JARDINS DO ÉDEN.....	516
OS BICHOS.....	517
O ABRAÇO.....	521
A REVOLTA CONTRA O UM	521
BOATE YOUGOSLÁVIA (1).....	521
ENFERMARIA JERUSALÉM (2).....	523
CANÇÃO DOS MÍSSEIS TOMAHAWK (3).....	523
MENINO DO IRAQUE (4)	523
O SENHOR DA GUERRA.....	523
A CASA.....	526
O ROSÁRIO.....	526
O ESPELHO.....	528
CORPUS HERMETICUM.....	529
A BOCA.....	532
A PELEJA DA SERPENTE E DA POMBA NO ESTÁDIO CÓSMICO LUZ E SOMBRA OU A DISCUSSÃO DA GRAÇA E DA ELETRICIDADE NO QUINTAL BIFOCAL DA CLARIDADE	534
A PROFUNDIDADE E A ALTURA.....	538
A CAVERNA DE PLUTÃO.....	539
ODE A URANO	547
A QUINTA CHAGA.....	550
ENFERMEIRAS S/A.....	553
O PENSAR E O SENTIR.....	554
A CHEGADA DA LUZ	556
LADAINHA DOS POETAS.....	558
O VAZIO	560
O VAZIO (2)	560
CINTILAÇÕES (relatos da fumaça do incenso).....	562
EROS (1).....	562
O EGO E A CONSCIÊNCIA (2).....	562
O VERBO (3).....	563
O PASSARINHO (4).....	564
A FONTE E A SEDE (5).....	564
A FÊNIX (6).....	565
ESTAÇÃO DO VENTO (7)	565
O PRÍNCIPE E O VAGABUNDO (8)	566
A POBREZA (9).....	566
O PERFUME (10).....	567
O TESTAMENTO DE ISAQUE (11).....	568
O ÚLTIMO DIA	568
SEXTO SENTIDO.....	569
O SENTIDO.....	572
LIVRO II.....	575
O PARAÍSO REENCONTRADO.....	575
Namorada do Sol	577
Aqui onde o espírito.....	577

Preenche a taça	578
Sou ruínas	579
O cordão umbilical	580
Ó natureza + pouso as mãos em tua pele jovem	580
Animal ferido	582
ela a minha	582
Bênção celeste	583
Sou como Deus — rompidos os vasos — exilou-se	584
— E a companheira?	585
Ah paraíso	585
porque se olharmos	589
belo é contemplar-te	590
nem	590
Urinei nas mangueiras	591
Salvei a ira	592
piso c/ cuidado	593
sou o nome	594
Conversas c/ a Terra (depositando flores no túmulo do poeta desconhecido)	595
Graças ao eterno	597
FORTUNA CRÍTICA	599
DEUS MIX: SALMOS ENERGÉTICOS DE AÇAÍ C/ GUARANÁ E CASSIS (2001)	601
NÍZIA VILLAÇA	601
FERREIRA GULLAR	604
ZECA BALEIRO	604
O VAMPIRO DA PRAIA GRANDE (2002)	607
FRED GÓES	607
LUIZ HORÁCIO RODRIGUES	608
MOACYR SCLAR	610
FOED CASTRO CHAMMA	610
EM NOME DO FILHO: ADVENTO DE AQUÁRIO (2003)	613
MARCO LUCCHESI	613
PE. LAURO PALU, CM	614
JACI BEZERRA	620
FREI BETTO	621
MONJA COEN	621
JOSÉ SARNEY	621
TAO À MILANESA (INÉDITO)	623
MONJA COEN	623
EVANGELHO DOS PEIXES PARA A CEIA DE AQUÁRIO (2008)	625
LEONARDO BOFF	625
FREI BETTO	626
PAULO URBAN	627
MARCO LUCCHESI	632
ALCIDES BUSS	632
A MULHER QUE MATOU ANA PAULA USHER: HISTÓRIA DE UMA PAIXÃO (2008)	633
PAULO URBAN	633
AMNÉRIS MARONI	635
GERANA DAMULAKIS	639
ALBERICO CARNEIRO	642
MARCO LUCCHESI	646
FOED CASTRO CHAMMA	647
MONJA COEN	647
O FILHO PRÓDIGO: UM POEMA DE LUZ E SOMBRA (2008)	649
LÊDO IVO	649
MARCO LUCCHESI	651

GABRIEL NASCENTE.....	652
ROSSINI CORRÊA	656
MILTON TORRES.....	660
SALGADO MARANHÃO	662
BACURI-SUSHI: A ESTÉTICA DO CARLOR (INÉDITO).....	665
CECÍLIA COSTA	665
BIOGRAFIA DO AUTOR.....	669

AO CORAÇÃO DO LEITOR

Com a publicação desta **Poesia Reunida**, que cobre pouco mais de trinta anos de atividade poética, iniciada com **República dos Becos**, em 1981, e agora editada e distribuída em dois volumes sob a chancela editorial da Imago, dou concluída, por longa reflexão interior, a meditação — escuta e diálogo com o verbo — do relacionamento, movido a paixão e suor, mantido toda a vida com a poesia.

O espírito da obra é um celebrar do mistério. A pompa de um caminho longo do verso. Registra em definitivo as cores e a integralidade da transfiguração do meu périplo lírico, trilhando a poesia como caminho de totalidade — lúdico, místico, afetivo, alquímico, existencial. Guiado pela existência, posso dizer que a obra reflete a jornada da minha alma, constituindo-se, portanto, em íntima parcela do momento e da eternidade, na triangulação das relações do arbítrio pessoal com as forças do destino e a providência.

Abro o olhar à sementeira e percebo que o grão da poesia urdiu o dom, iluminou a terra, inspirou a messe, multiplicando os frutos. Eis o trabalho de minhas mãos: 16 livros editados e quatro inéditos (em verdade, cinco, pois o último título, nomeado **O Livro**, contém em seu bojo dois — **O Sentido (Revelações da Fumaça do Incenso)** e **O Paraíso Reencontrado**. Configurada a dança dos ciclos, em que criação e destruição revelam permanente movimento, a reinauguração do caos primordial, propício ao grande silêncio, poderá fazer fecundar pela luz da palavra novos universos.

A poesia abriu-me a possibilidade do trabalho com o fogo. A luz. A noite. O trabalho dos dias. A vivência íntima com a profundidade. A relação com o ser. As existências interiores. O processo de individuação. As potências de Eros. O sexo. O amor. A compaixão. As tradições e as rotações. O ponto Zeus. E o zen. O esotérico e o exotérico. Fui buscador e não buscador. A fé mediou o encontro entre o Menino do Abismo e o Ancião dos Dias. Tudo foi motivo do verso. O corpo. A criança interior e exterior. A pedra e o peixe. A mulher. A pólis. O pneu e o pneuma. As núpcias da loucura do divino e da sabedoria do mundo. A água-pesada e a água-viva. Babel e Jerusalém Pedestre. Parábolas parabólicas. O folhetim e o grande circo mítico. A humana

família. O barro e o barroco. Melancolia e alegria. O aprendizado com a sombra. Estrelas e torres. O teatro evolutivo da alma. Desertos e fontes. Mortes e renascimentos. A lagarta e a borboleta. A chaga e a rosa. O sentido e a busca. O reencontro com a cena primordial.

Minha felicidade? Mergulhar nos extremos. Neutralizar os opostos. Buscar o meio. Após degustar todos os sabores, encontrar a receita leve. Suave. E respirar. E transcender: — “Meu nome é síntese”, escrevi.

Aceitei o jugo da poesia e por ela fui transformado. Novo nascimento entre duas palavras. Celebrei o mais como elemento fermentador, fonte de enriquecimento, alargamento de horizontes. E agradei a abundância. Depois, consciente de que a experiência me conduziu à inflação, elegi o menos, dieta da teologia negativa, tônico depurador, para realizar, mais diminuído, o meu solitário comício no mundo. O exercício da restrição permitiu-me continuar a travessia da memória kármica da cauda para a cabeça do dragão do meu *tikkun* em Aquário. Em tudo, a poesia testemunhou. Foi guia, iniciadora e consoladora.

Batizei a obra — **A Poesia Sou Eu** — porque, buscando a inteireza, no sentido de desnudar a verdadeira face, como no poema de Rumi, o amado vestiu o rosto da amada. E acendeu todas as cores no arco-íris de sua alma. Sonhei com ela todos os sonhos de liberdade. A poesia foi minha vida. E minha vida tornou-se poesia. É hora, portanto, de eu diminuir, para que ela, a poesia, possa crescer.

Reconheço-me devedor à palavra e à luz da criação. Estrelas. Antepassados. Pais. Peixes. Pedras. Ventos. Amigos. Amores. Como não reconhecer nos poetas, de quem carrego pedaços, autênticos fragmentos de mim? E não reverenciar, no coletivo, o cordão umbilical do sentido? A todos, acolho-os num grande abraço cósmico. Lucchesi e José Mário da Silva. Mensageiros da beleza, navegadores da palavra, cujas presenças luminosas abriram os umbrais da obra aos viajantes. Ao Editor Eduardo Salomão, renovo o meu apreço pelo diálogo frequente e pela capacidade de vestir a obra para as núpcias com o tempo. Expresso a minha gratidão ao Pe. Lauro Palú, incansável amigo e mestre da língua, pela benignidade e competência da revisão e dicas, sugestões e supressões, todas acatadas. Curvo-me em homenagem aos meus filhos Ana Carolina, Pablo e Thiago, e ao meu neto Gabriel, todos melhores que eu, com quem desenvolvo o aprendizado do amor e a partilha do trigo, sem o que teria fracassado.

Celebro o espírito, que me guiou nesta jornada, e o corpo, irmão-asno que suportou o peso de todas as caminhadas.

Monja Coen, cuidadora dos filhos da terra, obrigado.

Paulo Urban, amigo da alma e companheiro de jornada alquímica, obrigado.

Lino Moreira, pelo apoio nas horas cinzentas tornadas luminosas, obrigado.

Jane Dune, pelo perfume do afeto e insustentável leveza do ser, obrigado.

José Pereira, irmão em sobriedade e amigos-companheiros dos 12 passos, pela enriquecedora troca de experiências, forças e esperanças, obrigado.

Fernando Abreu, que me dá a alegria da poesia continuada, obrigado.

Pergentino Holanda, que se tornou cronista da poesia, em tempos áridos de luz em minha terra, obrigado.

São Luís do Maranhão, fênix natal, renascida em ninho de lioz, que me nutriu com seu leite mercurial, o sal nas palavras e o sol na moleira, obrigado.

Vida, minha vida, muito obrigado.

Fui muitos, fui pouco? Quantos eus vivi no espaço-tempo de um dia-noite de existência? Existirá o fim do caminho? Continuará a viagem em outro lugar? Sinto-me agora mais próximo ao mistério da vida. E, agradecido, ouço o canto alegre do rouxinol da infância.

Tudo agora se encaixa na moldura projetada. E oferta-se integrado na paisagem concluída. Porque, no fundo, escrevemos para ser amados. Só assim ressoará a nossa voz nos jardins da humanidade. A poesia é uma forma de amor. De curarmos as nossas e as dores do mundo. Assim me apresento na consciência da unidade.

Leitor, parceiro e amigo desconhecido, destinatário de todas as horas, eis aqui a aventura de um homem que, em nome da beleza e da verdade, aceitou a sua loucura, pagou o preço do voo solitário, para cumprir o chamamento à jornada.

Possa esta loucura, acesa no calor e na fidelidade à causa da palavra, alimentar a fome de transformação de alguns e oferecer vislumbres de sanidade.

Luís Augusto Cassas

UM AUGUSTINHO PÓS-MODERNO E SUA ATRAÇÃO PELO TODO

Caminho com Luís Augusto Cassas pela praia do Calhau.

O sol de São Luís não admite concessões. É como a poesia. Ou tudo ou nada. E uma conversa que cresce em espiral. Como a concha de um *nautilus*. Ou a de Afrodite. A de Botticelli. E as que vemos nesta praia.

Um domingo de junho. E uma catedral submersa, onde o padre Vieira prega no fundo do mar a conversão dos peixes no Paraíso secreto das águas.

Cassas decide recolher o sermão aos peixes, a espiral do *nautilus* e o rosto de Afrodite nesta manhã de domingo, que parece não ter fim.

O Cristo-peixe é infinito. E o mar é um domingo de esperas.

Vejo a obra reunida de Luís Augusto Cassas. E me espanto com a população que habita seus livros. Uma demografia incomum. Toda ecumênica. Cheia de beleza. E frescor. Mais de uma praia. E mais de uma cidade. O mundo e a redescoberta de sua grande poesia. Uma das mais belas que se escreve hoje no Brasil. E das que mais me comove. Algo de Apollinaire. Algo de Blaise Cendrars. Mas tocado pelo tempo atual. E com uma síntese toda sua, uma linguagem toda sua e um acento inconfundível.

A poesia de Cassas nasceu como Minerva da cabeça de Júpiter. Grego equinocal. Cidadão do mundo. Amante do corpo e do intelecto.

Saúdo a impureza de Luís Augusto Cassas. Tal como as águas cheias de sedimento fluvial que deságuam nessa mesma praia do Calhau.

Luís Augusto Cassas jamais poderia ser o poeta da razão pura, asséptica, de tampa hermética, fechada a vácuo, ou simplesmente uma república de aduanas impermeáveis e intransitivas.

Posso definir sua poesia como sendo a crítica da razão impura, dentro da porosidade do sim, ligada a todo um processo de mixagem, de quem saúda e acolhe a coincidência dos opostos na corrente sanguínea da poesia.

Estamos na dimensão impura, ao mesmo tempo líquida e sólida, nítida e incerta, escura e luminosa, sacra e profana. Não como campos excludentes, mas como formas de conceber a transição.

E sobe as ladeiras do tempo e as de São Luís com a mesma desenvoltura com que desce a rua da Paz — íntimo da *Tábua Esmeraldina*, que afirma a semelhança das *coisas de baixo com as de cima*. E abraça a totalidade no fragmento — que o redime da atração, do desespero e da saudade que sente pelo Todo.

Para Cassas, o universo é uma teia de correspondências, em que as pedras e as estrelas se comunicam sob os céus do Maranhão ou de qualquer parte do Globo. Como se buscasse a espiral de Deus. O *nautilus* invisível.

A razão impura é como o Livro de Dante, que concentra em suas páginas tudo o que no universo vai desgarrado e perdido. Cassas sonha com este livro e sua obra reunida não deixa de apontar para a unitotalidade das coisas que o cercam no sonho e na vigília.

Conversam as pedras e as estrelas de São Luís. E a chuva secreta dos astros. E as cartas do tarô. O universo é ecumênico. E a soma de tantas abordagens reflete a nostalgia de uma unidade perdida, as ruínas de Babel e de Alcântara que a sua poesia — a de um naufrago de Deus — tem como princípio restaurar. Todos os casarões que se perderam. E as sacadas. E os amores. Assim como a beleza solitária de uma Torre que marcou o fim de uma idade de ouro.

E Cassas é este sobrevivente pós-moderno de Babel, o DJ de Deus, o trapezista luminoso de um circo de palavras, perdido entre alturas e adesões. O universo é como um *iPod*. E Cassas busca o modo de fazer o *download* de alguns resíduos de Deus que vagam no ciberespaço. Além da pedra. Do sonho. E da estrela. E o livro do mundo precisa ser lido. Tudo aquilo que diz sem dizer. O espaço entre as palavras. O branco da página. O desenho do abismo na vasta superfície.

Temos o poeta da cabala do visível, que sai do papel e vai para a vida — nunca saiu da vida este poeta nietzschiano, atrevido, apaixonado às últimas consequências. O corpo é o seu meio. A sua leitura. O seu risco. Os seios de Afrodite. Os olhos de Leda. E toda uma arte combinatória em que a virgem e a prostituta cumprem uma latência de beleza e mistério. E soma e divide as letras. Descobre o céu que as gerou, com setas, arqueiros, aquários, abismos e ceias luminosas.

Eis por que sua razão é impura. Elege o ser em sua equivocidade. Nas tantas manifestações em que revela seus segredos. O *e-mail* de Deus

para Cassas não tem *antispam*. E sua obra reunida é um *e-mail* inteiro, um só arquivo anexado, que serve no plano da imanência e da transcendência.

O céu não sabe de aduanas.

Donde essa poesia cheia de força. De mística. E de razões políticas. Mas da política da poesia.

Um permanente *j'accuse* como um profeta do antigo testamento no seio da modernidade. O drama da figura do Pai e da piedade do Filho. Uma telemaquia de Cassas à procura de Ulisses. A espera do Pai. E do futuro. E do filho pródigo. E a volta. A transfiguração materna em ampliados afrescos. Dvořák e o banquete de cordeiros físicos e metafóricos. O Alfa e o Ômega de uma dor íntima. Ao cabo, o encontro com Hölderlin, atingindo o ápex de uma vida dedicada de todo à poesia. Alta voltagem de mistérios e revelações.

Ele preferiu a escola do abismo. Mais que a de Telêmaco. De quem aprende com as impurezas do Hades. E ao voltar, como Orfeu, buscou Eurídice por todos os quadrantes. Mas seus olhos tinham fogo. Sua boca havia sido marcada pela sarça ardente da poesia. Era demasiado tarde para uma crítica da forma pura. E toda uma língua forte — cheia de frescor — com uma férrea vontade de levar a termo uma nova razão de estado da língua de seu país, em que tudo aparece deslocado e destramado. Sua poesia não tem compromissos. E é livre e compartilha um ecumenismo raro na literatura brasileira. E aqui não falo apenas de uma compreensão mística, mas de uma variedade poética e vocabular cheias de eletricidade. Poeta que canta as belezas do mundo. E suas partes trágicas. Mas com um sorriso de fundo permanente. Sorriso que os trágicos adivinham. Tão nobre se mostra, mesmo quando não tem a intenção de o ser. Tão afetuoso no seio de uma fria injunção. Leve quando combate moinhos rudes e metafísicos.

A **Obra Reunida** aqui está. Cassas tem agora a imagem do próprio rosto. O *itinerarium mentis*. As confissões deste *Augustinho* pós-moderno, maranhense e brasileiro.

MARCO LUCCHESI

A SÍNTESE COSMOGÔNICA DE TUDO

Poderíamos dar início a este ensaio afirmando que o Maranhão é uma ilha cercada de poetas por todos os lados. Se é exercício ocioso enumerar todos os que competentemente têm feito da fascinante e áspera luta com as palavras o seu pão estético de cada dia e a ração diária de uma sobrevivência que se espalha para além da ritualizada rotinização comportamental cotidiana, poderíamos, assim mesmo, lembrar a densidade ontológico-metafísico-existencial que imanentiza o luminoso e corrosivo imaginário poético de Nauro Machado; a fecundidade rítmico-imagística de Arlete Nogueira da Cruz, notadamente a que se delineia na sua belíssima *Litania da Velha*; o telurismo impregnado de elevado *pathos* humano de certo viés apolineamente celebratório da poética de José Chagas; o cotidiano magistralmente transfigurado por Ferreira Gullar em *Muitas Vozes*, dentre outros que integram o qualificado código onomástico que compõe a cartografia lírica da iluminada ilha.

Agora, prosseguindo essa rica tradição de brilhantes artesãos da palavra poética em suas múltiplas direções, já tendo obtido crescente e consagrada recepção da crítica literária especializada brasileira, surge Luís Augusto Cassas, cuja poética caleidoscópica, estranha e delirantemente visionária se tem constituído como um dos mais bem realizados projetos literários de nossa lírica contemporânea.

Considero caleidoscópica a cartografia poética engendrada por Luís Augusto Cassas porque, recusando-se, criativamente, a se enquadrar de forma passiva nesta ou naquela vertente estético-filosófica, sua poesia, portando exacerbada sede de eternidade e ânsia de infinito, transcende, pelo alto poder transfigurador de que se reveste, as gramáticas mais rígidas e convencionais das elaborações epistemológicas mais previsíveis e, guiada por uma peculiaríssima e transgressora lógica que rompe os interditos, venham eles de onde vierem, propõe, universal e transdialecticamente, uma espécie de holística compreensão da realidade; atravessada por uma visceralmente dramática compreensão do universo, através de um vertical incursionamento pelas camadas mais

abismais da sua significativa e errante personagem histórica, e protagonista maior: o homem, com os seus desafiadores enigmas e encantatórios sortilégios.

Significativa, porque é a partir do horizonte de expectativas gestado pelo ser humano que tudo, a materialidade objetiva do mundo circundante e os abismos da interioridade subjetiva, ganha o desafiador estatuto e emblemático contorno de uma enigmática esfinge que gera e produz significações (in)decifráveis; errante, porque a travessia humana, em suas mais variadas peripécias, se tem nuclearizado pelo indeclinável sentimento de uma permanente busca; uma incansável procura pela utopia plenificadora; por fim, histórica, por ser no palco impuro da história que as intersubjetivas relações humanas se constroem, ora eufórica, ora disforicamente.

Dir-se-ia que o pensamento complexo, hoje tornado *leitmotiv* privilegiado em quase todas as reflexões engendradas pela ciência e pelas diversas formas de manifestação do conhecimento, encontra na poesia de Luís Augusto Cassas uma ostensivamente visível ressonância.

A universalidade do projeto poético gestado pela febricitante imaginação poética de Luís Augusto Cassas provém do fato de que, se por um lado, é das motivações produzidas pela territorialidade geográfica de São Luís que emerge o seu fabulário multiestratificado, por outro, o recorte telúrico, reordenado por níveis crescentes de acendrada fantasia, é apenas ponto de partida, nunca de chegada, de um transmanente voo poético na busca constante da totalidade das coisas, dos seres, dos fenômenos, da linguagem, da poesia; enfim, de tudo o que compõe o vasto e heteróclito repertório da plural e cósmica existencialidade humana.

Já a transdialeiticidade, de que o imaginário poético de Luís Augusto Cassas se nutre, na compacta corporeidade de cada verso inventado, com a cumplicidade vigilante da tessitura afetiva dos seus ritmos e imagens, e da tonalidade situada nas estésicas fronteiras entre o lúdico-epifânico e o profético-apocalíptico, sinaliza para uma espécie de núcleo ideativo de base ostensivamente holística, que, escavando o universo através de uma mítica memória ancestral do ser, recusa as dicotomias empobrecedoras e o binarismo previsível das leituras reducionistas e setorizadas da realidade.

Aventura irreprimível da liberdade criadora, a poesia mobilizada e posta em cena por Luís Augusto Cassas, ancorando-se no porto mágico de uma espiral infinita de sentidos, é uma movediça arquitetura semântica que a si mesma se (des)classifica do ponto de vista de um enquadramento genológico unidimensional, rebelando-se contra os rótulos e etiquetas por vezes postos por uma crítica sistêmica, incapaz, diria Eduardo Portella, de ouvir a voz do silêncio ou perceber, mesmo minimamente, os sentidos que ultrapassam as enganosas estruturas imanentes à superfície textual, e se vão agasalhar nos subterrâneos simbólicos potencializados pela energia entretextual da poesia.

Com **República dos Becos**, livro inaugural do seu já diversificado espólio poético, Luís Augusto Cassas, atentíssimo às lições da modernidade literária, nos põe em contato com uma poesia que se vai desentranhando nos bastidores mais miúdos de um cotidiano aparentemente desimportante, mas que, iluminado pelas poderosas lentes de ziguezagueante lírica, revela-se denso e preenhe de ricas significações humanas.

Livro marcado por uma dicção ostensivamente mesclada, acumulando o solene e o prosaico, o profano e o sagrado, o físico e o metafísico, tudo atravessado por um vigoroso e cortante sopro irônico, visionário e social, **República dos Becos** já se vai constituir numa espécie de súpula daquilo que o inquieto autor maranhense iria criar no território mágico da poesia.

De acordo com o teórico francês Alan Viala, o livro inaugural de um determinado escritor reveste-se, no conjunto totalizador da sua criação, de grande importância, visto que, nele, se presentificam aquelas matrizes temático-estilístico-conceituais responsáveis e garantidoras da mundividência desse mesmo escritor.

E, se é fato que os escritores se repetem, não em decorrência de monotonia criadora ou fragilidade imaginativa, mas sim em obediência aos impulsos e obsessões fantasmáticos que lhes habitam o interior, aqui, nessa república inventada por Luís Augusto Cassas, de cada beco rastreado evolva-se, prometicamente, o humano-sagrado fogo da poesia, revolucionária poesia, “*revelação e expansão do ser sensível*”, no lúcido dizer do mestre Josué Montello.

A realidade cultural que imanta toda a produção poética de Luís Augusto Cassas é a que se cartografa e se circunscreve aos limites ilimitados da sua mítica cidade natal: a Ilha de São Luís. O paradoxo tem a sua íntima razão de ser. Toda cidade é, ao mesmo tempo, o mundo, com a sua ostensiva universalidade, e a província, com os seus fantasmas e as suas inevitáveis formas de opressão. Cosmopolitismo e localismo se dialetizam numa tessitura que fascina e repele; encanta e fere; celebra e denuncia, numa serpentinática tecelagem dos contrários.

Romeira da esperança e peregrina do mundo, a poesia de Cassas é mítica e mística, terna e debochada, anárquica e solar; profundamente solar, capaz de, utopicamente, sonhar com outra realidade, mas sem perder o bonde da história, matizar-se, também, de um viés profético mais que competente em cifrar e decifrar os enigmas do tempo: os amáveis fantasmas do passado, os impasses do presente e as incertezas do futuro. Poeta e poesia, em tempos de alucinação e espera, como diria Carlos Drummond de Andrade, fundem-se nas aporias de um mundo que, exacerbada a degradação nos mais diversos níveis, nem mesmo se pode mais dizer “*meu Deus*”, porque a vida transmuta-se em “*pura ordem e impura mistificação*”.

Depois de **República dos Becos**, Cassas, dando forma, cor, luz e sombra ao seu acendrado recorte telúrico, espalhado em toda a sua obra poética, mergulha no imaginário da cidade, cantando, em **A Paixão Segundo Alcântara e Novos Poemas**, as faces, disfarces e contrafaces de um projeto de progresso predatório e reificador do humano.

A Paixão Segundo Alcântara e Novos Poemas (Imago-RJ-2006) trilha esta travessia que, ancorada em tonalidade ostensivamente profética, debruça-se sobre a cidade de Alcântara e dela retira a seiva de que se alimenta o seu visionarismo densamente contestador de uma ordem que se lhe afigura injusta e contrária a um projeto de plenificação humana e cidadania integral.

Mais que uma geografia exterior, a cidade é um lugar em que, conforme escreveu Jorge Luís Borges em *O Fervor de Buenos Aires*, arde e se consome, consumando-se, o espírito dos homens. Projeção lírica e canto épico, a cidade é, também, palco de tragédias e comédias que dão fisionomia ao multívoco espetáculo humano.

Sobremaneira elucidativas são as palavras de José Américo Costa, que, ao prefaciar o livro de Cassas, assim se pronunciou: *“De fato, quem conhece de perto o drama de Alcântara e do seu povo tem consciência do choque cultural, geográfico e econômico que a ciência do círculo fechado e a tecnologia sem transcendência provocaram na cidade e nos seus habitantes. Por ocasião da instalação da base de lançamentos, cerca de 312 famílias de 32 povoados foram deslocadas de suas comunidades para agrovilas, por determinação do Ministério da Aeronáutica. Longe das suas terras férteis e sem acesso aos recursos naturais, foram obrigadas, a partir de então, a usar identificação liberada pelo Centro de Lançamento de Alcântara para ter acesso à pesca e, portanto, à sobrevivência”*.

De acordo com a ensaísta paraibana Elizabeth Marinheiro, *“Para a escrita da modernidade, a cidade é um motivo relevante. Com ela, enquanto espaço geográfico e textual, surge a supervalorização do cotidiano”*. Cotidiano que, sob os auspícios dos irreversíveis impactos do progresso predatório, facilmente resvala no território corrosivo da desumanização.

Se o poeta, conforme as lúcidas lições do mestre Alfredo Bosi, *“é um doador de sentidos”*, Cassas encarna, brilhantemente, este perfil, nesta bela e sofrida paixão alcantarense, ao percorrer a alma da cidade, sondar-lhe o angustiado estado de espírito e, sobretudo, captar-lhe a voz transida e matizada pelo áspero e necessário sentimento da resistência. Resistência impotente, é verdade, diante da *“força da grana que ergue e destrói coisas belas”*, como diria Caetano Veloso, mas que ainda é capaz de deixar, pelos caminhos regados com o dilúvio das lágrimas, os indelévels vestígios de uma humanidade possível (*Poema dos Olhos de Alcântara*).

Humanidade que não troque o canto romântico dos sabiás pelo ranger mortífero dos mísseis. Não troque a contemplação desinteressada das estrelas pela cupidez insaciável das especulações mercadológicas. Nem presuma, como autêntica vocação suicida, que a construção do imprevisível futuro somente pode se efetivar com a argamassa dos escombros do passado.

Intimismo lírico e celebração pública, a prosa poética que percorre o solar livro de Luís Augusto Cassas, na parte intitulada *Um Peixe Fala*

aos *Homens*, segue o mesmo diapasão denunciatório anteriormente exposto. Aqui, a voz lírica enunciada promove a defesa da natureza arruinada e enfrenta, com desassombro, o pragmatismo triunfante de uma modernidade trituradora dos mais mezinhos valores humanos.

De **A Paixão Segundo Alcântara**, a poesia de Luís Augusto Casas desemboca na tonalidade ostensivamente niilista e contracultural de **Rosebud**. Impregnada das sombras de uma ácida revolta contra o mundo, não raro facilmente metamorfoseada em ódio, a alma do poeta se ensombrece, e a sua poesia transforma-se em um verdadeiro grito contra os descabros do mundo. Grito matizado pelo mais visceral sentimento de angústia, dado que, aqui, vê-se, claramente, ser a poesia impotente para promover a sempre perseguida, e adiada, utopia da transformação planetária.

Rosebud é um livro forte, que não se lê impunemente. Nele, promovendo uma espécie de impiedosa catarse da alma, o poeta põe em cena, também, questões que dizem respeito ao próprio papel da arte e do artista no enfermo mundo contemporâneo.

Discorrendo sobre a poesia do paulistano Roberto Piva, o ensaísta Carlos Felipe Moisés, a certa altura do seu arrazoado, afirmou que *“O texto que ali está, no papel, pode ser encarado como uma espécie de partitura, representação provisória das potencialidades de uma voz, ou vozes, que esperam ganhar existência efetiva, sopradas no ar de fora, em vez de serem moduladas pelo ouvido interior, intelecto adentro. Para isso, é preciso que o leitor se faça ouvinte. Mediada pela leitura silenciosa, a oralidade básica da poesia de Piva, com seu intenso poder de canto, passará despercebida. Ou continuará sendo só promessa, latência”*.

A despeito das diferenças substanciais que separam as poéticas de Luís Augusto Casas e Roberto Piva, creio que a asserção de Carlos Felipe Moisés, no tocante ao estrato melopeico que essencializa o verbo estético do autor paulistano, é perfeitamente cabível, se aplicada ao livro *Rosebud*, de autoria do maranhense Luís Augusto Casas.

É como se, no lugar da palavra impressa, impregnada de silêncios e feita para ser apreciada no recolhimento da alcova ou de confortáveis gabinetes, Casas tivesse optado pelo discurso pronto para ser rugido na praça pública, cuja voz tonitruante fosse minimamente capaz de acor-

dar os homens da letargia em que se acham mergulhados. Daí, a meu ver, impregnar-se o livro de uma configuração dramática, como se os poemas que o enfeixam devessem ser recitados, encenados, vivenciados com todas as dimensões constitutivas da corporalidade humana, e não apenas consumidos, individual e solitariamente.

Rosebud é um livro marcado, em toda a sua estilizada estruturação interna, pelo doloroso sentimento da crise por que passou o poeta, não somente em relação à funcionalidade do fazer estético, como também ao próprio sentido da existência. Nesse livro corrosivo e dramaticamente confessional, Luís Augusto Cassas, paradoxalmente, declara seu amor e seu ódio por tudo quanto o cerca, inclusive pela poesia, sua amante mais dissimulada e companheira mais perseverante e resistente.

Fundamental na poesia de Luís Augusto Cassas, **Rosebud** se constituiu no livro do impasse e da transição para outros itinerários poéticos e existenciais; e, de igual modo, da fenda que se abriu para a ultrapassagem do poeta em direção a uma abertura espiritual que o reconciliou com o mundo, com a poesia, com a existência e consigo mesmo.

Rosebud, penso, pode ser definido como um mergulho no abismo e um voo à procura do infinito. Dessa batalha do poeta com as suas inquietações mais devastadoras, surgiu um novo canto e uma nova melodia, que não ignora os descompassos e as dissonâncias da realidade, mas não desiste, nunca, de tentar encontrar o tom mais adequado para a celebração da bela sinfonia da existência. E foi exatamente isso o que fez Luís Augusto Cassas em sua produção posterior, que, iniciada com **O Retorno da Aura**, foi seguida por **Liturgia da Paixão**, **Ópera Barroca**, **O Shopping de Deus**, **Bhagavad Brita — A Canção do Beco**, dentre outros que, juntos, compõem uma das mais originais vozes da lírica brasileira da atualidade.

Secreta via de um originalíssimo itinerário mental, como o que aflora do fremente diálogo travado entre discípulo e mestre no estuário semântico do inquietante **Bhagavad-Brita — A Canção do Beco**, a ascese por que passa o discípulo em busca da iluminação de sua consciência segue a estranheza dos roteiros incomuns que, ao fim e ao cabo, podem levar ao bem supremo, exatamente a que tem na escorregadia unidade de todas coisas o seu estuário primordial. Mas, sem a frieza

glacial da tirania racionalista; antes, com a orquestração consorciada e harmônica de todas as dimensões que essencializam o complexo plural a que, na falta de melhor rótulo, chamamos de ser humano, cuja maior dificuldade, diria o sinuoso narrador de Clarice Lispector nas asas do seu selvagem coração, é ser humano.

No *Sermão do Beco*, pregado em três sincronizados tempos, a pedagogia existencial emanada, em cujo interior consorciam-se tece-lagem barroca e acendrado panteísmo cósmico, conflui, uma vez mais, para a única conversão em que acredita o poeta, e que se depreende da sua fusionista cosmovisão: o correlacionamento Sujeito *versus* Objeto; a indissolubilidade entre Deus e o homem; entre a materialidade concreta das raízes da terra e a diafaneidade azul do cromatismo celestial; entre a treva, contraface do bem, e a luminosidade, por vezes disfarce do mal.

Nesse sermão, cuja profissão de fé e credo mais acalentado tem na percepção totalizadora da existência o seu paradigma comportamental predileto e parâmetro axiológico inafastável, a bênção maior é a reconciliação do homem com a ordem cósmica de que ele emergiu e para onde voltará, de acordo com a opção transdialética do multifacetado eu-lírico que Luís Augusto Cassas construiu e fez circular na sedutora diegese lírica que inventou com tanto rigor estilístico e tão arraigado centramento na vitalíssima escola da experiência; verdadeiro ponto final do seu obsessivo evangelho integratório, no qual “*Deus e a matéria são uma coisa só*”.

Repelindo enfaticamente qualquer ranço dogmático, seja ele de inspiração física ou metafísica, a poética transmanente de Luís Augusto Cassas, consoante o belíssimo “*Agradecimento Final do Discípulo Depois da Iluminação com Pedrada no Cocuruto*”, propõe o desvendamento do ontológico mistério do ser, como algo a ser obtido como resultado não de uma epifania episódica e circunstancial, tragada pela desoladora finitude de um tempo fragmentário porque aprisionado pelo mero transcorrer inflexível das horas, mas sim pela recorrente e obstinada travessia do caminhar de todos os instantes, “*esvaziando-se o cheio e enchendo-se o vazio*”, até o atingimento totalizador da sábia lição do beco: tornar o poeta, e a tantos quantos lhe espreitam o labiríntico roteiro, a imagem

e a semelhança do coração, território confluyente dos mais díspares e às vezes aparentemente inconciliáveis sentimentos.

Sinfonia de uma procura existencial imanentizada por uma, convém reiterar, irrefreável sede de eternidade e ânsia de infinito, flagradas ambas pelo poeta em cada espetáculo do cotidiano, mesmo nos aparentemente prosaicos e intranscendentes, a música final do concerto polifônico do **Bhagavad-Brita — A Canção do Beco**, com a sua intencionalíssima exortação conclusiva, quer atingir o cerne do ser e, enfim, cumprir a sua alta missão de poesia que, conjugando admiravelmente a inalterabilidade do verso com a inesgotabilidade da imagem e a vertical profundidade de um pensamento radicalmente transgressor porque corajosamente contraideológico, como diria o semiólogo português Salvato Trigo: “perfurando o hímen da palavra, produz o gozo estético da expressão”.

Migramos do cais da polimórfica canção do beco e desembarcamos, uma vez mais, no porto do sagrado, em cujo espaço destituído da indiferenciação homogeneizadora de valores e percepções, de acordo com as postulações conceituais de Mircea Eliade, emerge, triunfalmente, **O Retorno da Aura**, protagonizado por Luís Augusto Cassas, não na busca modista e ridiculamente burguesa das paisagens exteriores e macrocósmicas, precário roteiro que às vezes nem consegue disfarçar, como diria Caetano Veloso, a condição de avesso, de avesso, de avesso do velho consumismo estéril, em cujas águas turvas a cidadania e o cultivo da subjetividade são tragados pelas demoníacas engrenagens da ilusão.

A aura, recuperada por Luís Augusto Cassas na encantatória magia verbal do seu febril e incontrollável imaginário poético, não está situada em Jerusalém, Meca, ou qualquer outra mítico-mística geografia planetária, mas sim na difícil odisseia de volta do ser humano para dentro de si mesmo; no exigente pacto ético de polimento do próprio coração, para que ele, enfim, translúcido como um espelho, converta-se num palco sereno em que a vida possa desabrochar com a força soberana de sua celebratória plenitude.

Promovendo a interpenetração dos contrários e, mais que isso, desconstruindo falsos dualismos, a poética de Luís Augusto Cassas, “aos

pés do cosmos”, faz contracenar, na mesma tessitura signica, o sagrado e o profano, face e contraface de um mesmo espetáculo humano, ancestral e jovem, sórdido e sublime, vulgar e solene, em cujo âmago nada há de novo sobre o solo, senão o ingente percurso da busca e a alucinante procura da aura, entre outras coisas, “ora escurecida na perda do amor pelo prazer, ora vilipendiada pelo elogio do ressentimento em lugar do perdão, ora obscurecida pela cobiça em vez do desapego e fragmentada pelas ideologias de falsos profetas e poetas”.

Na poética de Luís Augusto Cassas, penalizado qualquer ludismo gratuito e inconsequente; repellido qualquer retoricismo vazio e esteticamente inconsistente, porque desprovido da verdade humana essencial, atributo inafastável de qualquer obra de arte que se preza, há uma alta e assumida consciência de missão ética, para além de qualquer filigrana de ordem estilística ou propriamente genológica.

É que, radicalizando as relações entre a vida e a arte, como fizeram os arautos da desreprimida poética romântica com a excentricidade contracultural dos seus profetas, loucos, visionários e dândis, Luís Augusto Cassas, trazendo no peito o fogo que Prometeu roubou dos deuses e doou aos homens, num visceral gesto de comprometimento com a liberdade, compreende a poesia como a mais revolucionária de todas as artes, daí, *“entre um corpo e outro corpo, entre um espírito e outro espírito, o poeta, que cultivava a humildade não com devoção, mas com drummondiano constrangimento, e que nasceu em São Luís do Maranhão onde, segundo ele, o vento faz a curva e a ilha é a parada final de urubus e aviões”*, bradar, com a força inexpugnável das suas convicções ético-estético-existenciais, as jupiterianas verdades do seu credo e apostolado transdialético e transpoético. No limite, mais que divino, porque humano, demasiadamente humano.

Do **Retorno da Aura**, e das suas fecundas transmutações e alquimias densamente transfiguradoras, rumamos, com os olhos embriagados de imagens e a alma encharcada de poesia por todos os lados, para o mais que envolvente território da paixão e sua indisciplinada liturgia, em cujo epicentro, o amor a Deus, à vida, a si mesmo, à mulher amada; enfim, a tudo o que integra o vasto da existência, paira, soberano, como a mola propulsora da vida em suas plurifacetadas dimensões.

Precedida paratextualmente de um luminoso prefácio, a liturgia passional a que Luís Augusto Cassas se entrega com a ostensivamente visível volúpia dos santos e dos místicos, nada tem de idealista nem de ingênua; antes, tem a consciência nítida dos interditos que intentam obstaculizar a transmanência do voo humano em busca da plenitude, mas, mesmo assim, se nutre do desejo maior, único pastor de sua humano-divina ascese, que é, nas asas e nas garras do amor, “*descobrir o paradoxo de todos os mistérios e desnudar o paradoxo de todos os fracassos*”.

A **Liturgia da Paixão**, cartografada multidirecionalmente por Luís Augusto Cassas, para além das sombras que a espreitam e contra ela conspiram, renova a profissão de fé no homem e, mais que isso, faz do espírito o esconderijo mais privilegiado da esperança; e, da esperança, o antídoto mais seguro contra os volumosos caudais de desespero que ameaçam subjugar não somente a arte, mas a todo e qualquer projeto civilizatório gestado nos incertos tempos do aqui e do agora, nos arraiais da pós-modernidade relativizadora de tudo e de todos.

O amor, orficamente celebrado por Luís Augusto Cassas, recusa as bem arquitetadas algaravias de inúteis e desnecessariamente complexas elucubrações mentais, para ser flagrado, com a conspiração de todos os sentidos, no “*centro da folha branca*”, onde o mistério luminoso da poesia, com a sua insaciável fome e sede de infinito, paradoxalmente se desentranha das mais prosaicas e aparentemente desimportantes cenas do cotidiano.

Temos, como exemplo, a matemática caseira do lavar os pratos, o diálogo com as formigas, o brincar com as crianças, a alface que se prepara para a salada e, por fim, o bom-dia dado à mangueira, gestos que, lembrando um pouco a objetivista poética caeiriana, conferem ao caleidoscópico olhar do poeta maranhense a nitidez e primitividade de quem, litúrgica e permanentemente posto em estésico estado de paixão e êxtase, quer recuperar o mundo em sua (im)possível e virginal intocabilidade e, mais que isso, com ele, nas asas de acendrada paixão litúrgica, assinar, racional e intuitivamente, um pacto de perene e poética comunhão.

Na apaixonada liturgia amorosa protagonizada por Luís Augusto Cassas, há também espaço para a corrosiva e afiada “*faca só lâmina*” de uma lírica que não suporta a teatralidade inautêntica de uma Alta Sociedade que tem nas atitudes postizas e no culto espúrio à cartografia dos simulacros o seu paradigma comportamental predileto.

A amorosa e passional liturgia inventada por Luís Augusto Cassas, ao mesmo tempo que propõe a comunhão universal de tudo com todos, reconhece, com pungente consciência, que o roteiro traçado para a convivência do eu com o outro é espaço do atrito que fere, do conflito que esmaga e da fratura que mata.

Sabe também, com Eduardo Portella, que, se, por um lado, “*somos um ser para o outro e fora do diálogo o que existe é o precipício*”; por outro, não ignora que a verdadeira “*coroa de espinhos é amar o próximo ainda que distante*”, daí a cortante e paródica sentença final da pungente oração do *Poema da Vã Glória ou Da Glória Vã*: “*Crucifica o próximo / Senhor / Crucifica-me junto com o outro / pra ver se o suporte no paraíso*”.

Promovendo magistralmente o acumplicamento dos contrários e a fusão dos mais aparentemente inconciliáveis paradoxos, a liturgia passional de Luís Augusto Cassas celebra ardentemente o amor e, mais que isso, busca, através dele, restaurar a primitiva unidade de todas as coisas.

Da Liturgia da Paixão transportamo-nos para uma **Ópera Barroca**, na qual, transitando do escárnio para o maldizer, numa espécie de revivescência moderna da jocosa, não raro escrachada, poética contestatória dos trovadores medievais, Luís Augusto Cassas, ancorando-se no hegemonico motivo da cidade, centralíssimo nas poéticas da contemporaneidade, canta, às avessas, a Ilha de São Luís, pondo em evidência, numa mesma cena lírica, ora as suas grandezas, ora o caráter predatório de uma traumáticamente asfixiante modernidade, em cujo estuário, para usar a expressão adotada por Marshall Berman em seu fecundo ensaísmo, “*tudo o que é sólido desmancha no ar*”, nada ficando de pé diante da voragem impiedosa do progresso, seja o “*ciclo do algodão, ciclo do barão, ciclo da jaca, ciclo da mulata, ciclo dos coronéis, ciclo dos cartéis, ciclo do boi, ciclo do já foi*”.

Aqui, nas asas da vigorosa denúncia social que esses versos encerram, a lacerada e impotentemente cultivada memória do passado é esmagada pelo fraturado e intranscendente tempo presente, tornando-se incertos todos os horizontes de expectativas de um futuro, mais que desconhecido, ameaçador, já que, cindida ao meio, a cidade, dolorosamente cantada pelo poeta, é uma clivada partitura, cujas notas musicais mais significativas jamais se harmonizarão.

Uma é a nostalgia impotente do que se foi; a outra, a inalcançável utopia do que nunca vai ser, a *“ruína barbárie / de uma acareação em série / redundará às duas / uma procissão de cáries / uma está entrevada até os ossos / a outra tem penhoradas as veias do pescoço / uma quer exílio / a outra, auxílio / mas na embaixada do meu peito / meu coração em beleza / põe mesa e lhes dá asilo.*

Exilados ambos, o poeta e a sua cidade, natural extensão das suas vivências íntimas, só lhes resta, ao desolado poeta e à arruinada cidade, o asilo da poesia, coreografado pela força escarninha do seu debochado ritmo e aquecido pelo fogo purificador da sua virulenta e cortante tessitura imagística.

Da **Ópera Barroca** e o seu dramático jogo de contrastes, seguimos para *O Shopping de Deus*. Lá encontramos não somente a alma do negócio como também a imagem mais irretocável do multifário e tumultuado espírito da modernidade, dividido entre a hóstia e o cartão de crédito; entre a fé avulsa e a razão convulsa; entre o céu e o inferno de cada eternidade feita sobre os escombros fugazes de cada epifânico instante.

Discordo da afirmação do ensaísta Marcelo Coelho quando resalta que na obra poética de Luís Augusto Cassas tenha havido uma fase marcadamente religiosa, da qual o **Retorno da Aura** e **Liturgia da Paixão** pontificam como momentos culminantes, a que se seguiria um mergulho mais vertical na materialidade do mundo, acerca do qual esse inquietante *O Shopping de Deus* se corporificaria como a onda mais efetiva.

Não. O conceito de fase, pelo que implica de estanque e estacionário, me parece absolutamente incompatível com a poliédrica cartografia de um imaginário poético deslizante que parece estar, desde o

primeiro verso produzido, celebrando ou querendo celebrar, contra todas as interdições inerentes à nossa congênita falibilidade, uma, reiteremos, epistemologia abarcadora de todas as dimensões da realidade, “*matrimônio e litania dos opostos*”, somente para usar duas belas imagens mobilizadas pelo poeta maranhense.

Pluridimensional e portadora, isto sim, de múltiplas faces que coexistem simultaneamente na tessitura plural de uma vasta e complexa identidade poética que, no limite, chega a lembrar o heteronímico projeto estético idealizado por Fernando Pessoa, Luís Augusto Cassas, tanto quanto o genial poeta português, parece querer “*deixar ao cego e ao surdo a alma com fronteiras, para sentir tudo de todas as maneiras*”.

Por essa razão, também discordo frontalmente das leituras setorizadas que insistem em reduzir **O Shopping de Deus**, inventado pelo mercador das palavras, Luís Augusto Cassas, ao unidimensionalismo redutor da mera denúncia social das narcotizantes engrenagens do consumismo, do qual o *shopping*, imantado por sedutora aura, funcionaria como clausura predileta, templo primordial e porta-voz oficial da sua irresistível propaganda.

Aliás, contra o equivocado lugar-comum em que normalmente claudica a crítica das obsessivas sondagens do conteúdo, desatenta aos negaceios e malandragens da forma e dos subterrâneos simbólicos do texto, ainda que tal separação obedeça apenas às travessias do recorte didático, o próprio eu-lírico multifacetado do abrangente sistema poético engendrado por Luís Augusto Cassas afirma, em acendrada postura metalinguística, “*Se alguém disser / que é a favor do espírito / mas contra a matéria / não me compreendeu: / quem não está comigo / não está nem consigo*”.

A angústia na poesia de Luís Augusto Cassas, nem sei bem se esse é o termo adequado, nada tem do desolado niilismo imanente a significativas parcelas da lírica presentificada nos decantados tempos pós-modernos, nem muito menos se organiza em torno do surrado mote segundo o qual a nossa era prioriza a matéria em detrimento do espírito.

Nada disso. O desconforto estético-ético-religioso-metafísico-lógico-ontológico, que recobre todas as camadas afetivas da expressão poética do notável poeta maranhense e lhe empresta um tom e dicção

originalíssimos em nossa plurifacetada lírica contemporânea, em cujo estuário não falta nunca a celebradíssima esperança, provém exatamente do fato de que a poesia e o homem, a arte e a ciência ainda não foram capazes de perceber que são faces indissociáveis de um mesmo projeto divino-humano que clama por total plenificação.

Prosseguindo nesse itinerário desbordante das revoltas águas da poesia, desembarcamos no híbrido e desconcertante santuário do Deus Mix, de cujo código bíblico, recriado paródica e palimpsestuosamente, emerge uma procissão de preces que, caleidoscopicamente, uma vez mais, consorcia o alto e o baixo, o solene e o trivial, a suma transcendência e a mais desaturizada percepção da fenomenologia humana. Tudo urdido e curtido por um refinado *pathos* humorístico e por uma extremamente risível alquimia verbal, mas que nada tem, que fique bem claro, do raquítico ludismo trocadilhesco em que se convertem certas escrituras poéticas da contemporaneidade, indigentes de imaginação, criatividade e, mais que isso, de um mínimo de verticalidade no processo, nem sempre fácil, de junção de fecundidade imagística e profundidade do pensamento.

No divertido humor presente na poética de Luís Augusto Cassas não falta a gravidade alegre da tonalidade de meditação existencial polimorficamente lançada sobre todos os desvãos e abismos que existem e compõem a multifacetada realidade humana.

Em **O Vampiro da Praia Grande**, revisitando e atualizando o mito do ser trevoso, que faz do sangue das suas vítimas a sua fonte basilar de sobrevivência, Luís Augusto Cassas, fiel ao seu caleidoscópico construto poético, transforma o cotidiano da Ilha de São Luís na matéria-prima do seu errante e debochado roteiro. Do texto da cidade à cidade vista como texto, a lírica do poeta, poética e transgressoramente, vai fiando e desfiando todos os tecidos de uma pólis prenhe de múltiplas significações.

Nesse patamar, a cidade é o cenário privilegiado de quem, ocultado diplomaticamente em algum sobrado colonial da Praia Grande, espreita corpos e almas, corações e mentes, de preferência, claro, uma descuidada e bem nutrida jugular. Indiferente às celebrações orgiásticas de uma modernidade triunfante, porque triunfalista, o vampiro

inventado por Luís Augusto Cassas, cômico-lírico-apocalíptico e sensual, posa para colunas sociais, toca sax para *sex shops*, estaciona nos semáforos, monta barraca na Praia Grande, numa atlética e trepidante peripécia pólis.

Instituindo o recorte parodístico, que desconstrói as culturas oficializadas e dessacraliza os vetores que lhe dão suporte, **O Vampiro da Praia Grande** é uma dentada certa no convencionalismo e conformismo das literaturas puramente livrescas, destituídas do sangue vital de palavras que, quando bem combinadas, transfiguram e reinventam a vida. Quem duvidar, que exponha o seu pescoço ao vampiro da Praia Grande, e... boa leitura.

Em Nome do Filho sinaliza para mais uma aparição poética do originalíssimo construto textual do maranhense Luís Augusto Cassas, para quem a arte não pode ser diletantismo, nem a literatura mera pirotecnia verbal, cultura da inautenticidade para um mundo visceralmente enfermo.

Em Nome do Filho, décimo segundo livro de uma família poético-espiritual desconcertantemente diversificada, ancora num projeto mais amplo de há muito perseguido pelo poeta: a reconciliação de todos os opostos, a superação de todos os atritos, a comunhão de todas as almas, a irmanação de todos os espíritos; a cura, enfim, do bicho homem, e a promoção da fraternidade universal, utopia ainda irrealizada e, pior que isso, distante.

Aqui, nesse viés, marcado por inocultável ânsia de participação comunitária, a poética de Luís Augusto Cassas se matiza de indisfarçável feição social. Mas de um social que, pejado de vigorosa ancestralidade romântica, nasce antes no coração que na mente, fruto agônico da unidade que a tudo preside; e que o poeta, obsessivamente, persegue.

Em Nome do Filho, transido entre a força dos interditos e a fúria das transgressões, parece ratificar a crença de que o homem é, acima de tudo, possibilidade de superação e capacidade de transcendência. Essa tensão entre o ser e o devir, entre o já e o ainda não, cristaliza-se a partir da própria capa do livro, em cuja tessitura iconográfica flagramos um nítido jogo de intencionalidades poéticas. À imponência arcaica do

templo se contrapõe à perplexidade de um olhar carente de um horizonte de expectativas mais promissoras.

O livro nasce sob a égide da profecia que o anjo das ruínas faz, em tonalidade densamente solene, recair sobre a cidade de São Luís, que preserva a arquitetura de monumentos históricos e, de acordo com a cosmovisão do autor, condena às trevas da fome e desassistência completa a infância, essa espécie de passado rasurado, presente incerto e futuro eternamente adiado.

Mas, advirta-se logo, o novo paideuma poético trabalhado e retrabalhado por Luís Augusto Cassas, com a pressa do jornalista, a paciência do filósofo e o inarredável fervor dos místicos, nada tem de inflexibilidade doutrinária ou sectarização ideológica; antes, nutre-se da mais acendrada liberdade, sempre pródiga em descartar-se do já atingido e voar à procura de novas e incertas utopias. Eis o seu credo, evangelho, testamento e saga; saga de um pássaro feito do azul do infinito e da chama ardente da poesia.

“Ser da distância, do ainda-não e do futuro”, consoante a lúcida percepção de Marco Lucchesi, Luís Augusto Cassas ratifica a profissão de fé na literatura e, desse modo, nos convida a dizer: *“Bendito o que vem em nome da poesia”*.

Chegamos, pois, ao território mítico-sacral do **Evangelho dos Peixes para a Ceia de Aquário**. Mesmo numa leitura despretensiosa e desprovida de maior verticalidade hermenêutica, constatamos que este livro ancora-se, diria mesmo obsessivamente, no recorrente motivo da água, com todas as implicações decorrentes do seu ostensivamente fecundo simbolismo. Simbolismo que, em meio a outras inúmeras possibilidades conceituais, se nucleariza, fundamentalmente, em torno de três temários básicos: a água como fonte originária de toda vida; instrumento primordial de ascese e purificação do ser; e, por fim, centro regenerador de tudo.

Na poética postulada por Luís Augusto Cassas, a água, tematizada e, mais que isso, transformada em valor primevo da existência, vai, à luz das transfigurações estéticas que lhe impõe o poeta, transitando por todos esses domínios, mesclando-se a outros que o imaginário do poeta urde e convoca para a reinvenção lírica da sua multiforme experiência humana e estética.

Dessas três instâncias por onde a água agencia o seu itinerário de viscerais transformações, fixamo-nos naquela que, em nosso modo de entender, emblematiza, mais efetivamente, a libertária mundividência do poeta maranhense: a que propõe a ascese e a purificação do ser humano no palco rasurado da sua sempre problemática peripécia histórica.

A poética de Luís Augusto Cassas, desde a sua arqueologia originária até as sùmulas filosóficas presentes em suas profissões de fé mais recentes, sempre perseguiu, holisticamente, uma utópica unidade da condição humana, bem para além das duvidosas e contraproducentes fragmentações, sempre reducionistas e, pior que isso, incapazes de pensar e apreender o homem em sua fascinante e profunda complexidade.

As águas que inundam o credo deste evangelho e dão o molho a esta profética ceia de um amanhã em que o poeta acredita e que certamente há de brotar, apesar das interdições de um hoje resistente, falam de Deus e da poesia, face e contraface de uma percepção totalizadora dos fenômenos; do cósmico silêncio e dos gritos que ecoam pelas praças e pelas consciências; do profano e do sagrado; do corpóreo e do etéreo; da morte e da vida; da quietude e da celebração; enfim, da vasta e tenebrosa unidade de tudo o que temos e somos.

Eis-nos nas bordas de um mistério insistentemente inquirido pelas revoltas águas da transdialética poesia que o poeta constrói, consumando-se e consumindo-se. Mesmo sem querermos revalidar a surrada tese de que a literatura é vida, e a arte é documento mimético do real, postulados em tudo conflitantes com a autonomização do texto artístico defendida por Lotman, não há negar que a travessia poética empreendida por Luís Augusto Cassas parece querer instaurar, nos (des)limites da palavra trabalhada, uma espécie de intransigente compromisso ético com um projeto mais amplo de transformação social; aquele que propiciaria ao homem um reencontro consigo mesmo, com a natureza e com o outro, resgatando-se, desta forma, a essencialidade de um genuíno diálogo, fora do qual o que existe é o precipício, consoante a lúcida assertiva do mestre da crítica literária de base ontológico-hermenêutica, Eduardo Portella.

Poderíamos ainda enveredar pelo código amoroso, pelas sendas da compaixão, ou, quem sabe, pelo apego telúrico que ratifica as indelindáveis vinculações do poeta ao seu povo e à sua terra: o homem e as suas inescapáveis circunstâncias, no eterno dizer de Ortega Y Gasset. Basta-nos, entretanto, constatar que, no evangelho pregado por Cassas, e na ceia por ele servida com a paixão da linguagem e o molho das palavras, como diria Adélia Prado: “*A poesia, a mais íntima, é serva da esperança*”.

Eis-nos, pois, no mítico território de **O Filho Pródigo: Um Poema de Luz e Sombra**, em cujo estuário, dialetizando o voo da luz e o abismo das sombras, Luís Augusto Cassas, a partir da fundante figura do seu pai, já falecido, realiza uma dolorida e verdadeiramente poética arqueológica da sua alma, tecida e destecida nos porões mais indevassáveis da saga familiar, lá onde, desde a nossa fecundação no útero materno, passando pelas tessituras lúdicas da infância, até o desembocar no crepúsculo da existência, a velhice, a flertar com a morte, todos os fios da nossa existência se vão compondo definitivamente, para o bem e para o mal.

Livro maduro, ancorado em tonalidade ostensivamente solene, ora celebratória, ora elegíaca, **O Filho Pródigo**, precedido por vasta rede de bem construídos diálogos intertextuais, promove, com visceral e angustiante sinceridade, uma espécie de acerto de contas que Cassas faz consigo mesmo, com sua origem, história e destino; nuclearizada, toda essa densa épica do ser, pela dominante figura do seu pai, erguida, agora, à condição arquetípica de um símbolo existencial a acompanhar o poeta pela vida afora, com a luz e a sombra de que é feita a sórdida e sublime matéria de todos nós.

A paradigmática imagem do pai, transfigurada de forma multidirecional na lírica brasileira contemporânea, reencontra na originalíssima dicção de Luís Augusto Cassas um singular e pungente tratamento. Antes dele, outras vozes do imaginário poético nacional, a exemplo de José Paulo Paes, Ledo Ivo, Carlos Drummond de Andrade, realizaram escavações existenciais portadoras de raro viés verticalizador.

Luís Augusto Cassas, assim, prolonga, radicalizando, esse verdadeiro *leitmotiv* de nossas cogitações líricas mais recorrentes. E o faz com rara competência, sabendo, como poucos, consorciar destreza no musi-

calíssimo manusear das palavras, a elas servindo e não delas se servindo, como teoriza Jean-Paul Sartre, a uma mundividência rica de místicas e catárticas ressonâncias. Como se da tragédia da vida obnubilada pela morte emergisse, com as imorredouras tintas da esperança, a utopia da transcendência, a crença na vida que ultrapassa a laje fria da sepultura, a certeza do cósmico e ansiado retorno à *Casa do Pai*.

Recorrendo à originária saga bíblica, damos-nos conta de que é bifronte o itinerário de sombra e luz traçado pelo **Filho Pródigo**. Ele, inicialmente, se autoexila do casulo paterno para, depois de traumática peregrinação espiritual e dramático desfrute da liberdade, retornar, reconciliado, à pátria das suas origens. Aqui, o distanciamento do sujeito funciona como senha que lhe propicia uma compreensão mais holística, tanto de si mesmo quanto da realidade que o cerca.

Parece rumar na mesma direção o movimento empreendido por Luís Augusto Cassas na cartografia poética por ele engendrada. Com Otto Maria Carpeaux, aprendemos que “*a distância falsifica inteiramente a perspectiva*”. O poema de Luís Augusto Cassas vinca esse distanciamento, subjacente ao qual residem as possibilidades hermenêuticas mais efetivas de compreensão do seu passado, presente e futuro, como se, mirando-se no espelho da sua progênie, pudesse o poeta, *junguianamente*, desvendar as faces e contrafaces do inconsciente coletivo mais profundo.

Organizando-se, tridimensionalmente, em torno de vigorosos núcleos ideativos, fascinantes incursionamentos pela seara das imagens e acendrados mergulhos nos oceanos da musicalidade, para nos reportarmos às reflexões empreendidas por Ezra Pound em seu *ABC da Literatura*, **O Filho Pródigo**, promovendo o reencontro de *Ulisses e Telêmaco*, de acordo com a acertada assertiva de Marco Lucchesi, se impõe como um dos pontos mais altos da poética de Luís Augusto Cassas.

Embora seja o oitavo livro de poemas de Luís Augusto Cassas, deixamos para discorrer sobre **Titanic-Boulogne — A Canção de Ana e Antônio** — na parte final do nosso ensaio, em virtude do fato de estar ele centrado na temática amorosa, a mesma que nucleariza **A Mulher que Matou Ana Paula Usher**, penúltimo livro da saga poética que,

competentemente, Cassas vem construindo ao longo de quase três ininterruptas décadas de criação literária.

Titanic-Boulogne — A Canção de Ana e Antônio é um delicioso livro, no qual, pretextando recontar a desencantada história amorosa vivida pelo poeta Gonçalves Dias e Ana Amélia Vale, história essa interdita por preconceitos de motivação racial, Luís Augusto Cassas, na verdade, promove uma espécie de “*biografia afetiva de todos os amores inconclusos*”.

Alargando o compasso do drama amoroso vivenciado por Gonçalves Dias, e esculpido em alguns dos seus mais comoventes poemas, Cassas é como se ocultasse nas malhas da diegese lírico-dramática que inventou e, ato contínuo, cede espaços para que outras vozes, igualmente às voltas com os fascínios e abismos do amor, se ergam em sua poemática eivada de inescondível recorte intertextual.

Com Julia Kristeva aprendemos que “*o texto literário é um mosaico de citações*”, por onde múltiplos textos se cruzam e recruzam numa espiral semiótica infinita. **Titanic-Boulogne — A Canção de Ana e Antônio** promove este intercâmbio textual de forma explícita, numa dialogicidade fecunda que ilumina e se ilumina com o onipresente temário amoroso.

O poema já se inicia sob a égide da retomada de um verso de Castro Alves, mais precisamente o que abre o grandioso *Navio Negreiro — Tragédia no Mar*. No cartão de embarque da longa viagem empreendida pelos poetas Gonçalves Dias, Cassas, e por todos os que são tocados pelo trágico milagre do amor, “*estamos em pleno mar*”. No mar das paixões, no mar das palavras, no mar da história, no mar das idealizações sonhadas, no mar dos sonhos vividos, no mar dos desejos negados, no mar dos prazeres proibidos, no mar da poesia. Poesia essa que tem o dom de eternizar o instante e, ao fazê-lo, garantir um fiapo de esperança, aquilo que Goethe chamava de “*promessa de felicidade*”.

Talvez seja essa a razão que levou o poeta maranhense a colocar um tom de esperança em meio ao caos gerado pelos naufrágios amorosos. É assim que leio a estrofe final do poema com que se inicia a bela travessia marítimo-amorosa empreendida por Luís Augusto Cassas:

*“Mas não esqueçam a água
do inconsciente coletivo:
viver não é morrer de mágoa.
Favor: não afoguem o livro”.*

Assim fazendo, Cassas transcende o que poderia à primeira vista parecer uma poética elegíaca e flagra no amor, pesar dos seus desconcertos, a única fonte capaz de conferir ao homem a tão sonhada plenitude existencial. Outros intertextos comparecem ao livro. De um verso de uma canção da Bossa Nova a poemas de Carlos Drummond de Andrade. Do perdido paraíso de Milton a alusões a Dante. E tudo, vale salientar, temperado com os finos ingredientes de um humor que ancora o livro no território da mais acendrada modernidade.

Titanic-Boulogne conta não apenas a desafortunada história de amor de Gonçalves Dias e Ana Amélia. Dir-se-ia que ele narra a história do próprio amor, esse mistério da alma que paralisa e impulsiona, que *“alenta e consome / que é vida e que a vida destrói”*, no dizer romântico de Almeida Garrett. Narrativa poética atemporal, a de Cassas faz passado e presente contracenarem nas asas da beleza da poesia e da força do amor.

Em **A Mulher que Matou Ana Paula Usher**, depois dos arrazoados de Paulo Urban, Amnérís Ângela Maroni e Marco Lucchesi, verticalíssimos todos, só me resta dizer que, aqui, nessa saga narrativa mítico-agônica, o poeta maranhense revive, nos abismos da odisseia amorosa, o mistério da aventura humana, com as suas luzes e sombras, paixão e vertigem. E o faz de forma desassombrada, sem temer os avessos da empreitada, descendo ao chão da mais humílima dor, a fim de subir ao céu do mais transcendente deleite.

Nesse poema-romance, vida/morte dialetizam-se, face e contraface da ancestral peripécia humana nos degradados palcos da história. Já Roman Jakobson, no alvorecer do século vinte recém-transato, quando a crítica formalista travava suas primeiras lutas contra as leituras extratextualistas então vigentes, afirmou que a literatura não vale pelo que diz, mas sim pela forma como o diz.

Cassas parece reatualizar, admiravelmente, esse clássico postulado jakobsiano, ao enfrentar, matizando com novas e alquímicas colo-

rações, o velhíssimo e sempre jovial temário amoroso. O amor, sabe-se bem, tem se constituído em verdadeiro *leitmotiv* das cogitações literárias de poetas, ficcionistas, dramaturgos, de tantos quantos fazem da palavra o seu privilegiado instrumento de transfiguração do cotidiano.

Na poética empreendida por Cassas, em **A Mulher que Matou Ana Paula Usher**, o amor é encarado em perspectiva totalizadora e matizado pela presença de todos os contrários possíveis. Amor que atormenta e pacifica, enclausura e liberta; sinal de carência e indício de plenitude. Amor que transcende o fogo primevo da carnadura erótica ou mesmo o milagre do afeto que circunda as abismais regiões da alma, para atingir um plano espiritual mais alto e indevassável. É o instante em que, em acendrada postura confessional, o eu lírico confessa: “*Tenho a nostalgia do todo / e a melancolia da parte*”.

Eis, aqui, o *etymon* da perquiridora poesia de Luís Augusto Cassas. A direção da sua obsessiva busca. O indisfarçável sentido da sua transdialética utopia. Noite escura da alma, lâmpada acesa do espírito, o amor, cantado por Cassas, é exorcismo de fantasmas e voo em direção ao infinito desejo de plenitude, que conduzimos dentro de nós, pesar dos negrumes da existência e das múltiplas formas de interdição sedimentadas pelo rasurado tecido da história. Para além da inevitável finitude que perpassa todas as experiências amorosas, Cassas parece querer celebrar, também, a delícia infinita do amor, seus momentos de realização e sua força de abertura que ele enseja para uma compreensão totalizadora da trajetória humana.

Bacuri Sushi — A Estética do Calor dá sequência ao itinerário multiforme que a poesia de Luís Augusto Cassas vem desenhando no mapa poliédrico da lírica brasileira da contemporaneidade. Barroquista e solar, apaixonado e irônico, transgressor e solene, aqui, Cassas, mais uma vez, percorre, tal qual requintado *flanêur*, todas as geografias da Ilha de São Luís, delas recolhendo cheiros, tons, gestos, palavras e silêncios, ingredientes com os quais, com o molho da linguagem e o tempero da poesia, assina, definitivamente, o seu nome no desbordante território da poesia brasileira.

Hino de amor à poesia e ao povo do Maranhão, **Bacuri Sushi — A Estética do Calor** reinsere o poeta na tessitura íntima da cidade, seus

becos, praças, feiras, mercados, templos, gritos, silêncios, sua alma profunda, seu espírito mítico e indevassável. Credo, evangelho, profissão de fé, **Bacuri Sushi — A Estética do Calor** é um poema-cidade, é a cidade vista como poema. E, nela, eis a alma do poeta consumindo-se, ensolarada.

Poemas para Iluminar o Trópico de Câncer, produção mais recente do poeta Luís Augusto Cassas, não deve ter sido um livro fácil de ser redigido. Como, de igual modo, não é um livro fácil de ser lido. Como toda obra de arte digna dessa categorização, guarda, em suas entranhas, o mágico sopro da vida; e aquilo que, com invulgar lucidez, Camões, em sua pluridimensional lírica, chamou de um conhecimento que nasce no solo concreto das vivências reais.

Repelidas a mera engenhosidade laboratorial e as literaturas descarnadas e livrescas, sobre as quais tão bem se pronunciou o Lima Barreto de *O Destino da Literatura*, o que avulta, nesse pungente livro, é uma autenticidade confessional raras vezes vista no campo da expressão literária.

Desnudado diante dos imponderáveis da vida, dos quais ninguém se pode eximir, o poeta transfigura, sem pieguismo ou sentimentalidade menor, um drama existencial que se abateu sobre ele; e o transforma em matéria poética dotada de profunda beleza estética e vasto interesse humano.

Flagro, de pronto, no estuário desses **Poemas para Iluminar o Trópico de Câncer**, dentre outras, duas dicções, que me parecem nucleares para a configuração da mundividência ostentada pelo livro. A primeira delas marca-se, a meu ver, por uma ostensiva tonalidade de resistência ao infortúnio e, ato contínuo, por uma recusa a demitir-se da vida, capitulando diante das tragédias que elas abrigam em sua estranha essência.

Sabendo, decerto, que “*grande diferença faz/ entre lutar com as mãos/ e abandoná-las pra trás*”, fala do mestre carpina ao Severino retirante, no belo e comovente *Morte e Vida Severina — Auto de Natal Pernambucano*, de João Cabral de Melo Neto, Cassas, nesse corajoso e denso livro, entoa, por um lado, um canto de resistência aos descaminhos da existência, e, por outro, assina um digno protocolo de intenções com a esperança.

Ratificando os vetores da solaridade poética que lhe imanta toda a obra, Cassas instaura sua travessia sob a égide bifronte dos signos da luz (eternidade) e do sopro (efemeridade), isotopias semióticas que regem a oferta com a qual, liturgicamente, ele oferta, oferecendo, uma vida o tempo todo transfigurada pelo fogo poético.

É aqui, neste instante paroxístico da existência em que o tempo e a eternidade parecem compor um indistinguível jogo especular, que a poesia de Cassas, sempre tão densamente matizada pelo voluptuoso halo da transcendência, em tudo flagrada, mais se refina e espiritualiza, como podemos constatar, exemplarmente, nas epígrafes de que ele se vale em seus funcionalíssimos diálogos intertextuais.

Se o texto literário, retomando o lúcido dizer de Julia Kristeva, “*é um mosaico de citações, um modo como o texto lê a história e é por ela atravessado*”, a poética de Cassas, presente em seus **Poemas para Iluminar o Trópico de Câncer**, ratifica esse dialogismo semiótico, ancorando no privilegiado porto dos incursionamentos transcendentais.

É quando o poeta, guiado solenemente por aqueles a quem classifica como Mestres do Jardim, é conduzido “*à prece e meditação/ abrindo-me os pesados trincos/ dos jardins da compaixão*”. A compaixão, tão recorrentemente perseguida pelo poeta, não é conquista fácil do espírito, mas sim o ponto final de uma travessia do ser, que tem na porta estreita do evangelho cristológico a sua meta de chegada e o seu alvo de partida para mais novos e arrebatadores voos da alma em direção ao infinito de todas as suas possibilidades.

Rumi, Hegel, Davi são outros personagens que Cassas convoca em seu espólio poético, e com os quais ele interage em sua fascinante e dramática viagem, cujo espaço percorrido é menos o das geografias físicas do que o seu próprio universo interior, céu e abismo do seu ir e vir ao coração misterioso da existência.

Nesse itinerário, o poeta se depara como “*o abismo no corpo/ o vento no rosto/ o inverno nos ossos/ ao fundo do poço/ do grande vazio/ onde rompem-se os véus/ o fundo do nada/ nos braços de Deus*”.

É, enfim, nos braços de Deus que o poeta anela atravessar o que os místicos chamam de “a noite escura da alma”. Livro forte, denso, confessional, autobiográfico e, ao mesmo tempo, universal pelo que

ostenta de comovente humanidade, os **Poemas para Iluminar o Trópico de Câncer** descem, fundo, ao cerne essencial da bifronte condição humana: vocacionada para a eternidade e, diria Ledo Ivo, “*sujeita à injúria de tornar-se pó*”.

Desse livro, eivado de impressionante sinceridade, sai o poeta “*com olhos de epifania*”, certo de que “*só se realiza o ser/ quando o amor vence o poder/ em todas as hierarquias*”. Reitere-se, pois, à guisa de conclusão, que, aqui, Cassas não ergue um muro de lamentações, nem muito menos compõe, com a música da melancolia, um canto-chão elegíaco diante do que se lhe afigura, e a todos nós, o inesperado, o surpreendente, o antialumbramento.

Não. O poeta, como o Nicodemos que espreita o Cristo nas sombras agudas de uma vívida noite palestina, admite que pode nascer de novo, com a semente da fé, a água da purificação, o tesouro da ciência e a vulcânica força da poesia. No limite, a arte poética é encarada como fonte suprema de consolação; morada definitiva de todas as utopias possíveis; habitação do ser; e, por fim, inviolável reduto do último ideal a ser perseguido pelo homem no interior de uma civilização irresistivelmente matizada pelo sentimento da crise.

Em síntese, dir-se-ia que este livro de Cassas, imantado pela ostensiva presença da função catártica da literatura, revive, reafirmando, os esperançosos vetores de quem, conforme o emblemático título de um livro do poeta Tiago de Melo, sabe que “*faz escuro, mas eu canto, porque a manhã vai chegar*”. Cassas, como nos famosos versos de Cecília Meireles, canta “*porque o momento existe/ e minha vida está completa/ não sou alegre nem sou triste/ sou poeta*”.

Poeta que, em **Tao à Milanese**, antenado com a melhor cosmovisão da pós-modernidade, mescla várias dicções, ratificando, desse modo, assumidos processos de hibridização estilística. Ancorada, hegemonicamente, no motivo do caminho, enquanto vetor semântico densamente significativo na configuração da diegese lírica, **Tao à Milanese** reúne, na diversificada coleção de poemas que exhibe, as mais diferentes temáticas, como se o eu-lírico que percorre o mundo em sua desconcertante totalidade, portasse uma câmera capaz de flagrar todas as cenas de um cotidiano prenhe de transcendência e cercado de epifanias por todos os lados.

A viagem, a meditação, a música, a palavra, o silêncio, a plenitude, o vazio, a experiência, a regressão ontogenética do eu até as regiões assêmicas da completa inconsciência, a leitura, a ecologia, a beleza, a ciência, a fé, a história, o cotidiano, o amor, e temários outros que se vão agenciando num texto marcado por acendrada ludicidade, tudo vai compondo a imagem de quem se confessa portador de *“uma sede de viver que sangra/ e o trespassa com ígnea espada”*.

Há também, nesse **Tao à Milanesa**, gastronomia poética servida, amorosamente, pelo poeta maranhense, a vertente metalinguística, que aciona, na esteira das postulações de Paul Valéry, a alta consciência artesanal de que se reveste o seu ato/processo de criação literária.

Mas, de pronto, advirta-se que a metapoesia a que aludimos nada tem a ver com o ramerrão repetitivo, não raro indigente, de certas aventuras literárias da contemporaneidade. Pensamos, aqui, o auto-centramento da linguagem, naqueles sentido mais cultural e ideológico proposto por Alfredo Bosi em seu clássico livro **O Ser e o Tempo da Poesia**. Metalinguagem como canto de resistência do poético, tornado autista e condenado à solidão e à incomunicabilidade em nossos desventurados tempos.

Assim sendo, *“a branca folha quieta/ é meu oráculo predileto”*, confere o poeta, convicto de que *“deus fala através das penas/ as penas através dos temas/ os temas através dos poemas”*. E, de igual modo, de que *“a poesia / a poesia é a melhor psicoterapia”*. Poesia que, conquanto seja, bandeirianamente, alumbramento, oferenda gratuita e achado súbito e quase inconsciente, é, também, luta com as palavras, negaceio, recusa, silêncio indomável e traumática indizibilidade.

No cardápio estético de Cassas, de que **Tao à Milanesa** é prato saboroso, a alegria é ração diária contra o tédio, pílula de sanidade e privilegiado antídoto contra as dores do mundo. Com afiado humor, não raro descambiando para a tonalidade da sátira, Cassas investe também na crítica social; e no sinal de menos que põe em certos cacoetes intelectuais que não cessam de rondar as paisagens mais charmosas, e certas também, de nossa contemporaneidade.

O culto filosófico ao niilismo, por exemplo, é mostrado por Cassas como um lugar-comum, que, embora sempre alardeado com a força

imperiosa das seduções sensacionalistas, já não comove ninguém. Discorrendo sobre o filósofo dinamarquês Soeren Kierkegaard, France Sarago afirma que em sua obra *“a reflexão intelectual é indissociável de uma atitude espiritual que se inscreve, ela mesma, em uma história privada, não comparável a nenhuma outra, como acontece com todas as existências humanas. Esta vida alimenta sua obra, e isto não nos permite fazer cortes em sua imensa mola, para dela isolar o aspecto propriamente filosófico negligenciando o resto. Seria não somente uma infidelidade imperdoável à pessoa que fala através da obra, a pessoa que se descobre no Diário Íntimo, tesouro inesgotável de reflexões e meditações, de face-tas do espírito e orações, onde a sátira e o anedótico vivem lado a lado com a elevação mística ou a meditação filosófica”*.

Tal aguda assertiva, cremos, pode ser aplicada ao universo poético de Luís Augusto Cassas, guardadas, evidentemente, as distinções existentes entre os gêneros discursivos em tela: a filosofia e a poesia. Contudo, o cerne conceitual é o mesmo. Na poesia de Cassas, não há espaço para formas meramente intelectualizadas; para um retoricismo muitas vezes vazio e carente do sabor da vida.

Não queremos, com isso, revalidar a vetusta tese de que literatura é espelho translúcido da vida. Ainda entendemos serem válidas as considerações levadas a cabo pelos formalistas russos no início do século recém-transato. Mas não nos agradam os meros jogos de linguagem sem nenhuma conexão com o rio vital da existência e da realidade efetiva dos homens no palco concreto e impuro da história. Em Cassas, vida e obra dialetizam-se. **Tao à Milanese** é mais um testemunho desse inseparável conúbio entre o humano e o estético.

Ezra Pound conceituou o fenômeno poético como o consórcio dialético entre a música, a imagem e a ideia, as quais, emulando no território concreto das palavras em estado de transfiguração, reinventam o mundo, com especialidade aquele que o poeta carrega dentro de si, desde as suas mais míticas origens. Origens que, de pronto, remetem ao sagrado casulo da família, em cujo cenário a figura da mãe emerge como protagonista maior, energia primal que se irradia sobre tudo e todos, caudalosa e incontornável fonte de todos os afetos, ceia sagrada e pão transcendental que nos alimenta e constitui cada tecido do nosso ser.

Eis o fulcro temático indisfarçável da bela e comovente oferenda lírica que Luís Augusto Cassas constrói para, com ela, imortalizar, com a incendiada e passional força do seu verbo, a imagem da sua mãe, “o sol estrelado/ nas bandejas de café/ sobre as manhãs de linho branco/do ofertório do mundo”. Examinado detidamente, o poema de Luís Augusto Cassas se ergue, inicialmente, como um hino celebrado por uma memória que quer salvar das lajes frias do esquecimento um tempo mais fraterno, no qual os almoços do domingo em família se convertiam em raros banquetes de comunhão entre os que, assentados em torno de uma mesa, mais que a gastronomia farta, fartavam-se de alegria e de um amor visceralmente compartilhado, signo e motivo recorrente em todo o livro, única película de sanidade encontrada pelo poeta para um mundo em franco processo de estilhaçamento de todos os seus valores.

Ceia farta e sem nenhuma restrição aos muitos que dela se acercavam, Míriam, a mãe-mítica-matriarca-múltipla em seu incansável ser/realizar no seio familiar, não hesitava em fazer “das tripas coração” para saciar os anelos dos que, saciados do pão material abundante, lhe reclamavam “ágape”. Ágape esse que se converte na senha primeva e seminal da configuração metafísica do sentido da vida e do ser, sem o qual a existência debilita-se e queda-se, impotente, nas assemias do nada.

Mesclando múltiplas dicções, do coloquialismo mais acendrado à solenidade tonal dotada de fecundo simbolismo, o poema de Cassas é uma espécie de banquete afetivo celebrado com rara pungência, própria de quem, ancorado nos signos e códigos da alimentação, intertexto e discurso estranho da ficção, anseia, com desespero e esperança, estabelecer as pontes existenciais de reencontro com o paraíso perdido da infância, memória mítico-ancestral de todas as vivências do ser.

Aqui, do mesmo modo como já o fizera com o tocante **O Filho Pródigo: um Poema de Luz e Sombra**, Cassas nos dá uma arte poética emergida das nervuras essenciais do seu viver intenso, do seu “saber de experiências feito”, conforme a lapidar sentença do imortal verso camoniano, em tudo avesso à literatura livresca, muitas vezes tão engenhosa e laboratorial quanto desprovida do indispensável sabor de vida, que todos buscamos na coreografia das palavras estabelecidas no polissêmico e simbólico território textual.

Se “a poesia é o coração desfeito em tiras”, de acordo com o comumente dizer do grande poeta português Antonio Nobre, em **A Ceia Sagrada de Míriam — Oferenda Lírica**, Cassas revela-nos, sem disfarces, o coração impregnado de um desmedido afeto por aquela que antevê como a “*presença do eterno feminino em nós*”. Música de reencontro, imagem de amor pluralmente revelado e confessional conceito de utopia mais perseguida, a da mãe com os seus incontornáveis mistérios, a oferenda lírica construída por Cassas, e protagonizada pela Ceia Sagrada de Míriam, é nostalgia profunda do espírito, presentificação perene do passado e memória definitiva daquilo que todos nós gostaríamos que fosse eterno: a mãe, sobretudo porque, com Carlos Drummond de Andrade aprendemos que “*Mãe não tem limite/é tempo sem hora/luz que não apaga/quando sopra o vento/e chuva desaba/veludo escondido/na pele enrugada/água pura ar puro/puro pensamento*”.

Comedor de adversidades e cultivador incansável do signo da esperança, Cassas, conforme já dito, é o poeta da luz e da sombra; e, certamente, foi dessa clivagem dolorosa que ele se nutriu para compor a Oferenda Lírica dedicada a sua mãe, subitamente visitada pelo mal de Alzheimer, que, como o próprio poeta sinalizou, a fez submergir “*no escuro silêncio do implícito e do inconcluso*”.

Mas, na contramão dessa história matizada pelo sentimento do susto, da surpresa e do sofrimento, **A Ceia Sagrada de Míriam** se impõe pela luminosidade, pela força da palavra e pela dimensão afetiva de uma confissão amorosa com a qual o poeta intentou, e conseguiu imortalizar a emérita figura de sua mãe, protagonista principal da sua Lírica Oferenda.

Sem romantismos ingênuos, mas sabendo captar, sem acidez, e com acendrado realismo, os aspectos mais dramáticos da existência, Cassas, com invulgar lucidez, indaga: “*Que é a vida senão morder/ os lábios o amor as frutas/ conjugar ser e haver/ até verter a cicuta?*”

Flagro no realismo de Cassas a ausência da acidez niilista diante da dor, porque do acre veneno de que a vida está impregnada em todas suas instâncias, ele soube extrair, prodigamente, o mel da poesia, o sonho da arte e a utopia da literatura, sem os quais a existência não passaria de uma vil caricatura e uma grotesca negação de si mesma.

Da **Ceia Sagrada de Míriam** rumamos, na travessia final dessa hermenêutica que, ambiciosamente, pretendeu acercar-se de todo o espólio poético do notável poeta maranhense, para sua obra final **O Livro** (composto de duas unidades líricas: **O Sentido (Relatos da Fumaça do Incenso)** e **O Paraíso Reencontrado**, espécie de testamento derradeiro de quem, tendo passado a vida inteira num ininterrupto e apaixonado corpo a corpo com a poesia, logra o fechamento de um ciclo pleno em si mesmo, marcado, em todo o seu ir e vir, pelo assumidamente escorregadio signo da dialética.

Poeta da luz e da sombra, do charco e da estrela, da ilha e do cosmo, do grito e do sussurro, da transgressão e da contrição, da transcendência e da imanência, Cassas, ao longo de todo o seu ato/processo de criação literária, perseguiu, sempre, a construção de um projeto estético de natureza epistemologicamente holística, capaz de demolir barreiras e erigir pontes entre os mais variados campos do conhecimento, no encalço obstinado de perceber o sentido de tudo, daquilo que livra a história dos homens de ser a acabada metáfora do mais ontológico vazio, e a existência de cada personagem que a habita, de se converter em um mero lance de dados, completamente despido de *teleologia*.

Cassas reafirma, no seu livro final, a verdade, a sua verdade mais íntima e inarrancável, segundo a qual, o sentido último de tudo radica no reencontro do homem com a sua visceral materialidade, com o seu indesviável terrenalismo, com a sua profunda e intransferível vocação para a humanidade, na qual oculta-se e revela-se a semente divina adormecida em suas entranhas.

Adormecida e acordável para quem, voltando-se para a interioridade, logra abrir-se para a alteridade, atingindo, desse modo, o tão anelado e adiado gesto de comunhão universal. Nesse itinerário luminoso, há, diria Drummond pedras espalhadas pelo caminho, e o espreitar da sombra que eclipsa a estrada parece eternizar a noite e transportar para um distante e quase inatingível amanhã, a aurora de plenitude pela qual anelam todos os homens.

Contudo, a despeito das interdições históricas que pairam sobre a acidentada peripécia humana, o poeta resiste; e o faz com a chama da poesia e o fogo do amor, senha única para a reconquista do paraíso per-

dido, chave indisputável para o alcance da verdadeira sabedoria, fora da qual o que existe é acúmulo egótico de conhecimentos vazios que para nada mais servem, senão para ratificar o homem na predatória e caricatural condição de lobo de si mesmo.

Em acendrada postura confessional, o poeta maranhense sentenciava: “*entre silêncio e ruído/desço à morada do fogo interior/onde arde/a chama do amor/no mistério de tudo*”. Vê-se aqui, claramente, que é o amor a semente sacral a arder nas profundezas do ser interior do poeta, fazendo explodir, em seguida, o mistério de todas as coisas e, ao mesmo tempo, a revelação definitiva da essência de tudo.

Noutro momento, tocado pela mesma compreensão da realidade mais vertical do ser, o poeta afirma: “*por enquanto da vida/só captamos os ruídos/mas o verdadeiro sentido/será definitivo/quando o que clama/desde Jerusalém/irromper-nos à alma/com o seu amém*”.

Em suma: o motivo do amor, sobremaneira recorrente em **O Livro (O Sentido: Relatos da Fumaça do Incenso)** e **O Paraíso Reencontrado**, é o que confere à cosmovisão do poeta as dimensões mais ostensivamente visíveis da sua seminal substancialidade. Basta ver o poema *A Chegada da Luz*, para se perceber, com nitidez, o ontológico mergulho que o poeta dá no difícil e necessário temário amoroso, equivalente, no âmago da sua criação, ao que ele julga ser a verdade última e definitiva do ser.

Eis aqui, diriam os críticos afeitos às leituras de cariz estilístico, o centro espiritual dos aludidos livros de Luís Augusto Cassas. Fruto de uma longa e visceralmente atávica convivência com a poesia, o inquieto e criativo poeta da Ilha de São Luís e do cósmico continente de todas as geografias e universos humanos, bem poderia gritar, tal qual um apocalíptico profeta do tempo novo pelo qual todos anelamos: “*A poesia sou eu*”, sem que isso traduzisse qualquer ranço egocêntrico ou similar, mas apenas a confissão de um relacionamento pelo qual toda a sua vida foi pautada.

A **Poesia Reunida** de Luís Augusto Cassas, em boa hora colocada no mercado editorial brasileiro, para alegria dos que amam a boa literatura, é um merecido reconhecimento a quem, diria Machado de Assis, tem feito da arte da palavra a sua segunda alma. É, também, um gesto

de consagração a quem, drummondianamente, portando apenas duas mãos, carrega consigo o sentimento do mundo e busca, com loucura, paixão e beleza, atingir “*a síntese cosmogônica de tudo*”.

José Mário da Silva

**DEUS MIX:
SALMOS ENERGÉTICOS DE
AÇAÍ C/ GUARANÁ E CASSIS
(2001)**



luís augusto cassas
ao açaí em flor:
pedido de graças
proteção e vigor
contra desgraças
ferrugem e rancor

UMA TAÇA DE AÇAÍ PELO AMOR AOS SEUS

Certa noite, estando a reler “O Corvo” de Poe e sentindo o forte calor que me feria o corpo como punhais, ouvi uma voz que sussurrava em sonho ou nos umbrais:

— “Luís! Luís! Aplaca o meu espírito! Livra do desterro os meus ais.”

— “Quem chama a essas horas da noite: alma penada ou enviado de Satanás?”

— “Luís! Luís! Não te impacientes. Sou o mais antigo ancestral de teus pais.”

— “Urgente! Esclarecei!”

— “Sou Davi, pai de Salomão, o que escreveu Os Salmos e desde aquela época não tenho paz. Aplaca o meu espírito e a sabedoria dará notícias de ti nos telejornais.”

— “O que buscais?”

— “Fui bíblico. Celebrei Deus e o Homem em belos cantos devocionais. Mas esqueci-me de celebrar o Mundo. Redime as minhas noites de alcatraz. Canta Deus, o Homem e o Mundo. Sê tríblico e tua voz será ouvida no Monte Sinai. Deus recompensará em dobro os teus direitos autorais.”

Assim nasceu este *DEUS MIX:.....*, sob o signo do algo mais. Uma palmeira de açaí, próxima, emitia os seus sinais. Colhi os frutos, sorvi-lhe o suco e escrevi os novos salmos sapienciais.

Desde então, o espírito do açaí baixou sobre o meu povo e não o abandonou mais.

L. A. C.

SALMO INAUGURAL

nem só de poesia
vive deus
mas de tudo que sai
da boca do homem
e o que é do homem
deus tem fome

SALMO DA REINAUGURAÇÃO

1º dia
criou a fiat
a fiat-lux
a lux-lever
e invocou
brilux
forever

SALMO DO VERDADEIRO MANDAMENTO

amar as coisas
acima de todas as coisas
desejar as coisas
mais que qualquer coisa
aspirar às coisas
antes de outra coisa

em nome da salvação
não pronunciar
o santo nome em vão

SALMO DAS PROPRIEDADES INFINITAS

não cobiçarás
o jardim do teu vizinho
nem o seu harém
o rolls-royce
e suas torres
de petróleo
nem a sua prótese

apenas Deus
único
objeto de desejo
e cobiça eterna

SALMO DA ALTA ROTATIVIDADE

o máximo de significado
no mínimo de palavras
o máximo de produção
no mínimo de investimento
o máximo de resultado
no mínimo de esforço
o máximo de amor
com uma gota de suor

ó máquina
orai por nós
que recorremos
a vós

SALMO DA FILOSOFIA DE VIDA

a sabedoria
põe pratos à mesa
a esperteza
a sobremesa
comei com alegria
acrescentai sabor
até ao pão com bolor
que o diabo amassou

SALMO SEGUNDO JOÃO

um dia no pátio
o espírito de joão
mostrou-me uma visão:
tua igreja
é a beleza
meu irmão
eis tua missão:
escrever nas páginas
do coração

desde então
viajo nas asas
dos dedos da mão
gasolina azul
sangue de avião
pingando no chão

SALMO EXECUTADO

ainda que eu fale
a língua dos anjos
e soe no bronze
a glória dos sinos
não salvará a esperança
a cobrança do condomínio

SALMO IMOBILIÁRIO

eu sou a porta das ovelhas e também
as janelas e o horizonte social os
ratos da cozinha a entrada de serviço
vim proclamar agora o amor em mora
de hora em hora hipotecar o céu
e dar um ano de graça ao senhor

SALMO DO INIMIGO-AMIGO

em verdade vos digo
passará
a culpa e o castigo
o amor e o amigo
menos o perigo
única liberdade
dos vivos

SALMO COM *MIX* DE AÇAÍ GUARANÁ E CASSIS

recolhe
a polpa dos fracassos
a poeira dos destroços
sargaços dos remorsos
deposita-os aqui

peneira
a semente das lembranças
raiz das vinganças
fragmentos de esperança
despeja-os aqui

depois mistura guaraná
1 cálice de cassis
ajunta ao açaí
bate no liquidificador
e deixa tudo implodir

o que morreu ou nasceu

após o *mix* consumir?

és o mesmo *man*

aqui ali e no taiti

é idêntico o açai

o antigo mundo *cherry*

é que não está mais (c) aqui

SALMO DOS MUROS

a ilusão

é mais extensa

que as muralhas

da china

mais intensa

que o câmbio

na argentina

mais tensa

que a guerra

na palestina

meu elohim

puro marfim

junta os cacos

de mim

depois do muro

de berlim

caiu o muro

do fim

SALMO DA RETIRADA ESTRATÉGICA

abraão abraão
por que meteste
os pés pelas mãos
atravessando a pé
com todo o teu povo
a pão e ovo
até o jordão?

só há guerra
na nova terra

SALMO DA REVELAÇÃO

eis que elevo a taça
e abençoo os dividendos
onde mora a graça
vive o investimento
ligue 0800

SALMO DO DÍZIMO DA VIDA

dá tudo o que pedirem cede
pois tudo o que não cederes fede
dá a prosperidade e a ganância
dá a luxúria e a poupança

dá tudo: até o que não tens
dá até o que mais te convém
só lutando contra a vontade
será quebrado o duro egoísmo
então ladrão purificado
saltarás o muro do paraíso

SALMO RESPONSORIAL

são retos os caminhos do senhor
mas os do homem enrolados
o segredo é pisar as duas vias
com cada banda do sapato
e depois do ato
fazer um quatro

SALMO DA LOJA DE ACESSÓRIOS

ó acessório
fiel depositário
do real e ilusório

faz-me suspensório
eterno transitório
do essencial e provisório

SALMO SALVADOR

cantai ao açaí
um canto novo
pois revelou prodígios
muito mais que o ovo
salvando em rodízio
a fome que assa aí

cantai ao açaí
um canto glamoroso
pois deu poder e alívio
ao tesão do povo
recuperando o prestígio
da tribo de efraim

cantai ao açaí
com flauta e tambor!
cantai ao açaí
com tuba e trator!
eis que a casa de davi
tem novo protetor!

McSALMO

lady batata frita
mr. guardanapo
pousai as almas aflitas
sobre o olimpo do plástico
que a mostarda arde
mas não tarde

eis o *magnificat*:
o impacto do *ketchup*
no umbigo do *big-mac*
melhor leitura pra tese
a mais perfeita ascese
viajar na maionese

promoção super
a vossos big-eus:
o mcdeus

SALMO RESIDUAL

dói jogar comida fora
tantas bocas lá fora
dói amor jogado fora
tantas bocas agora

SALMO DA CARTEIRA DE HABILITAÇÃO

o amor não é de direita
o amor não é de esquerda
o amor não é de centro
o amor não vem do alto
o amor não está em baixo
o amor é de dentro

SALMO DO EXEMPLAR DE ASSINANTE

ó poema tu tens fé
e eu tenho obras
mostra-me a tua fé
sem cobras
que te servirei
as sobras do café
é vã a fé
que soçobra
como não há mais fã
para as obras sem fé
faz a obra
e mostra a nau
eu sou pau
pra toda cobra

SALMO CURADO

Ó RH
BAND-AID
DO SER

ANUNCIAI NA TV
AIDS
IS DEAD

SALMO DO OITAVO SELO

ó prazer

ó poder

ó sexo

ó sucesso

ó vontade

ó vaidade

ó alegria

ó simpatia

toda glória

à tecnologia

SALMO DO SUPER-HOMEM

a verdade vos dou

sob a camisa

eu sou uma lenda

em carne viva

a verdade vos dou

no planeta diário

sou o que dá não a renda

mas o crediário

o poder vos dou

em mercantil história

eu sou o banco

e a super promissória

o amor vos dou
como sanduíche *kent*
eu sou o ovo
e clark quente

SALMO DAS APARIÇÕES

corpo chagado
corpo sarado
em asceses
artificiais
amanhã e breve
te verão mais
reproduzido
e vendido
supermercados
virtuais

SALMO DA IMAGEM E SEMELHANÇA

eu sou a tatuagem
o *lifting*
a ferida
faça a viagem
o *piercing*
a vida

NOVO SALMO DO AÇAÍ

cantai ao açaí
um canto forte
salvou-nos do piti
e o sabor da morte
anjo da amazônia
desterrou-nos babilônia
livrou-nos da maçã
e a acidez malsã
redimiui o castigo
do fruto proibido
limpou-nos a aura
lavou-nos a honra
aleluia! aleluia!
em copo taça ou cuia

SALMO DAS FORMIGUINHAS

tornai invisíveis
as formiguinhas
protegei-as do sapato
do homem sem clemência
principalmente
as que andam sós
por serem coletivas

SALMO BRONZEADO

senhor eu sou um
arrogante cabisbaixo
meu principal defeito
é olhar as nuvens
queixo abaixo
torna-me humilde
mas de nariz empinado
só assim perceberás
meu belo bronzeado

SALMO ACORDADO

só os justos
têm insônia-zen
os injustos
dormem a cem

o sonho augusto
dos injustos é sem susto
até no bicho
ganham avulso

já o sonho dos justos
é grávido de deus
e dormem acordados
como arranha-ceús

SALMO DA CASA DO AÇAÍ

muita
betel
passou
aqui

muito
mel
rolou
em si

muita
rapunzel
brilhou
aí

muito
céu
passará
por mim

SALMO VIRTUAL

a realidade não é real
temos de idealizá-la
pra recriá-la
virtual

a realidade é ilegal
temos de transformá-la
pra traficá-la
ideal

SALMO 24 HORAS

decrete
feriado
à ilusão

adote
a paz
em seu coração

SALMO MANDRAKE

se eu sou eu
e a minha circunstância
o acaso é meu amigo de infância

se eu sou eu
e o meu próprio parto
o destino é minha cama de quarto

se eu sou eu
quem contém o meu oposto
na face de deus está o meu rosto

SALMO MALUCO

vós sois o louco perfeito
o modelo da paranoia total
ajudai senhor
os loucos de *boutique*
restaurai senhor
os loucos de *boutique*
dá-lhes porrada
de efeito real

economiza o rímel
dos seus olhos
dá-lhes a tragédia plena
em vez da comédia amena
e quem sabe transformados
possessos e desesperados
chegarão nas garupas das motos
ao hospício dos céus!

SALMO REFORMADOR

primeiro reformou o mundo
a legislação da criação
a decoração dos talões de cheque
e alterou o tom da esperança

depois iniciou obras no outro
maquilou a razão
fez plástica na verdade
e esticou o olhar dos paralíticos

no céu aparou o bigode de deus
e inverteu a hierarquia celeste
rebaixou a humildes
e entronizou orgulhosos

por fim pendurou as costelas
e retornou ao estado de parúsia
sonhar com sardinhas “beira alta”
e pássaros de gravata

SALMO KUNDALINI

inútil separar
transcendência e sexo
verdade e inocência

toda água ao mar:
deus é sexo
à oitava potência

SALMO ESQUERDO

rigor e amargura
foram a queda
da revolução

a melhor postura
da esquerda
ainda é o coração

SALMO DE FARMÁCIA

sonrisal
são risal
efervesce a solução
do meu mal:
digestão rápida
da vida ácida

SALMO PRÉ-DATADO

deus escreve certo
por linhas tortas
o homem escreve reto
por cambalhotas
eu assino no meio
e dato sem receio

SALMO CAPITAL

nada existe
fora do mercado
tudo é varejo
e atacado

SALMO DO FILHO PRÓDIGO

um dia sentarei
à esquerda do pai
e a inveja aumentarei
de todos os rivais
contra o meu brilho
implicará o filho
e até d. pomba
esconderá o milho
mas apesar da vigília
da sagrada família

e o batismo da esquerda
de ultradireita
doarei todos os bens
nos jardins do *the end*

SALMO DO NADA

orquidário do nada
monumento ao nada
self service do nada
o ter e o nada
o supernada

ó nada
tende piedade
de cada

SALMO DO MILAGRE

os caminhos dos santos
não são pra tantos
são pra alguns loucos
(muito poucos)
eis que chegam de mansinho
com suas bancas de *hippie*:
ensina-se deus em dez sessões
aulas de amor ao próximo
nosso maior milagre
é apenas viver

— o coração na boca —
à moda da lida
e viver umbilicados
e vivos permanecer
na graça de deus
à desgraça da vida

SALMO DAS VANGUARDAS

nunca fiz
soneto

fiz só
neto

SALMO DA LIVRARIA COM AZIA

prateleiras vazias
se a poesia é droga
vendam-na em drogarias

SALMO DO MEIO-NORTE

vitamina que estás no açaí
dá-nos energia
aqui e ali

brinda-nos com a tentação
e força pra convencê-la
a bronzear-se no verão

oferta
do dia:
alegria

nada vai azedar
desejo amor
maracujá

SALMO MERCANTIL

alma de mercador
olhar de mercador
jeito de mercador
sou o que sou
mercadoria

SALMO DEVEDOR

senhor: o que queres
ensinar-me agora?
sou bucha de provérbio
munção de parábola
ou oração pra vigário?
expulsaste-me os amigos
dispersaste-me as mulheres
deserdaste-me a prole
extraviaste-me a saúde

abandonaste-me à vaidade
empoeiraste-me o futuro
o que queres? amaldiçoar-me?
humilhar-me? santificar-me?
sou já pós-moderno
sansão pelado
lot protestado
isaías calado
pedro excomungado
daniel enjaulado
tornaste-me saco de pancadas
profeta de répteis e formigas
mingau de alma
bode expiatório
jerusalém saqueada
mulher de malandro
masoquista de carteirinha
cinzeiro de multidão
mas quero que saibas
quanto mais te vingas
mais é teu meu coração!

SALMO DO CONSELHO DE ANCIÕES DA TRIBO

engano o homem
ser animal político
por definição

o homem
é animal poético
em pleno verão

SALMO DO CRÉDITO EM LIQUIDAÇÃO

se a dívida externa
é projeção da dívida interna
vale a promessa
deus nos deve em dobro
o crédito da vida eterna
e ora essa

SALMO DAS CENAS DA VIDA DIVINA

o inferno está cheio de gente
com boas intenções
o céu está lotado de gente
mal-intencionada
edita-se nova lei do inquilinato
pra toda a humanidade

SALMO ASTROLÓGICO

atrito entre vênus e urano
faz esposa abandonar os planos
e ela diz: foi por amor ao piano

queixa de mercúrio contra saturno
obriga travesti a ficar soturno
e virar guarda-noturno

greve de júpiter lua e netuno
faz as pedras de outono
amarelarem de sono

retaliação de plutão natal:
explode o vidro de gersal
deus está no inferno zodiacal

SALMO DA SOCIEDADE DOS POETAS VIVOS

poesia
antes
hobby

poesia
hoje
lobby

SALMO PARANOICO

deus me perseguiu em carreatas
em longas noites de insônia
com o seu manifesto de amônia
à noite toda estava lá
o olhar fatal / neanderthal
de líder de comício
convocando-me ao precipício
do seu suave hospício
e desde o dia em que o avistei

o curei e o consagrei à nova lei
lexotan otan lex
eparex sed lex
sou o seu rei

SALMO DA GRANDE BOCA

consumimos
frio & quente
consumimos
unhas & dentes
consumimos
tão consumadamente
que consumidos
viramos clientes
consomê de ente
liquidificador
de gente

SALMO NEGRO

nosso senhor do açaí
dá de comer teu negro fruto
a mirins cristos famintos
(palmeiras do corpo torto
videiras do humano horto
crucifixos de pele e osso)
cujo milagre — o sol tinto —
imita nas bocas pretas
o vinho: santo alimento

SALMO PESSOAL

o poeta
não é um fingidor

a dor
é que finge ser poeta

SALMO DO SEXO DOS ANJOS NA CAMA DA ETERNIDADE

creditava
aos anjos
a verdade

debitava
ao sexo dos anjos
pura miragem

acreditava
no que não via
falsa viagem

anjos
faziam sexo
na cama da eternidade

SALMO DO DOGMA PESSOAL

eu sou
poético
profético
e humano
mas quando a teologia
opõe-se à beleza e alegria
assumo de deus
em primeiro plano
o lado profano

SALMO *DIET*

respire mil vezes
até o ar acabar
agite bem
pra nunca usar
não pense agora
na hora de falar
mastigue 80 vezes
até a fome chegar

SALMO DOS TEMPOS PÓS-MODERNOS

tempos de carência crônica:
ao sinal
caio horizontal
pela secretária eletrônica

SALMO DOS PROVÉRBIOS

três coisas abomino:
bondade de fachada
mentira velada
e criança abandonada
a esses a espada

três coisas proclamo:
seresta de piano
mesa de carcamano
e mulher do ano
a esses os arcanos

SALMO DO ESPELHO RETROVISOR

o que deus tem
que nós não temos?
o que deus não tem
e só nós havemos?
o que deus nem
e nós nem vênus?
um sinal de +
ou um final de -?

SALMO DA GRAÇA

senhor mais uma desgraça
e manda logo junto
o certificado de canonização

olheiras de santo antônio
bens de são francisco
setas de são sebastião

SALMO COM MEL PARA GABRIEL

biel biel biel
99ª versão atualizada
do anjo gabriel
se ivo viu a uva
na cartilha do novo
o arcanjo viu o anjo
lambuzado de ovo
no mel no gel
com biel estarei

SALMO DO ENCONTRO MARCADO

senhor: mil anos
no meu calendário
é teu um dia vários
mas em meu fuso horário
uma hora são mil anos
em teu relógio diário
então se bateres ponto
no café do ponto
às 5 horas em ponto
faremos mil planos
nos próximos anos

sem contratempo:
mil anos de teu dia
meu dia de uma hora
no aniversário do vento

SALMO DE BIAFRA

eu acredito no homem
mas que existe existe
e morre de fome

SALMO DO PATRÃO

todas as biografias e bibliografias
falam do bíceps ou do charme dele
no *curriculum vitae*
disfarça a ascendência e a idade
nos compêndios de psicanálise
é tratado igual José
em época de vacas magras
as elegantes querem saber
as vitaminas e o cabeleireiro dele
madonna é louca
pra ter um caso com ele
Michael Jackson encomendou um filho
com o olhar dele
João diz: é pura luz

a cabala reclama: é luz e sombra
mas a migração diz que é de vento
nos museus de história natural
há uma secção vazia
esperando os ossos dele
os fiscais do imposto de renda
estão cruzando as declarações dele
é o sonho de consumo
de todos os necessitados
a uns dá a outros tira
a outros dá tira devolve
a uns ou outros não dá nem devolve
prêmio de consolação
da loteria esportiva
deve o quitandeiro há dois milênios
a conta dos pastéis dos meninos pobres
corrente da sorte
em intenção da recuperação dele
no final de 9 semanas
será bem gratificado

SALMO DEMASIADO HUMANO

eleva-me vida
estando em queda
presta derruba-me
se me alçar às pedras
mas ficando ao meio
serve-me teu recheio

SALMO CLONADO

dentes trincados de ódio
e baba nos caninos
um *doberman*
não é somente
um *dobermann*
dentes trincados de ódio
e baba nos caninos
é um *man*
olhos vermelhos
do cão

SALMO PELA ORAÇÃO

ore na hamburgueria
pelos desnutridos
ore na farmácia
pelos desvalidos
ore na grama
pela camada de ozônio
ore pela oração
pra que ela se salve
ore pela guerra
pra que ela morra

SALMO DA PRIMEIRA PEDRA

quem conhecendo as regras do mercado
não elevou o preço no atacado
nem manipulou o valor das cotações

anuncie o primeiro rol de ações

SALMO PENITENCIAL

eu te perdoo senhor
por teres colocado
gente complicada
em meu elevador
às vezes ardo
tipo salsicha swift
em auschwitz
mas disfarço a cicatriz
com cara de meretriz

SALMO *FAST FOOD*

o amor é morno
a paixão de forno
(restos de torta
feijoadá incompleta)
inverta o botão

asse a solução:
amor de forno
com paixão ao molho
vai ser forno e fogão
pra qualquer cristão

SALMO DA SAGRADA FAMÍLIA

família é boa
pra tirar retrato
chamar às quatro
lavar os pratos
brincar de gato e sapato
e no último ato
(após as vias de fato)
encher de deus o saco

SALMO SELF SERVICE

eu sou isso
eu não sou aquilo
eu sou isso & aquilo
por favor me compreendam
eu sou assim & assado
fi-lo porque qui-lo

SALMO DO SANTO DE PAU OCO

quando eu nasci
deus disse-me à saída:
vai cassas
ser santo na vida

engordei dez quilos
e grudei um par de asas
pra aguentar as brasas
da carne ensandecida

comprei uma aura
de segunda mão
e pedi emprestado
novo coração

quarenta anos mais tarde
deus devolveu-me o troco
beijou-me e rebatizou-me
santo de pau oco

SALMO DO ANO DA SERPENTE

(escrito com pregos)

a Salgado Maranhão

na palma da mão carrego
a assinatura das brasas
a grife *m* em carne viva

rubro a maldição de sterro
ergo em *x* nos punhos as asas
os dedos em *v* de vida

SALMO DA SANTÍSSIMA TRINDADE DA VONTADE

homo-faber
mundo-machina
deus por fazer

SALMO MASS MEDIA

mr. deus nunca foi
inimigo do dinheiro:
é o seu maior banqueiro

mr. deus jamais foi
doador espiritual:
é o acionista principal

seu segredo milionário
é dosar o talonário
que não é otário

a quem já deu tudo
acrescenta um sobretudo
a quem deu nada: o supernada

nisso arma um impasse
entre a classe executiva
e o pessoal da primeira classe

o jeito é escapar pra média
chamar a *mass-media*
e viver na média-classe

almoçar uma bela alface
e no lauto jantar
ofertar a outra face

SALMO DO REINO DO AÇAÍ

minha alma exalta o penhor
do açaí e as profecias
porque foi o semeador
do homem e sua companhia
senhor sou indigno de ti
pequei contra o açaí
afasta de mim o suco
cura-me com o puro fruto
pois só pode renascer
aquele que puro o beber
a não ser que no céu nasça
açaí silvestre em taça

SALMO QUASE HUMILDE

sou um pequeno pescador
nos frigoríficos do amor
o anzol fiska um peixe-ouro
aos necessitados das ruas
meus amigos são mar
ensinam a humanidade a pescar

SALMO VINGADOR

deus te dê em dobro
tudo o que me desejares:
reumatismo sogro
lisura pós-molares

deus te dê em triplo:
tudo o que imprecas
câncer de próstata quántuplos
verrugas belas cáries

deus te dê ainda
destino banal:
vida insossa-salgada
sem sol e sem sal

SALMO-RENÚNCIA

— renuncias a satanáas?
— renuncio
— renuncias a ferrabrás?
— renuncio
— renuncias a vulcabrás?
— renuncio
— então pra trás
e nem mais um pio!

SALMO DO QUINTO ELEMENTO

que céu é esse
de embriões & clones
que reproduzem sócias
idênticos aos rollings stones
e fabrica em série xérox
mais belas que super-homem?

que céu é esse
a oeste de tombstone
que à margem de zeus
e imagem dos incréus
fabrica um novo homem
maior que o superdeus?

que céu é esse
de anjos-robôs
e excrementos de mitos

que lança sobre nós
— tampa de penicos —
os dejetos dos ritos?

que céu é esse
que trama máquina
no laboratório da vida
essa máquina assassina:
mais perfeito que o homem-deus
só o deus *ex-machina*?

que céu é esse
de almas de silicone?
se o homem-deus está morto
e o deus-homem posto é
recriemos *made in fé*
o clone de nazaré!

SALMO DO SÉCULO XXI

eu declaro paz
no universo

um dia de trégua
pra enterrar os mortos

um dia de glória
pra ressuscitar a vida

SALMO MORDIDO NO RABO

a sucuri
é a serpente tropical
dos campos do senhor

igual ao buriti
o ano integral
destila o sabor

adepta do açaí
os frutos são negros
da cor do rancor

e morre entalada
no rabo enrolado
do próprio motor

SALMO KITSCH

são *kitsch*
de *chicken*-dieta
saca da *kitchen-chic*
o *kit* de milagres
do céu-*kitchenette*

SALMO DESENGARRAFADO

a expressão
“no centro do coração
as contradições se dissolvem”
seria a explicação
de não multidão
fins de semana
nos centros das cidades?

seria solução
convidar a felicidade
a morar
nos centros das cidades:
inverter a mão
e desengarrafar
o coração da humanidade?

SALMO DA RAPSÓDIA HÚNGARA

entre o oriental
e o ocidental
há um problema de centro
um tem o céu dentro
o outro coentro

SALMO APASCENTADOR

— poesia tu me amas?
— aferventa minhas palavras
— poesia tu me tramas?
— alimenta minhas palavras
— poesia tu me dramas?
— adormenta minhas palavras
 abracadabra
 pelo de cabra
 o que me escalavras?
 concisai concisai
 mas não circuncideis
 minhas palavras

SALMO DO VICIADO

amigos tomai um pouco dessa dose
antes de vossa última overdose
escutai o conteúdo da mensagem
antes da derradeira viagem

quando for se embriagar
lembre-se: deus está chamando
quando for cheirar pó
deus está chamando

cada vez que se drogar
deus está chamando

quando a vida apertar o nó
deus está chamando

na via expressa da veia
no canto bêbado da sereia
no chão branco da cadeia
deus está chamando

não andamos na contramão
porque somos órfãos do divino
nem nossa lâ é de primeira
pra vossos sobretudos
somos os seus prediletos
e ele prefere ovelhas desgarradas
às 99 bem-comportadas

amigos por trás de vossas máscaras
a face d'ele está brilhando
deus está chamando

SALMO DA DEFESA DA GRANDE OBRA

quando deus descansou
no meio da grande obra
convocou os críticos
pra um concílio:
“idólatras
etcetera etcetera
vale não a letra
o espírito da letra
quem falar do livro
riscarei dos vivos”

SALMO CRIADOR

minha morada
tem muitas fachadas
língua calada
boca fechada
não entra nada

SALMO APOSENTADO

deus já foi pop
mensageiro do *rock*
estrela *hip hop*
hoje sem metal
estende no varal
a lenda pessoal

SALMO DO GRANDE PROFETA

o mendigo é o estadista-
estilista das calçadas
foto da rainha da inglaterra
dá moeda de madrugada
faz as conferências imundo
dorme na maior cama do mundo

SALMO RESSACADO

dizem no norte
açaí c/ cachaça
tortura e mata
arrisca a sorte
mistura na taça
tasca na ressaca

(nós do meio-norte
não morremos de morte
nem de recaída
aperta o laço a sorte
curamos as feridas
morremos de vida)

SALMO DAS LOCADORAS DE VÍDEO

no ar mais uma superprodução:
violência é a maior diversão

inesquecíveis
safáris urbanos:
caçava humanos

matou deus e foi ao cinema
foi ato transparente
só mata socialmente

não se iluda você

ligar alto a tv
é o álibi mais perfeito
pra não se ouvir o ser

SALMO DAS CARTOMANTES

senhor dá boa estrela
às cartomantes
retribui destino de borboleta
às cartomantes
são sobrinhas de joana d'arc
não enfeitadas de van gogh
acendem a fúria do sol
no abismo da noite
projetam futuro de *boutique*
aos descamisados
resgatam a lepra
dos enfeitados
atrapalhos de amor
rosa resolve
meteorologia de emprego
mãe sylvia cessa a chuva
escândalo em família
irmã lourdes apaga o fogo
senhor protege
a padroeira dos apressados
que a noite acende
a fogueira das revoltas
e o canto dos grilos
é um massacre de sinos
sua misericórdia
não é ortodoxa

mas alinha tijolos
na casa de vossa bondade:
canonizai as cartomantes
15 segundos de eternidade!

SALMO SEM GRAÇA

por tudo dai graças
pelo poder e sua farsa
pela dor e a argamassa
pela desonra que trapaça
pela fé tornada fraca
pelo ódio e a carapaça
por tudo dai graças
até mesmo às traças
(e às insones baratas)
essas humildes comparsas
do mistério da graça

SALMO ECOLÓRFICO

por solidão
o homem pede S.O.S
pelas tartarugas marinhas
pelas araras-azuis
pelos micos-leões-dourados
por compaixão
as tartarugas marinhas
as araras azuis
os micos-leões-dourados

pedem S.O.S
pelo homem
em via de extinção

SALMO DA CRUZ DE FERRO

quem disse ao nume
depois de auschwitz
não valer a pena
escrever poesia
sepultou nome e nº
dos anjos do *kibutz*
crucificados às penhas
ao carrasco do dia

SALMO AZEDADO

ouve israel
vou selando a obra
lacro terra e céu
e dou nó na cobra
todos esses deuses
diante de ti
perderiam as vozes
não fosse o açai
o que acrescentar
maçã ao tema
de azia arderá
no fogo do poema

SALMO ZOOLÓGICO

às vezes — uma
em um milhão —
vencemos
a natureza
arrastamos
as correntes
polimos
os dentes
(bananas
à pureza!)
e choramos
a civilização

SALMO DA DESPEDIDA FINAL

amei o meu
acima do céu
desejei o próximo
morto no prosdócimo
não paguei o dízimo
nem comi o ázimo
em compensação
fui bom ladrão
procurando na estrada
não me vereis mais aqui
encontrareis as pegadas
onde flore o açai

**O VAMPIRO DA
PRAIA GRANDE
(2002)**

A NOITE DESCE SOBRE A PRAIA GRANDE

A Praia Grande é o bairro colonial boêmio encravado no centro histórico de São Luís do Maranhão. Constitui-se de prédios antigos de arquitetura portuguesa, onde se reveza o expediente dos barzinhos, lojas de artesanato, cafés e repartições públicas. Atrai todo o tipo de gente pelo desenho de sua arquitetura e pelo cheiro peculiar de *delikatessen* regional, em que as especiarias do interior, vindas de barco — camarões secos, jaçanãs salpresas, queijo de São Bento, cachaças e doces das mais variadas procedências — ofertam-se na grande boca, a Feira, antiga Casa das Tulhas, ante o olhar e o paladar popular.

Por lá também circulam muitos pescoços, de cores e odores os mais diversos: da prostituta extraviada da rua 28 de Julho à recalcitrante turista escandinava, até a *socialite* egressa da noite do 5 estrelas.

É nesse reduto, onde à noite todos os fatos são pardos que, em algum mirante solitário, esgueira-se o Vampiro, sonhando com alguma jugular.

O ANTIVAMPIRO LÊ A ANNE RICE FRAGMENTOS DE SUAS MEMÓRIAS

sou uma alma velha
girando há milênios
tipo sal em panela

mas o espírito jovem
a sangue novo reage:
belo lobisomem

persona-peçonha
de barba e bigode
comigo ninguém pode

corre em minhas veias
a sabedoria-falange
de bacangas e ganges

companheiro de daniel
na alcova dos leões
devoram-me as paixões

no antigo rio nilo
devorei hidras e víboras
cleópatras a quilo

nas artes do amor
nem o marquês de sade
meu recorde quebrou

solitário romântico
autografo em itálico
belos seios: fálico

vampiro colonial
caninos *heavy-metal*
nessa ilha tropical

tempero os pescoços
(maionese a gosto)
temendo colostro

louco por serenata
fujo de atentado
de bala de prata

no alto dos mirantes
lendo vincent price
os dentes amolo em poentes

hoje elegante vampiro
estilo robert de niro
vídeo exhibo aos pupilos

entre cáries e lembranças
contrafilés e pelancas
morder hoje me cansa

do tesão da senda
aposento as lendas:
caninos à venda

então que tal anne rice
ser meu agente literário
e acertamos o *over-price*?

CARTÃO DE APRESENTAÇÃO

eu sou a sombra recalcada
trancada debaixo da escada
eu sou as sobras do almoço lauto
escondidas sob os pratos
eu sou o terror dos burocratas
e o lado plúmbeo sem gravata
eu sou o apocalipse dos beatos
e a sujeira do lava-pratos
eu sou a coleira do grão-cão

e a fornalha do coração
eu sou os apagados neurônios
que a memória consumiu os sonhos
de restos e de escuridão nutro
o meu belo espírito de luxo
eu sou o acúmulo de todo o lixo
a sombra de tudo que é bicho
mas apesar do sofrimento infundo
no prazer torno-me lindo

BIOGRAFIA (AUTORIZADA) DO VAMPIRO

executivo multiestatal
yuppie hippie olho roxo
burocrata pirata aristocrata
mercador corretor coxo
tudo tentei
às graças da lei
escrevam na lousa:
não dei pra outra coisa

SANGUINÁRIO ROMÂNTICO

lá onde estão
30 gargantas
está meu coração

O MORCEGO

bat-
móvel
negrume
ego

poe-
móvel
vagalume
cego

multi-
rosto
que es-
cancara

sol de-
posto
sob a
máscara

VAMPIRO: REDEFINIÇÃO

vampiro
não é quem bebe sangue
vampiro
não é quem vive no mangue
vampiro
não é o líder da falange

vampiro
é quem ama o sangue
vampiro
é o mais puro-sangue

INICIAÇÃO DO MAGO NEGRO

40 noites no deserto:
sangue só de esqueletos

40 tristes noites
a lua: olho do abutre

40 noites de angústia
pregando a cobras e jias

ó urubus e anuns:
trazei logo o jejum

de escorpiões e lagartos
(tímido antepasto)

preparação para o amor:
antinatureza sou

tentação inóspita
a outra face da hóstia

(do céu romper as amarras
do inferno crescer as garras)

caos traz esse cálice
de desespero e conhaque

ó litania do inócuo
acende a dor do pavio

a terra odeia o vácuo
o homem ama o vazio

CANÇÃO VAMPIRÃ

o amor não venha
sua fogueira & lenha

o amor não vele
sobre o osso & a pele

coração-supermercado
a varejo & atacado

todo o corpo pede bis
o desejo é meu país

o amor não venha:
o gozo seja a senha

tudo seja plexo e sexo
do amor quero o avesso

O VAMPIRO DA PRAIA GRANDE (1)

tempos de *ketchup*
não gaste metáforas
fuja das gangues
mas doa a quem doer
vida noventa e fora
exiba o decote
beba juçara*
doe o seu sangue

O VAMPIRO DA PRAIA GRANDE (2)

adoto o verso longo
pro longo abraço da vida
endosso o verso curto
pra apertar a ferida

podo as unhas curtas
pra melhor escrever
deixo os caninos crescerem
pra poder sobreviver

* juçara = nomenclatura regional com que é batizado o açaí.

O VAMPIRO DA PRAIA GRANDE (3)

o mirante é pra desnudar
a ruína é pra deitar
a lua pra enfeitar
o beco pra melhor beijar
o mar pra te secar
o sabiá pra conquistar
e a palmeira pra te penetrar
minha (f)ilha

O VAMPIRO DA PRAIA GRANDE (4)

sou viciado em solidão
vacinado contra multidão

mas ao fechar as portas
choro até as copas

sou cachorro sem osso
chorando na hora do almoço

sou gato com vexame
pedindo colo de madame

manga que comeram a carne
e criaram o caroço

segura moça essa bossa
senão eu caio na fossa

PASSEIO NO PARQUE

a Rubem Fonseca

eu firo
os que não me ferem

estraçalho
os que não me querem

vingo-me
dos que não sabem

sangro
os que escrevem

detesto
os que me saciam

e amo
os que me odeiam

THE WASTE LAND

cabelos brancos
dor nos flancos
e a imprensa taxa
vampiro jovem

anos a solavancos
daqui a pouco vão dizer
do tio nosferatus
sou pajem

VAMPIRO NOS NEURÓTICOS ANÔNIMOS

a solidão corrompe as tartarugas
e faz crescer o pranto dos canários
arranca das garupas os dromedários
acrescentando aos sapos novas rugas

a solidão — sol de incrível verruga —
que incha como um polvo e o seu catarro
mia de véspera — louco dinossauro —
espancando a serpente e a sua jujuba

ó solidão — rinoceronte aflito —
tigre *à la carte* fúria do leão
despedaçando as ninfas do verão

fera acuada porca do infinito
hidra amolada faca de porão
cortando em dois cabeça e coração

MEIA-NOITE

folha em branco
corpo a cântaros
belo flanko

o sangue escreve
na pele grave
o risco breve

A BROCA DO DENTISTA

Dentes pra que te quero?
sado-anarquista pantero?
para a vida lero-lero?
sangrar jugular de othelo?
lindas ninfas de homero?
churros com *marshmallow*?
assar crepúsculo a ferro?
churrasco com franco nero?
cardápio manolo otero?
morder a eternidade-bolero?
dentes pra que mais te quero?
louco nero ardente eros

VAMPIRO FILOSOFANDO COM CAVEIRA

OUT-DOOR

DOR-OUT

OUT-DOR

CAMILLE CLAUDEL

(retrato dos 20 anos)

Tua beleza terrível
queimou-me os fusíveis

Na argila branca
modelo-te as ancas
Comer-te de quatro
(relva do sapato):
louca mais louca
que as roucas de Picasso
Stript-sushi-sashimi
sobre a touca de Dalí
Esquece teu Alain Delon
de bronze: lá longe
Dar-te-ei cor e amasso
mais real que o traço
Autos da devassa:
trespassar-te com a lança
Don Perignon às 6?
Avignon 943

Fálico mais fálico
que a tesão do lírico
Cinderela no pós-retrato
sequer deixaste o sapato
A saudade: câncer — bacilo
roeu-me os lábios e aquilo

GENEALOGIA DO CRÁPULA

filho do ego
neto de morcego
bisneto de amor cego

VERA FISCHER

coração-meretriz:
mordesse a filha da tua lavadeira
seria um homem feliz

X-LOVE

a vênus de millus
na tatuagem do nilo
desnuda o mamilo

pantera-*ellus*
mordida-fênix
exibe o ônix

VAMPIRO NO SEMÁFORO

AMARELO:
(*new*-epidemia de dengue:
risco de enfraquecer o sangue)

VERMELHO:
(transusão de crepúsculos:
emulsão *scott* nos músculos)

VERDE:
(teu olhar biotônico-esperança:
salvação da hepatite crônica)

LIQUIDAÇÃO DE VERÃO

Trituro a solidão
no moedor de batatas
Espremo na peneira
todos os sentidos
Asso em fogo brando
um amor lânguido
Atiro no remorso
pensando que é ladrão
Arremesso velhas lembranças
no carro de lixo
Abro o coração
a novos fracassos
Ressuscito vampiros
pra não morrer de tédio

Tristeza morte
beleza
vela acesa
no crânio sobre a mesa

VAMPIRO NO CIRCO

o reino
animal
civiliza-se

o treino
neanderthal
animaliza-se

de bípede
a quadrúpede:
velocípede

MOÇA VAMP PASSANDO ESMALTE NAS UNHAS

branco branco branco branco branco
vermelho vermelho vermelho vermelho

branco vermelho branco vermelho ver-
melho branco vermelho branco vermelho

vermelho-branco vermelho-vermelho
branco-vermelho vermelho-vermelho

branca branca branca branca branca
vermelha vermelha vermelha branca

VAMPIRO POSANDO PRA FOTO NA COLUNA SOCIAL

1
de frente
black-out

de costas
lester

de lado
esporte

perfil
rolex

2
andando
canino

de longe
luar

dormindo
menino

próximo
godard

3
sentado
hemisfério

amando
mistério

de noite
frankenstein

de dia
deus

SÚPLICA DE TURISTA ESCANDINAVA

meu vampirinho
bonitinho gostosinho
do meu pescocinho

faze-me um favorzinho
injeta sangue novinho
jorrando quentinho

crava-me dupla dentada
frente e nádegas
ficarei bronzeada

obrigada tesãozinho
beijinho
são vampirinho

VAMPIRO TOTAL

1

aos centos aos milhares
aos trezentos aos milhões
vêm chegando em excursões
igual moscas em salões

a pé do chão avião do Japão
Indonésia Ilhas Canárias
das noites sanguinárias
ponte aérea treva-terra

doce delírio:
congresso internacional
de vampiros

2
(apresentações de praxe)

aquele é viciado em sangue azul
aquele outro é professor em Harvard
o do fundo foi amante de Cleópatra
o de camiseta foi dentista: hoje lobista
este é defensor dos direitos profanos
o de costas é dono de boate em Cingapura
o de farda foi herói na Guerra do Golfo
o de colete contracenou com Deborah Kerr

3
há amostras grátis
pra todas as cútis:

vampiros colunáveis
&
vampiros condestáveis

vampiros estetas
&
morcegos sem cuecas

vampiros de meia-pensão
&
vampiros de milhão

4

(a medicina ortomolecular
lançou moda no ar:
baba de vampiro
em cápsulas ao vivo ou a quilo
contém atraente antioxidante
capaz de regenerar
todo o sistema celular)

5

vampiros de todas as tribos
vampiros de todos os becos
trocam charme e confraternizam-se
com seus colegas barrocos

doravante vampiros
de cidades históricas
receberão especial indenização
em caso de agressão de telhado
ou desabamento de sobradão
(a não ser que uma polaca louca
ou uma amante em sobressalto
com o salto do sapato alto
bata estaca
em seu coração)

vampiros loucos vampiros
 neuróticos pupilos
 viciados em mamilos
 sexopatas de trujillo
 cocainômanos de asilo
 lobos introvertidos
 mascarados desnutridos
 fred krugers sem colírio
 porras-loucas em delírio
 morcegos qualiros
 chupadores sem brilho

quem os salvará
 do efeito colateral
 do bem e do mal?

MORCEGOS DA RUA PORTUGAL

recenseamento com (c) aspas

os morcegos
 & as suas cabeças-de-negro

os morcegos
 & os seus dentes de brinquedo

os morcegos
 & os seus camaradas-aedos

os morcegos
 & as suas amadas com medo

os morcegos
& os seus clones em segredo

os morcegos
& o porta-aviões do degredo

os morcegos
& as suas luas de levedo

os morcegos
& o seu olhar vermelho

os morcegos
& o seu censo-folguedo

os morcegos
& os seus mata-morcegos

PERFUMADO PRA RONDA NOTURNA

bendito
o fruto
do vosso ventre

ó poente

DIGESTÃO DO NOME

vampiro
é o pó

vampiro
é o só

vampiro
é a avó

S.O.S. PESCOÇO

solitário
mordo a esmo
solidário
a mim mesmo

LOCADORA DE VÍDEO

dentada na jugular
com caninos de ferro
(selo alumínio)
genocídio de sonhos
de preferência acordados
(selo prata)
arquivo as compulsões
pra sanatórios e mosteiros
(selo bronze)
só mato socialmente
por sugestão de tarantino
(selo ouro)

VAMPIRO NA MUSCULAÇÃO

físico perfeito
galã dos deuses
apolíneos dentes
dionisíaco defeito
barriga de aquiles
halt(eros)-carente

JANTAR À LUZ DE VELAS

eu
tu
osso
nosso
vosso
pescoço

ESCÓLIOS DO ESPÓLIO (Vingança a Seco do Morcego)

a garganta
reservarei

o olhar
cegarei

a esperança
salgarei

o sexo
empalarei

o umbigo
atravessarei

os sonhos
crucificarei

os cabelos
doarei ao frei

o amor
no mar jogarei

do espírito
me desfarei

de tudo
tornar-me-ei rei

CANÇÃO DO LOBO *DOWN*

a Thiago & Pablo

Eu sou o lobo *down*
que come criança sem sal
e faz o próprio mingau
mexendo a panela de tefal
com pitada de gersal

os olhos são pra te ver
os abraços pra te tremer
os dentes pra te comer
o coração pra dar e vender

Eu sou o lobo *down*
quando atravesso o sinal
com meu jeito zen-mau
os cães atestam: au au
os gatos saúdam: miaaaauuuu

os olhos são pra te ver
os abraços pra te tremer
os dentes pra te comer
o coração pra dar e vender

Eu sou o lobo *down*
o que tem cara de mau
jeito de metaleiro *undergrau*
mas que no fundo do baú
desafina um aaaaúúúúúúúúúú

VAMPIRO NA CÂMARA MUNICIPAL RETRIBUINDO A CIDADANIA

ó cidades históricas
templo de belas históricas
são luís: tua garganta
não sobra pra janta

OSSOBUCO

beijo
ao bafo

boca
al dente

bife
au bico

muco
ao suco

olho
ao molho

alho:
morro!

VAMPIRO TOCANDO SAX NO SEX SHOP

uma punheta
é uma retreta
de cócoras?
é uma vinheta
em copas?
é uma ampulheta
de cópulas?

uma punheta
é uma *vendetta*
a la soledad?
é uma careta
à Pietá?
é uma cançonetta
de *libertad?*

idólatra
do reflexo
autógrafo
do plexo
manopla
do sexo

ei-la serpente erotômana
em greve autônoma
a evas e madonnas:
invertendo a mão
o solo de clarineta
desafoga o coração

MAIS

não se sacrifique mais

não toque mais
o alaúde barroco
não aceite mais

o chocolate amargo
não coma mais
o pão ázimo
não seja mais
órfão de si mesmo

destrua mais
seus sonhos
consuma mais
ideais
assassine mais
a esperança

não seja mais
um morto-vivo
não leia mais
poetas desafinados
não lute mais
contra o destino

não ame mais

dor nunca mais

em caso de morte
chamar o fotógrafo mais
famoso

mais
nada

SEXTA-FEIRA 13

paus
são torres
exocets
in concert
cetáceos
de grimm:
chovei
clitóris
uvas &
vulvas
sobre mim

VAMPIRO EM DESFILE DE MODAS

ó horror: ó furta-cor
concede novo tom
aos vampiros *fashion*
cheirando a *avon-session*
ar anorético-chique
heroinômanos-batom
desfilam *diet-charme*
com olheiras *teflon*
(a dor emprestada
de alguém de *vison*)
mas nas reais passarelas
barbarellas da vida
sem *overdose*-neon
despetalam e murcham
folhas de papel crepom

VAMPIRO NO CARNAVAL DA MADRE DEUS

vestido a caráter
exibo meus caracteres:
em baile de máscaras
morder-me quem se atreve?

se quem com dente fere
vampiro será ferido
melhor adiar o enterro
deixá-los morrer ao vivo

VAMPIRO NO W.C. (a descarga da consciência)

ó culpa
sela larga
já fui garupa
besta de carga
égua culta
ervas amargas
aceita desculpas
destailharga
às tuas *tulpas*
bosta n'água
lelé da cuca
dou descarga

15 MINUTOS DE GLÓRIA

detesto a glória
jiboia-poliuretano
sol de farinha
gostosa estória
— doce veneno —
é morder glorinha

VAMPIRO LENDO GARCIA MARQUEZ

cem anos de solidão
e nenhuma menção
no Livro dos Recordes

cem anos de solidão
e a última encarnação
há muito já passou

cem anos de solidão
e a segunda dentição
ainda nem chegou

VAMPIRO BRECHANDO BANHISTAS NA PRAIA DO OLHO D'ÁGUA

o dogma
da ressurreição da carne

no juízo final
já foi homologado

paradigma
do verbo feito sol
luz do sal: afinal
a carne bronzeada

A DIETA DO VAMPIRO

Camaleão em dias fúteis
Carnívoro em noites úteis
Macrobiótico Baal:
sem gordura e sal
Vigilantes do Peso:
carnes magras — o desejo
Sangue tinto: belas safras
Enologia das taras
1/2 garrafa ao jantar
Outra taça ao deitar
Excluo os ossos e o tutano
Só devoro quem amo

VAMPIRO NA SESSÃO DA ACADEMIA MARANHENSE DE LETRAS

não sobrou nada
da arte embalsamada
ó vida dura de artista:

o barato virou barata!
difícil encontrar a teia
a aranha secou a veia

O DÂNDI

o lenço de luxo
abafa o tom roxo
vírus-soluço
lenço de agosto
fungado desgosto
mil perdigotos
alhos e sais
aos pósteros
meus ais

A OBRA EM NEGRO (Testamento Provinciano)

deixo os caninos
aos banguelas
e os pré-molares
aos sem-janelas

as belas garras
aos moleirões
e a velha tara
aos santarrões

a mordida h
aos beijocêntricos
e o fator rh
a todos os anêmicos

saliva e língua
aos executivos
e a linguiça
aos mortos-vivos

o discreto charme
às aristogatas
e o arranhão na carne
às vira-latas

a cara de bicho
a lábia-estricnina
aos poetas prolixos
que babam a rima

O ASSASSINATO DE DEUS

num café em buenos aires
matei-o com cianureto de potássio
sensacional a fotografia
do velho palhaço

num restô superbacana
matei-o à moda siciliana:
passar em outro mundo
eterno vagabundo

numa rua do rio de janeiro
pedi-lhe cigarro: fitei-o
compassivamente e enterrei-lhe
os dentes à altura do seio

agora a cada vez que o mato
o sangue jorra-me em casa
morcego em fim de contrato
ressuscita-me as chagas

que lobisomem esse deus:
pare matheus e os seus
mas sacia o gosto de sangue
embalando os ateus

CANÇÃO DE GAMBIARRA PARA A TREVA & SUA FANFARRA

Bela paz de cemitérios:
Alcatraz! eis meu império!

Música: casuarinas!
Ó vento: pura morfina!

Treva — trouxe-me a donzela:
clone da minha costela!

Doce cobra caninana
a vida sopra e abana:

moscas que sugam a ferida
destilam-lhe o mel da brisa

Suspense: Bóris Karloff:
é a hora do rega-bofe

Ó silêncio tumular:
grande cama pra se amar!

Castelos da Transilvânia
trazei-me o Tio Vânia!

Rei morto morcego posto:
a noite encerra o desgosto

Vampiro é lobo do homem?
Homem é o próprio lobisomem!

Dor de Elba em Napoleão:
estocada no coração

Goethe: luz Blake: mais luz!
Tragam o ouro que reluz!

Cansei de ser meu morcego:
o sol agora é meu ego!

**EM NOME DO FILHO:
ADVENTO DE AQUÁRIO
(2003)**

**EM NOME DO FILHO:
Advento de Aquário**

**profecia
das pedras-de-cantaria
aos habitantes
de bom coração
pela restauração
das ruínas
de são luís do maranhão**

POESIA-SÍNTESE
Mãe-nifesto de novo Paideuma Poético
para o Filiarcado da Era de Aquário

Eu Luís Augusto Cassas discípulo da fé e da razão transmito a todos que tiverem ouvidos de ouvir e olhos de ver essas meias-verdades ditadas pelo Espírito da Poesia Em nome do Pai da Mãe e do Filho

CONFERÊNCIA INAUGURAL

O Mundo chegou ao limite máximo de tensão dos opostos: amor-ódio espiritualismo-materialidade apolíneo-dionisíaco direita-esquerda fogo-água bem-mal

Todos os ismos viraram poeira de abismo

A polaridade continua destilando os seus radicais livres no corpo da Unidade comprometendo a saúde da Totalidade

“Tudo que é sólido desmancha no ar”

O Mal é apenas o Bem a caminho

O Belo é o Feio reintegrado

A Torre de Babel concluiu seu edifício de especialização e foi fulminada pelo raio da consciência cósmica universal

— “Faça-se a luz!” diz a teoria holonômica de Bohn ao ponto ômega de Teilhard de Chardin — “Luz! mais luz!” sussurra o Sujeito ao Objeto A Parte aspira ao Todo O Todo reclama as suas impressões digitais na Parte

Antes de ser animal político o homem é animal poético

O reino do lúdico (da luz) é o reino da criação universal

Chegamos à Era do Filiarcado: Pai Tese 1; Mãe Antítese 2; Filho Síntese 3

A Poesia da Era de Aquário fecundada pelo sentimento de confraternidade universal quer instaurar novo diálogo entre a Antiguidade e a Contemporaneidade Para uma nova estética é fundamental uma nova ética

Para tanto são necessários:

- a) cooperação entre o místico e o científico;
- b) conciliação entre o masculino e o feminino;
- c) convergência entre essência e existência;
- d) conjunção entre Deus-Homem-Mundo;
- e) aproximação entre os elementos fogo e água da metafísica grega;
- f) colaboração entre a natureza e progresso tecnológico;
- g) integração entre mente e coração

LANÇAMENTO DA PEDRA FILOSOFAL DA POESIA-SÍNTESE

A

A Poesia-Síntese nasce da aspiração do matrimônio dos opostos entre o Pai Sol Elemento Gerador Ideia Conteúdo + Lua Mãe Elemento Fecundador Matéria Forma — como novo paradigma do holos poético Seus padrinhos são a sabedoria e o conhecimento

B

A Poesia-Síntese é uma poética de iniciação-individuação em que o poeta através da meditação/mediação das antigas tradições espirituais da humanidade — a cabala a alquimia a gnose o sufismo o zen — e a herança da ciência contemporânea — a filosofia a psicologia transpessoal a ecologia a física quântica etc — busca a abertura de uma terceira visão para a expansão de uma nova consciência poética sem abdicar do lúdico

C

A Poesia-Síntese herda da alquimia a visão da complementariedade dos opostos para estabelecer nova gravitação entre o Céu e a Terra dissipando a angústia da dualidade e a neurose da polaridade Seu

método é o da neutralização dos contrários desenvolvido pelo hermetismo ético para se encontrar o elemento intermediário: o Filho

Ex: preto — branco = mulato

espírito — matéria = energia

claridade — escuridão = penumbra

D

A Poesia-Síntese é o batismo da pomba da consciência sobre a serpente do intelecto avalizada pela intuição

Desnecessário dizer que ela é o Ovo de Colombo da Era de Aquário

E

A Poesia-Síntese elege a Lei da Analogia como elemento indispensável ao fermento da criação/execução de seus princípios visando ao estabelecimento cósmico do parentesco entre as coisas do Céu e da Terra O paradoxo é a chave do templo para penetrar nos mistérios e realidades da luz e da sombra

Seguindo-se a via da unificação o poeta pode tornar-se poema e o poema converter-se em poeta embora sempre haja o perigo de quebrar-se os ovos misturando a clara e a gema

F

A Poesia-Síntese é a fusão místico-profético-científica entre a graça e a energia sob as bênçãos da Totalidade para reabrir o círculo fechado entre espiritualidade e materialidade e inaugurar novos caminhos para compreensão planetária agregando as artes a ciência e a espiritualidade

Seu tetragrama = belo + bem + verdade + justiça

G

A Poesia-Síntese adota todas as formas e conteúdos poéticos do passado e do presente que possam fomentar novas maneiras de expres-

são ao pensamento/sentimento da totalidade evitando destarte a convivência da unilateralidade

“Cada poema é um objeto único criado por uma técnica que morre no instante mesmo da criação” Octávio Paz

H

A Poesia-Síntese é a reencarnação do Verbo através do inconsciente coletivo e vem cumprir a profecia de que o lobo e o cordeiro pastarão juntos

Parágrafo Único: após ser absorvida na corrente sanguínea o poeta deve abandoná-la para que não se torne uma especialidade seguindo novos rumos de contemplação prática para a criação

I

Bendito quem vem em nome da Poesia

*Praia da Ponta-d’-Areia arco-íris de janeiro São Luís do Maranhão
Era de Aquário ano 3*

LUÍS AUGUSTO CASSAS

*Disse o Senhor: — “Vai a São Luís do
Maranhão ‘Cidade Patrimônio da
Humanidade’ e afixa-lhes nas consciências
a seguinte mensagem: Vossos prédios
históricos vão desmoronar a arquitetura
dos ossos vai tombar e virar pó caso não
olheis as minhas crianças com mais amor
Vosso desprezo pela inocência alevantou a
minha ira Cuidai da infância realizai
trabalhos do sol ou não sereis salvos Essa
é a chaga que dá origem a todas as vossas
ruínas O tempo é urgente Apressai-vos”*

Anjo das Ruínas

INTRODUÇÃO AO SANCTUS

pelo sinal
do cuscuz com coco
e do peixe-serra
livrai do mal
o povo
da minha terra

minha cidade
minha ruína
minha catarina mina
meu licor de tangerina
minha mina
meu buquê de hiroxima

estrela acima
estrela abaixo
cocada acima
cocada abaixo
tudo é andorinha
do mesmo penacho

sabiá
dai-me sabedoria
bem-te-vi
o canto do dia
curió
a virgem maria

fonte do bispo
crismai
o arcebispo
fonte do ribeirão
lavai
o sacristão

na casa das minas
deus é a granada
o amor lamparina
é preciso lavar a cidade
é preciso ninar a cidade
é preciso amar a cidade

boqueirão
por que não mostras
teu fundo?
madre deus
tira os pecados
do mundo

CANTOS DA PEDRA DA MEMÓRIA

pedra nossa
da rua do giz
santificai
são luís
clareai
nossa sina
mas nos livrai
da ruína

pedras de bequimão
brilhai
ao sol quente
pelo povo do maranhão
orai
contente

ORÁCULO CONTRA A INFÂNCIA DESAMPARADA

ai de ti são luís
dás aos pequeninos
a sopa das pedras
e o pão dos remorsos
curvarei teu nariz
racharei os sinos
lançar-te-ei mil perdas
moerei teus ossos

ai de ti são luís
porque o sol lançaste
ao reino infantil
tornando-o escarlate
marcarei tuas portas
com o sangue das gaivotas
farei teus adultos
descender de eunucos

ai de ti são luís
chora-te o barro
seque o chafariz
ao mirim desamparo
emborcada ao chão
mendigue a esperança
até o maranhão
amar suas crianças

LADAINHA DO CHÁ DE QUEBRA-PEDRA

meu orixá
do quebra-pedra
dissolve no chá
os corações de pedra

paralelepípedo
rogai por nós
pedra das lápides
rogai por nós
praia grande
rogai por nós
estátua de joão lisboa
rogai por nós
convento das mercês
rogai por nós
praça gonçalves dias
rogai por nós
cosme e damião
rogai por nós
castelão
rogai por nós
espírito das pedras
rogai por nós
viaduto da pedro II
rogai por nós
peixe-pedra

rogai por nós
pedra do bonfim
rogai por nós
sítio do físico
rogai por nós

portão da quinta das laranjeiras
rogai por nós
ruínas do serafim
tende piedade de mim
pedras de lioz
tende piedade de nós

CARTA A SÃO LUÍS

se a cidade fosse minha
eu mandava enfeitar
com vestido azul-rainha
e a flor do maracujá

chamava a fada-madrinha
e o santo de ribamar
e a batizava nuinha
na igreja verde do mar

se a cidade fosse minha
faria seus olhos brilhar
pedia às ervas-daninhas
pra são joão confessar

apresentava à família
numa noite de luar
debulhava a ladainha
do lelê e cacuriá

se a cidade fosse minha
benzeria no alguidar
na igreja de santaninha
a levaria ao altar

convocava as andorinhas
crianças pobres sem lar
pra orar na capelinha
e as nossas ruínas salvar

minha capela sistina
teresa de calcutá
se a cidade fosse minha
não a deixava tombar

MINA DOS ENCANTADOS

ê ê ê rei sebastião
cadê o touro encantado
brilhando na escuridão
ê ê ê rei sebastião
quem desencantar os sobrados
será o rei do maranhão!

LADAINHA DE MARIA PRETINHA

santa teresinha
de menino jesus
despache o pé-de-galinha
pra outra cruz
cante a ruína
noutra freguesia
espante a rinha
de d. maria

TOADA DE HUMBERTO MARACANÃ

ruína porque tens
a cabeça dura
miolo de pote
é quem te segura

ruína porque o ruim
resiste ao tempo
quem não te cura
é moleira de vento

HINO DO MENINO-SOL À IRMÃ-PEDRA (por criança do Desterro)

minha amiga pedra
irmã do horizonte
no colo da artéria
pousa a nossa frente

catedral do sol
casa do penhor
glorioso lençol
cobre a nossa dor

guarda os pequeninos
abre os sete selos
na luz do caminho
sê o travesseiro

EXORCISMO DAS RUÍNAS

eu te consagro vento
e te batizo água
eu te absolvo terra
e te esconjuro mágoa
eu te invoco fogo
e penitencio o mal
eu abençoo o logos
e te perdoo metal

O ANÚNCIO DA CURA

1

vim de pedrinhas: sou lázaro
o que por glória de deus
em pedra fria renasceu
após humano calvário
com puro amor fui benzido
e por sua graça curado
retribuo-lhe aos sentidos
a salvação dos pecados
reside em todo o mal
excesso de açúcar e sal
contaminou o barroco
a vossa fé sem reboco
fizestes mal às crianças

e ao seu jogo de varetas
perdendo o reino da infância
e o boi da cara preta
ganhando a desventurança
de morar com o carrapeta
recenseai vossa estima
encontrareis as ruínas

2

toda a lepra do impuro
foi terdes ficado ao muro
baixando a nuca às alturas
esquivastes ao alto à cura
removei ao orgulho a praga
aliviarei vossas chagas
— ruínas ouvi-me agora:
expulso o mal do que choras!
— ruínas fugi de cena
é o deus em mim que te ordena!
agora tocai na mina
um tambor como faxina
vesti um chapéu de palha
e restaurai as muralhas
em tudo sede aprendizes
guardando ao peito as raízes
mas trazei sempre uma prenda
o coração de alva renda
curados sois ide em paz
e não olheis para trás

RESSURREIÇÃO DOS SOBRADOS:

cavai com confiança
lançai além-muros
a tríplice aliança
das caveiras de burro

MARTIROLÓGIO DOS MENINOS DE RUA

ó minha cidade
deixa-nos crescer
glória e liberdade
beleza do ser

ó minha cidade
deixa-nos brincar
praça da saudade
ciranda do mar

ó minha cidade
meu santo francês
tem piedade
menino da vez

sol da eternidade
vem nos prover
ó minha cidade
deixa-nos viver

FECHAMENTO DO CORPO DA CIDADE

por heloy † tetragrammaton † diday † pontayeto †
esbri † expulso de ti todo o mal † também digo:
não derramareis o sangue/ nem quebrareis seus
ossos/ nem lançareis a ela qualquer praga/ nem a
sua carne/ ou ao seu espírito † deus se levanta
† seus inimigos debandam/ os adversários fogem
de sua frente † tu os dissipas como a fumaça †
como a cera se derrete/ na presença do fogo †
† são luís viverás sossegada/ em tua meia-morada/
vivente de qualidade alguma te possa estorvar/
antes te prestem auxílio/ no que necessitares † o
leão da tribo de judá venceu como a família de
davi † feche-se com o sangue do açaí †
aleluia! aleluia! faça-se faça-se †

CORO DOS OGUNS

a cidade ressuscitou
desencantou o passado
viva oxalá e xangô
sobe a cabeça congado

(*ballet das pedras*)

CARTA DAS SETE IGREJAS ÀS REDONDEZAS

DESTERRO

omissão sei de tuas obras
resistes ao frio e ao quente
faz do amor mestre de obras
restaura a fé ao poente

SÊ

não vim revogar os profetas
nem o culto a santa luzia
vim inspirar os poetas
na pedra da analogia

SÃO PANTALEÃO

água mole em pedra dura
tanto bate até que cura
eis que é chegado o momento
sê nova pedra no templo

SÃO JOÃO

autorizo a demolição
do antigo coração
convoque-se urgente o povo
para a construção do novo

CARMO

entrai na porta do beco
larga é a perdição
só o caminho estreito e seco
vos dará a salvação

SANTO ANTÔNIO
a cada beco e a seu pó
reste o mal de um dia só
faz do suor pedra angular
ergue no peito o altar

REMÉDIOS
protege a tua cidade
faz da verdade um rubi
jamais as portas do hades
se abrirão contra ti

OS TAMBORES DE SÃO LUÍS
(Cântico de Graças pela Recuperação da
Saúde da Cidade)

todo suor
ao amor
todo banho de cheiro
ao padroeiro
todo cacuriá
a iemanjá
toda mandinga
a uritinga
todo paradoxo
ao pião roxo
toda beleza
a d. teresa
todas as epifanias
ao carvão-de-varinha

todas as flores
à virgem das dores
toda língua do povo
ao novo
toda longevidade
à cidade

SALMO

pedra filosofal
livrai-nos do mal!

pedras-de-cabeça-de-negro
dai-lhes bom emprego!

pedra da ponta d'areia
namorai a lua cheia!

fonte das pedras
purificai a fé cega!

pedras do *reggae*
o amor seja leve!

pedras do coroadinho
sede luz do caminho!

OFERTÓRIO

bem-aventuradas
as pedras do maranhão
do nascimento à morte
nos deem a salvação

AVE, MATÉRIA

ave matéria
síntese dos 4 elementos
bendito o fruto
do teu cimento
mas não nos deixes
sem sentimento

INICIAÇÃO PÚBLICA

esta é a pedra
da iniciação
que a todos dará
novo coração

atire a primeira pedra
quem por preguiça ou rancor
negou três vezes à terra
a manutenção do amor

a quem o remorso medra
atire a segunda pedra
— eis a pedra da discórdia
dai o pão da misericórdia

são luís eu não sou digno
de entrar na meia-morada
mas trouxe o vinho e o trigo
e minha alma terá asas

meu nome é pedra
e sobre os caminhos da terra
construirei a minha igreja
assim seja

AVE, MARIAS

mães: cuidai vossos regaços
pra que os brinquedos divinos
que estreitais contra os seios
e ofertais à humanidade
conservem do bem o esboço
amor coroe-lhes os caminhos
verdade torne-os inteiros
guie-lhes a luz da humildade

em tudo imitai a virgem
em seu périplo de viagem
ao bem — guardai / circulai
ao mal — concedei passagem
todos os deuses estão mortos
menos o que morreu no horto
às deusas fecharam-se as portas
menos à que mora na aorta

CÂNTICO DO ANJO GABRIEL

são luís serei teu pajem
aqui em eterna viagem
na travessa da passagem
velarei a tua imagem

meu reino por um menino!
diante da vã existência
quem sabe o melhor destino
ao homem e sua carência?

antes que floresça o limo
e se reinstale o musgo
coroarei os pequeninos
condestáveis deste burgo

sensalabim
pintem o sete os querubins
bembalalão
renasça o maranhão

AS BEM-AVENTURANÇAS DA PEDRA

bem-aventuradas as pedras do espírito:
construirão o mais puro ofício
bem-aventuradas as pedras mansas:
a recompensa será a esperança
bem-aventuradas as que laboram:
iluminarão a senda dos que oram
bem-aventuradas as injustiçadas:
devolverão a ira sagrada
benditas as misericordiosas:
serão sempre as mais dadivosas
benditas as pedras de coração puro:
edificarão o carinho mais seguro
benditas as perseguidas pela justiça:
confortarão aos duros com carícia
bem-aventuradas as pedras caluniadas:
serão das crianças as eternas moradas

SAGRAÇÃO DO APOSENTO

ó espírito
pedra-de-encontro
dos simples
pedra-de-tropeço
dos orgulhosos

tende piedade
de nós
pelos ossos
de nossos avós

CRÔNICA DE NOMEAÇÃO DA DEFENSORIA LÍRICA DA CIDADE

por graça e gosto de el-rei
e espada de bom capitão
por instrução do prior-frei
segredos do coração
e por tudo que oro e sei
moinhos de ventos e brasão
consagro em pública praça
do herói a rebelião
e nomeio fiel protetor
das pedras do nosso chão
a luís augusto cassas
defensor perpétuo e lírico
de são luís do maranhão
em nome do sol e mar
dou a ele força e poder
de lapidar e guardar

a vida que há de florescer
expeça-se alvará
salvas de mudo canhão
província de muito amar
firmo: “cais da sagração”

OS LUSÍADAS

(Cântico do Poeta
à Cidade-Musa)

palavra
morada do ser
meia-morada
do meu viver

palavra
porta e janela
pedra em brasa
rosa amarela

palavra
musa e cumeeira
seja a eterna amada
morada-inteira

LITANIA DOS TAMBORES

não caia mais lágrima
em teu olho d'água
sê o rouxinol
da rua do sol

LANÇAMENTO DA PEDRA FUNDAMENTAL DA JERUSALÉM PEDESTRE

com água do sacavém
e o punhal de melquisedec
fundo aqui o novo éden
a jerusalém pedestre

do anil e bacanga em glória
virão a ostra e o sarnambi
e n° sra. da vitória
esmagará a sucuri

por setenta setenários
sereis muralhas da china
e o povo em fiel adjutório
enterrará a sua ruína

CONFERÊNCIA SOBRE OS TELHADOS

1
a cidade
não precisa do sol e lua
a iluminá-la

sonho e loucura
são seus ofícios permanentes
e a poesia

2

os leões do palácio
e o cordeiro de fátima
pastarão na mesma casa

os corruptions e gaviões
voarão juntos
na mesma asa

3

a criança branca
e a criança preta
brincarão
a mesma retreta

4

quanto ao velho belzebu
decaído em procriação
os chifres irão a leilão

no parque da vila palmeira
será mocotó e angu
na última gafieira

PROCISSÃO DOS MENINOS DO MARANHÃO

abandonai a esperança
quem não amar as crianças
copiai de Deus o segredo
a vida é jogo e brinquedo

ORAÇÃO FINAL PELA CIDADE DE SÃO LUÍS DO MARANHÃO

são luís
te perdoei / me perdoaste
te lavei / me banhaste
te mamei / me amaste

nessa rede de tucum
sejamos agora um

AUM

aleluia! aleluia!
peixe no prato
farinha na cuia!

é preciso lavar a cidade
é preciso ninar a cidade
é preciso amar a cidade

**ANEXO:
ALTAR DO FILHO
(Ladainha p/
ser recitada
até alcançar-se
a Graça)**

**LADAINHA AO MENINO JESUS DE
PRAGA PELAS CRIANÇAS POBRES
DE SÃO LUÍS DO MARANHÃO**

senhor
tende piedade de nós
jesus cristo
tende piedade de nós
jesus cristo escutai-nos
jesus cristo atendei-nos

menino jesus de praga
nós suplicamos pelas vossas cinco chagas
vinde urgente socorrei-os

são os olhinhos da virgem maria
iluminai-os
são as mãozinhas da sabedoria
guardai-os
são os carneirinhos da sacra-via
guiai-os
são gotinhas da água-viva
refrescai-os
são pedrinhas da catedral da vida
edificai-os
são estrelinhas da alegria
orientai-os
são pãezinhos da homilia
alimentai-os
são sangue da santa família
protegei-os
são oráculos de nossa desídia
penitenciai-nos
são vossos irmãos de agonia
renascei-os

menino jesus de praga
morai em suas casas
cosme e damião
provei-os de amor e pão
santo antônio
restituí-lhes os sonhos
são gabriel
anunciai-lhes o reino do céu
santa edwiges
ofertai-lhes o cálice de água virgem
santo expedito
cumpri urgente o veredito

concedei senhor
vida em abundância
a todas as crianças
tornai-as sal da terra
água-viva luz do mundo
livrai-as do imundo
e cresçam em sabedoria
graça beleza e luz
igual ao seu irmão jesus

Amém

TAO À MILANESA
(INÉDITO)

TAO À MILANESA (1)

o caminho não é pra ser percorrido
o caminho não é pra ser contemplado
o caminho não é pra ser sentido

o caminho é pra ser mastigado
o caminho é pra ser digerido
o caminho é pra ser transcendido

TAO À MILANESA (2)

Uns seguem o fio da navalha
Outros seguem o caminho das batatas fritas
Eu não estou em nenhuma via
e estou no meio de todos
Assim como o *hamburguer* está em tudo
e a ordem dos tratores não altera o viaduto

O TAO DO PEDICURO CELESTIAL

quem segue
o caminho dos opostos
tem os pés tortos
enviesados pra dentro
cruzados pro centro

quem segue
o caminho do lado
tem os pés de pato
estilo dez pras duas
no meio-fio das ruas

quem segue
o caminho do meio
usa sapatos sem meias
pisa macio a folha
pra não espocar a bolha

quem segue
o caminho de baixo
os pés ficam um escracho
o chão parece um tacho
mesmo caminhando no capacho

quem segue
o caminho de cima
os pés logo afinam
o vento sopra onde quer
esquece logo mulher

em todos
os caminhos da estrada
há sempre uma unha encravada
mas sigamos ouvindo os galos
ainda que nos cantem os calos

A EXPERIÊNCIA DO VAZIO

ficar vazio
igual a um corpo cheio de ar
ficar mais vazio
q um copo desrepleto de mar
ficar mais q vazio
avião sem hangar
alfabeto sem h
alpha sem ômega
ficar tão vazio
devedor do ego
o elevador de uso
que deixe em parafuso
o estômago confuso
adotar o vazio
igual espírito de frutas
caminho das trutas
caixa de trufas
ficar cheio do vazio
ázimo do mundo
azia de tudo

SANTUÁRIO ECOLÓGICO

silêncio na floresta:
no cio do ócio
o poema se gesta

orquestra na floresta:
no fio do desafio
o poema faz a festa

intervalo na floresta:
no ciclo do pavio
o poema refaz a sesta

VOTO DE SILÊNCIO

o himalaia é um país
de montanhas azuis
e longas barbas brancas
mas se eu disser: belo!
o diamante do som
cortará a paisagem
e o afugentará
mas se eu gritar: belo!
belíssimo! belo!
o vulcão romperá os cristais
o violoncelo silenciara
e o paraíso desabará

INTERIORES (Sale)

eis o *show room*
do *shogun*:

3 qtos.
c/ brisa do mar
biblioteca
p/ sonhar
cama e mesa
p/ amar

poemas em papel de parede
decoram a sala de estar

posters de viagem:
paisagens
de holderlin
e o buda
c/ *sakura*
na cerimônia do chá

área verde:
sol e lua
a meditar

no centro da mesa
o pássaro vazio
dó-ré-mi-fá

FOGO SAGRADO

amor minha era minha fera
selvagem ciclo da pantera
sangra-me a sede de viver
trespassa-me com ígnea espada
jamais se ponha em retirada
que contra mim não combater

OM

quem vela
a vela?
quem chama
a chama?
quem vale
e vela
xamã
do prana?
samurai
da paz
o Dalai
Lama

O BAILE DAS IDEIAS

Se a história se repete:
tragédia e farsa
se a estória reflete
comédia e traça
por que não convocar
para um baile de máscaras
Karl Marx e Joana d’Arc
Immanuel Kant e Clark Kent
Walter Benjamin e Eliphas Levi?

Então nessa hipostasia
exacerbada a dose de alegria
carapaças mandadas às favas
a batalha de confete

vira farra do cacete:
Heidegger pisa o pé de Afrodite
Hegel se embriaga com a razão
e tudo acaba em vã filosofia
no banquete de Platão

OS DEUSES DE BOLSO

porque sou discreto
a branca folha quieta
é meu oráculo predileto

deus fala através das penas
as penas através dos temas
os temas através dos poemas

sinfônica sincronia:
a poesia a poesia
é a melhor psicoterapia

A BIOGRAFIA QUE NÃO FOI ESCRITA

muito cuidado
que o andor não é de barro
sou revolucionário
não revoltado

tudo o que eu faço
é azul e vermelho
no umbigo da página
sou do time do aço

abaixo a pinta
debaixo do olho
sujo de tinta
às vezes falho

belo autógrafo
por procuração
correios e telegraphos
à esquerda do cartão

minha logomarca
hétero-normal
amplexo de faca
médium sexual

tímido polivalente
neuras de plantão
figuras de hierofante
taras de stº antão

a solidão que pinta
no *bric-à-brac*
é a angústia bic
da falta de tinta

mas mesmo sem cor
aliso-a e adentro-a
a folha em branco
sem grito penetro-a

TELEMO

minha felicidade
viver nos extremos
nem mais nem menos
dinamitar os dois lados
viver além tempo-espço

ôntico trabalho: ser turiferário
atravessar a cauda do dragão
memória kármica em leão
até a cabeça do dragão
onde fluem as centelhas de aquário

no fio da navalha
ou nos buracos da agulha
aprendi segredos sol-lua:
enqto. o cérebro julga e pensa
o coração não se manifesta

potência da busca
montanha russa
carbono e culpa
meninges em alarme
efeito estufa

após degustar todos os sabores
e neutralizar o circo dos humores
aprendi o segredo do pós-leve:
arquivei o estilo *kamikaze*
tornou-se-me a vida gessy-lever

enfim o caminho do meio
de um poeta

que comeu o prato cheio
devorando pelas partes
o inteiro

DAS ILUMINAÇÕES

na primeira iluminação
poste de luz
amassou-me no chão

na segunda iluminação
topada na calçada
sacou-me o dedão

na terceira iluminação
miss-avião
catapultou-me o tesão

na quarta iluminação
(na contramão)
atropelou-me o verão

na quinta iluminação
a bolsa de valores
deixou-me sem tostão

na sexta iluminação
alta voltagem
apresentou-me o Cão

na sétima iluminação

Tio Patinhas

doou-me 1 milhão

na oitava iluminação

Santa Teresa

deu-me a mão

cego de tanto clarão

chuto a luz

ilumino-me na escuridão

O PÃO DA VIDA

só as anoréxicas ingressarão no paraíso:
os esqueléticos as magérrimas as saradas
os jejuadores de salada verde e mineral
já receberam a sua recompensa

— outra fatia do bolo de Santa Escolástica?

— obrigado, suas graças

— papos de anjo?

— após o café dos monges

carentes do amor proteico da criação
as anoréxicas serão nutridas em dobro:

milk-shakes de nuvens
e fatias do céu

suas almas levemente carboidratadas
assumindo múltiplas formas de santidade
cruzarão elegantes o céu

ALEGRIA: PRINCÍPIOS E MÉTODOS DE TRATAMENTO*

contra a depressão

e a fúria dos dias

Alegria

fadiga espiritual

tediário

sessão-nostalgia

Alegria

cortar mau-olhado

abrir caminhos fechados

proteção da virgem maria

Alegria

ferrugem do ser

angústia de heidegger

falsas profecias

Alegria

existencialice crônica

tragédias cômicas

hora agônica

Alegria

flatulência

males do bolso

onipotência

Alegria

egoísmo coletivo

busca de sentido

ódio radioativo

Alegria

* Para curar o ser pela raiz, o leitor pode utilizar a potenciação homeopática hahnemanniana na escala de 1 para 100 até o infinito.

ó alegria:
servi-vos do arroz de aletria!
estrela-guia da utopia
Alegria
p/ todas as patologias
Alegria
p/ os efeitos colaterais da alegria
Alegria
contra a alegria
Alegria

AMOREX

via *sedex*
chegas: *colorex*
olhos *rolleiflex*
beijos *chamex*

musa *sexy*
poeta *durex*
almas *xerox*
corações *express*

antes fax
do que *tampax*
antes *sedex*
do que *ex*

mas o melhor *mix*
é ser *felix*

A REABERTURA DO CÍRCULO

os opostos
sobretudo
os irreconciliáveis

os totens
sobretudo
os enterrados

os horizontes
sobretudo
os não descortinados

os paradoxos
sobretudo
os inimagináveis

os mitos
sobretudo
os indecifráveis

os caminhos
sobretudo
os não trilhados

os círculos
sobretudo
os fechados

TARAS BULBA

1

O Carro
é o maior amigo do Homem
Fiel
como era Fidel ao Finsocial
Extensão
do Eça da Esso e do osso

2

Quando gripo
o sistema elétrico pifa

Quando brocho
a ignição se dana

Quando gozo
a gasolina derrama

3

Eis que durmo:
recolhe-se à garagem
Buda sem bunda
Guerreiro zen-blindado
brada seu exorcismo de aço
com 5.000 cavalos de força

E reza — pneumático —
por nossas pobres almas
sucateadas

INVOCAÇÃO AO GRANDE REATOR NUCLEAR

grande reator nuclear
ajoelhamos a te louvar
recarrega-nos as baterias
de elevada energia
sete bilhões de filhos cósmicos
aguardam o teu beijo quântico
envia-nos saúde alegria
beleza graça harmonia
raios de luz a nos banhar
e a força iluminar

VAN GOGH NAS PÁGINAS AMARELAS

Porque os homens preferem as louras
eu prefiro os amarelos
Fui à feira e comprei
um sol novo pro chinelo

Papagaios bananas girassóis
derressóis submarinos *yellow*
Porque os homens preferem as louras
eu prefiro os amarelos

Em que biombo se escondeu
o arrozal de Boticelli?
Que águas Mao Tsé Tung bebeu
pra ficar tão caramelo?

Veja você o susto que me deu
tomando chá de cogumelos
Porque os homens preferem as louras
eu prefiro os amarelos

Porque eu quero que a noite
se aqueça no *marshmallow*
quero que tudo o mais
vá pras quintas do Otello

Fui no vídeo e me rifei
pelos filmes do Costello
Porque os homens preferem as louras
eu prefiro os amarelos

O TREM

são tantas
falhas básicas
defeitos
de fabricação
tantos interditos
e
proibidos
dias lindos
que não
voltarão
que é melhor
correr o risco
não retornar
à estação
acelerar

o vivido
buscar
sentido
nas coisas
que virão
e seguir
os fantásticos trilhos
da invenção

ODE AO NIILISMO

1

Nihil obstat

ó Nada:
desde que fujas a nado
desse papo furado
que deixa cansado
até o afogado

2

Ó Nada
quem te elevou
à categoria sagrada
de deusa entronizada:
A filosofia?
A poesia?

3

Se Deus está morto
resplendes no rosto

Mas se ressuscitou
perdeste o posto

Psiu: ouve a ladainha
do silêncio
ponte pênsil
entre o ser e o tempo

4

De negação em negação
ressurge o grão do sim
na extrema-unção do não
Então tua fé na razão
Inês morta enfim é
acende a razão da fé

5

Ó Nada:
repetição do vento
na fria madrugada
teologia cansada
de sepultura caiada
saco de gatos
dessa niilada

6

Encerrada vazia
a aporia da fantasia
tua dietética dialética
banhada na ética
reapareces eia sus sem luto
na cruz do Absoluto

O VAZIO DO ESPELHO

à beira de estranho lago
reflito calado mistério
mamando o seio imaginado

o que sou? vento:
morte e renascimento
no pensamento

toda a meditação
a ausente canção
pra ouvir-se o coração

sou rei do que não sei
e da carne que me ergue
jamais saberei

a tinta do meu nome
dissolve-se nas crenças
de impoluta névoa

ó lavanderia do ser:
mergulho nas causas
que precedem as coisas

existencialismo divino
o amplo vazio
do tempo fluindo

ser o espaço em branco
respirando abscôndito
s/ intenção de súplica

e (sendo) ainda assim
piscina deserta
que a gota gesta

BUDA E O SAMURAI

se na rua me encontrares
atravessa-me com a espada
serão reflexos lunares
de uma alma reintegrada

A CRUZ DE NICOTINA

minha vida eu não a entrego
rouba-a de mim a nicotina
aos viciados dou-a em tragos
como cigarro de morfina

(homenagem aos familiares
devotos da fumaça
que viraram nuvens
nos jardins de Deus:

Zeca Araújo
— avô paterno —
Felício Cassas
— avô materno —

Carlos Augusto Araújo
Afonso Gilona Araújo
José Carlos Araújo
Wellington Araújo
Chico Neném
Mundé Araújo

— tios —

Zé Humberto Borgneth

Zé Antônio Borgneth

— primos —

e todos que foram
fumados pelo cigarro
e continuam a ser
despetalados
incluindo a mim
que escapei
por causa
de uma Maria)

A GEMA DO OVO

Um ovo estrelado
na manteiga real
não é um fato banal

Pode ser surreal:
o Imperador Amarelo
mendigando um terno

Pode ser sexual:
uma galinha sem recato
ofertando-se no atacado

Pode ser desacato:
um galo desmamado
na aurora do prato

Pode ser até besteiro:
o rei do colesterol
afogado no sal

Um ovo estrelado
na manteiga real
é excepcional

se percebemos o recado:
está em tudo a luz do sol
No todo no velho no ovo

Na quadratura do círculo
o sol quadrado no prato
é a claridade do resultado

O CÉU DO CORAÇÃO

o raio
e a estrela
quem lembra-lhes
a beleza
dos tempos místicos
celebrados à mesa
revoluções e milagres
dragões e princesas?

quantos sacariam
a força da natureza
caminho da humildade
culto à realeza
detrás do biombo
o poder explosivo
render-se à flébil
gentileza?

quem não ousaria
brincar no céu
do princípio
da incerteza
e pular a fogueira
do raio e da estrela
no papel de parede
da noite acesa?

ARTUR BISPO DO ROSÁRIO

artur bispo
do rosário
ou
artur rosário
do bispo
cantou
em priscas
esferas
a pulsão
das eras

místico
esquisito
o espírito
(seu colega
de cubículo)
o benzeu
ridículo
(além
de outros
títulos)
pra ensinar
(ao cardinalício)

a loucura
do altíssimo

rezava
(em delírio)
o ofício
nas celas:
“a vida
é bela
mas é das feras”

UM OSCAR AO OSCAR

ao oscar
e à sua filha
brazilha

história paidégua
desse oscar niemeyer
filho de uma águia:
adão em carne e osso
depois criou a alma
antes fez o corpo

duro de roer o osso
desse estranho sopro
na costela a grosso:
babilônio-noel
antes a paisagem
depois o papel

hiram de cachimbo
quixotesco-hombre
em folhas de limbo
cansaço do ovo
depois a galinha
antes fez o novo

óssip mandelsthan?
oscar no ultrassom?
oscar no *crayon*?
logo o mantra OM
às iniciais ON
do céu desceu o neon!

ANISTIA

aceitemo-nos
sem mais nem menos

com todos os contratempos
a fúria dos ventos
os medos morenos
o espinho e o crisântemo
o doce veneno
e quem sabe renasceremos
no sonho do capitão nemo
com charme sereno

5.0

burocráticas essas reuniões oficiais
de inaugurações em família
melhor fugir da caça aos troféus
injetar *ketchup* nas turbinas
enqto. almoço c/ o neto gabriel
cachorro-quente nas esquinas

ABRINDO O PARAQUEDAS P/ O ALTO

iluminar não é incendiar-se
cortar o talo castrar-se
vestir pijama celeste
botar halo na cabeça

iluminar é transgredir
mas que seja pra subir

O SILÊNCIO

Necessito dos dias cinzentos
em que os mistérios mais puros
tornam-se nojentos
(podres sentimentos)

Mar psíquico arrebatando o cimento
Escolhi não subir à tona
pra não ser executado
pelo próprio pensamento

Favor apaguem as lanternas
quebrem a ampulheta do tempo
vistam de luto as hienas
golpeie-me o martelo do silêncio

Necessito de escuridão
pra lavar o caos da alma
ou uma água-pesada
explodirá o salão

TAO À MILANESA (3)

síndrome de quintessência:
qual a diferença
entre o amador
e o profissional?

o amador
ama a dor
o profissional
trata-a como tao

A ARMADURA

foi bem de família
herança dos antepassados
que a ergueram e lustraram
à luta da existência

combatente de séculos
um rombo à altura do peito
esconde a ferida interna
sob a glória conquistada

mas quem rútilo a ocupa
sente-se preso ao desígnio
de ostentá-la como troféu
submergido na lata

romper um dia a couraça
é o pesadelo da máscara
onde cintila florida
a trincheira da última brasa

RETRATO DO AUTISTA QDO JOVEM

Escrevo pela absoluta incapacidade de me expressar A incomunicabilidade é meu guia: me salvará Escrevo p/ me desconhecer mais do que me traduzir Desescrever-me é o exercício mágico que a realização me absolverá Escrevo p/ fugir à obrigatoriedade de ser feliz perante público que jamais se lerá Meu leitor — os que dão as costas à escrita cuneiforme dos apócrifos de Shangrilá

Destextualizar-me é o objetivo final até ser a palavra que ninguém ouvirá Sou a obra inacabada de poeta que inaugurou o não pesadelo de sonhar Não sou — retrato mais perfeito de incomunicar Sou um dicionário de águias em voo orbital rumo à página que jamais rasgará O Diabo constrói sistemas fechados eu os destruo Fosse — falaria Escrevo por não saber sonhar

MITOLOGIA ÍNTIMA

Sou muito Poseidon
numa sociedade Zeus
Hades e Dioniso
em tempos de Apolo
No palco entre atores
Hermes nos bastidores
Sou mais profundidade
que altura
Menos claridade
mais noite escura
Solitário entre as águias
dispenso as algaravias
Meu ouro íntimo
a melancolia

A ESCRIVANINHA

Jamais possuí escrivatinhas
p/ celebrar generosas utopias
Sequer mesinhas com florzinhas
p/ compor frágeis litânias

A linguagem gloriosa e guerrilheira
venceu a fotografia estática
mas filiou-se à dinâmica da vida
em que a indignação é movimento
Na sala de estar almocei sonhos
nunca a refeição completa
Em *cooper* lírico-energético
escrevi em bancas de jornais
filas de banco assentos de praça
mesas de restaurantes muros descascados
salas de musculação coxas entreabertas
Meus poemas converteram-se em tatuagens
aleivosias decalques pichações
Deitado na rede cabeça inversa
verso na cabeça o que sou?
apenas fragmento de poema
Meio-Padmásana — eis a posição ideal:
pano de fundo — a colcha da cama
Minhas escrivatinhas ambulantes
só o vento as registrará:
nenhum museu ostentará
o móvel antigo talvez rococó
invisível objeto de estimação
com a moldada cadeira por companhia
onde a ausente coluna cervical
vergou-se ao peso da poesia

PRENDAS ESTÉTICAS

meus monstros sagrados da crítica
foram as santas parceiras domésticas
que me alimentavam e limpavam a casa

“solta o pássaro” dizia almerina
eu tinha vergonha da beleza
e escurecia o arco-íris com imprecações
“há espinho aqui” alfinetava flor
arrematavam: “costura aqui / corta ali”
olhava o sol e entendia a luz
enfileirando os frutos do ar
“quando precisar chame, não se vexe”
atônito como cabelos de cortazar
obedecia a encruzilhada das valquírias
graças a elas em minha poesia
sopra um brusco arrastar de cadeiras

PONTA DE ESTOQUE

o que fui
o que não sou
e o que flui

brasas
cinzas
fumaças

lembranças
posters
vinganças

moscas
traças
baratas

fragmentos
do vivido
& sonhado

serão
vividos em outros
por outros

no pós-fim
enfim
do pós-mim

PEQUENO GUIA P/ SALVAÇÃO DO PLANETA

sendo difícil
c/ os semelhantes
pegue leve

cada coração
é um depósito de compaixão
mas estamos em greve

O TAO DAS RUAS

Aprendi com as putas
o discreto ofício das ruas:
jamais beijar boca sem amor
nem trocar carinho por suor

O resto
só digo pessoalmente

SEM TÍTULO

desde criança
pronuncio
um nome
granada
kriptonita
tambores
um nome
(abafado
como tiro de pistola
no colchão)
bela adormecida
nitroglicerina
aum
um nome
delicado
e selvagem
q lance
a barbárie
pelos ares
e faça
apear
do trono
a ilusão

CAMONEANDO

sete anos
serviu jacó
pão de ló
a lia

quando (por
amor a raquel)
a queria
pra tia

(o fogo do amor
secreta agonia
dava-lhe calor
e o consumia)

mas o duro pai
severo insistia:
— “raquel não vai!”
— “o anel é de lia!”

sete anos
após jacó
partiu como jó
a alexandria:

— “nem lia
nem raquel
mas o bordel
da d. maria!”

SEM HORA MARCADA

O tempo das diligências
já passou
O tempo das ampulhetas
já passou
O tempo do niilismo
já passou

Procurem em meu leito
as amadas consumadas
Devolvam ao eito
as amadas não reveladas
Extraditem do meu peito
as verdades sonegadas
O tempo dos relógios
já passou
O tempo dos psicólogos
se esgotou
E eu quero mesmo é morrer
de amor

ODE À PARÓDIA

eu sou hoje
o que você é amanhã
eu sou a couve
você é hortelã

eu sou a estória
que nunca houve
você é a história
com fã-clube

se não coube a lâ
na horta que não couve
você sabe amanhã
na hortelã de hoje

eu sou o amanhã de hoje
você é o hoje sem maçã
my name is william shakespeare
você é a estrela de iansã

HARAKIRI

arte é *karma*
arma do *dharma*
sol na costela

arte é *dharma*
espada do *karma*
vísceras na sala

KODAMA

Maria Kodak Kodama
Mona Lisa de Kamakura
Primeira Dama Virgem Viúva
Monte Fuji da Argentina

Maria Buda Kodama
versão não lucrécia-borgeana
Ana Ahkmatova de alcova
Samuraia de Haceldama

Maria Dama Kodama
q estranha secretária eletrônica
guardaria segredos de tantos lhamas
lendo a eternidade na cama?

Maria Kodama Borgeana
olhar vitral-zen de avestruz
viúva personal-pessoana
de um desconhecido Jorge Luís

DA ARTE DE ENGOLIR PROBLEMAS

a João Mohana

na mesa da escrivaninha
o sapo coxa
uma canção de silêncio
(longe dos livros de capa dura
o brejal entoa
uma cantoria de plástico)
personagem estrambótico
alegoria multimídia
quem é esse titã de internet
de olhos esbugalhados
primo afim de madame min
conto de fadas exorcizado?

ele está presente ali
(não como uma erva daninha
de escrivaninha)
com o riso de hiena
(na cara idiota)
não para cantar o que foi
mas para ser o que será
— autêntico exemplar inédito —
totem inigualado
da arte de engolir problemas
(tal como um faquir
engole sete espadas
sem os intestinos perfurar)

batráquios de insônia
o que nos restaria dizer

não a ele
mas a nós mesmos
em nossa faina verbal:
suor ácidos
graxa!

estatueta ming
parábola zen-serena
só um pássaro empalhado
ou sapo de plástico
é capaz de entender
e coachar essas verdades

tardiamente
José sem o Egito
pastor de hermas ou
Freud (finalmente)
analisado

TAO À MILANESA (4)

não vim pra impressionar os críticos
nem posar na galeria dos ídolos
vim exorcizar os adoradores de umbigo
introduzir a nota sol do espírito
ser venerado pelo lixo dos sensíveis
e ser sumariamente esquecido

EDUCAÇÃO DE VOZ E SILÊNCIO

invocar o silêncio
limpar-lhe o cristal
domar o vento
ser o próprio silêncio
até que se ouça inefável
a voz de dentro

A ROSA

Sempre fui vulcão & mar sem salmo
água benta & bala de canhão
coquetel *molotov* & beijo de abismo
olho ametista & pesadelo de plutão

Sempre fui incesto & transcendência
nuvem-kamikaze & guerrilheiro provençal
dinamite-*split* & caos da quintessência
libriano Romeu & incendiário Parsifal

Em mim a água se fez fogo de luxúria
A terra transfigurou-se em vendaval
O ar fugiu pros quintos da Manchúria
e o éter desembarcou no *diet*-Caos

Sempre fui colibri & cataclismo
eneagrama do enigma & cacos de Berlim
O 5º Cavaleiro do Eclipse
o espinho espetando a rosa em mim

FRÁGIL

eis o caminho do fraco:
o guerreiro sem espadas
apagar da senda os rastros
aspirar do todo — o nada

eis o caminho do frágil
que permanece na estrada:
ajuntar humilde os cacos
reoxigenar a jornada

BANCO DO KARMA S/A

darling
ponha o *feeling*
no *leasing*

os seios apontem
novo horizonte
eterna fonte

os dividendos
diva de mais
vida de menos

as ações confirmam
o desejo transfira
o passado pomba-gira

— mr. karma
aceitará a promissória
em carne e cama?

à lei ninguém escapa
nem/nem o peão de gravata
ou o capelão da casa branca

a grande arma
é renegociar o *dharma*
e investir na firma

A FAXINEIRA DO DHARMA

monja coen
sucessora de dogen
traz nas mãos o raio e a rosa
c/ a espada do *zazen*
lava as mentes em *acqua-zen*
brilha o vazio da casa

CABARET OLENKA

um dia em áustria-viena
num papo bielorrússia
retornei à max-angústia
de ser bukowski

olhei a dose de *whisky*
com olhar-tchaicovski
e pensei: não sou xerox
de crepúsculo *on the rocks*

adeus fante rambô bukowski
heróis-*rock* da santa decadência
não sou *mousse* de centauro
sou o campeão de audiência

entre palmas e vaias estouro
o mito faz sua pré-estreia
inaugura a *funk*-odisseia
e é o seu próprio dinossauro

KOAN

os radicais livres
são uma invenção
dos radicais ortodoxos?

MEUS FILHOS

meus filhos
espadas
de são jorge
lutando
contra o dragão

regá-los
com amor
e coragem
dá-lhes força
e proteção

O SACRIFÍCIO

quando incendiei a casa
não pude mais voar
mas a família estava liberta
e abandonaram os morcegos
de sugar o sol

MANIFESTO DE TRAVESSEIRO

insônia
insônia
insônia

de tanto olhar-te
passei a chamar-te
sônia

OVIDIANA

Procura o Amor
nas tardes ácidas da floresta

Não te esquives à morte:
tua juventude é eterna

Adestra os instrumentos da posse
para a presa que amadurece

Para os excelsos jogos
há de a flecha atingir o coração

Vê: tudo já passou
até o futuro que ora se insinua

Inesquecível
é o que não acontecerá

SILÊNCIOS

as ideias e as formas
pedem-me o descanso
das estações dos ventos
atravessa-me a melancolia
o sacrifício de nomear
a indizível água do mundo
o essencial tornou inútil
a carnadura das palavras
qualquer imperceptível ruído
ferirá o pássaro no ninho
entre memória e abismo
deus constrói o seu vazio
não escreverei mais poemas
sobre a beleza e a verdade
poetarei c/ o silêncio
essa máquina hiperbólica
capaz de captar e ferir a voz
mesmo sem despertá-la

A CELA DO MONGE

(contrainscrições do Claustro)

o deserto de (m)orar sozinho
é ser o próprio vizinho
o desterro de (m)orar sozinho
é ser carente como um gatinho
o destempero de (m)orar sozinho
é o incenso assar o passarinho
o dismantelo de (m)orar sozinho
é entristecer igual santinho
o desespero de (m)orar sozinho
é ouvir a sombra de fininho:
— “deus brinca de sol cá fora
e você desolado irmão (ch)ora!”

O ASCETA

os cabelos chegarão aos pelos
os pentelhos chegarão aos artelhos
e o coração
de joelhos

TAO À MILANESA (5)

quando o meu *self*
tornar-se *self-service*
do servil aos livres
servir-se-á quem quiser

A VIAGEM DO PÓ

caminhamos anônimos
filamentos de poeira
fragmentos de luz
tornando-nos heterônimos
à jornada de poeira
que conduz à luz

PEQUENO GUIA DO CÉU

viajante de categoria econômica
marinheiro de segunda viagem
poeta de múltiplas intenções
quando chegar ao céu
hospede-se na pensão
“os últimos serão os primeiros”
o melhor 2 estrelas da região
vista panorâmica da terra
ambiente familiar papos de anjos
serestas c/ serafins
passeio ecológico nas galáxias
locação de asas lavanderia grátis
serviço completo pra alma

TAO À TOA

meu caminho é de nuvens
mas saio (às vezes) chutando estrelas
invocado como um meteoro doido
tomando *overdose* de caos e farinha lacta
em todos os pontos da via láctea

cansei de buscar verdades
verdades que me busquem

**EVANGELHO DOS PEIXES
PARA A CEIA DE AQUÁRIO
(2008)**

CONFISSÕES DE ADAR*

1

Todo evangelho nasce sob o signo de comunicar a boa nova.

Mas assim como todo evangelho é suscetível de múltiplas leituras, a história dos peixes é sujeita a muitas interpretações. Sob o signo de Netuno, planeta da espiritualidade e compaixão, e o influxo de Urano, planeta da revolução e da síntese universal, o pescador e o peixe emergem do coração do inconsciente coletivo para celebrarem, à luz da analogia, a aspersão da água-viva despejada pelo aguadeiro, na comunhão de duas Eras, Peixes e Aquário.

2

Peixes é o revelador do oculto e o manifestador da luz. Jesus Cristo encarna o espírito de sacrifício e doação dos peixes, a Virgem Maria também. Profetas e poetas são peixes. Pescadores de homens são peixes. A Era de Peixes revelou a água-viva e a água-pesada. Mas o amor só se concretiza quando a água atinge o sol.

Peixes rege o espírito de compaixão. Aquário, o receptáculo, é o circulador da água universal e o irradiador da solidariedade coletiva, que conduz a humanidade à individuação. Peixes em Aquário é a revolução da compaixão. O coração da luz banhado pelos rios de água-viva.

Este Evangelho, em sua súplica ecológica e espiritual, pretende ser apenas uma pequena gota d'água no grande oceano da beleza e da verdade. Banhado nas águas fosforescentes do numinoso, é narrado por um outro peixe, que convocou para a missão os peixes do Maranhão.

LUÍS AUGUSTO CASSAS

* *Adar*: peixe, em hebraico. Período correspondente aos meses de fevereiro e março. Na tradição judaica, é o mês da alegria e da felicidade. Sua força paradoxal ensina que a felicidade só chega até nós quando propiciamos felicidade aos outros.

OS PEIXES

— quem somos nós?

— sóis

— de onde viemos?

— vênus

— pra que viemos?

— netuno

— pra onde vamos?

— urano

DO LIVRO DA ÁGUA

1

welcome

bienvenidos

bienvenus

bem-vindos

ao mar

da vida

2

eis que é chegada

a hora

de se abrirem as comportas:

quem tornar apócrifas

as minhas palavras

julgarei hipócritas

3

todo aquele
que não tiver o mar
dentro de si
não comerá caviar
nem ova de camurupim

4

ouçam a mensagem
da água-viva:
o amor
é a substância ativa
que não deixa à deriva
a vida!

5

eu sou a porta-dos-peixes
quem segue o fio da navalha
e passa no buraco da agulha
terá sempre ao lado a minha figura

6

eu sou o mar da lida
quem se lançar ao coletivo
e entregar às ondas o egoísmo
beberá a taça do ser vivo

7

meus irmãozinhos
precavei-vos dos espinhos:
não sejais bonzinhos

jamais mauzinhos
apenas carinho
como os fiéis bagrinhos

8

meu peixinho
não deixes me afogar
cambraia de linho
vem me salvar
que estou sozinho
neste grande mar
e sou pequenininho
tamanho do grão-mará

9

peixe-serra
dai o sal da terra
mandubé
renovai a minha fé
surubim
tende piedade de mim
curimatá
livrai do medo de amar

10

eis o mistério da unidade:
reconhecer a dualidade
não sentir saudade
e estabelecer nova gravidade
no reino da umidade

11

água da fonte
água da bica
água celeste
água de rosas
água marinha
mineral perrier

H₂O

ora

pro nobis

A G L A*

12

vinde meus irmãos
aspirai profundo
mergulhai o coração
nas dores do mundo
mas não esqueçais a lição
que vos faz fecundos:
sede a luz no fundo

O GRANDE PEIXE DA EXISTÊNCIA

todo dia eu te como
super diferente
salada crua
ou sopa quente

* Palavra cabalística a que se atribuía o poder de afastar o demônio.

todo dia eu te como
maionese e mostarda
natural defumado
pão e salada

fast food do todo
hamburguer da vida
self service do novo
peixe de água-viva

às vezes receio
engolir a espinha
e viver como Jonas
no ventre da tainha

todo dia eu como
as letras do teu nome
as palavras fritas
saciam-me a fome

A CANÇÃO DA ÁGUA SALGADA E DOCE
(Invocação dos Peixes e Crustáceos
dos Rios e Mares do Maranhão)

1

Ó ÁGUAS DO MARANHÃO
lançai as alvíssaras
abri vossas vísceras
trazei vossos peixes
à palma da mão!

jogai no caldeirão
o cheiro e a pimenta
o sol que aferventa
derramai as dores
no azeite e limão!

2

pescada branca
pescada amarela
pescada vermelha

— na própria telha!

tarioba
uritinga
jurupiranga

— com a santa pinga!

sururu
cangatã
jabiraca

— antes da jaca!

bandeirada
arraia
piticaia

— no bar da praia!

camurupim
sarnambi
mandi

— depois dormir!

3

glória a vós
ÁGUAS DO MARANHÃO
que nos concedeis
o peixe e o sal
do pirão espiritual

mas livrai-nos
do tubarão
e jacaré

que o homem
peixe é
na enchente da sua fé

EPÍSTOLA DO PEIXE PARA O SÁBADO DE ALELUIA

1

Saudações

Minha profissão é ser peixe: nadar nas águas do inconsciente coletivo fazer emergir a compaixão Minha glória não ser servido mas servir Caso não protejais a água fonte da vida novo dilúvio poderá desabar de vossos olhos Ouvi os sinais da garganta Salvai o sentimento

2

Sede como o salmista Davi: *“As árvores do Senhor são cheias de seiva assim como os cedros do Líbano que ele plantou”*¹ Apurai os ouvidos à correnteza do Tao Te King: *“Observai a água: ela purifica e*

¹ Bíblia Sagrada, Salmo 103, 16, p. 739, Ed. Ave Maria.

*refresca sem privilégio e sem discriminação a todas as criaturas; a água penetra destemida e livremente sob a superfície das coisas; a água é fluida e sensível; a água segue livremente a lei*²

Dou-vos de beber a minha água-viva

3

Vai faltar água no mundo Peixes e cidades vão morrer Humanos vão arder na pira funerária da própria aridez e desconsolo Apenas 1% da água do planeta é potável Mas vós tendes 2/3 da água do ser Salvai-a Salvai-vos Água! Mais água! Fazem coro as pedras Ouvi a profecia: antes mesmo das catacumbas sois peixes Ofertai a outra face

4

Venho das profundezas do 2º Dia da Criação quando o espírito das águas irrigou o Jardim do Éden e convidou-o a florescer Minha missão é doce inda vindo do mar Protegeí o manancial dos corações rejeitando o lixo tóxico do orgulho e egoísmo que torna em pântano e corrompe as nascentes Purificai o espírito Desejo-vos vida em abundância

5

Sou o avatar das águas 12ª casa da astrologia profundeza e serenidade Aquele que me procura na escuridão do copo procura a minha água de beber Indo ao fundo salvar-se-á Sou a sabedoria de Salomão a via de Thales de Mileto as lágrimas de Madalena e o peixe de que Tobias queimou o coração e o fígado para resgatar Sara do demônio Graças e penhor

6

Lançai as redes que virei até vós aplacar vossa sede e fome de justiça Cuidado com os tubarões que rondam as vossas águas: vendilhões

² "O Tao e a Realização Pessoal", p. 15, John Heider, Ed. Cultrix.

do templo poluem a pulcritude Mas evitai ferir-me com arpões e setas
pontiagudas Reabertas estão as cinco chagas Vossa misericórdia é o
melhor unguento Crescei e multiplicai o sentimento

7

Comungai da minha carne em vossas mesas Azeite e limão ver-
dade e amor vos alimentem todos os dias da vida Farinha d'água não
vos há de faltar Refreai a gula Salvai a alegria

Eis a minha assinatura:

✠

Aleluia

ORAÇÃO PELOS RIOS DO MARANHÃO

Senhor fazei-me generoso
como os rios do Maranhão:
banham o espírito do povo
purificam-lhe a alegria e as dores
matam a sede das crianças
fecundam o pão da esperança
Não permitais que o egoísmo
corte a circulação da misericórdia
aos afluentes e necessitados
Transformai-me em manancial
não em deserto
Que eu saiba dar e receber
Que eu lave os pés daqueles
de quem o destino sujou as mãos
E flua eternamente em mim
o dadivoso suprimento da vida

PRANTO PELO RIO ITAPECURU

meus olhos não vejam
embaciem-me as lágrimas
morrendo de sede
o rio bate asas

meu canto não seja
pira funerária
à lua agoniza
a água-mortalha

grande mururu
escola das águas
lava jururu
a última anágua

líquido amniótico
nilo maranhense
não negues agônico
os seios à gente

chamem o gurupi
socorra-o o flores
que o itapecuru
naufraga em suas dores

se o rio está bêbado
secado o gargalo
mandi e anojado
bebem pra enterrá-lo

se o rio é piranha
velho caramujo
às pardas entranhas
o homem é mais sujo

se o rio é carniça
de sucuruju
à humana preguiça
roem-na os urubus

quem tosquiou o rio
e lançou-o aos cães
vingou o fastio
do leite das mães!

enterrai as canoas
no leito vazio
que ao boi as carroças
farão seu plantio

quem irá pagar
a conta suicida
de exterminar
a água da vida?

benzei as nascentes
orai às correntes
líquido hierofante
seja a nossa ponte

injete a lua cheia
sangue em profusão
circule em suas veias
nosso coração

água de menino
sede de viver
cristal de ouro fino
deixa-nos beber

casa de minha avó
velho mulundu
levanta do pó
o itapecuru

ó maracanã
estádio deserto
o grande xamã
seca a céu aberto

sapo cururu
da beira do rio
o itapecuru
morre a fome e frio

CARTA NATAL DO PEIXE

por Vênus Júpiter e Marte
estarem em gentil enlace
sagrei o amor uma arte

por Mercúrio e Júpiter
acusarem quadratura
sorvi o cálice de angustura

por aspecto tenso
entre Lua e Mercúrio
condenado por perjúrio

por Urano Netuno e Plutão
formarem conjunção
mestre da compaixão

O OLHAR DO PEIXE

Terrível é ter faróis acesos
e não vencer a neblina dos homens

O olhar do peixe tem um vazio ancestral
Giram no arco-íris da pupila
os segredos do éter universal
a crônica interrompida de Akasha
peregrinações ao Mar Morto
reencarnações de outros mares
cartões postais de oficiais da SS
quebrando as espinhas de seis milhões de judeus
sonhos de uma humanidade distante
(uma sede ancestral de outras águas
derrama *lacrima christi* em seus olhos)

Sob os sinais de tortura
quem se deterá para fitá-lo?
Ante a fumaça dos olhos
quem ousará incomodá-lo?
O olhar do peixe é profanador
como os castiçais de Sardanapalo
e belo como um anjo de procissão
enfrentando na igreja o diabo

Observai o marítimo sacrifício
dos campeões do despenhadeiro líquido
Lavai as mãos e a consciência
antes de adentrar-lhe o frontispício:
púrpura kryptonita acrílico
No sepulcro dos frigoríficos
aplaca o *karma* o zodíaco

O mar é anterior ao peixe
ou o peixe é anterior ao mar?
Só Rembrandt e Picasso
podem explicá-lo
O estado fundamental do peixe
é ser repartido
Mas só lhe mensuram o cálcio
o ômega-3 o potássio
Que lições herdou
do mar do espírito?
Quantas hidrelétricas iluminam
o raio devastador de seu cobalto?

Às vezes a sua sede explode torres
é quando lança a sua pedra do calvário
com a fúria do cordeiro
para salvar os irmãos de aquário
Mas logo retorna ao mar de transcendência
e o olhar retorna impávido
ao seu canto de finados

RECEITA DE PEIXE-PEDRA FRITO

já fui maldito
já fui bendito
benzido e encruzado
todos os ritos
cozido e assado
no santo ofício

são bukowski
santo expedito
hoje graal e baal
pimenta e sal
negam-me os votos
querem-me frito

AUTOBIOGRAFIA DE UM PEIXE CONTEMPORÂNEO

pesa-me no suor
a gosto
uma estranha estamparia
no lenço de linho gravado
o rosto
de jesus e maria

jesus cristo me persegue
sem trégua
por toda a paisagem
já maria me concebe
por mil léguas
em lenços de viagem

eu jesus e maria
sol a pino
trinitária alegria:
luís jesus-menino
pura essência do vinagre
azedando o milagre

ODE A UMA LATA DE SARDINHA

mar enlatado
maná dos deuses
120g de peso líquido
estava escrito
sacias a fome do espírito

O CÍRCULO DOS PEIXES

1
todo peixe
ainda que não use coletes
é salva-vidas

2
todo peixe
tem direito de afogar-se
mas não de lavar as mãos

3
há peixes que são
signos em rotação
uns: vocação
outros: coração
alguns: rasgam dinheiro
outros: luz nos terreiros
mas são os escolhidos
a fechar
o círculo do cordeiro

4

todo peixe
traz nos olhos
a constelação
do cruzeiro do sul
é o ferrão de deus
tocando o gado
para o azul

5

quando eu era menino
pensava ser o peixe mais belo
do planeta água

agora franzino
nem sei se sou o peixe mais singelo
da minha casa

6

meu nome é cristo-shiva
da anunciação
dos jesus-gandhis
ao sol dispor

meu nome é cristo-buda
da consagração
dos *hippies* e *yuppies*
do poder da flor

meu nome é cristo-lampião
do sertão da dor
vingança: fazer o bem
e semear o amor!

7

agora
dai notícia ao povo
quem não assumir o lado peixe
não nascerá de novo

A SANTA CEIA DOS BAGRES (Litania da Água e Sal)

celebro o amor e a beleza
com pureza e devoção
faço voto de pobreza
só possuo o coração!

O KARMA

dizem q a tua dor mais profunda
foi a ferida do flanco esquerdo
à altura do coração
a minha: nos fornos de Auschwitz
quando recitava o *kadish*
à estrela de salomão

O CARDÁPIO DO PEIXE

sexta-feira da paixão:

chá de bardana
à moda samaritana
salada c/ nozes e avelãs
berinjelas e maçãs

sábado de aleluia:

refeição do luto
jejum absoluto

domingo da ressurreição:

sol na mesa
cristo no coração!

PAZ, CIÊNCIA

suma onipotência
homens de ciência
tende paciência
com o rio paciência
suas águas sedentas
loja de inconveniências
escasseiam bolorentas
simpósio de doenças
velhos e crianças
fazem-lhe abstinência

suma onipotência
homens de ciência
dai um copo d'água
ao rio paciência
cessai-lhe a penitência
renovai-lhe as crenças
retornai-o à infância
de límpida essência

VISÕES DO PEIXE

(L. V. S., pescador, 38 anos, morador da Praia do Barbosa)

O primeiro ser vivo parecia uma tainha; o segundo uma uritinga; o terceiro tinha a cara de peixe-pedra; o quarto ser vivo era idêntico a uma pescada amarela em voo de andorinha

Quanto às faces pareciam-se com o rosto do que dizem ser homem mas apresentavam a cara de água do lado esquerdo e de fogo do lado direito embora tivessem jeito de vento e de terra; apesar dos disfarces tinham cara de peixe e cheiravam a mar e rio

Então vi a Serpente de sete cabeças girar no rede moinho do turbilhão e mergulhar para comer o peixe-pedra e devorá-lo

Aldebarã Régulus e Altair viram quando Fomalhaut o peixe-astral desceu e engoliu a cabeça da Serpente

Piranha lavou o Mar de vermelho e Daniel passeou a pé nas ondas sobre as cabeças de mil leões

MEDITAÇÃO DO IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA

fogo sagrado da vida
santuário do puro amor
chaga da sabedoria
chama do céu interior

— que luz brilhais no sacrário
farol do humilde e exaltado?
— sede revolucionários
jamais revoltados!

— como refletirmos as flores
do teu arco-íris fecundo?
— substituindo as vossas dores
pelos martírios do mundo!

A PORTA-DOS-PEIXES

Jamais laves as mãos
quando a consciência estiver suja
Ainda que teus dedos apodreçam
adia a hora da água e do sabão
para o exercício da mente tranquila
Assim quando lavares as mãos
não reterás nada da poeira que pousou
e cearás o alimento dos justos
Ainda que os dentes amareleçam
pela lembrança do amor não realizado
mantém o peito farto e os braços abertos
à correnteza do amor universal
Perdeste um reflexo da imagem
mas ganhaste o coração da vida

AQUA PRO NOBIS

de áries a aquário
em pleno martírio
somos todos peixes
árido santuário
queimando em círios

todo o que cultivar
o amor e o mar
dirá ao mar: abre-te!
e qual afiado sabre
o amar se abrirá!

diz-me senhora:
o que te inunda as órbitas
desrepressa os seios
e resseca a flora?
— o mar também chora!

da onda da discórdia
darei trégua à mágoa
mas quem blasfemar
contra o reino da água
não terei misericórdia!

horas de Urano
lembrai-vos de Sara
fecundou-a um rio
e irrigou o Saara
de nossos infortúnios!

louco *stradivarius*
tua nota úmida

povoe o relicário:
um aquário sem peixes
não é santuário

PELAS PRAIAS DE SÃO LUÍS

distribuo pães aos peixes
aos céus peço a graça:
bênçãos espirituais e materiais
ao povo da minha cidade

lanço pães aos peixes
ao mar suplico a graça:
ceia de pescadas vermelhas
aos pobres da minha cidade

peixes voam por cima das gaivotas
e riscam nas areias da praia:
“um coração que caiba o mar
e se derrame como a sede”

ÁGUA-VIVA

Qual o mais alto dom da água?
Qual o mais alto som da cuia?
Que sinfonia pinga na ágora
e afoga toda a amargura?
Sangue suor e lágrimas
chovem em campos de fartura:

umedecei vossas pálpebras
à metafísica da loucura!
Invisíveis mãos de fada
mergulham o ser na ventura:
o mais alto dom da água
é a humildade porventura?
Água-viva em viva água
salva o mar da além-secura:
quem circula em vossa aura
anuncio-vos é a cura!

O PEIXE E A ÁRVORE DA VIDA

1

se queres viver em acordo
com a realidade do todo
separa as águas do lodo
o que te foi emprestado
devolve-o acrescentado
pois será reutilizado
o espírito torna ao céu
a alma regressa ao mundo
resta o corpo este é teu
é na árvore do corpo
— na essência de sangue e ossos —
que florescerá o horto
frutifica-o sobre a terra
protege-o das daninhas ervas
torna-o inóspito às feras
nele o eterno vem colher
essa é a equação do ser
O resto — pasme — é viver

2

se queres nascer de novo
rompe o mar psíquico do ovo
ergue-te à estrela de fogo
acalenta os pais de novo
carrega as dores do povo
queres ser amigo do todo?
faz (então) tudo de novo

3

queres a paz?
briga com Deus
confronta o céu
Pai — ser-te-á mais
buscas a guerra?
aos rios — soterra-os
à natureza — fere-a
vingar-se-á a terra

4

árvore da vida
dá-me a raiz da sabedoria
injeta-me a seiva do crescimento
enxerta-me a beleza da alegria
concede-me o espírito das estações
reabilita a minha fadiga
restaura a circulação do sangue
nos galhos secos das mãos;
sê luz sombra e alimento
transforma-me sem aniquilar-me
poda-me sem castrar-me
frutifica cicatrizando-me
do húmus torna-me humano

os pássaros me pousem serenos;
e ao sucumbir na terra
no eterno fluxo da criação
seja a autêntica reprodução
do fruto que cai do céu
e se reproduz no chão

5

brincam: és a glória da vida
e bela adormecida
mas eu sou é a via
quero é boiar na água-viva
(desfilar de margarida)
molhar todos com minha saliva
brilhar nas safiras e *sephiras*
pra casar de véu e grinalda
na casa do primeiro salva-vidas
eu sou a vida

ORATÓRIO DAS ONDAS

meu jesus tristinho
meu jesus tristão
convoca o agostinho
são roque e damião
pra sessão-despacho
em minha solidão
que até são longuinho
ficou mais longinho
da coroa de espinhos
do meu coração

nessa eira sem beira
profetas e poetas
têm a mesma têmpera
comem a mesma nêspira
de uma horta ascética
e entre dois ladrões
vendidos na feira
como dois limões
meu jesus cristinho
meu jesus cristão

remexe na feira
do meu maranhão

OS SAPATEIROS

que mistério da fé
envolve os sapateiros?
por que velar os pés
acende no alto luzeiros?

mesmo os peixes astrológicos
aguadeiros dos artelhos
copiam-lhes o ofício místico
assistindo-os de joelhos

só o calcanhar da virgem
resiste aos calceteiros
esmagando a imagem
do mal sob os tornozelos

meia-sola bate-sola
laboram a noite inteira

talham o couro passam cola
vestem os pés da terra inteira

quero ir à festa do céu
com sapatos de *bohème*
luzidios como hidromel
e palmilhas de cor creme

serão os bons companheiros
da minha trilha descalça
quando tornar-me o herdeiro
de caminhar sobre a graça

OS FIÉIS COMPANHEIROS

se é de áries se aplaque
se é de touro se apresse
se é de gêmeos disfarce
se é de câncer refresque
se for de leão se ataque
mas se é de virgem relaxe

sendo libra tempere
se for escorpião se ferre
se é sagitário arrebate
se for capricórnio trabalhe
sendo aquário segure
mas se for peixes navegue

o esporte mais radical
é vencer o mal

O BOM COMBATE

se você é de peixes se toque
desvie-se dos mares *on the rock's*
seja pescador não isca
jamais se feche em marmita
acenda os seus holofotes
secos e molhados resgate
sua missão é ser bote
tornar-se terra eis o mote
depois relaxe um chicletes
persiga azuis cachalotes
oceanos de antraz e *botox*
sonhe com novo combate

MILAGRE DOS PEIXES

faraó ambulante
recheado de rosas incenso
cebolas douradas
o peixe frito do bar
segue o destino glorioso
da humilde dinastia

enquanto o olhar de vidro
parece fotografar a capa
d'*O Livro Tibetano dos Mortos*
a faca corta a mortalha sagrada
e rasga a carne de outro peixe

um peixe vivo a ofertar-se múltiplo
num mar de cervejas geladas

a sardinhas e tubarões
sendo a puros — redenção do azeite —
e a incrédulos: espinha atra-
vessada na garganta

O LAVA-PRATOS

No Dia de São Nunca
São Tomé acompanhou
a procissão dos peixes

Acreditou não porque visse
mas porque jamais sentisse
Os últimos eram os primeiros

O Reino de Deus
morava dentro e fora deles
O mar saltou de suas órbitas

NOVA EUCARISTIA

já foi dito:
se um homem te pedir um peixe
ensina-lhe a pescar

e eu digo:
serve-lhe um peixe ao escabeche
depois leva-o a passear

A GOTA D'ÁGUA

Desconfia dos que temem a chuva
lavam as mãos sem cessar
e carregam o olhar seco nas estações
Há um rio turvo correndo neles
precisando encontrar a sua nascente!

O DISCURSO DO PEIXE NA SINAGOGA

não sejais
perfeitos
pra que à tona não retornéis
vossos defeitos
em tudo ultrapassai
a cota do profano
mas não sejais divinos
apenas humanos

não separeis
prazer e transcendência:
mas vivei
a transcendência do prazer
e o prazer na transcendência
de tudo fazei
arte e ciência

buscai
sabedoria e amor

mas amai
a sabedoria do amor
e o amor da sabedoria:
seguindo essa romaria
tereis sempre alegria

se disserdes: não!
perdereis o coração!
se disserdes: sim!
sereis atraídos a mim!
seja o ter do ser
vosso viver
e lazer

e eu vos digo
em nome do eterno
não repartir a luz é o inferno:
e a glória que redime
e vence todo o ciúme
é ser sublime

não guerreis
não cloneis
sobretudo não lanceis
jogos de armar
só o peixe
conhece outro peixe
só o mar
conhece outro mar

O SONHO DA ÁGUA

sete anos de fartura
sete anos aziagos
sete peixes sem gordura
engolindo sete pargos

sete anos de espinhas
deixando o mar asfixiado
após sete anos as tainhas
brilharão no mar sagrado

sete anos de tubarão
devorando o mar ao rabo
após sete os peixes-pedra
crescerão multiplicados

sete anos de camarão
ausentes do pau-deitado
após sete o maranhão
por setenta saciado

o sertão vai virar mar
o mar vai virar sertão
fartura do céu virá
nos mares do maranhão

A TERCEIRA ONDA

vós que desafiáis os perigos
— triatletas do espírito
asas-deltas do infinito —
combatei sempre o inimigo!

no bem iluminai
o olímpico archote:
em sol transformai
as obras da noite!

tende sempre em mente
a divisa do ente:
com o sinal do peixe
vencereis a serpente!

ELOGIO DA DELICADEZA

“A Sabedoria faz o seu próprio elogio”
Eclesiástico

A delicadeza
não faz seu elogio
Serve-se à mesa
sem pompa e estilo:
dispõe os lugares
mostra os talheres
sacia os olhares
mas deixa o espaço
a outros concílios

A delicadeza
não é prato cheio
é antes o vazio
Tempos de aspereza
— em verdade — é exílio
Onde encontrá-la
em meio ao comício
de suposto brilho?
Está não estando
— cuidando dos filhos —
sutil arabesco
desenhando a prenda
de dourado auxílio
Está na criação
no átrio do templo:
nenhuma inscrição
orna-lhe o evento
Tecelã da graça
tênue bailarina
gira a bola do mundo
jeito de menina
Com suas mãos de fada
jamais nos fascina:
alivia-nos a queda
reenvia-nos pra cima
Está na oração
no reino da água
acalma o leão
libera-nos as garças
Com as letras do ser
imprime o alfabeto
que as luzes do éter
mostram a céu aberto

A delicadeza
é massa de pão:
fermento e unguento
move a inspiração
Resplandece em Séfora
no pousar das ânforas
Ilumina Ester
destino de conchas
A delicadeza
opera milagres:
gentil natureza
lavra o azeitunado
Quando fala em público
não gera tumulto
Lançado o insulto
veste o branco-luto
Quais os oito graus
da delicadeza?
pureza? leveza?
beleza? harmonia?
sutil transcendência?
sábia alegria?
suba-lhes os degraus
ajunte-se-lhe a nobreza
o que respiraria?
— Pura poesia!
A delicadeza
é só coração
Única riqueza:
amar os irmãos
Em tempos difíceis
de fome de mísseis
em que às virtudes
se toca o alaúde
e o interior lixo

polui o espírito
seu suave ofício
seja o teu vício

A NOITE ESCURA DA ÁGUA

1

cuidado com a água parada
pra que não a cultivem as larvas
e o mal em bolhas chocado
o inverno atraindo o inferno
em larvas queime o cuidado
porque o amor não é amado

sob a água sob a terra
úmido empoça o passado
multiplica-se o olvido
à luz do sol coagulado
surge o lago putrefato
porque o amor não é amado

anticirculando a linfa
a profundidade empalha
reproduzindo os miasmas
suspira na água afogada
o coração asfixiado
porque o amor não é amado

bastaria uma palavra
anticoagulante e alga
ou a luz da estrela d'alva

constela-se o espelho em névoa
acende velas a treva
porque o amor não é amado

mas onde o amor é amado
brilha o mistério da alba
lava o espírito o intelecto
ressurge a vitória-régia
no coração do regato
circula o céu entreaberto

2

minha santa depressão
padroeira da escuridão
que preces rezas ao coração:
“...amar demais é em vão...?”
ouve a santa compaixão
na liturgia do perdão:
“...os outros amar como são...”
“...amar jamais é em vão...!”

3

quando os ventos do verão
enviarem-me as folhas mortas
quando o antigo caminhão
despencar na fria encosta
quando a sombra da emoção
derramar como compotas
— despejando ao rés do chão
mágoas medos e suas polpas —
desperta: é a revisão
que gentil te adentra as portas
acolhe-a no coração

curva-te à sábia proposta
findo o prazo à correção
choverá em tua horta

4

compaixão eis teu mercado de trabalho:
orfanatos feiras penitenciárias hospitalais
horas extras c/ creches e extraviados
plantão a marinheiros de último naufrágio
mas guarda minuto de precioso tempo
àqueles privados do sol da própria casa
liberta-lhes o fogo trancado nas gargantas
deles o sopro inflará tuas narinas
lançando-te ao oceano mais profundo

FOGO E ÁGUA

devia ter seguido deus
quando me disse: — sou a estrada!
oceanos correntezas cataratas
seriam os deveres de casa
lavado seria o escabelo
arrancado o espinho da asa
preferi o mistério sem onda
próximo ao deserto que alaga
receia à chama o pavio
consumir-se ao corpo em brasa?
onde desaguaria o rio?
plena — a angústia — encrespava
canoa à praia lançada
sou escombros da água parada

devia ter abandonado o eu
quando me disse: — tudo ou nada!
mas não saberia o anseio
de ter a alma transfigurada

MARIA: A OUTRA FACE DA ALQUIMIA

eu madalena maria
na água do mundo piranha
graças à divina entranha
sagrada bela tainha

vim cumprir as profecias
da outra face da alquimia
invocai-me e mediai-me
mercê de nossa rainha

perambulei sete mares
devorando as sardinhas
sete vícios sete azares
alimentavam a carne minha

um dia dormi c/ o sol
numa rede s/ maresia
trespassou-me o seu farol
gozo de pura alegria!

sete anjos amarelos
sacaram as facas da bainha
mataram sete demônios
lançando fora as espinhas

desde então a minha gnose
encontrou a luz da magia
e o corpo liberto à neurose
deu-se ao espírito por cia.

lavai as águas humanos
santificai o profano
seremos o que sempre somos
gotas do mesmo oceano

renovai a flor
à virgem maria
somente o amor
dá sabedoria

A MULHER SEM ÁGUA

vós que buscais o amor
e atravessais desertos até a ásia
guardai-vos da mulher sem água
sua sede arruinou as fontes
desabará a casa

seu coração é uma ruína
os beijos cemitérios de algas
nos seios dormem escorpiões
o sexo é uma hidra
os cabelos bússolas quebradas

buscai a mulher da água
é a porta e a entrada
o amor e a amada

sua alegria faz renascer
o voo das águias

cristalina nos sentimentos
acenderá as lâmpadas da casa
é o candeeiro da estrela
chuva no teto de palha
e regará teus passos na estrada

A ARCA DE NOÉ

vão-se os tempos de moab
chegam os tempos de sunab
peixes de segunda
apresentar-se-ão como profetas
peixes de terceira
assassinarão as feiras
cap. ahab cap. ahab
por que sangram os pulsos do punjab?
após o recenseamento
virá o tabelamento
após os espinhos
as espinhas
preserve a água
perdoe a mágoa

A CRUZ DA BALANÇA

no passado pedia ao céu
subtraísse-me o desespero
pesado haltere que ergo

com a força de maldição
hoje posto a fogo e ferros
reconheço o companheiro
triunfalmente carrego-o
como peso da salvação

O PRATO LIMPO

— quem é o maior
no reino da água?
— é do clã o menor
que afugenta a névoa!

— quem é o deserdado
que nos lava a sina?
— é o doce enviado
das águas de cima!

e de ti são luís
pequena entre os reis
virá o peixe-luz
clareando os mares

virá como um raio
cavalgando o olimpo
fúria do zodíaco
despoluindo o espírito

PÉROLAS DO PEIXE

1

— por que os pobres de espírito
comem à mesa pacamão
e os ricos em seus gordos ritos
mesclam aos vinhos bacalhau?
— apurai o coração
à questão do bem e do mal:
tem origem na digestão
a distribuição do sal!

2

— e o mistério do sexo
e da supraconsciência:
é por escassez ou excesso
que se chega à inocência?
— rasgo do santuário o véu
pra que a verdade amanheça
só chegarão ao reino dos céus
os que têm o sexo na cabeça!

3

— como chegar ao paraíso
exibindo o alvar sorriso:
embriagando-se do ser vivo
ou no avião dos circuncisos?
— voam uns sem pés ou mãos
outros pelo reembolso postal
mas só na reencarnação
chega-se ao juízo final!

4

— por que a doutrina secreta
não foi tornada coletiva:
é exclusiva aos profetas
a promessa da água viva?
— o ouro — segredo do oculto —
escondeu-o tomé o dídimo
pra que no dia de hoje o vulgo
não se escusasse ao dízimo!

5

— qual questão de abstinência
economia ou sutileza
envolve a origem e a ciência
da riqueza e da pobreza?
— está na essência dos loucos
o sortilégio do troco
uns são mendigos do muito
outros milionários do pouco

6

— vige a regra em nazaré
de que o nascido de mulher
pra saciar do espírito a fome
havia de tornar-se homem?
— do céu vale hoje o avesso
no testemunho da fé
muda o homem de endereço
e assume o lado mulher!

O MILAGRE DE CADA DIA

toma um bule de chá
preenche uma xícara
abastece a tua sede
beija os últimos lábios
breve não haverá mar

eis os sinais dos tempos:
mananciais vão se suicidar
seios murcharão
sangue na fonte vai jorrar

procura na extensão dos ventos
por um só homem sedento
que não renegue o sentimento:
águas voltarão a partilhar
seios amamentarão
nações cessarão de guerrear

toma novo bule de chá
divide-o em doze xícaras
oferta-os aos necessitados
o resto dá de beber aos rios:
sempre haverá mais

TÁBUA DE OPALINA

Terra — Grande-Peixe
navegando na Via Láctea
estrelas são cardumes

guelras são asas
Economize água
à sede das palavras:
— “Sem Deus o homem é nada!”
Azul é a nossa casa

**OFÍCIO DA MISERICÓRDIA
PARA A SALVAÇÃO DOS RIOS**
(o oficiante após a consagração do cântaro com
água benta lança as águas às nascentes)

ó águas de cima
ó águas de baixo
salvai peregrinas
a águia e o borracho

dai o dom das lágrimas
aos olhos estreitos
que navegam páginas
de riachos secos

fontes de água viva
sede de belém
lavai a amargura
regai nosso éden

idêntico ao mel
derramado à aveia
ó águas do céu
molhai as areias

batismo de cristo
proclame o louvor

do Jordão os ritos
confirmem o amor

ó águas de cima
ó águas de baixo
salvai peregrinas
a águia e o borracho

aceitai o cântaro
de lágrimas puras
firmai novo cântico
a todas as criaturas

águas de Maria
vinde resgatar
a misericórdia
do céu e do mar

se rios são artérias
cardumes de veias
limpai as bateias
salvai as aldeias

das nascentes o homem
retornando ao lar
olhos da mãe-virgem
cessem de chorar

ó águas de cima
ó águas de baixo
benzei cristalinas
a madeira e o aço

afogai em lágrimas
os sonhos de guerra

transmutando em água
o sangue da terra

desfraldai às eras
a terra prometida
com o sal da terra
e a água da vida

FOTOCÓPIA AUTENTICADA DO PEIXE

ó sol do universo
grande olho do céu
na luz reproduzi-nos
o amor e o seu míssil
no fogo apagai-nos
o ódio e seu fóssil
dai-nos o consórcio
ser vossos apóstolos
do peixe ou seus sócias

MATANÇA DOS PEIXES

nhoque signo vinte
et hum

mataram todos os peixes
tá faltando um

GARRAFA DOS PEIXES

irmãos do planeta
vençam a correnteza:
antes que a vida crie
fundo de combate à tristeza
salvem a natureza
assim seja

A DESPEDIDA DO PEIXE

companheiros do mundo
não lavem as mãos à minha sorte
deitei a cabeça ao corte
retorno ao mar mais profundo

pesado e revendido
carimbado e consumido
muitos são os chamados
poucos os escolhidos

no caminho da paixão
fiz das tripas coração
asfixiam-me as guelras
na cerimônia da terra

como richard wagner
e sua vestfália
siga entre flores meu ser
ao último wahalla

lancem logo
às águas a canoa
ateiem fogo
às flores da coroa

aos homens retornarei
incendiário alimento
saciar do espírito a lei
até o final dos ventos

SALMO DO PEIXE DE AQUÁRIO

morre a Era de Peixes
Aquário mostra o rosto
e traz cortado em feixes
sob a luz de Hiroshima
o sol que se ilumina
do olhar do peixe morto

LUÍS AUGUSTO CASSAS: AUTOBIOGRAFIA LÍQUIDA

nível do mar
primeiro: líquido amniótico velejando no mar de d. miriam + águas de
março + são luís do maranhão + ventos de purim + alquimia das águas
salgadas e doces do rio anil e bacanga + urinar p/ o alto na cara do
dr. moura + o rim da vida + o sal da terra

iniciações primaveris: água benta das igrejas dos remédios e ribamar
+ magia bíblica: peixe-pedra cozido na água e sal p/ espantar os
demônios da água pesada + irresistível vocação p/ salva-vidas +
baixa resistência a nado borboleta + pecado super original: 6 anos
+ afogamento na piscina do “lítero-português” + renascimento
boca a boca + intuição de q a misericórdia também era líquida

depois: muita caminhada sobre águas + mar vermelho do amor +
inferno hídrico + encontro c/ o falso espírito sto. + necessidade de
beber das nascentes nas colinas de golan + sonhos proféticos + lances
neuróticos + o dilúvio + a terra quase prometida + inauguração do
deserto interior + mistérios líquidos p/ a geração da luz + necessidade
de chuvas e transposição de bacias + a água de deus + nadar contra
marés de avidya +

treino milagres

**POEMAS
PARA
ILUMINAR
O TRÓPICO
DE CÂNCER
(INÉDITO)**

Oferenda:
À Luz e ao Sopro
e a todos os que lutam
pela chama da vida

*“Só existe pecado quando o homem
desvia o olhar de Deus, voltando-se
para a morte”.*

Angelus Silesius

*“Às vezes, as palavras adoecem e nós
temos que curá-las”.*

Thich Nhat Hanh

OS MESTRES DO JARDIM (Presságios)

um cristo em lótus
um buda em chagas
balançam incandescentes
no terceiro olho
(nascente/poente)
deixando-me caolho

dizem as línguas de fogo
quando buda ora
no mar vermelho
e cristo medita
no rio amarelo
é segredo da flor de ouro

a mim cabe segurar a haste
do pensamento em brasa
e acender o incenso
no altar da casa:
que mensagem de interdependência
trazem as flores da existência?

definitivamente místico
esse convite alquímico
de dois mestres do espírito:
a prece e meditação
abrindo-me os pesados trincos
dos jardins da compaixão

A REVOLUÇÃO

girar girar
como um pião
girar girar
no centro do furacão

rumi girando antirrotação
dissolvendo os hemisférios
no sol do coração

hegel redemoinhando
ascendendo ao reino
das aparências em união

davi — velocidade da pomba —
dançando ao redor da arca
enlouquecendo a tradição

girar girar
como um pião
girar girar
até a compaixão

A CANÇÃO DO ACELERADOR DE PARTÍCULAS NA CONSTELAÇÃO DE CÂNCER

Sou o acelerador de partículas:
apresento-me ao coletivo
Sirvo à glória da vida

Mas cuidado: sou radioativo
Minha missão: libertar o templo
invadido por áspides e bichos
e limpo restituí-lo ao espírito
Coopero com o Altíssimo:
o grão-gerador
Mas sirvo ao raio científico
que me adotou
Às entristecidas células
acelero o suicídio
a renascerem estrelas
sem a autonomia do vício
Após passarem em meu fogo
em ouro os homens tornarão
redescobrimdo o logos
que habita o coração
Quarenta sessões
de fótons no deserto
abrirão as estações
ao ser desperto
E retornará Miguel*
em tempo de revelação
abrindo o prazo do céu
na luta contra o dragão
Sou o acelerador de partículas:
sirvo à glória da vida
Conciliai-vos com tudo o que é vivo
Mas cuidado: sou radioativo

* Arcanjo Miguel, padroeiro dos Radiologistas.

ESPADA DE MIGUEL

espada do espírito
destrua todo o mal
a lâmina corte
bisturi extirpe
bastão purifique
conduza o cajado
à cruz renascido
na luz restaurado
do Rei e Rainha
da Corte Real

SÃO PAULO

São Paulo
precisa parar
24 horas
no ar

pra reverenciar
a rosa nascendo
no Viaduto do Chá

socorrer
os miseráveis
que oxidam ao luar

saudar o mar
que invade as ruas e
avenidas

e ouvir o galo
na Avenida Paulista
cantar

A GRAVIDADE

cair cair
sem paraquedas
(mistério de sete quedas)
despencar
da árvore cósmica
(como um relâmpago)
estrela sapoti romã
objeto não identificado
violando o espaço aéreo
de guarás e urubus
(urinando azul
pelas galáxias)
anjo rebelado
q esgotou o prazo
de validade
e mergulha (com
a bengala de carlitos)
vertiginosamente
sobre os vitrais
das catedrais
(travis descendo
aos infernos
de nastassia kinsky:
paris/texas)
o abismo no corpo

o vento no rosto
o inverno nos ossos
ao fundo do poço
do grande vazio
onde rompem-se os véus

o fundo do nada
nos braços de Deus

SINFONIA DO DNA

células
estrelas
libélulas

alegrem-se
divirtam-se
felizes

cirandem
no gel

iguais (nas colmeias)
as abelhas
em luzes

destilando
mel

KUNDALINI

As torres de ferro da Avenida Paulista
são árvores eletrônicas
a serviço da comunicação e da notícia¹

Mas quando as olho em profundidade
(retornando das sessões de radioterapia)
transformam-se em figuras bizarras:
grandes caduceus em ritos de alquimia
Duas serpentes inversas entrelaçadas
duplamente enroladas na espinha dorsal
oficiam o néctar da taça real
e banham as torres de pura energia²

Repetir-se-ia na árvore do corpo
a arte de purificar o ouro
para escapar ao inaudito
que me rói as páginas do livro?
E fabricar o elixir benquisto
reciclando o veneno em antídoto
páginas de luz novos capítulos
em texto integral a ser vivido?

À noite — em seus ninhos e nichos —
as torres de ferro da Avenida Paulista
bombardeiam de luzes o infinito

Sonho com mansas pombas
e o autor do jardim alquímico:
o Grande Espírito

¹ Antenas de rádio e televisão concentradas na Av. Paulista, um dos pontos mais altos de São Paulo.

² Iniciadas as sessões de radioterapia com o acelerador de partículas, comecei a ter estranhas visões de que serpentes (como no caduceu de Hermes, depois caduceu de Esculápio, emblema médico) subiam pelas torres da Avenida Paulista. A PhD em Física Laura Furnari confirmou-me ser a energia da mesma natureza, por ser tudo onda eletromagnética, variando apenas a intensidade.

AO DEUS ÚNICO

A)
belo é desencavar
o arco-íris
quando brincávamos
nas sarças
formando com as pedrinhas
o *aleph*

(philon abraão
espinosa e Nietzsche
cantando nas hermas
a música das esferas)

éramos um
o pequeno davi
e o todo poderoso:
(a parte e o todo)
asas da oxigenação

entre o nada
e o nadir
à hora perigosa
girou o compasso
a escuridão

mudei eu/tu
as tardes de azul?
mas não serei
o teu acusador
nem romperei
o pacto da flor
leio no céu e terra
a tua inscrição

responde por sinais a intriga:
as tragédias coletivas
e a minha vida
em carne viva
clamam a água viva

B)
por que
uma célula
em cisão
fragmenta
a unidade
desvia-se
da gravidade
e funda
outra constelação?
por que
a parte
desligada
ao todo
louco *kamikaze*
explode
o velho
e o novo?

em que
escola
aprendeu
o suicídio
coletivo:
a revolta
contra o eu
e a glória
de estar
vivo?

por que
planeta
em comício
mergulha
em negro
equador:
contamina
o infinito
enlouquecido
de dor?

C)
se sou culpado
envia-me cuidados
dissipa-me a confusão

constelações de mim
aguardam sedentas
nas páginas do deserto
ou mar das tormentas

a tua manifestação

PARTÍCULAS ELEMENTARES

Lady Eutanásia
às vezes flerta comigo:
sabonetes florais
e cds de música clássica
Mas reconheço-lhe
a volubilidade:

o impulso por pessoas maduras
e aventuras no limite
E permaneço fiel
à ultrapassagem da agonia
transformando desespero
em poesia

OS IDOS DE MARÇO

2 de março
Já não faço planos
como antigamente
O inaudito
é que faz anos
Solenemente

NOTURNO

meus demônios noturnos
fazem teatro de revista
no quarto de dormir:
abrem gavetas incendeiam
o travesseiro apitam xingam
cospem batucadas infernais

então convoco o arcanjo-samurai
vem vindo de missão no alto egito
enxota o enxame de fantasmas
amordaça-os numa encruzilhada

cassa-lhes a licença por um ano
apago a luz e durmo em paz

(à noite sonho que os gerei
pela inobservância da lei
e concilio-me com a luz
que um vagalume conduz)

A ESTRELA

monja cogetsu tenzui
meditava abraçada
à almofada de buda

porque os ossos doíam
porque os ossos doíam
porque os ossos doíam

a arte de ficar abraçada
à almofada de buda
tornava-a iluminada

sentia o corpo do buda
sentia o corpo do *dharma*
sentia o corpo da *sangha*

o caminho de cogetsu tenzui
abriu 84.000 portas
e uma janela na via láctea

8 de março na constelação de câncer
uma risonha estrela
piscou na madrugada

A FLOR
(Químio & Rádio)

a)
grande
é o mistério
do jardim

e o secreto
destino
das rosas

b)
minha amiga
carla

ontem derramou
floriculturas
pelos olhos

mecha de cabelos
soltou-se do ninho
e voou ao chão

c)
enquanto eu
mestre
do aniquilamento
busco dar
sentido
ao sofrimento

(onde o mais
é sempre menos:
e o excesso
veneno)

d)
carla
perfumada
emperucada
vestida de vermelho
faz da vaidade
virtude
ergue os seios
e aguarda
reinauguração

e)
eu e carla
hóspedes
do grande jardim
de aço

galáxias distantes
sóis dissonantes

em seu mistério
interior

mas unidos
e feridos

pelo espinho

da mesmíssima
flor

CONVERSA COM O AMIGO

no longo diálogo
sobre a vida
foste
o verbo preferido

a liturgia das horas
as mensagens cósmicas
(a troca de guarda
dos anjos na alvorada)
as vigílias intermináveis
do joio e o trigo

antes que o vento apague
as minhas pegadas na relva
guarda
as minhas pérolas de silêncio
(jamais os
meus extremos)

teu excesso de amor
abrevia
o quebra-cabeça

mas as últimas peças
cobram
a promessa
da alegria

possa renascer
com olhos de epifania:
só se realiza
o ser

quando o amor
vence o poder
em todas
as
hierarquias

**DANIEL SAINDO
DA FORNALHA QUENTE**

dizem os
místicos

Deus
é oásis
em pleno deserto

e eu
vos digo:
oráculo
do calor

Deus
é o próprio
deserto

e nós
o oásis
em que lava
o seu amor

A CURA

quando os olhos
daquele que é
absolutamente nada

chorarem pelos olhos
daquele que é
absolutamente tudo

e as lágrimas claras
do absolutamente todo
lavarem os ciscos dos olhos

do absolutamente nada
então veremos às claras
tudo absolutamente novo

CONVERSA COM NICODEMOS

a fé
batizou-me
c/ água

a ciência
trespassou-me
c/ lavas

rios de fogo:
posso nascer
de novo

UM LUGAR

um lugar
mesmo sem mar
apenas um lugar

tronco
relva
pedra ao luar

liberto
de ônus kármicos
e registros *akhásicos*

um lugar
em qualquer lugar
apenas um lugar

onde pousar
a cabeça
e descansar

MENOS

busquei sentido
no não sentido
tentei possível
o impossível
dei significado
ao inominado
fracassei

o nada
busquei

clamei
à morte
feri
a vida
tudo
mutiliei

então aceitei
o saber do que não sei
percebi que o mais
era veneno
e a suprema glória
ser pequeno
e me integrei

O DEPOIS

está tudo resignificado
o mal de que sou acusado
o bem de que fui espoliado
no banco foi descontado

não há mais nada a dever
ao ser e ao não ser
e o que resta por vir
seja uma estrela a luzir

em tua eterna glória
perdoa-me ó rei
pois em minha miséria
agora sei

São Paulo
março 2007/
março 2008

**A MULHER
QUE MATOU ANA PAULA USHER:
HISTÓRIA DE UMA PAIXÃO
poema-romance
(2008)**

À luz
que ilumina
fulmina
e ensina

“Deus leva você
de um sentimento a outro
e o ensina por meio de opostos:
para que tenha duas asas para voar.
Não uma”.

Rumi

“O que deve iluminar tem que
suportar o seu arder”.

Wirdgangs

“O segredo do fogo é caminhar entre
as brasas”.

Bukowski

ACENOS
DO
NUMINOSO

UMA INICIAÇÃO
À LUZ
PELO VERSO E PELO PÃO

1

Um dia em meditação
o Anjo
acendeu-me a imaginação:

— “Amigo do fundo
seja luz no mundo!”

— “Amigo da amplidão
como brilhar na escuridão?”

— “Eis tua iniciação:
andar sozinho na névoa
confrontando o caos e a treva
com a ígnea espada na mão

Dissipando a ilusão
verás a luz no caminho:
deposita-a com carinho
no altar do coração!”

2

A luz busquei-a
no ventre das luas cheias
no sol das auroras
na liturgia das horas

no desenho dos dogmas
na geometria das formas
no fundo dos copos
nas pérolas dos corpos
nas angústias mais secretas
no arco-íris dos ascetas
nas estrelas dos mares
nos oráculos dos teares
nas fábulas do infinito
nas féculas do inaudito
nos subterrâneos do todo
no ouro do lodo

em vão:
clamou
o coração

3

Descansando as asas
próximo à casa
meditei no trigo
— fermento do verbo —
com olhar infinito
Súbito surgiu a luz
vestida de lírios
na concha das mãos
daquela que cultivava
com ternura o pão

Era bela
como a estrela
que se elevava
na constelação

E retornava
em raios embrulhada
descendo a escada
da gravitação

Mas a luz estava presa
enroscada em seus segredos:
alma em torre pesarosa
desenrolando os cabelos

Recolhi-me ao céu aberto
de úmida revelação:
só há único mistério
em toda a libertação?

No humano mora o divino
poema da redenção
ou o espírito faminto
colhe o pão da projeção?

Pode um peixe que é poeta
tornar multiplicação
a luz que brilha e o resgata
sob o mistério do pão?

E o trigo que assa em om
— forno da transmutação —
fecundar o dois em um
tornar o verso – coração?

E aguardei com humildade
do céu a manifestação
até que à luz da verdade
brilhasse a revelação

CÓSMICA

Urano a trouxe inesperada e aérea:
boeing pousado em campo de camélias

Pensei: Sol em Vênus Já Mercúrio
exalava os seus eflúvios pelos olhares

enquanto Júpiter incensava o ar de almíscar
no riso aberto como orquídea tropical

Que mal fiz pra não havê-la matutina
desembarcada (como o pão) em minha mesa?

Quem era? A mente em reflexo não sabia:
mas o coração – mergulhador – cantava

Era outubro? Era janeiro? Era dezembro?
Era inverno? Era o eterno? Era Plutão?

Corações celebravam as suas taças
derramando o néctar em nossos lábios

Alma fêmea gentil que me chegaste
pela via genial do inesperado

que a tudo preside geminariamente
Vieste como uma explosão de pétalas

no arco-íris cansado do meu peito
E saímos de mãos dadas pela vida

com nossa quota de arbítrio e eternidade
enquanto o destino trançava as suas contas

e desnudava o perfil de Vênus e Marte
que de tão próximo explodia migalhas

e de tão céu pisava suas estrelas

WANTED

procura-se mulher
perigosamente lírica
p/ fins de guerrilha doméstica
enquanto defende a casa
traficando pão nas esquinas
descascarei poemas
cozinharei macarrão c/ervas
e a aguardarei na porta
c/ cheiro de sexo e cebola

TORPEDO À MODA ANTÍGONA

contigo eu moraria
numa casinha de palha
à beira da praia
onde o vento faz a curva
e viveria de brisa
bebendo em teus lábios
a água que vem da chuva

RECEITAS & FORNADAS

PADARIA

minha namorada
é mais bela que um brioche
mais elegante que um *croissant*
e mais transcendental
que pão quente c/ manteiga

às vezes endurece
como pão italiano
mas mantém a pose consistente
de uma bisnaga recém-fornada

mas eu a desejo
com a gulodice do meu amor
idêntico à calda de chocolate
derramando-se quente
sobre a massa folhada

UMA FLOR AOS SIGNOS (DA PAIXÃO) EM ROTAÇÃO

POESIA VIVA

na página aberta
do teu corpo escrevo
amor vulcão fúria

e expulso os beatos
que rezaram — incautos
a cantilena da amargura

UM

quando estou em ti
e tu estás em mim
inverte-se o princípio
do início e fim
no primeiro momento
há movimento:
eu sou tu és
no segundo momento
há desfalecimento:
não sei quem sou
acaso és?
no terceiro momento
viramos fragmentos:
o nós e o vós
habitam em nós
depois não há nada
e o espírito do só
recolhe-se ao pó

A CAMA

Paradoxal é o gozo
na morte e no amor
Liberta de suas túnicas

a carne não comporta
cerimoniais de mão única

O que podia ser Carrara
ou folha morena de volúpia
são alvas pradarias iluminadas
que o desejo bordou
em guerras púnicas

Sob quatro patas
o amor é um polvo de mil pernas
em que a espada cravou sua estocada
staccato
ou *gran finale*

Mulher de bruços
ferida em soluços
parece absorta?
mas é amor

Observa a morte nas rinhas
cabeças coroadas de beleza
guerreiros só alcançam a realeza
quando as facas explodem as bainhas

O que queres minha rainha
em teu jeito fruta e flor:
um amor de morte
ou morte de amor?
Derrama as tuas pétalas
em meu corpo de poeta
Entre eras e ervas
— a eternidade nos espera —
alimentemos as feras

eis a minha assinatura:
fogo que perdura
amor que cura

Sou o teu mensageiro
o que vem libertar o teu prazer da culpa
e inaugurar mil anos de volúpia
com a pureza de todos os janeiros

Num dia de domingo
estaremos tardos e findos
Até lá ensolarados
cavalguemos lindos

DA BIOQUÍMICA DO AMOR

ó amor a quantas
anda a dopamina
a taxa de ocitocina
o teor no sangue
de feniletinamina?

resistirá às tantas
a sedução da melanina
o rubor da insulina
os ciclos voltaicos
da serotonina?

calor meu ardor
a quantas lanças
insistirá a hemoglobulina
à paixão da creatinina
e à pulsão da ferritina?

amor ó amor
quanto mais te rebaixam
à impura anilina
fabricas na bilirrubina
a própria vacina!

O AÇAÍ

o que eu clamo em ti
não é o til
das sobancelhas
nem o ti-ti-ti
no haiti
(tampouco
o dó do ré
e/ou
o papoco
do sol
em lá e si)
o que eu tramo em ti
é o que está
na flor do açaí
blá-blá-blá
aqui e ali
psiu
do *per si*
reflexo da noite
em mim

A PÉROLA

cosa nostra
a bela ostra
monumento púbico
joia esplendorosa
que a língua em tumulto
na sereia escava
sob a flor da pér gula
a secreta pérola

MULHER

boeing
em 3 versões
caprichosa
rúcula *and* tomate seco
& cogumelos
sinais de fumaça:
nenhum
sinais de fogo:
todos
peregrinação diária
na esteira elétrica
estações do ano:
malhada e molhada
resistente
a torturas eróticas

e tatuagens
bibliografia básica:
viver um grande amor
à prova de flor
desmaia c/ barata
e carinho

O JOGO DO BICHO

tara
tarô
plumas

teu oráculo
meu falo:
runas

SATORI

Vida
dá-me o gozo total:
erótico
poético
transcendental

**GRITOS
&
SUSSURROS
(A FLOR
DESPETALADA)**

TRANSTORNO DE HUMOR

tu q és a aflição do mundo
eu: o barulho da emoção
tu: a agonia do conflito
eu: a ansiedade da tensão
ouve-me: te amo (entre
a flor e o canhão)
desnudado o ser mais íntimo
invoco o poder do espírito
instala-se o silêncio nos sentidos
recolhem-se os cacos dos não ditos
e no intervalo do redemoinho
apaziguado renasce o lírio
entre a brasa e o perdão

A BELA E A FERA

tua ausência
explode os castelos da minha angústia
em que pululam famintos no fosso
os jacarés da aflição

tua ausência
sufoca o sol c/ aranhas e centopeias
esbofeteia os lírios do jardim
e planta buracos negros nas constelações

tua ausência
é máquina de tortura: geme a fúria dos ossos
em consórcio de agonias e range o peito
derramando absinto pelo chão

tua ausência
é sinfonia de vitrais partidos
estilhaços de angústias litânicas de cobalto
cruz devorando a carne em flagelação

aquela que brilha em chamas na pupila
chegará a tempo antes que me cresçam as garras
e a fera destrua o sonho de transmutação?

lança último olhar sobre o espelho:
entre o bicho e o infinito desfaleço
rosa negra desabrocha-me nas mãos

nos lábios despetala o derradeiro suspiro
de animal ferido que sabe o encantamento
e em desespero aguarda o beijo da libertação

HERANÇA

Fizeram muito mal ao meu amor

Uma bruxa má cortava c/ giletes a carne de sua avó e ela tentava
salvá-la

Ela tinha 4 anos e escondia as lâminas na bainha da saia

Brincava de salvar a avó que não queria ser salva E as flores vermelhas desenhadas na carne da avó a torturavam

Hoje quando quero abraçá-la sente um frêmito de navalhas Lágrimas afiadas trespassam a sua calma e a deixam envergonhada

Então lembro que o meu avô rejeitou a sua amada E minha avó transmitiu-nos a herança do amor cortado na fotografia da sala

Mas quando fazemos amor — eu e minha amada — escondemos giletes e navalhas sob travesseiros e alfaias

E fundamos — entre ternura e temor — um tempo eterno em que a carne inda quer sentir rancor mas não mais estala

DOENÇA & CURA

Amor — minha avenca
minha crença minha dança
minha doença e minha luxúria
Tu que és minha tulipa
minha derrota e minha loucura
sê também a minha cura

O VENTO E A ESTRELA

construo o amor
entradas e saídas
invenção da flor
intervalo da ida

no espelho do agito
em teus olhos fito-me
se fico me parto
se parto me finco

sou sempre partida
aceno de mim
hora da chegada
princípio do fim

chamo a liberdade
estrela da vida
quando o sol arde
sopra a despedida

sou eterno começo
do recomençar
e ao céu completo-me
no mesmo lugar

com quem dialogo
no meio do caminho:
a voz do logos
a flor ou o espinho?

coração no peito
amante da brisa
colho o amor-perfeito
em teus lábios — querida

construo o amor
entradas e saídas
mas quando me vou
é chegada não ida

DIA DOS NAMORADOS

à luz de velas
te conheci
à luz de velas
me despedi

nosso amor começou
dia de finados
e findou
dia dos namorados

O CALDEIRÃO

o que aconteceu?
por mais que o abismo
sorrisse olhos de orfeu
à luz confessemos:
grávidos gravitamos
no fogo de Deus

mas os planetas
em proximidade
abriram florestas
nas identidades
e o vento disse às centelhas:
as brasas — elevemo-las

no intenso carrossel
o eros se ergueu
adoeceu philia

o ágape se perdeu
a mágica poção
de sol veu-se

O CÍRCULO

separações
são reencontros
consigo mesmo

círculo de giz
o caminho secreto
do camelo

girando
ao redor de si
redescobrimo o novo

sedento de horizonte
respirando a céu aberto
o íntimo veio

CONTATOS IMEDIATOS DO ASTRAL

O RETORNO DA MULHER IDEAL (Cenas do Seriado Guerra nas Estrelas)

Poema em Quadrinhos

CENA 1

(Últimas informações
sobre a Mulher Ideal)

manual do tesão
de supermalhação
entre decotes e chiliques
exibe o *new look* megachique:
lábios ingleses nariz *deneuve*
ombros espartanos ancas italianas
frisson norueguês bumbum carioquês

CENA 2

(Boletim meteorológico
sobre as condições do tempo)

A Mulher Ideal foi escolhida
pela associação de figurinistas franceses
o símbolo sexual da Nova Era

CENA 3

(1º Espião da CIA:
— sua identidade
é secreta?)

2º Espião da CIA:
— é bomba poderosa
a serviço de poetas?)

CORTE

CENA 4

(Espões da KGB
no WC:
— é produto da globalização
pra economizar tesão?)

CENA 5

(resenha da semana
do “New York Times”)
ameaçados os psicanalistas
com cassação de licenças
por bombardearem de silêncio
a Mulher Ideal

convocados os surrealistas
a não despejarem
das coberturas de acrílico
a Mulher Ideal

surfistas e trapezistas
receberam instruções especiais
pra não atropelarem
a Mulher Ideal

CENA 6

Mensagem dos marcianos:
— ohwstrfftyzoobb!
tradução:
tipo de arma proibida

por nossas convenções
(Câmbio!)

CENA 7

(Conversa de teólogos
com manequins da Ford)

— a Mulher Ideal
usa maquilagem de Deus?

— a Mulher Ideal
é a face feminina de Deus?

— a Mulher Ideal
é Deus?

CENA 8

(ARQUIVOS SECRETOS)

— vai ver faltou na infância —
mais rigor na balança!

(depoimento da Mulher Ideal
aos 11 anos de idade)

CENA 9

(Assembleia-Geral
da ONU)

– enviem a Sexta Frota Naval:
Interceptem o inimigo!
– disparem o canhão:
à altura do coração!

CENA 10

A Mulher Ideal
caiu na Real

A Mulher Ideal
desfez a trama

A Mulher Ideal
ama

(acendem-se as luzes
sobre a cama)

THE END

**O DISCURSO DE LILITH
NOS LENÇÓIS DE OR**
(Gasolina & *Chantilly*
para o meu Odiado)

1

Na escuridão do Universo cravejado de sangue de ametistas e esmeraldas refulge o meu clarão Filha da Noite trago no corpo o incêndio dos vulcões Eu sou a santa loucura que enlouqueceu Nietzsche e lançou ao Rio Estige os profetas de todos os tabernáculos Uma constelação de deusas afogou-se em meu sangue quente Todos os sóis apagaram-se no vapor da minha pele morena Da minha boca saem serpentes e dragões desfiguradores de todos os mistérios

Exorcizei no umbigo os ideais da luxúria para temperá-los no caldeirão das iniciações Às portas de Babilônia meu coração foi arranhado por leões mas mantive-o poderoso e pleno para ofertá-lo ao vencedor que ultrapassasse os portais do Hades e assassinasse os demônios da minha solidão Eu sou a que ficou com os seios insones à espera da primavera e preservou a concha dos quadris para o bárbaro ataque do Desespero e Beleza mais recôndita

Do meu sexo explodem galáxias tresloucadas Da minha menstruação escorrem os cavaleiros da Discórdia e do Destemor Quem romperá o véu do meu mistério e expulsará a insidiosa Ísis para a cama profana das desrevelações? Sou a que nasceu & morreu & nasceu mil vezes para o cumprimento da realização amorosa do destino Sou a que enterrou na poeira do enxofre e do desprezo os imperfeitos tolos que aspiraram ao sol negro que dorme dentro de meus seios

2

Rigor — não misericórdia — eis o alimento nutridor da Beleza Planeta em órbita na perfeita geometria do destino força e arbítrio comandam as estrelas da minha criação Excita-me o previsível Masturba-me o determinado Poder e força eis os nomes dos dois cavalos

que governam a minha aventura de viver O inesperado sempre foi um anjo manco pedindo esmolas às portas da minha exata consciência

O coração é o refúgio dos tolos O sentimento morada da fraqueza A esperança lixo reciclado matéria-prima do orgulho e da vontade Todo o resto é miragem Devaneio poético Inflação do sonhado

Eis que a Morte vem montando tigres de fogo e lençóis de fúria Vejo seu rosto maquilhado de ternura e descontentamento Esfinge de carne e osso deponho os véus e armas de Atalanta a que reside em mim e emprestou-me a couraça da perfeição para afugentar os afilhados de Eros Ó sangue! Fugi dos leitos das veias do coração! Ó abismo — plenifiquei o meu vazio! Tudo o que temia ser — revela-me o espelho — já iniciada estou Meu nome é escândalo script de novela mexicana encarnação dessa palavra ridícula chamada Amor! Profecia! Inauguraram-se os meus dias de inglória!

3

Quem acende as gambiarras do meu desejo indicando o necrológio do meu martírio e o enterro do meu desfalecimento? Quem estrangula os meus receios desencanta os meus fantasmas distribui os anéis da ansiedade e rasga o luto milenar do meu enclausurado silêncio?

Eis que malvindo bem-vindo vem Dá-me o batismo do gozo e o sacramento profano mais intenso Rasga os meus mais secretos oráculos Penetra no abismo das profanações Acende as trombetas do meu paraíso interior

Traz nas mãos a ternura inflamável de um príncipe banido e a violência de um terrorista do sublime Toca-me os seios como crisântemos Desfolha as lágrimas dos meus olhos e as desterra para a Constelação do Grão-Cão Seu veneno é o antídoto da minha tristeza Sua arrogância a humildade do meu amor É o meu garoto com sua espada a cem Meu Eremita e minha Torre Meu Diabo e meu Renascimento Besta humana sou sua puta sagrada — Helena Afrodite Atena e Penélope em chamas — de quatro na cama da noite do Universo em aflição

Meu amado me odeia com seu mais puro rancor Marca de roxo e rosa minhas costelas Acende lâmpadas de mil volts em meu desejo Desaloja ninfas dos meus seios interdita o território do meu sexo De decúbito ventral impõe-me trabalhos forçados Despede-me o rubor Ateia fogo em meu vestido Tortura meu corpo em brasa

Ridícula sou quando estou próxima ao meu odiado Arranca-me as asas Tempera os meus lábios com sua saliva viscosa Cadela no cio revira a lata de lixo come as minhas sobras Escolhe-me pelos meus dentes igual égua em supermercado Nas pérolas do seu esperma sou alfazema derramada Na cama abro as pernas e rezo para que morra Caia napalm em seu pau Mas temo nunca mais ficar envergonhada

Meu odiado é lindo como um genocídio de papoulas e sublime como um coquetel *molotov* arremessado sobre a minha casa Dos seus lábios floresce a canção do abismo Ávida sou devorada pelo seu sarcasmo Risca como página a minha pele avara Ameaço o suicídio tomando gasolina & *chantilly* Trágico ri da minha cara

Detestável é o meu ardor quando estou distante do meu amado Masturbo luas em lençóis de cetim Corto o sexo com gilete pra que fique desesperado Inauguro sorriso de batom negro nos lábios Ardente pulsa minha vagina louco Stradivarius! Mas só ele desperta em mim a fera que dorme acuada Inflama o meu mais puro desdém De caos deixa o meu rosto decorado Meu odiado é o Rei do meu Medo e o Senhor Absoluto de todos os meus chacras O Demônio-Javé que reina em meu pânico e em meu suor O que incendeia as florestas do meu corpo só pra ver a sua fera iluminada

Acesa em delírio sou planeta fora de órbita maçã devorada Seu desejo em chamas acende ruínas na minha carne desolada Meu orgulho torna-se chá de abismo Minha perfeição — erótica vadiagem

Sou Sodoma saqueada Paris desfigurada Berlim destronada Londres transtornada

E maldigo os burocratas do céu — 1 bilhão de anos-luz sem poesia e em desterro cósmico — poder purificar-me na mais suja transcendência arder em línguas de fogo enlamear-me da luxúria desse amor que em sua ausência mais divina é a própria essência do mistério do Crucificado

Até ontem fui Noite
Meu nome é Luz

A MULHER QUE MATOU ANA PAULA USHER

A MULHER QUE MATOU ANA PAULA USHER

Ei-la fulminada — desmanchando-se na poça azul de seus próprios olhos — a que se lançava do trapézio da Via Láctea sobre os telhados da minha fábrica

Não eriçará mais meus pelos subterrâneos nem conquistará o cetro nem autografará a minha lâmpada acesa c/ sua língua de fábulas

Aquela que a destruiu em mim carrega na mão esquerda a flor do trigo e um buquê de narcisos e na mão direita a espada com que decepou do tronco a cabeça da medusa

Perséfone descalça — atravessa os portais do gozo e encantamento — enqto. um anjo escarlata restaura a luz do meu arco-íris bombardeado

INTERVENÇÃO DA POESIA

O PRAZER

(Doutrina da Poesia)

PRÓLOGO

coroada de lírios
morangos à boca
estrelas nos cílios
a loucura à porta:

— “vem a meus lábios
cultiva os sentidos:
no prazer florido
desabrocha o sábio”

com mãos de alegria
banhada de aurora
a sabedoria
tece o sol e ora:

— “queres — glória ao céu —
bem-aventuranças?
reveste o prazer
com a luz da ciência!”

O PRAZER

O prazer é o início da loucura
e o fundamento da sabedoria
vivê-lo — atravessando a selva escura —
coroar-te-á de caos ou alegria

Eis a doutrina do prazer
que à loucura é fantasia:
alegria felicidade
sábia bem-aventurança
consagra-lhe todo o ser
tempera-o com a azul ternura
tornarás a ser criança

aceita a expulsão do paraíso
quedas? tropeços em pedras
restaura a senda com pétalas
e o desejo será teu amigo

vê: o trabalho do prazer
é reintegrar-se ao ser
— mas qual a glória do prazer?
— servir à causa do ser!

medita neste pantáculo
e protege a tua casa:
delícias — crescerão asas
delírios — duros tentáculos

prazer pelo prazer
não existem níveis seguros
ao consumo das substâncias:
mergulha em sua toxidade
solidão — a recompensa

queres ser mestre
na arte de viver?
igual moisés no deserto
que ergueu a serpente ao alto
às regiões celestes
dirige o prazer
(não sucumbas à tentação
de entrevar o coração)

leva rosas à vida:
jamais colhas flores
no jardim vizinho
torna água em vinho
não serás sozinho

ó prazer da noite escura
que une o amante e o amado
esvazia-nos o amargo travo
preenche o ser de doçura!

renuncia ao prazer
e virá te servir
abdica ao ser
e virá luzir

vós que privilegiais o fazer
não perturbeis o prazer
não o forceis ou o apresseis
antes que a luz se manifeste:
conhecendo-lhe o poder
acrescentando-lhe o saber
sereis tolos ou reis
à essência que reflete

ó qualidade de vida
meço-te em abraços-hectares
do prazer em mil teares
que abraço o corpo da vida

celebra o prazer trino:
mens/sentimento/vontade
alcançarás a unidade
e servir-te-á o divino

dou-te novo mandamento:
não afrontes o sentimento

e conservarás o templo
em teus dias sobre a terra
ao prazer dedica-lhe as horas
sagradas à glória eterna

EPÍLOGO

um dia lambendo as nuvens
erguidas em irmãs — paisagens
a sabedoria e a loucura
trocando *posters*/figuras
verão que o gozo é viagem
ritos de humana passagem
e erguendo aos céus nova taça
concluirão: tudo passa
saboreando com arte
sorvete de chocolate

ESBOÇOS *FLASHES* & FINALMENTES

O AMOR

somos um livro

está tudo escrito
no dna do espírito
nas cartas astrológicas
nos meridianos dos corpos

na íris dos olhos
no alfabeto do infinito

nosso contrato de risco
é escapar ao inaudito
(as garras do hipogrifo)
e escrever c/ fogo e luz
no espaço em branco dos capítulos
o nosso mito

A BUSCA DO MITO (pintando quadros)

1
não serás jeanne
hébuterne
hôpital de la
charité
voando pela janela
até modi

nem clara
de assis

nem eu
francisco
(casados em espírito
devotos do serviço)

nem
penélope
tecendo luas

ao retorno
de ulisses

nem gala
(dólar)
aguardando
dalí: seu sonho
de consumo
(no lar)

nem
frida khalo
ao seu encalorado
diego:
“ — pés pra que vos quero
se não tenho asas pra voar?”

2
dois loucos
numa noite suja de *anima*
lavando do *karma* a *hybris*

dois corações
apaixonados
brincando como leões no circo

duas ovelhas negras
clamando por pureza
numa selva de vínculos

o magnetismo do amor
arremessávamo-nos ao infinito
mas em nós espiava o bicho

3

ainda que caminhasses
pelas sendas da agonia
e o hades atravessasses
te faria companhia

seria o novo
em tua colmeia
seria teu povo
tu minha rainha

mas na noite escura
da nossa humana loucura
incomodamos Deus
em sua ventura

4

por mais que calemos
o grito
somos
o mito inconcluído
 o submito
 q fugiu no
elevador de serviço
e mora — *golen*
romântico — entranhado
nas paredes do prédio
recendendo a saudade
 e lixo

(aprendamos humildes
a lição do espírito:
arrepentamo-nos do equívoco
repensemos nosso arbítrio)

5

somos a letra perdida
do alfabeto hebraico
talvez reencontrada
em novo sonho arcaico

somos o vaso alquímico
que não suportou o segredo
e ao fabricar o ícone
fugiu a luz entre os dedos

tua teologia negativa
cortou-me a cabeça da hidra
mas reconciliei-te com eva:
o coração de maria

a lua apagou o seu alfanje
o sol rompeu nos mirantes
em nome do amor perdoemo-nos
o que foi demais não sendo

6

alma gêmea
alma fêmea
paiol de lenha

pelas caligrafias
do infinito
caminhemos

rumo
a novas constelações
e oceanos

sê o último portal
além do bem e do mal
até o amor real

AS NÚPCIAS

tenho a nostalgia do todo
e a melancolia da parte

contemplei o enamoramento
entre a parte e o todo

senti no peito o compartilhar
entre o todo e a parte

solitária e ardente em casa
aguarda-me a consorte: minha alma

amar nessa existência
tornou-se-me ciência e arte

**O FILHO PRÓDIGO:
UM POEMA DE LUZ E SOMBRA
(2008)**

*Ao meu Pai, Raimundo Araújo Neto:
dissipados os véus diante do trono,
o Múltiplo retorna à Unidade.*

EPÍGRAFES

“O filho lhe disse, então: Meu pai, pequei contra o céu e a terra e contra ti: já não sou digno de ser chamado teu filho. Mas o pai falou aos servos: Trazei-me depressa a melhor veste e vesti-lha, e ponde um anel no dedo e calçados nos pés. Trazei também um novilho gordo e matai-o; comamos e façamos uma festa. Este meu filho estava morto, e reviveu; tinha se perdido, e foi achado.”

Parábola do Filho Pródigo

Lucas 15, 21-24

“Os vossos filhos não são vossos filhos. São os filhos e as filhas da fome que tem a vida em si mesma. Eles não vêm de vós, mas através de vós. E não vos pertencem, embora vivais juntos. Podeis amá-los, mas não constrangê-los aos vossos pensamentos. Podeis guardar seus corpos, mas não suas almas, porque habitam casas futuras, que nem em sonho podereis visitar.”

Kalil Gibran, O Profeta

“Na parábola do filho pródigo obstino-me a ver a lenda daquele que não queria ser amado. E seria difícil dissuadir-me disso.”

Rainer Maria Rilke

“Considerando a profunda observação de Jung, segundo o qual o maior fardo que a criança precisa carregar é a vida não vivida dos pais, cada filho precisa examinar, sem a intenção de julgar, em que lugar as feridas do pai foram passadas para ele. Ou ele se encontra repetindo os padrões do pai ou vive em permanente reação a eles — em ambos os casos, é prisioneiro de Saturno.”

James Hollis

“Estou certo de que se lhe tivessem perguntado, Cristo responderia que no momento em que o filho pródigo caiu de joelhos e chorou, transformou o ter dissipado os seus bens com mulheres de má-vida, o ter-se feito guarda dos porcos e ter-se alimentado das bolotas dos porcos, nos momentos mais belos e sagrados de sua vida.”

Oscar Wilde

“O que deixamos para trás, no entanto, são só espectros verbais, não os fatos psíquicos responsáveis pelo nascimento dos deuses. Continuamos sendo tão possuídos por conteúdos psíquicos autônomos como se fossem olímpicos. Hoje são chamados fobias, obsessões e assim por diante; em suma, sintomas neuróticos. Os deuses acabaram tornando-se doenças. Zeus não governa mais o Olimpo, mas sim o plexo solar.”

Jung

“Ele ficava deitado no sofá noite após noite, boca aberta, a escuridão da sala enchendo sua boca, e ninguém sabia, meu pai estava comendo seus filhos.”

Sharon Old, Saturno

“Reconcilia-te com todas as coisas do céu e da terra. Quando se efetivar a reconciliação com todas as coisas do céu e da terra, tudo será teu amigo. (...) Dentre os teus irmãos, os mais importantes são os teus pais. Mesmo que agradeças a Deus, se não consegues agradecer a teus pais, não estás em conformidade com a vontade de Deus”.

Masaharu Taniguchi

“— Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?”

Mateus 27, 46

“Mas a nós cabe, sob a trovada do deus, ó poetas! Permanecer de cabeça descoberta e com a própria mão agarrar o Raio do Pai, o próprio raio e, oculta na canção, oferecer ao povo a dádiva celeste.”

Hölderlin

“A primeira tarefa é contar para nós próprios a verdade de nossa alma.
Viver essa verdade é a segunda tarefa. E contá-la aos outros é a terceira.”

James Hollis

“Se perdoardes aos homens os seus delitos, também o vosso
Pai celeste vos perdoará; mas se não perdoardes aos homens,
o vosso Pai também não perdoará os vossos delitos.”

Mateus 6,12.14-15

“Isaac desafia o homem de hoje a se reconciliar com suas feridas e
com seu abandono interior, a sair do papel de vítima para — como
Isaac no final de sua vida — tornar-se uma bênção para os outros.”

Anselm Grun

“O solo é Deus, as raízes são os antepassados, o tronco simboliza os
pais e os galhos e folhas são os filhos.”

Kamino Kusumoto

“Onde vamos, enfim? — Sempre para casa.”

Novalis

“O homem que sai de sob a sombra de Saturno na sua vida pessoal
está realizando algo muito importante pelas outras pessoas, quer
ou não estas tenham conhecimento disso. Aprendeu que ninguém
tem poder sobre ele, se não conceder a terceiros este poder.

Recuperou a jornada de sua alma.”

James Hollis

“Mas o que fica, os poetas o fundam.”

Hölderlin

A

Do velho pai podem as pernas
retornar de além-túmulo
pra reconduzir às hermas
deitado filho em Procusto?

Do velho pai podem as pernas
ressurgidas como plumas
devolver ao sol da terra
afogado filho em bruma?

Do velho pai — tíbias e ossos —
de uma ausência devastada
ao filho reconstituir-se-iam os passos
pra alavancar-lhe a jornada?

B

As pernas de meu pai
estão em mim e florescem
como o dorso da estátua
na memória de Rilke

Identifico-as frente ao espelho:
coxas panturrilhas tornozelos
pilastras de pedra e cal
que amparavam extinto templo
O que faltou em braços mãos
— retenção do sentimento —
recompõem agora os fêmures
compensando o movimento

Treinado em fechado círculo
emerjo — quarto cinzento
O caminho que não sabia os pés
rompe o horizonte de cimento
Dos artelhos nascem orquídeas
pisando meteoros ao vento

Quem as implantou orto-hélicas
com perfeição anatômica
reconheceria na técnica
a antiga arte do Olimpo

O que pretendem ensinar-me:
a arte de caminhar?
O que pretendem restituir-me:
a integralidade do agir?

Penso em rejeição: apodreceriam?
Flerto com a maldição e as bênçãos

C

Os pães ázimos e as ervas amargas
foram o sinal da libertação do Egito
rumo à casa prometida
Mas a ferida de Saturno
na coxa da infância
o eclipse da Lua
a vontade paralítica
e a serpente mordendo-me o calcanhar
explodiram em fermentações meu caminho
Lesado tornou-se o meu legado

40 anos vaguei em círculos
Todos os deuses foram meus ídolos
Ovelha impura quedei-me ao sacrifício
Tornei-me não bênção — mas maldição

(fracassei existência:
perdi o céu
ganhei o chão

pediste-me: flor
cravos temperados
à revolução

ferido servi-te
a tinta da revolta
do coração

pétalas de sangue
brotaram-me dos dedos:
manchei minhas mãos!)

D

Meu pai caminha em mim
com suas muletas de maio
cavalcando rútilas esporas
como quem adestra um baio

Meu pai caminha em mim
— qual Ignácio de Loyola —
traz as pernas restauradas
sob a cruz e a sua escolta

Meu pai caminha em mim
igual Laio reintegrado
renegando a profecia
de ter um filho aziago

E

Por órfãos caminhos meu pai
não poupou o primogênito
mas o entregou por seu amor ao mundo
E foi abençoado com as honras de Vênus
e o anel de Júpiter

Segundo as regras sociais
e o código de ordenações morais
era de reputação ilibada
dono de risada ensolarada
excelente pai de família
cultor de feijoada e homilia
um homem reto e sem vícios
a não ser o excesso de princípios

Após 60 anos de poder
o Imposto de Renda
e a deusa Themis (de vendas)
concederam-lhe par de asas:
legou-nos carro usado
e velha casa

Mas no Olimpo doméstico
escoltado por suas águias
a polaridade cobrava

a luz que ao mundo doava
Ali onde toda interioridade
era inferioridade
os introvertidos — detentores
de estranhos segredos —
condenados ao desterro

Antimilagre da vinha
Abraão levantava o braço
Isaac baixava o cachaço
mas o céu não intervinha

Narciso ao avesso
toldei a imagem
de insana viagem
de autodesprezo

Trágico engodo
servido c/ torresmo:
poderia ser todos
menos eu mesmo

E almoçávamos contritos
disfarçados do ocorrido
empanturrados de sol
mas de afeto subnutridos

F

Embora as antigas paredes
abrigassem fotografias familiares
na casa repleta de cômodos

o incômodo
era o prato principal
Da gaiola aberta em chamas
os pássaros só decolavam
após receber ordens de voo
Héstia não acendia
o fogo sagrado do ninho
Tínhamos uma casa
não um lar

Na casa a água era esquecida
(embora as goteiras floríssem
afluentes do Éden)
Não se cultivavam as ninfas o aquário
a flauta doce o contágio do orvalho
Oceanos: distantes *posters*
de misericórdia
Estranha linfa uma água pesada
misturava-se aos banhos frios
e ao líquido que cozia os alimentos
inundando o salão

Henry Miller não desembarcara
com “Sexus” “Nexus” e “Plexus”
e já expiava prazer e culpa
alternando masturbação e oração

A vergonha
foi minha ama

A tristeza
fazia-me a cama

Estranha trama:
o homem só mata o que ama

Nós — os degredados filhos de Hera —
murchamos como os seus seios de erva
devorados entre amor e suor

O regulamento
afogou o sentimento

A obediência
estrangulou a inocência

O dever
consumiu o prazer

Mas como resistir o menino
que agasalhava outro menino
sem nenhum extintor de incêndio
contra a violência da claridade?

Quem defenderia dos raios
a árvore de frágeis galhos
e pequeninas raízes
inda não fincadas ao solo?

Somos paradoxais
quais árvores:
arrancam-nos os galhos
e sorrimos fortificados
jejuamos do sol
e tornamo-nos belos
mas quando nos extraem as folhas
estranhamos os pintassilgos
confundem-nos as estações

Envergonhá-lo:
a melhor maneira de amá-lo

Pendurei os olhares
das mulheres que amei
como colar de pérolas
e na agulha dos teares
cego me tornei
ao amor de Hera

G

Cego da fúria do Vesúvio
com seus ardentes pingentes
pesada água do dilúvio
inundou-me o inconsciente
Clamou Poseidon ao menino
de seu reino submarino:
— “Não está nas alturas
a verdade que procuras
mas na profundidade
Primeiro a noite escura
depois verás claridade!”
Mas Zeus perseguiu os barcos
com raios e coortes de águias
Náufrago — acordei em praia
de ninfas embriagado

Quem me salvar haveria
da picada da agonia?
Socorreu-me Hades garboso
com seus corcéis tenebrosos
Perséfone doou-me os seios:
o leite escuro do receio
Conheci o ouro fosco

O buraco veio depois
Conheci o fundo do poço
A profundidade veio depois

Cansado de não ser
especializei-me na arte de morrer:
pequenos naufrágios vinganças secretas
acidentes automobilísticos tratados
de mutilação invenção de personalidades
amputação de sentimentos mortificações
foram exercícios de nirvânica tortura
pra que a carne teimasse em viver
A sensação de ser um outro
talvez me fornecesse um corpo

A magia de fabricar demônios
e decretar calamidades
foram meus brinquedos prediletos
— a mais sádica bondade

Tornei-me habitante
do profundo:
nove meses no fundo
três meses no mundo

Glória ao sol
que me criou
Glória ao oceano
o inspirador
Glória ao subterrâneo
que me adotou

À noite colhendo estrelas
no Jardim das Hespérides
assumi: — “Meu nome é Inferno!”

H

Caminho vivo entre mortos
Caminho morto entre vivos
Mas onde fui ferido
tornei-me mais reluzido

Profeta em terra imprópria
previ morte aos 11
O mar rejeitou-me

19: acidente automobilístico

O oráculo falhou
Perdi na roleta paulista
mas ganhei na bola sete
33. Data-base: Faltaram
os pregos e a plateia
Aguardando a ceifeira
fiz reduções e adições
teosóficas: 49 anos
Fechei os olhos A bomba
explodiu em Israel
Restou-me o humor negro
e a carta 13 do Tarô
que carrego como talismã

Glória a tudo que vivi:
sempre quis me destruir
mas nunca me venci

I

Meu pai era Zeus com suas águias
de olhos afiados garras de aço dedos de rocha
Eu — rejeitado do céu — piaba c/ olhos
de tocha cavalos azulados pérolas secretas

Meu pai avistava a floresta
mas não divisava as árvores
Eu entendia as caramboleiras
e conversava com as aves

Meu pai era extrovertido
como apresentador
de um canal de notícias
Eu — introvertido — *stripper* vestido
num baú de pelicas

Meu pai inventou o controle remoto
o relógio de pulso
a distância do filiarcado
e a leitura bíblica das biografias
de Napoleão e Hitler

Eu faço necrológios ao relógio
e desinvento todas as técnicas
Chapliniano escrevo poemas-solo
como quem deseja colo

Meu pai era fogo
Eu — água
Meu pai era ego
Eu — mandrágora

Meu pai criou o seu mundo particular
em 6 dias e embriagou-se no sábado

Eu cultivei o ócio
como exercício de sabedoria
e trabalhei no domingo

A sua luz
me cegava
Minha sombra
o ofuscava

Meu pai veio revelar
a vontade de Deus
Ingrata missão — coube-me mostrar
a escuridão de Deus

Meu pai
era força de vontade
Eu — boa vontade

Meu pai erguia o peito
condecorado de medalhas
Eu escondo nos olhos
cicatrices de batalhas

Meu pai pedia-me sucesso
Desembrulhava-lhe um fracasso
Eu era Dalí
Ele — Picasso

Meu pai era bonachão
com os amigos no bar
Eu — A. A.

Meu pai decifrava
a letra fria dos códigos
Eu transgredia os mandamentos
autêntico filho pródigo

Meu pai
era voo
Eu — mergulho
Meu pai
era ódio
Eu — orgulho

Meu pai
era feijoadada
Eu — arroz integral
Ele — sol
Eu — sal

J
CARTA AO ALEPH
(ou a 2ª Luta de Jacó contra o Anjo)

por que ofertas mãos de seda
a tantas mãos renegadas
e a meus dedos se tornam espada
despencando-me à treva?

por que me acenas caminhos
se carregas as mãos crispadas
e colho a marca dos espinhos
das plantas secas da estrada?

por que me cobras o dízimo
por ter as mãos espalmadas
se o território do vazio
é a palmatória do nada?

por que me concedes a trégua
de repousar em tuas águas
passageiro de mil léguas
afoga-me em vale de lágrimas?

por que me obrigas a voar
de retorno à tua morada
se me interpões o mar
e a inexistência de asas?

que estranha missão reservas
aos dependurados dos pés
— inversas as bocas mãos de viés —
mastigar ervas amargas?

qual o meu crime hediondo
senão viver da vida o sonho?
vale o céu o dia de hoje:
o sol a luz não me soube!

toma as formas do humano
e a luz precipitará
à leitura dos meridianos
nova dimensão do olhar!

posto que retornas à cena
ferindo-me a coxa em refrão
sentirás a dor eterna
lançando-te ao chão com o bastão!

confrontando ao tronco a árvore
vergado o galho da mão
à alma tocada a carne
abras (enfim) o coração

K

Às margens da verdade e realidade
passam águas de poluídas crenças sentimentos nublados
estilhaços de imagens vozes de navios fantasmas
arcas de tesouro y calabouços sapatos y boletins escolares
o rosto de Naisa que se suicidou aos 10 anos bolas de gude
imagem da Virgem a roupa de gaivota de primeira comunhão
(— “choraste em presença da morte? — choraste! meu filho não és!”)
sóis afogados vidros de emulsão *scott* o irmão mariano
brincando de boneca espelhos com anjos e demônios
as mangas-rosas sendo comidas pelos morcegos
em que o mergulhador secreto
busca na memória da pupila
o invisível mar onde pulsa
o hieróglifo do invisível

ó verdade inexprimível
como traduzir — sem trair —
o poder do incognoscível
senão vestindo o sentir
ao sonogado e ao vivido
extraíndo-lhe o óleo diesel?

os óculos embaciados
leem o passado transversal
— mistério intransponível —
como vissem em outro lado
o bem e o mal
desfocado e intraduzível

(— Pai por amor a você
carrego o peso
da insatisfação do ser!)

Ó inconsciente poço de Deus
arca de Jung minotauro em delírios
onde dormem as tábuas da lei
o eletroencefalograma das estrelas
e a tumba de lixos e mitos
derramas tempestade de petróleo
a água-viva e a água pesada
sobre a cabeça da estátua da liberdade
cajado de Moisés espada do anjo vingador
destampas o bueiro dos mistérios
e arrancas da medusa a flor do terrível
na profundidade está a loucura
o precipício cabe desde o início
jamais troques a primogenitura da aventura
por qualquer mar de Antilhas
eis as sete chaves e os sete cadeados
que a faísca submeterá à fogueira
por enquanto verás como desespero
depois verás face a face
quando a adaga de linho branco
batizar as cinco chagas do oceano
irrompendo na memória argêntea da praia
a biografia náufraga do afogado

L

Os pais comeram mangas verdes
e os filhos herdaram figados avariados?

Meu pai cultivava a árvore da vida
como um paraíso de delícias
línguas de bacuri doces de caju

seios de goiaba laranjas cristalizadas
selavam-lhe o arco-íris na boca

Mas a colheita do ser
foi feita com dedos ríspidos:
ressentiu-se a fruta
no chão da existência

Meu pai era o sol na via láctea
à sua porta ladrava um cão
quem lhe adentrasse as galáxias
ou lhe tocasse as sarças
feria a constelação

É que a dor era tão alta
como o céu era profundo
que atirar-se do penhasco
seria admitir o contraste
de lavar a dor no fundo

Meu pai jamais entendia
a estranha dicotomia
a tudo complementar
núpcias de terra e mar
e via como inimigos
o joio e o trigo

Sentado em seu trono na criação
fazia o melhor que podia
mas as horas de agonia
afogavam a alegria
em ritual de extrema-unição

Meu pai era só doação
e a tudo compartilhava

o bolso e a aljava
a mesa e as brasas
jamais o coração

À sombra do arvoredado
brincando de gato e cão
divertíamos-nos com o medo
o animal de estimação

O duro legado de meu pai
Urano e Saturno reinaugurados
e os temores ancestrais
de castração e devoração
transferi a meus filhos
recheado de culpas e concessões
Dart Vader em danação
até que um mini Luke Skywalker
de minha segunda geração
despedaçasse-me a couraça
com sua espada de raios
tocando-me o coração

M

O DNA do amor familiar
foi tema de contos de fadas bodas de sangue
casas grandes & senzalas emocionais raptos de princesas
estrelas & torres cárceres privados pompa e relutância
fachadas ruínas combustões
Sob o domínio das Parcas
giravam as porcas da Roda do Destino
queimando à velocidade das paixões

Então Deus concedeu a bênção da loucura
para salvar meu povo do orgulho
e livrar do choque elétrico as constelações

Mas a árvore ergueu os galhos
negou os frutos desserviui a terra
não acolheu o sonho mas a ilusão
Todas as gerações colheram o raio
e ofertaram um filho ao trovão

Cinco pontas cinco lanças
cinco facas cinquenta explosões
A rejeição foi bem de família
tecida por hábeis mãos antepassadas
de geração em geração outorgada
até que um Hefesto em sua forja
vaso esculpisse de mágica beleza
que traduzindo a odisseia expiada
transmutasse as fúrias em obra alada
Resta a mim que atraí as penas da luz
a natureza regar com suor e lágrimas
até que florida renasça sobre o chão

À claridade oferto corpo e sangue
rebelando-me de joelhos à maldição:
Rasgue-me a pele Entre-me nas veias
Durma-me no sangue Faísque-me nos olhos
Não terá meu coração

(Quem acendeu o combustível
da loucura
nos olhos do Filho?

Quem acendeu
a noite escura
na alma do Filho?

Quem abriu o rio
de cinco larvas
no corpo do Filho?

O Pai
o Espírito
ou o próprio Filho?)

N

Que forte e estranho vento
de longínqua praia vem
soprar violento de dentro
pesadas vozes do além?
Será o discurso do enforcado
mil correntes da consciência
comício do exílio amargo
no tribunal da coerência?
Ouço a assembleia do amém
repicando ecos: bléein!

1

— “queres ser perfeito
como o sol nascente
legar aos descendentes
fama ouro e eito?

queres — sem efeito —
vencer a pantera
remir sorte avara
do herói os feitos?

queres — com direito —
imprimir teu nome
às ninfas e ao nume
de Apolo o eleito?

segue a poesia
percorre-lhe os caminhos
beija-lhe os espinhos
sê ode e elegia

triunfa aos açoites
— sol da meia-noite —
suporta a agonia
— lua do meio-dia —

vence a dura estrada
e ao fim da jornada
terás companhia:
a Virgem Maria!”

2

— “mastigai os líquidos
salivai os sólidos
língua do espírito
dissolvei o ódio

ressentimento é veneno
ingerido c/ estupor
pra assassinar o duodeno
a quem legou-nos rancor

vertido em doses homeopáticas
destila mágoa e tremor
instala o câncer na alma
aos outros — nenhum rubor

desata na terra
o ressentimento
e o deus da guerra
recolhe o tormento

mastigai os líquidos
salivai os sólidos
língua do espírito
dissolvei o ódio”

3

— “será produto do meio
o homem e o seu arreceio
ou o cintilar do si mesmo
tropeçando no arvoredos?

não deve o tronco à raiz
o culto aos antepassados
pra que a força motriz
circule a seiva até os galhos?

harmoniza o conflito
de ilusão fenomênica
no reino do espírito
luz é a única ciência

como dar significado
à fábrica de explosivos?
conferindo sentido
à glória de ser vivo

em combustão
traduz a obra
torna a ilusão
pedra preciosa

do fato heroico
o feito malsão
só quem foi louco
torna-se são

recusa o mar ao delfim
ou o vento à mais seca folha?
afogado em trevas o rim
da vida emerge a escolha

explode o antigo círculo
enclausurado à pantera
reabre ao pai novo vínculo
sê aluno à primavera

concilia-te com Geia
sorverás o mel da terra
concilia-te com Urano
coroar-te-ão anos

no aurorescer e alvorecer
tece as mãos e agradece
ao que floresce e fenece
e reflorirás o ser

mas se ao pai não agradeces
e a todos os semelhantes
estranho sinal de Dante
marcará os teus descendentes

ó lua cheia
que a tudo envolve
um semeia
outro colhe

eis o futuro
das gerações:
tornar puros
os corações”

O

Após o pânico
das caranguejeiras
borboletas azuis
voam na clareira

O que fora elaborado
no ritmo agônico das horas
irrompe súbito no afogado
no fundo do poço da memória
nas mãos trêmulas do menino
cavando a escuridão
não pra acusar o mau destino
nem ser o algoz de seu irmão
fogos-fátuos do passado
campos de concentração
em que adultos desgovernados
desmontavam os seus brinquedos
pra uso e reutilização
absolutamente por maldade
mas por não haver bondade
na guerra em seus corações

Toda a íntima odisseia
fragmentos e mitos
lições do sinistro

do homem em desgraça
perante sua raça:
pétalas de suor
raios de misericórdia
— ritos de passagem
da trágica viagem —
pra quebrar-me o rigor
e manifestar o amor
em meu mundo interior

Só o amor vence o ódio
mas se o amor não o vencer
o ódio torna a florescer
com seus megatons de sódio

Só declarando impotência
ante qualquer violência
lava o homem a consciência
despedindo a culpa imensa

No estranho mundo do ter
vale a metade o apreço
no universo do ser
paga-se em dobro o preço

Criei a mim — vestígios que sabia
filho do abismo e da mão tateante
Sou os escombros e a cumeeira
o que arde em baixo é sol de feira

Ó vocação do fogo
queimar e perecer
ó vocação da água:
morrer e renascer

Meu trabalho é fazer
das folhas secas — verdes
dos sucos — frutos
do luto — muco
descobrir no precipício
o divino
após o demoníaco
e sobrevivente do lixo
hastear o solstício

Meu ofício: realizar
o percurso da água
navegar o coração
(como um rio)
à fonte da lágrima
o ouro da flor:

a água gosta
de lugares baixos
a ferida dos homens
e a sua dor

porque nada passa
nem o ferro de engomar
que as roupas traça
nem o vinco do passado
que o mar escalpa
nem o sol do Saara
que os homens assa

Só o que morre
sobrevive

P

Sou o filho pródigo
que jamais retornou ao lar paterno
À porta um anjo disse-me: — “Não!”
Samsara foi a companheira predileta
O sagrado — a mais perfeita ilusão
Não sou digno Pai da parte do novilho
e de receber o beijo da minha Mãe
Tudo que toco tem o signo da vertigem
Tornei-me da fábula o ladrão
Abençoados Buda e Agostinho:
seduzidos pela face de Deus
viraram o rosto à mulher e filhos
Deserdado está o primogênito do meu irmão
Ficar à porta eis a minha senda
Comer os restos — a consolação
Ai Cristo — cinco chagas no peito
Devora-me o fígado o gavião
Essa é a profecia e maldição de Abin
o que jamais lavou as suas mãos
Inútil quebrar lanças contra o peito
Arremesso-me à porta — certa clava
Eclipsada estava a minha mente
Trancado era o meu coração

Q

Ai vida:
apesar de a saliva
latejar
no nervo exposto da via

os sabores
da vida
ultrapassaram
os maus humores
da hidra

Dioniso sem vinho
resgatei a loucura
o delírio das uvas
e segui meu caminho

a toda distorção
sobreviveu-me a paixão

apesar do cataclismo
no abismo colhia lírios

a transcendência
embalou-me as crenças

o vazio
protegeu-me do frio

o caminhar sobre brasas
forjou-me novas asas

no cálice da loucura
brotavam pétalas de ternura

— como está o meu coração?

explodindo em versos
idêntico ao universo
em explosão

R

Infinitamente vazia — era
a relação com meu Pai — e um buraco negro
cobria a face de nossa glória
Mas não emergirei dos infernos
nem darei trégua à verdade
antes que a luz revele os mistérios
e rasgue o véu à claridade

Unilateralidade:
nossa fatalidade!
Como despertá-lo
sem aceitá-lo
em sua totalidade
— defeitos e qualidades —
e ao peito integrá-lo
não lhe reconhecendo o direito
da paternidade
em redimir suas falhas
passageiras folhas
da precariedade
na qual sou galho na árvore
da mesma humanidade?

O heroico e o egoico
convivem estoicos
em densa unidade:
lados distintos
do mesmo monumento
Ao céu — o julgamento!
Ó fragilidade
somos espelhos
de tua ansiedade:

frente à realidade
vestimos o orgulho
ocultando a verdade

— “Pai em que eu errei?”

— “Não ter percebido
a luta que travei
não era contigo
mas contra o inimigo ”

“A faca ao luar
rebrilha ao equinócio
Corrige o olhar:
era eu o sacrifício!”

— Pai por que me abandonaste?

— “Não parti Só retirei-me
quando a cruz ergueu a haste
para que as rosas da lei
de luz tua fronte dourassem!”

Ai ilusão
és padraсто ou madraста
da distorção?
Ferido aedo
agora percebo
meu pai rejeitei
com plúmbeo rigor
neguei-lhe o amor
e o rechacei

Ai derogou-se a lei
Já não me visto juiz
réu plateia promotor
mas iniciado — aprendiz
da luz que nos libertou

Ó amor de Deus
flui flui flui flui
dentro do meu interior
com força e alegria
Ó poder do céu
rui rui rui rui
todos os obstáculos
e portões fechados
à conciliação e alegria!

S

As pernas de meu pai
enxertadas às minhas
sobem a montanha
qual pastor de vinhas

— O que vês?
— Um homem e um menino

— O menino conduz o homem
ou o homem guia o menino?

— As mãos do destino!

— E por que estão sozinhos?
— O obstáculo feriu o caminho

Obstáculo: síntese da argamassa
cimento da opressão interna
que está entre um homem e sua ilha
entre Ulisses e a sua Ítaca

entre a água e as bilhas
quem ergueu muralhas de pedras
nos vazios campos da circulação?
renuncio a ti e aos teus edifícios
muralhas torres maldições
infiltrado o elemento milagroso
agente místico de sagrado rio
não restará pó e pedra
da onipotência de tuas fortificações

T

Órfão de mim e sozinho
então tomei meu menino
apertei-o contra o peito
lambuzei-lhe par de beijos
cabelos acariciei-os
ombro a ombro embalei-o
(arco-íris expulsando escombros
irrompendo à terra o veio)
desfiz-lhe o nó da garganta
cera lavei-lhe dos olhos
acendi-lhe o sol no seio
sequei-lhe a fonte de mágoa
clamando à dor o despejo
sob proteção dos afagos
dissolvi-lhe o sal amargo
sentindo que a frágil criança
transformava-se contrafeito
não em embevecido infante
mas em ancião satisfeito

aquele que em densa névoa
ressuscitou-me do leito
encaixando-me as suas pernas
para um caminho refeito
amparando as minhas quedas
guiando-me a novo berço
Como não ouvir o estampido
de dois peitos comprimidos
boi e bezerro em mil lambidos
derramando os seus vagidos?

O velho e o menino
o menino e o velho
cumprem o seu destino
nos mesmos artelhos
Abraçado à velha árvore
senti no tronco o tremor
novos ritos de passagem
antecipação da flor
Descascando velhas mágoas
de enclausuradas cebolas
serpentes tornadas lágrimas
transmutam-se em alvas rolas
Do pranto meu lave o Rei
os pés feridos em alcatrazes:

Pai não te deixarei
enquanto não me abençoares

Ó horas de viver
ó horas de morrer
conciliou-me o ser:
morrer e renascer

Já não sou eu quem vive
é o pai que em mim revive
Já não sou mais eu quem chora:
é o pai que em mim ora

(— faz a suma correção
inverte a inércia em ação:
nove meses no mundo
três meses no fundo

sê mensageiro do verde
refloresce a tua família
sê como filho à tua filha
a todos abastece a sede

ulisses em retorno à ilha
recupera a alta magia
torna as feridas em espigas
junta ao trabalho a alegria

ergue-te ó fênix das sobras
planta o sol em tua casa
concedo-te poder e honra
pra concluíres tua obra)

U

(— Ó fonte da vida
que tipo de oferta
recebe em colheita
destas mãos amigas?

— Em contrapartida
reconduz as crias
ovelhas perdidas
à Árvore da Vida!)

V

Pai
pelo sopro
pelo horto
obrigado

pelos planetas em rotação
pelos ratos do porão
obrigado

pelo amor envergonhado
pelo pão compartilhado
obrigado

pelo vazio ontológico
pelo osso filosófico
obrigado

pelas horas de alegria
misturadas à agonia
obrigado

por voar de asas cortadas
por ter incendiado a casa
obrigado

pelos ciclos de morte
e exposição aos ventos
gerando-me renascimentos
obrigado

pelo jardim e pela torre
pelos pântanos e flores
obrigado

pela beleza sonhada
pela biografia rasurada
obrigado

pelo preço da encarnação
pelo peso da evolução
obrigado

pelo que foi impronunciado
abafado e não gerado
obrigado

pela totalidade
moeda do erro e verdade
muito obrigado

X

O filho pródigo
prodígio em pernas
inscreve o código
da casa paterna

A vida inteira
busquei a casa
em ondas submergida
em chamas assassinada
Kamikaze expondo as pérolas
arrancadas à jaula
busquei-a céu e mar
no inferno e em Lhasa

Voltar para casa
é a viagem mais cara
Entre a cruz e a espada
reinicia-se a jornada
Hoje sei que ela dorme
sob a proteção do *dharma*
E retorno aos braços
da bem-aventurada

Qual o meu verdadeiro lugar
senão o centro solar
onde convergem as espáduas
do pai celeste e terrestre
sob a bênção das cinco rosas?

Eis a casa paterna
sob o sol em brasa:
a própria Terra
chocando suas asas

Deus constrói a sua morada
onde erguemos nosso orgulho
azul pombo de ígneas asas
consome a ebúrnea do milho

Mas lá forja a sua espada
na ferrugem da ignomínia
transformando em cruz de malta
o desconsolo das ruínas

Sopra o espírito
as línguas de fogo
disfarçando os ritos
o misericordioso

Reverencio o céu e a terra
honrando o que nela encerra:
o céu — dá salvação
a terra — individuação

Por trás de um pai
esconde-se o outro
como dorme sob a pele
a platina dos ossos

Por detrás do vulto
da paterna imagem
oferta-se o rosto
da humana viagem

Faço a experiência da terra
com tudo o que nela aflora
ossos dívidas pedras rosas
reencontrando Zeus e Hera

Tudo é reprodução
dos cinco dedos da mão
No grande livro da criação
escreve-se o céu no chão

Z

Guie-nos a Constelação das Plêiades
envolta em nuvens de narcisos
até o santuário de Apolo
onde dorme o sepulcro de Dioniso

Na máscara mortuária dos deuses
contemplemos o resgate do exílio

Ó sonho eterno:
Tua face dourada
e a minha sombria
formam um só rosto
de ornado mistério

Somos dois
frente à divindade
Pequenos sóis
da mesma verdade

Somos o só
e o mesmo
Somos o próprio
si mesmo

Que viemos fazer aqui
senão confraternizar
com a vida e o seu longo elixir
no prazer de reencontrar-nos?

Entre tantos semelhantes
façamos o mundo girar
e como Zorba dançar
enquanto escoam os instantes

Eia juntos caminhemos
além do além do além
sob o amor frutifiquemos
aos pés do Supremo Bem!

São Luís
jun/dez/2005

**BACURI-SUSHI:
A ESTÉTICA DO CALOR
(INÉDITO)**

BACURI-SUSHI
A ESTÉTICA DO CALOR
(Propriedade do povo
da Ilha
de São Luís do Maranhão)

PEQUENO ORATÓRIO BARROCO E SOBRENATURAL

INICIAÇÕES BARROCAS

o caminho de subir as ladeiras
é o caminho de descer as ladeiras

SÃO LUÍS DO MARANHÃO

todo
homem
é uma
ilha
mas a
poesia
pode
torná-lo
continente

CREDO PESSOAL

Creio em São Luís do Maranhão seus becos pedras praças praias
fontes feiras mercados e ruas

Creio no sol equatorial pai da vida e gerador do calor e na lua
matriz da existência e no vento apóstolo do pensamento que sopra e

ilumina o chão de nossos antepassados E porque seria absurdo não crer
creio na matéria e na Virgem Maria

Creio no espírito santo do povo que se manifesta na sabedoria
popular e no jeito jocoso de ser lúdico e hospitaleiro

Creio na reencarnação do verbo e na sua reintegração à bar-
roca essência e na poesia filha diletta que se regenera há íons na voz do
inconsciente coletivo

No Juízo Final dançaremos cacuriá com D. Tetê e ouviremos
Antônio Vieira ao som de tambores e pandeirões

Dízimo do pau e pedra

VISITANTE

ao penetrar neste país
deixe a alma entreaberta
quem dorme em São Luís
acorda poeta

MIRANTE DAS ESTAÇÕES

adeus petersburgo
pequim salzburgo
bangkok compostela
luzes sobre o burgo:
sabe o poeta o mundo
do arco-íris da janela

UMBIGO DO MUNDO

a Solange Costa
este raio de sol

os lençóis maranhenses
são mulheres das 1001 noites
banhadas em luar de cabra

cada vento escolhe seis donzelas:
esculpe os seios e os quadris
soprando-lhes a pele de nácar

sinuosa dança do ventre
as dunas se contorcem em lento gozo
os lençóis as camas as amadas

uma é navio; a outra: sereia;
a distante: corça reinventada;
aquela outra: sonho de kurosawa

as coxas os lábios as espáduas
são o vale cobiçado das estrelas
mas o sol já tatuou-lhes as nádegas

os lençóis maranhenses
são haréns de mulheres de areia
na tempestade de amor roladas

— estrangeiro: segue a estrada
desarma as tendas e o desejo
deixa-lhes a seda e a prata

que segredos guardam as azuis lagoas
olhos de líquida opalina
das aventuras da via láctea?

observai as pirâmides espreguiçadas:
no coração do deserto
só há oásis quando se é fábula

O GUARÁ

sou filho do sol:
cinza nasço
adolesço rosa
vermelho despetalo

em horas azuis
tinjo púrpura o espaço
esponsal do bispo
enxovais consagro

voando à beira-mar
solto belas plumas
floro sem cessar
homenageio as dunas

ao mundo não vim
pra adorno de colar
nem posar de *souvenir*
meu reino? brilhar

diálogo das espécies:
voo à imagem e semelhança
mas mantenho distância
a violentos e répteis

confesso: vivi-me flor
entre céus e crustáceos

mas a luz do equador
foi o melhor repasto

recado ornitológico
aos homens e seus brocardos:
não sejam antro mas lógicos
em seu esplendor antropológico

admirem-me em sossego
brinquem com o próprio medo
exibam suas penas
jamais minhas plumas

BACURI-SUSHI

BACURI-SUSHI

kiss me bacuri
dá-me a tua língua
a léguas de mim

dissolve os favos
saliva em meus lábios
puro *chantilly*

serve o camarão
mar do maranhão
e o salmão daqui

faz do céu da boca
cardápio e louça
nipo-guarani

reza o *sashimi*
a ervas e evas
o deus do *peiji*

chama a japonesa
de olhar framboesa
jeito juriti

mesmo no havaí
em mar-daiquiri
mil léguas daqui

sentirei na língua
a saudade à mingua
teu sabor *sushi*

SECOS & MOLHADOS

cidade de pedras e silêncio
averba-se o tempo
cartório do sentimento

cidade de perdas e silêncio
ofertam-se barões & brasões
a preço de momento

cidade de espírito de silêncio
o eros do passado
avaliza o movimento

cidade de condomínios de silêncio
trocam-se apartamentos
meias-moradas aos ventos

cidade de comércio de silêncios
nas quitandas do centro
vende-se preconceito a cento

CANTIGA DE POÇO DE SÃO LUÍS DO MARANHÃO

sou o velho poço
que habita o chão
nas águas remoço
e dou vida ao grão

minha água pura
muitos beberão
minha água de cura
todos buscarão

às línguas pérfidas
lavo a acídia
às bocas sedentas
dou a doce vida

quem beber da água
saberá na ilha
da mulher mais alva
desnudando as quilhas

provará ainda
o eterno elixir
que alonga a vida
mais que o jabuti

beber dessa água
não hesitarei
expulsando mágoas
o amor chamarei

passará o vento
o mar e o silício
menos o meu tempo
de líquido ofício

pura água-viva
lasciva saliva
lavando as feridas
da sede da vida

BAR DOS MILAGRES

em são luís do maranhão
todo bar tem um santo
que bebe cachaça

na mesa e no balcão
embriaga-se o santo
apóstolo da fuzarca

dos bêbados — proteção —
consome o mar das garrafas
em estado de graça

até se estatelar sóbrio
bêbado como gambá
anônimo de ressaca

em são luís do maranhão
todo bêbado tem um santo
que lhe veste a carapaça

padroeiro da ilusão
ou o santo é santo bar
ou o milagre é santa farsa

RUA DO SOL
(Os Anúncios do Dia)

a Geetesh

passarinho apedrejado
quem quebrou a tua asa?
— pombo sem asa!
passarinho desempregado
flauta e piano no bico:
— faço bico!

estranha democracia
esses direitos civis
de pássaros em algaravia
podem grevar e nevar
mas jamais se libertar
do canto da nostalgia

não há nada
mais metafísico
que comer pitomba
é morder o nada
enganar o vício
e morrer de lombra

descoberta astronômica
revolucionou a lógica
e implodiu a astrofísica
mas o propagado meteorito
estrela tornada mito
era fragmento de penico

certas mulheres pintadas
são antiguidades britânicas
ninfetas de porcelana
ao cisco corre-se o risco
incrível pó de estrelas
de ao soprá-lo espatifá-las

à manga-rosa
foi breve a glória
o perfume ao vento
o cheiro de rosa
o dedo de prosa
leve o cimento

vigia e escuta
a raiz dos males
está no açúcar
consola os humores
expulsa os azares
com sal e cicuta

entre o cajá
dormindo na cesta
e o maracujá
roncando na gaveta
há mais filosofia
do que sonha a vã azia

o orgulhoso
está sempre
em recaída
quando não ija
na entrada
aga na saída

bananas e banalidades
são galhos da mesma árvore
banal
engordam e matam
banana split
fatal

a lei da gravidade
é um artefato ávido
em mulheres c/ gravidez
astronautas pisando a lua
grávidas não caminham boiam
na câmara lenta das ruas

vai ananás
nunca mais frequentarás
o meu cortiço
em nome de folharaz
desterro-te
à lata de lixo

você é o que come
você é o que consome
você é a própria fome
tudo vai melhor com coca
tudo vai melhor com cola
tudo vai melhor com coca-cola

a chuva em são luís
é tão sensual
que cai horizontal
todos os poetas
são provincianos
menos waldik soriano

MURAL LUDOVICUS
(recados 24 horas)

porta e janela
deseja corresponder-se
shopping no colorado

vende-se
descendente de jumento
q pertenceu a odorico mendes
ou troca-se
apê na vieira souto

aluga-se
horizonte
defronte

fornece
marmitas &
fantasmas
de estimação

empalham-se
crepúsculos
e tradições culturais
devolver lavada

agradecemos
a preferência
qualquer semelhança
é mera saliência

RESUMO DA COR

o verão
apresenta
seus sabores:

bananas
no cacho
cajá
no suco
mamão
no tacho
jaca
no rebuço

o verão
apresenta
seus odores:

língua
de bacuri
beijo
de cupu
cheiro
de murici
sarro
de caju

o verão
apresenta
suas cores:

vermelho-
pólicia

manga-
salmão
açai-
delícia
abacate-
limão

o verão
apresenta
suas dores:

no prato
as bananas secas
queixam-se às vespas
em si bemol:
— afinal
o que foi feito
do meu sol?

**O FESTIVAL DE CARNE-SECA
NA DANÇA DA RAPADURA**
(c/ O Pudim das Almas)

a Fábio Gomes

1
na praia de ribamar
caranguejo empunha as lanças
sobe o escudo e fecha o elmo
sem o guerreiro imaginar
que sua glória é a comilança
no mar de maria castelo

2

chamai joãozinho trinta
e sua mais bela passista
dai novo pincel a rubens
decorai laços de fita
papos de anjos em nuvens
são os doces de carmita

3

na feijoada do baiano
quem ferve o tempo é o suor
o pé de porco é o arcano
que dá tesão ao sabor
louva-se em pé ao piano
arrotta-se um *escargot*

4

se rapadura ouvisse
e baião de dois dançasse
à carne de sol fetiche
meu passarinho falasse
maria-isabel era alpiste
cabana do sol alface

5

cerimônia de cuxá
reza a casa de miriam
come-se como um paxá
lá das bandas de bombaim
viaja-se de riquixá
vendo-se paisagem-zen

6

os filés e os leitões
da cozinha assinalados
no centro de convenções
do parmesão gratinado
é o reino dos mil glutões
onde canta o “frango dourado”

7

o cuscuz do mercado central
depois de um banho de coco
é o lama do nepal
meditando em chapéu-coco
espanta aos fracos o mal
clareia juízo de louco

8

o mocotó do juvêncio
é pra se comer de quatro
lavam-no com sabonete
perfumam em banho de talco
cliente vira gestante
criança chora no quarto

9

indo à capela sistina
ou a são josé de ribamar
providencie uma sextina
aos pecados confessar
com o bacuri de rosina
o santo vai lhe ajudar

10

delicadas mãos de fadas
tem d. teresa murad
e d. admée duailibe
a esfiha é sherazade
fazendo *strip-tease*
1.001 noites do quibe

11

na zona do meretrício
carne assada de panela
já foi pretexto e feitiço
pra se invadir a cancela
a carne era só chouriço
o prato era a donzela

12

ai que saudades eu tenho
do caldeirão do germano
pimenta franzia o cenho
camarão fazia planos
resta ao peso dos dezembros
virar vegetariano

CANÇÃO DA BOLA DE GUDE

nada é linear
nem o mar
nem o azar
nem o czar

nem a bíblia
do almodóvar

tudo é deambulante
lira delirante
nota dissonante
circo ambulante
roda-gigante
em qualquer lugar

GALINHA AO MOLHO PARDO

condenada a viver
às duras penas
afogada e refogada
no próprio sangue
ela se debate
(gladiadores domésticos:
cebolas gigantes
pimenta-do-reino
coentro)

a morte em série
deu-lhe corações duplos:
batatas por testemunha

lacrada e oxidada
no mausoléu de alumínio
rainha morta
dançando está

mas o que pode fazer
uma penosa adiposa
sem *lingerie* e *pedigree*
condenada sumariamente
em nome
do equilíbrio proteico
e da arte prometeica
de decapitar?

apenas não chorar
ainda que (em nome
dela) a panela de pressão
entoe um canto órfico
temperado
de gordura e compaixão

SÃO LUÍS É UMA SESTA

aqui tudo dorme
homem peixe sesta
bicho fruta flauta
céu barro seresta

aqui tudo ronca
canto ponto vírgula
tropa greve tranca
cobra cabra ilha

dorme são joão
o sonho de pedro
acorda o plantão
pra dormir mais cedo

um boi de orquestra
embala as estrelas
e o som das matracas
adormece as feiras

plena sacristia
segundo mateus
na igreja assobia
o ronco de deus

CESTA BÁSICA

amei desmamei
levantei caí
alegrei açai
imprequei buriti
filosofei sapoti
laranjei implodi
namorei juriti
tresandei sarnambi
poetei bacuri
sabedoriei murici
todos os bagos engoli
todos os podres cuspi
para o ódio apodreci
para o amor renasci
canta bem-te-vi

AUTOS DA IGREJA DO CARMO

A MISSÃO (1)

saciai-vos formigas
ladras de comida
da igreja do Carmo

é chegado
o reino
de aquário

comei a madeira
de lei
do oratório

depois ajoelhai
a frei João de Deus
no confessionário

CANTIGA DE CEGO NA ESCADARIA DO CARMO (2)

(a)
quem dá vintém
não ama ninguém
quem dá milhão
tem bom coração

(b)
de olhar aberto
vejo a escuridão
a estrela é o deserto
jesus o clarão

(c)
ó minha amiga
venha se salvar
abra a mão de figa
deus vai lhe ajudar

(d)
o pior cego
é aquele que vê
mas não tira o prego
do pobre a sofrer

(e)
põe a mão na massa
engrossa o mingau
a audácia dos bons
é a falácia dos maus

(f)
quem tem nó no ego
esquece os seus
a luz do cego
é o olho de deus

AS NÚPCIAS (3)

as brancas noivas de cristo
exibem na pele os ritos
que o invisível contato
do amor ferem-lhe como cactos
oram ardentes sob os véus
ao bem amado dos céus
os dedos na cura da ânsia
friccionam as alianças
manequins de valentino
excitam o eros divino
o puro amor entre os flancos
queima-lhes os sorrisos brancos
desfilam puras as primícias
de um jardim de delícias
mesmo na santa distância
efetua-se a transferência
as brancas noivas de cristo
exibem nas faces o suor
recompensadas do rito
que lhes maquila o amor
a virgindade que as inflama
recompõe-se à luz da chama
ruborizadas as amadas
vestem as almas desnudadas
exercitam o verbo amar
sobre o leito do altar

SÚPLICA DAS ALMAS PIEDOSAS (4)

um pouco de carinho
pra quem é sozinho
café e biscoito
na missa das oito
alma de cocada
pra ser abençoada
um doce e um queijo
pra quem orar sem pejo

PRECE ACESA (5)

escrevo pra dormir
e o sono não vem
escrevo pra sonhar
e o pesadelo nem

insone diurno
— o olhar na treva —
teço taciturno
a noite na mesa

buracos do sol
rasgam o céu dos olhos
triste si bemol
máscara in-fólio

escravo pra dormir
e da luz refém
escrevo no sonho
o sono que não vem

olhar sem colírio
o poema em pus
pinga em meu delírio
o sangue de Jesus

O SONHO DE JESUS (6)

doçura seduz
mergulhei na luz
guaraná jesus

bebi em jesus
o sabor da luz
guaraná jesus

verdade reluz
doei-me a jesus
guaraná jesus

espírito alcaçuz
renasce-me na luz
guaraná jesus

confiteor:

afasta de mim e cale-se
bebe o santo cálice
guaraná jesus

LA FAMIGLIA (7)

nas paredes do convento do carmo
entre o reboco da fé e a construção
dorme um poderoso chefão

santo espírito do ócio
almas são o seu melhor negócio
pra não cobrar comissão

filme de sérgio leone?
exército brancaleone?
segredos de confissão

são vicente corleone
acima do bem e do mal
é poderoso e benquisto

qualquer dívida capital
empenha o crucifixo
e salva as almas pra cristo

SALMO PARA UM NOVO TEMPO (8)

o amor que o sangue viceja
reclama à vida a alegria
cristo morre nas igrejas
a arte nas academias

que canto encanta a tristeza
com o rosário de agonias?

cristo morre nas igrejas
a arte nas academias

até que tempo ó tristeza
serás templo da poesia?
cristo morre nas igrejas
a arte nas academias

excomungai a tristeza
santificai a alegria
cristo morre nas igrejas
a arte nas academias

verdade mãe da beleza
abençoi vossa cria
cristo morre nas igrejas
a arte nas academias

ó verbo louvado seja
restaura em nós a alegria
renasce ó cristo as igrejas
a arte nas academias

A CEIA TROPICAL (9)

todos comparecerão:
cajá pitomba e mamão
a laranja e o limão

todas as cores virão:
vermelho verde açafrão
até o cinza da estação

só o violeta *in natura*
cor da uva e da amargura
faltará aos votos crísticos

por relembrar em suas cores
a natureza das dores
dos tristes mistérios cítricos

OFÍCIO CÓSMICO (10)

desde a cruz do início
atraíste-me ao círculo
teu divino ofício

foste/és meu solstício
ciência e abismo
sol flor dentifrício

planeta em comício
ferido no infinito
eis-me a teu serviço

pregado em martírio
na láctea via crucis
sou o teu crucifixo

RETRATOS FALADOS

EDITAL PERFUMADO DA CASA CHRISTIAN DIOR (a uma francesa equinocial)

eu
Jane Dune
musa
da *parfumerie* Dior
declaro cinco gotas
de essência
do mais puro amor
a Luís Lavanda Inglesa
em cujo corpo
brilha o meu suor

COMPANHEIRO MAGNO

1
ele não veio de Harvard
nem das calçadas da fama
mas iluminava as salas de A.A.
com pinta de barack obama

tinha o sonho à luther king
ginga de djalma santos
fôlego de b. b. king
montado em sapatos brancos

sapateiro igual bohème
remontava novas crenças
anônimo ludovicense
fazia brilhar as consciências

prisioneiro como mandela
vestiu a roupa do presídio
o alcoolismo foi sua cela
a liberdade o seu grito

nos ombros recolhia em casa
os embriagados do mundo
colava-lhes coragem e asas
retornava-os sóbrios e fecundos

e quanto mais vergava a espinha
salvando secos e molhados
reerguia-o a misericórdia
com o sol do transfigurado

ele só pedia 24 horas
de humildade
ele só queria 24 horas
de sobriedade

ave magno o amor é a tua lei
boca do sol língua do céu
tenor principal imago sei
vox populi vox dei

2
seu nome
não brilhará
no neon

seu busto
não ornerà
o pantheon

3
quando o orgulho
se ajoelhar
à humildade

e o egoísmo
prestar serviço
à coletividade

companheiro magno
será nome de avenida
na cidade

mas até lá
outra será
a humanidade

SERMÃO/SERÃO
A ANTÔNIO VIEIRA
(pra cavaquinho & cavaquinha)

1
um compunha sermões
o outro: serões

2
um regava a flor do lácio
inculta e bela

o outro colhia no laço
a rosa amarela
um era empautado
nas cordas do violão
o outro tocava piano
na santa inquisição

3

um fazia plantão pra deus
rouco no convento
o outro cantava na madre deus
montado num jumento
um dava coco
o outro cocada
um supliciava-se com pião roxo
o outro coalhada

4

um amava o porto
o outro o portinho
um era papos de anjo
o outro sopa de banjo
um tirava samba
de uma nota só
o outro era bamba
em lábia rococó

5

um era algodão doce
o outro açúcar queimado
aos peixes fazia sermão

o outro: pirão
um pregava a castidade
o outro a castidade
um encantou-se
o outro cantou-se

6
e assim os dois solteirões
reescreveram as lições
mixando português castiço
pandeiro e chouriço
contra a estória de drummond
tiraram único som
um virou sábio barroco
o outro santo de barro oco

7
à noite tocam modinha
com cavaquinho & cavaquinha

RITA BENNEDITTO

maria-chiquinha
pitêu de pitó
musa-bruxinha
fada de gogó

boca vermelha
tetêu de bobó
com beijo e beiju
descola um xodó

tiete de açai
ó moronguetá
és o camarão
em meu cuxá

do oásis da voz
estancas a seca:
és a rapadura
em minha carne-seca

menina-serelepe
faz pro céu bichinho
e até o cristinho
arreia os estepes

meninas eu vi
a rita benneditto
depois de um mandi
abrir o berreiro

limpar o terreiro
ventar no pedaço
e emocionar o aço
das tampas de bueiro

e vi também sabiás
acenderem lamparinas
e revi loucos mortos
dançar nas casuarinas

mas também vi a rainha
da colmeia abelhinha
morrer de paixão
por um zangado zangão

e dizer em bom tom
a bela adormecida
que eu tirasse o batom
dos lábios da vida

RECEITUÁRIO POÉTICO
DE ODORICO AMARAL DE MATTOS
(escrito com mercurocromo
em nuvens de algodão)

A
odorico carmelito
amaral de mattos
olhar azulzinho
alma de puro linho
em nome dos pequeninhos
te batizo com leite ninho

B
lá vem o menino-sol
envolto na lã da luz
avia o xarope e o lençol
dobra o joelho do pus
e aos dodóis de terçol
receita o menino jesus

C
tremei famílias inóspitas
vacinai o mau carinho
correi doenças viróticas

tomai pouso em outros ninhos
eis que é chegado o pai bissexto
protetor dos passarinhos

D
odorico carmelito
amaral de mattos
quem desenhou em teu rosto
de porcelana da china
a alma gêmea de santa
helosine moreira lima?

E
no pai filho e humano espírito
consagro a paternidade
de quem ferido no peito
com as flores da piedade
carente em filhos no leito
acolheu a humanidade

A CASA DOS ESPÍRITOS
(O Batismo da Cruz sobre a Foice e o Martelo)
*a Maria de Jesus Carvalho
e Maria Aragão*

1
duas marias
cheias de alegria
uma era espírita
a outra: comunista

duas mulheres
cheias de graça
duas mulheres
contra a farsa

duas marias
de luz
duas marias
da cruz

2

uma jejuava
na revelação
a outra comia
a revolução

uma era maria
de jesus
a outra: maria
aragão

uma confiava
no céu
a outra confessava
ao chão

3

uma pregava
a luta de classes
a outra: o amor
face a face

uma iluminava
a consciência

a outra partejava
a inocência

uma à esquerda
de jesus
a outra: à esquerda
da luz

4

na casa dos espíritos
maria de jesus lavava
na casa dos aflitos
maria aragão passava

uma confiava no coração
a outra: na cor da ação
uma distribuía chinelos
a outra: foice e martelo

duas marias das ruas
passando a vida a limpo
duas marias sol e lua
jogando a miséria ao limbo

5

assim as duas marias
grávidas de compaixão
findaram os dias
na mesma oração

uma era maria
de jesus
a outra: maria
aragão

uma foi rindo
pro céu
a outra: sorrindo
ao chão

SANTA ALMERINA

1
almerina
não fazia mal
a uma mosca
ave rara:
amava moscas
e formigas
e invocava são paulo:
“tudo serve
para a glória do senhor”

2
miopia
de 8 graus
não enxergava
feiura na vida
(por precaução
olhava-se pouco
ao espelho)

3
milagre dos peixes
multiplicava o salário-mínimo

num celeiro-oceano
de possibilidades
alimentava 9
bocas famintas
3 vira-latas órfãos
uma gata caolha
chamada “tola”
e o papagaio mudo
da vizinha

4

quando morreu
a filha mais velha
almerina economizou
as lágrimas
(havia crise de abastecimento
de leite em pó
lágrimas em pó
verdade em pó)
e agradeceu a cristo
tê-la levado antes
pra que a filha
não sofresse

5

quando teve câncer
apaixonou-se pela doença
e a tratou com tanto carinho
q a moléstia compadecida
concedeu-lhe o privilégio
de muitos anos de vida

6

especialista
em boas ações
doutora *honoris causa*
por alguma universidade
independente do céu

7

santa almerina
padroeira
das empregadas domésticas
e precursora
dos santos anônimos
em cujos pés
as labaredas das chagas
são tomates vivos
pisados no asfalto

SÃO JOSÉ FRANCISCO DAS CHAGAS
(Ofício Matutino)

idênticos aos heróis da bíblia
da europa medieval
que destruíam laços de família
por amor ao pai celestial
os peregrinos de são luís
nesta idade pós-moderna
são humildes aprendizes
da poesia — glória eterna!

são franciscos e antônios
vivendo em íntima pureza
exorcizando o demônio
dos seus irmãos de pobreza!
esculpem na carne o verso
quais incendiários lírios
como se as chagas do terço
curassem ao povo o martírio!

ofertório:

deus marcou os anacoretas
com o raio de sua devoção
em josé chagas — profeta —
poesia é o estigma da mão!

À SOMBRA DOS BACURIZAIS EM FLOR

Ensaio metalúdic
sobre a Poesia & os seus cultores
de cabeça-dura
como a casca do bacuri

MUY LOCO

de barro e oco
todo bardo
tem um pouco

de bardo e pouco
todo coco
tem um troco

de bar e oco
esse povo
é *muy loco*

A LÍNGUA DE SOUSÂNDRADE

decepção altissonante
dizer que o guesa ao errante
seria lido à revelia
de anódina misantropia;
corrija-o urgente a poesia
com o espólio do anunciante;
50 anos — ó bacante —
500 anos é o bastante!

O ANJO EXTERMINADOR

poeta é quem estilhaça
horizontes
dynamitando (atrás de si)
as pontes

e inaugura beleza
nos cataclismos
colhendo a pura rosa
dos abismos

COCÔ FILOSÓFICO

senhores e senhoras
rendam-se
às evidências:
as pérolas mais raras
cocô e poesia
vêm das vísceras

ROYAL STREET FLASH

poesia não se faz
com ideias e palavras
ilustre centopeia
água constelada
poesia se faz
(*paideia* sem peias)
com ideias-palavras

QUEIXA NA DELEGACIA DA POESIA

a emenda é melhor
que o soneto
a remenda é pior
que o sexteto
a merenda chegou
só em soweto

O ARCO-ÍRIS MOLHADO

piracema
pira a cena
piracuruca
piranha-fêmea
miss iracema
assanha as penas
desova a chama
pirão de temas
piracanjuva
bagre de chuva
no céu dourado
pinta o pintado
(emerge à tona
o peixe-poema)

PRIMEIRAS IMPRESSÕES DO BARDO

quem me vê ascético
ou peripatético
(uns dizem: profético
outros: morfético)
c/ melancolia ou azia
sequer imaginaria
que dentro da agonia
sou um pouco buñuel
tiro mel do fel
e faço poesia

ARTAUD

não adianta revelar
a tomografia computadorizada
do poema

inútil investigar
sinais de desintegração psíquica
do poeta

na vigília e sono da loucura
sei apenas ser
inútil coisa ultrapassada

CHARLES CHAPLIN

o metrô
é um sanduíche de metro
passando *ketchup* nos trilhos

o avião
é um gavião elétrico
carregando no aço os filhos

à guisa de minério
guisamos o ferro
comemos ferro-gusa

a poesia
é o incêndio da beleza

A COISA

igual à agulha
ferindo o dedo
desenha na pele
a rosa
o poema
explode em fagulhas
(miolos à mostra)
a prosa

poema (não fique
roxo ou rosa)
é dedo de preso
não dedo de prosa
não cabe ao poema
a prova do ônus
o ânus da prosa

OS POETAS TAMBÉM AMAM

geração 22
geração 45
entrou pelo bico do pato
saiu pelo pico do pinto
a poesia manda dizer
pra chamar a 7,65

saque a pistola
vá dançar na festa
3 buracos de balas
cavarei em sua testa

my name is luís cassas
escrevo c/ bala de prata
a poesia não perdoa
mata

PERSONA

coperfield dos lúdicos
nostradamus dos incógnitos
mandrake dos tímidos
robin hood dos exaltados
batman dos excluídos
besta dos 400 apocalipses
alquimista dos enrustidos
super-homem dos constrangidos
orfeu das conceições
fernando pessoa da multidão
mártir das gafeiras

as máscaras deponho:
meu rosto é o sonho

BULHUFAS

morrerei no poema
excelsa estafa
efeito estufa

brochado príapo
no sexo-alfafa
e suas pantufas

morrerei no poema
o poema será pó
a ema ficará só

in-verbis biruta
jonh donne-clone
goza bulhufas

AS CARAMBOLAS

idêntico ao voo das codornas
em seu trajeto às estrelas
cava o teu caminho irmão
se a poesia não te transforma
esquece ao ferro as bigornas
outra arma escolhe à mão!

MANIFESTO AOS POETAS

digam não
aos babacas e aos fósseis
lancem ao chão
burocratas e beócios
ouçam com atenção
o germinar do ócio
sejam vocês irmãos
o seu próprio negócio

ÚLTIMO TEMA

quero morrer
em cima do poema
igual à mulher
que dá luz ao bebê
e sai de cena
e tornar a viver
sem mágoas e penas
vida a conceber
não outro ser
mas novo tema

A ESTÉTICA DO CALOR

A ESTÉTICA DO CALOR

sol do maranhão
acende a fogueira
em meu coração

concede equador
ética ao calor
fogo e proteção

expulsa a frieza
depura a beleza
da imaginação

eleva-me às alturas
da temperatura
da iluminação

de suor tinge-me
mas salva as meninges
bendito clarão

POSTAIS DOMICILIARES

já morei no céu
à rua rocha pombo
dava com deus de ombro

lá tirei o breu
vindo de afogados
os pecados lavados

na rua das hortas
nu dos sete véus
fazia sexo às portas

mas o anjo gabriel
na rua dos pintassilgos
deu-me novo umbigo

aqui na rua mitra
o diabo tira o chapéu
o pecado me habita

HORÓSCOPO DA CIDADE

Netuno lotará as igrejas de mendigos
Saturno dará baixa em reservistas
Plutão matará alguns políticos de circo
Urano tentará evoluções na avenida
Vênus esconderá a marca do biquíni
Marte trocará de academia e namorada
Mercúrio dirá algumas inconveniências
A Lua dançará um tango com seu reflexo

O Sol será para todos

INVENÇÃO DA CHUVA

a vida inteira amei a chuva
como platão amava os elementos
e nietzsche o espírito do vento

protegia-a da fúria dos relâmpagos
deitada em lençóis de aquecimento
aberto exemplar de “o ser e o tempo”

na horizontalidade de suas curvas
o abajur nos acendia os corpos
incendiária musa em “novecento”

partia úmida e em contentamento
lágrimas nas vidraças a mona lisa
no verão do meu desfalecimento

TAMBOR DE CRIOULA

nigéria-cambraia
vesúvio de saias
castanha-de-caju
áfrica-sereia
negra incendeia
torna-se azul

A LONGA NOITE DO POETA

a Ivan Junqueira

que incêndio ou prece
lavra em pleno quarto
girassóis na face
do meu sobressalto?

que estranho van gogh
pintou esse fogo
embuste do logos
mistério do logro?

queima-me os lençóis
queima-me o peito
acende os seus sóis
de napalm no leito

quem riscou o fósforo
do insano milagre
— escrita no bósforo —
consciência em zinabre?

quem ateou o fogo
e alteou a centelha
assando-me no lago
da mais ígnea ceia?

é o aflito deus
que preside em mim
as glórias do céu
do inferno o estopim

é o anjo e demônio
— mistério e mister —
milagre do ozônio
fero lúcido!

é o santo verbo
com seus mil neurônios
cozinhando os nervos
fritando-me os sonhos

lança apocalíptico
diesel ao madeiro
desfila alegórico
o corpo de bombeiros

explode os ritos
da água pesada
imprime no espírito
sua fúria sagrada

assa-me em brasas
a carne e o poema
renasce-me as asas
no fogo dos temas

soca ó arrozal
teu pilão de sol
purifica o mal
lepras do arrebol

cicatrizo o fel
nas chamas do *laser*
derrama o mel
na taça do ser

sopra tua luxúria
cavalos de força
acende a fúria
dos puros na força

quem inventou o poema
bicho ou deus da noite
elegue a pena
sol maior que a foice

enquanto arde a messe
sua espiga fáustica
o corpo amanhece
em vigília cáustica

deixando entrever
no inflamado bonzo
a glória do ser
em línguas de gozo

acendam ó meus sóis
pela vida inteira
chamas dos faróis
temas das fogueiras!

CABEÇA DE CAMARÃO SECO

(O Discurso das Barbearias)

a física teórica
descobriu c/ precisão
q as estrelas tomam chá de sumiço
ilusão meteórica:
o cemitério do gavião
há muito sabia disso

social vira-lata
repartia as migalhas
de batata palha
não nasceu mendigo
nunca foi mendigo
era o supermendigo

mar cinza em simpósio
ondas discutem o contágio
do banhista sujo de ódio
sol forte em liquidação:
o sódio cobrará o ágio
na epiderme do verão

guerra e paz foi
a de leão tolstoi
nosso escritor zen
doou todos os bens
e morreu de gripe
na estação do trem

quando se procura
agulha em palheiro
encontra-se milheiro

a diferença entre um chinês
e um tailandês
é o seu pequinês

perdão: pintai e vede
é a melhor tintura
de parede
narciso: o egoísmo
é o porta-estandarte
do abismo

matai as formiguinhas
trucidai as formiguinhas
principalmente as vermelhinhas
bando de sacaninhas
capazes de torturar
c/ dores fininhas

enquanto o estômago
fabrica no âmago
o sumo da vida
os camarões ancestrais
aos intestinos lerdais
dão partida

canalhas e puros
tem cabelos brancos
poetas amém
sobre a *big*-noite
pálido sol branco
despe o seu harém

vem sofrimento
deitemos no cimento
ao relento

a tua dor
jamais passará no tempo
só no vento

nada penduro em prego
a não ser o ego
o resto: renego
colando fragmentos da foto
com goma arábica
percebo como és estrábica

clarear vidraças
nos prédios da rua
cansa o super-homem
vertical audácia
é espanar a lua
do egoísmo do homem

verdes azuis paisagens
o leão da metro pasta
cleópatras-miragens
vermelhos mares *in-fólio*
brad pitt superman rasta
são os seus olhos

detesto o inferno
temporadas gris
roupas de inverno
antes são luís
mulheres mis
o fogo eterno

MERCADO CENTRAL

o que penduram
esses açougues:
bois em amargura
porcos e bodes?

quem se tortura
nos crucifixos:
o olhar e as úlceras
homens ou bichos?

quem exhibe os bofes
— filas guerreiras —
são os magarefes
com suas peixeiras

quentes cadáveres
troféus do fim
pobres mulheres
herdam-lhes o rim

triste carniça
o sol nas feiras:
beijam-lhe as vísceras
as varejeiras

LAMENTAÇÕES
DOS JARDINS DO ROXY*
(profecia de joana de deus
louca do senhor)

*“circuncidai-vos para o senhor
cortai o prepúcio de vosso coração”
jeremias*

a Alberico Carneiro

1

banhado em sexo e suor
abaixo do equador
ergue-se a visão-nô
de evangelho-pornô

2

o gênesis e o apocalipse
conjugam o eclipse
e o tigre e o eufrates
naufraçam no letes

3

jerusalém do logro
babilônia que se enfeita
aos mil maridos e deita
na multimídia do gozo

4

eis a cidade-louca
artilharia do coito

gigolô e prostituta
fazendo o *strip* da 18

5

lacrados os jardins do éden
o amor vendido pro egito
inaugurou à hora *seven*
o paraíso de vícios

6

aqui os filhos do céu
armados de moto serras
sangram ao pólen os gineceus
ferindo o ventre da terra

7

aqui o falo e a língua
despetalam heliotrópios
que entoam ladainhas
pelas trompas de falópio

8

quem sugar os azuis mamilos
dos guardiões de silicone
ganhará dez mil bacilos
da porca em seu sujo nome

9

faça-se a noite e a vagina
faça-se o sexo sem *love*

fumegue a carne às terrinas
goze-se *ora pro nobis*

10

sacrossanto santo sacro
sepulcro do corpo bendito
sepultai o santo falo
no cálice do infinito

11

cidade do gafanhoto
templo da água pesada
restou à urbe algum puro
pra salvar a meia-morada?

12

bateu tambores de são luís
sobre os jardins do roxy
conjurai a meretriz
que se esvai em mel e tosse

13

afogai ó boqueirão
as luxuriosas termas
apagai o grão-vulcão
que lhe jorra entre as pernas

14

fúria de anjo vingador
longa-metragem de goya
corta a raiz ao estupor
frita o ovo da jiboia

15

súbito o aríete de deus
bem na esquina de afogados
arranca-lhe os sete véus
tomba-lhe todos os pecados

16

é a virgem da conceição
mater santa e dolorosa
rastilho da procissão
quem acende a fé da pólvora

17

eis a casa do escorpião
explodindo pelos ares
como se o sino de são joão
lhe arrebentasse os pilares

18

lavai os olhos de breu
curai ao sol velhas larvas
filial do reino de deus
vai morar em tua casa

19

sobre essas cinzas que vão
virar pó em outras estônias
nascerá nova são
com o sermão de babilônia

Em junho de 2012, a Prefeitura da Capital após reformas e adaptações,
inaugurou no local o Teatro da Cidade de São Luís.

CORDEL DA MULHER INFIEL

a mulher infiel
só usa filtro *fiel*
gosta do bigode de fidel
mas seu coração é bordel

a mulher infiel
é pura como cascavel
mas é extremamente fiel
à sua marca de gel

a mulher infiel
personagem de noel
esquenta como pastel
mas todos querem o pitéu

a mulher infiel
é vidrada em bechamel
mas tem um sonho à gardel
dançar um tango no céu

SÉCULO XX

(A última sessão do Cine-Éden)

meu avô e minha avó
nunca falaram a meus pais
a palavra amor
(estavam sempre ocupados)
meu pai e minha mãe
nunca disseram a seus filhos
a palavra flor
(julgavam ser desnecessária)

meus irmãos e cunhadas
nunca falaram aos meus sobrinhos
a palavra calor
(estavam sempre apressados)
meus sobrinhos e esposas
nunca falaram a seus filhos
a palavra sóror
(nos manuais está arquivada)
por economia ou hábito
nunca falei aos meus filhos
a palavra suor
(estava sempre envergonhado)
e assim todos continuam
a não falar a seus filhos
a palavra flor
(a moda está ultrapassada)
mas à tarde nos cinemas
todos os que não falaram
a palavra amor
soluçam abafados

O PALHAÇO

(O Homem que Ri)

ó alegria
vingança do ridículo
salva os palhaços
do circo

ó alegria
kamikaze do insólito
extermina a agonia
do plástico

vem tragicômica
nux vomica
gargalha a risada
tragédia da lágrima

fecha o siso
genocídio do riso
libera o ópio
fetiche dos trópicos

embora detrás
da máscara de carne
um orfanato ambulante
cante no palhaço

o santo canonizado
no antiácido
protege-o do humor negro
do fracasso

ó alegria
brincas sem dó e piedade
mas és a melhor fantasia
na careta da humanidade

BONITO

bonito é o céu
bonito é o mar
bonito é a feia
de madagascar

bonito é a linha do equador
penetrando a ilha com amor
bonito é o espírito em flor
girando na casa de nagô

bonito é a mulher faceira
na cama de cada dia
bonito é falar besteira
com sutil sabedoria

bonito é a casa branca
pintada de vermelha
bonito é a bomba atômica
caindo de velha

bonito é a riqueza
se na cama dá no couro
bonito é a pobreza
e o seu coração de ouro

bonito é rimbaud e clarabela
o caos e a poesia
bonito são as coisas simples
vinagreira e virgem maria

bonito é o céu
bonito é o sal
bonito é a madre deus
em pleno carnaval

&
ajustem os olhares
às cores das telas:
todas as coisas
são belas

DAS CONEXÕES

dizem que quando um guará
corta os céus do maranhão
e uma baleia se move
no mar do japão
invoca-se a grande conexão
pois tudo está interligado
em cima no meio e embaixo
e a criança e o elefante
a rosa e o centauro
atuam no mesmo palco
do cósmico anfiteatro

CONFIDÊNCIA MINEIRA (ECOS NO LARGO DE BEQUIMÃO)

traído
enforcado e esquartejado
salgaram
a minha carne
e penduraram
aos quatro cantos
o
cordeiro de minas
mas
os supermercados
(antes que fosse tarde)
revenderam-na aos mercenários
q mastigaram envenenados
a liberdade
e a
sina

QUASE

Somos a alma gêmea
do desejo e da carência
Quando estamos distantes
eleva-se seu colesterol
dispara minha glicose
e não nos sentimos cuidados
Mas quando estamos juntos
um rio de vinagre e mel
atravessa nossos lábios
e a necessidade põe a mesa
Ela diz: “Sem ti
em minha vida muito sofro”
Retribuo-lhe a gentileza: “Nosso
amor é oitava de temperança”
E assim rumamos embriagados
de beleza e esperança

FLUXOS E REFLUXOS DO ETERNO

Uma onda de Deus
varre a cidade
Drogado se recupera
egoísta doa o coração
aleijado torna-se artista olímpico
cão reencontra o dono
compulsiva faz voto de silêncio
mudo canta nova canção
À solta a pomba
ensaia nova ronda

OS APOSENTADOS DA BRUMA

a Valdelino Cécio

mortos só vivem em cemitérios
dias de visitas e ocasiões especiais
vestem (então) a camiseta de estimação
banham-se de colônia inglesa
extraordinariamente cortam as unhas
bronzeiam-se sobre as lápides

e se preparam (britânicos)
sem lágrimas nos olhos

depois recolhem-se à vida mundana:
shakespeare em papel-bíblia
e limonada gelada

mortos em dias úteis
(só os vivos são de ferro)
passeiam nus no parque
picham paredes no museu
penetram no cinema sem pagar
comem batatas fritas
como não estão vivos
podem permitir-se chopes vários:
o corpo não acusa a barriga
nem a pressão alta

no mais ávidos e peraltas
aumentam o lixo dos dias
jogam no bicho apostam em galo preto
empinam papagaios nos bancos
declamam aretino nos becos:
vivem a sua vida de extravagâncias

ECLESIASTES TROPICAL

a Zequinha Boemia

tempo de murici
cada um cuide de si

tempo de cajazinho
saíam todos de fininho

tempo de pipira
hora de soltar as filhas

(cuidado com a maconha
ó maria antônia)

tempo de ladainha
passem o peixe na farinha

(chamem logo o capelão
pra espantar o ladrão)

é tempo de esperteza
valei-nos d. teresa

SAUDAÇÃO AO SOL

“dinheiro
não compra
felicidade”
dizem (com orgulhosa
humildade)

os pobres
da minha cidade

“pura verdade!”
concordam os ricos
uníssona solidariedade
lançando fora o chicletes
à látex-novidade

campeões em originalidade
riso no quitandeiro
eis os nobres-pobres
e sua contribuição ao terreiro:
“felicidade
é quem compra dinheiro!”

FORRÓ DO BATIZADO

os homens do pau deitado
e as mulheres do quebra pote
engatam um forró forrado
cavalcando um fox xote
é a festa dos encantados
mistério de santo onofre
em que os mais necessitados
roubam a esmola do cofre
os homens amolam os serrotes
cavoucando no arvoredor
eis que a cobra dá o bote
rompe a caixa de segredos
cresce à noite o rega-bofe
serve em pé o rala-bucho

saracoteia o garrote
desbastando o negro arbusto
passarinho quem mandou
botar as asas de fora
andorinha se soltou
sabiá é do mundo agora
baião de dois vira três
no amanhecer do reisado
choro novo geme a rês
chamando pro batizado

RUMO À ESTAÇÃO SATURNO

o tempo é preciosa invenção
dos fabricantes de relógios suíços
vendem ampulhetas de ouro aos executivos
pra cronometrar as belas manhãs do mundo

é o ágio dos construtores imobiliários
vendendo a alma a prazo ao diabo
repassam dores a perder de vista
aos condôminos babélicos e tristes

é a concessão aos floristas de plantão
embarcando flores azuis de amsterdã
às 5 da manhã
pra moça da alfândega não morrer de tédio

é a dimensão psicológica dos artistas
reinventando o azul onde era o abismo
é o modelo do tédio dos ascetas
recolhidos ao himalaia do silício

é a alegria confiscada ao arco-íris
pelos atacadistas da esquina
é o esporte predileto das estátuas:
o livre pensar da água

o tempo é um carneiro envelhecido
gritando nos matadouros da eternidade
é cortesia aos turistas
patrocinada pelos agentes de viagem

é a merchandagem dos agentes funerários
vendedores de céu de primeira classe
é uma gentileza aos especialistas
ávidos do todo grávidos da parte

é o calendário (sem prazo) da agonia
esgotando suas possibilidades
é o cavalo enfurecido da vida
batendo o recorde do próprio galope

ó cronos em tua aparente desordem
no complexo caos de tua ordem
engendras o amanhã o hoje e o outrora
mas o teu tempo é o infinito agora

O GAMBÁ

de âmbar
o gambá

coossaco-
casaco

versolato
do mato

nem lontra
o afronta

john fante
elegante

mas o perfume
francês

espanta
o freguês

MOSCA ZUMBINDO NO OUVIDO DO POETA

um avião zuuummmbe
estridente em meus ouvidos
fosse estátua da liberdade
teria as honras da humanidade
avião da 2ª guerra
deve ser modelo ultrapassado
o não supersônico *kamikaze*

nunca imaginei na biografia
de herói recauchutado
ser bombardeado sem piedade:
sou londres sitiada
na biblioteca do banheiro
vietcong encurralado
na sala de estar

sua fuselagem anfíbia
não permite distinguir o sexo:
é macho ou fêmea
o torturador implacável?

vento nordeste à toalha:
estatela-se o danado
no chão do banheiro molhado

peito cheio de medalhas:
mais um poeta salvo a contar
a sua versão pra história

PMSL

sou o caminhão de lixo
prefixo à disposição

singelo ofício: a digestão
dos restos de virtude e vício
ou os intestinos da cidade
não evacuarão

mastigo processo
trituro o estrupício
mas em noites de verão
sonho longos interstícios
o que deleto *ab initium*
por dever de cidadão

apesar da aparência
tenho a consciência limpa
e sei bem a essência

das classes distintas
conheço o podre
das feiras e homens
e o lixo graúdo
que de si escondem

aspiro à nobreza
de recolher o lixo
dos que nada comem
e reciclar o bicho
a estranha natureza
do coração do homem

POSTE C/ ERVAS (das especiarias tupiniquins)

canibal
nativa

carnaby
ativa

cannabis
satva

PADARIA SANTA MARIA

há os que se quedam na igreja ao lado
pedindo pão a antônio e teresinha
mas aos cristãos da rua dos afogados

a hóstia sai do forno bem quentinha
salva aos fiéis jesus no atacado
santa maria e as suas bolachinhas

LAMENTO QUATROCENTÃO

o lado
sombrio
da força
não seduza
os meus sobrados
e santos
de porcelana

400 ANOS

indague
(jamais)
a idade
a uma
velha cidade

nouvelle vague
(nos vitrais)
sua juventude
é a
eternidade

**A CEIA SAGRADA
DE MÍRIAM
Oferenda
Lírica (2010)**

À minha mãe Míriam
que foi é e será
o sol estrelado
nas bandejas de café
sobre as manhãs de linho branco
do ofertório do mundo

O CORAÇÃO NA MESA

A Supermãe. A Terra Amada. A Árvore da Vida. Antes de tornar-se respeitável senhora, modelo de beleza mais próximo de Rubens que de Modigliani. Não era bom que uma leonina estivesse só. Então a vida fez seu arranjo. Despachou um taurino de encomenda. Míriam e Araújo casaram-se e vieram pra São Luís. A Árvore da Vida ensaiou os seus frutos. Cinco vingaram — Augusto, Mariano, Antônio, Míriam e Júnior — pulando galhos, escorregando na folhagem, tombos ao chão.

Na saúde e na doença, na alegria e na tristeza, mamãe estava lá. Tempo de vacas gordas ou magras, estava lá, administrando o rebanho. Reservada. Transitando em seu universo mais velado que explícito. Sacerdotisa da Estrela. A claridade do implícito. Anônima de si. Doando-se a toda a família em pensamentos, sentimentos, palavras e obras. A generosidade sem limites. O amor em ação.

Enquanto o mais tarde desembargador brilhava nos palcos, mamãe, leonina, fazia da casa o seu reino. Papai educava-nos na biblioteca. Ela, mais sedutora, desenvolvia o seu arcabouço pedagógico-gastronômico com incrível poder de fogo. Naturezas vivas da cozinha árabe, italiana, brasileira, maranhense, com seus rituais de intervenção e invenção. Herdamos fundamentalmente a nutrição binária na construção da identidade: saber e sabor.

Mulher-maravilha. No ginásio me disseram: “Tua mãe é gostosa”. Dei e apanhei, não nessa ordem. Foi minha cúmplice nos primeiros cigarros, no jeito envergonhado de ser, na incapacidade de receber elogios, nos traços fisionômicos e no vício de roer unhas. Após um acidente automobilístico na juventude, dediquei-lhe um poema, driblando a sonoterapia:

Mãe quando a senhora me embalar
(como fazia quando criança)
peço por favor imploro de joelhos
não seja indiscreta como toda mãe é

Pergunte pelo meu lirismo meu alcoolismo
minhas rusgas e rugas
indague por tudo:
menos pelo hábito de roer unhas
(Isso eu não posso lhe responder)
Pode ser apenas o sentimento antropofágico
a solidão onicofágica
de ver tantas crianças pobres
roerem como bichos detritos de latas de lixo
e minha mãe eu não poder fazer nada
absolutamente nada
Esqueça tudo isso
Fale de brinquedos da cartucheira de *cowboy*
balanço gangorras e sorvete de chocolate
até de Flash Gordon e de pudim de macaxeira
Agora peço somente à senhora
que me embale
Que eu quero dormir... dormir...
E esqueça por favor o resto
Principalmente as minhas unhas
Deixe-as como estão

Sabia da necessidade da alegria. Na vida — discordando de Aristóteles — elegia a comédia o gênero mais importante. Equilibrava Marta e Maria. Notória era a sua devoção no altar doméstico onde atribulava os santos com pedidos familiares de graças. Escondeu-se dos seus aniversários até a sexta década. Depois gostava de comemorar. Colo grande: criou-me, criou minha filha Carolina e o meu neto Gabriel. Tornou-se sagrada para nós pela capacidade permanente de sacrifício em favor dos seus.

Quando viajo, lembro-me dela, a rainha do lar, como num quadro de Roberto Magalhães — o coração na mesa. Era lá na mesa de jantar adaptada e transformada para espetáculo de humor, consultório sentimental, discussões existenciais, confessionário, guerrilhas familiares, pano de buraco e crapô, que ela exercitava seu poderoso arsenal

de conhecimento. O amor como alimento. O alimento com amor. Foi lá que eu lhe disse — “Miruca, tô pensando em publicar um livro com suas receitas” — desconversou, envergonhada.

Em seu aniversário de 77 anos, julho de 2009, estava feliz. Uma semana depois o terremoto. Placas tectônicas moveram-se bruscamente na profundidade de sua mente, abalando-a e a todos nós. Cuidada pelos seus, submergiu no escuro silêncio do implícito e do inconcluso. Meses depois, Pablo ligou-me de sua casa — “Pai, vovó quer lhe falar!”. O anjo da lembrança acendera-lhe breve *spot* em meio à tormenta. — “Augusto, cadê o livro?”. Na confusão em que nos envolveu a sua doença, as receitas constituídas de material oral não foram organizadas. Mas eu havia escrito um ciclo de poemas sobre ela. A ideia original fora alterada. Mas restou o que de melhor a minha disponibilidade amorosa pôde realizar.

Eis aí o livro, Mãe.

L. A. C.

A CEIA SAGRADA DE MÍRIAM

Mamãe foi o prato mais apetitoso
nos almoços de domingo em família
Sorria como o desejo em flor
assada na maçã de nosso ardor
devorada nos quintais da alegria

Consumida pelos filhos e netos
e pelo marido (q enquanto viveu
coube-lhe o melhor pedaço e a ambrosia)
não houve dia em que nos recusássemos
a mastigar-lhe a presença macia

Mamãe alimentou espiritualmente
todos os membros gulosos da família
a uns dava tetas e colo a outros bolso
enquanto alguns nutria a puro leite
por sua grande intimidade com Maria

Seu altar era a mesa farta
onde sagrava o banquete das terrinas
Não nos deu pedra quando lhe pedimos pão
e quando famintos reclamamos: ágape!
fez das tripas coração

Hoje as mães são independentes
não se fazem mais almoços de domingo
como nos quintais de antigamente
em que as leitoas cantavam em fogo brando
as melodias do puro amor ardente

Nessa hora revejo a minha mãe
de todas a mais bela e a mais carente
tornada filha de seus filhos e seus netos

lendo a sinopse das sinapses de A a Z
tentando dar sabor a seu presente

O nosso canibalismo amoroso
possa nos devorar em sacrifício
restituindo o significado de sentido
àquela cujo exercício dadivoso
consumou-a a ceia no espírito

HINOS A MÍRIAM

celebrai-a c/ flores
figos damascos e maçãs
fumegar de incenso e iguarias
tamborins cânticos e flautas

— não a Míriam
oráculo hebraico
pitonisa / irmã
de Moisés e Aarão —

mas a outra Míriam
imã caseira
sacerdotisa / guerreira
e líder da tribo

que soprou
dragões e leões
sobre a cabeça
de nossa prole

e cantou em coro
com a outra a bíblica
às margens do Mar Vermelho:

“cantai ao Senhor
porque gloriosamente triunfou
e precipitou no mar
cavalo e cavaleiro”

2

celebrai-a c/ arroz doce
kaftas azeitonas e lentilhas
cirandas e guirlandas
foguetes e novenas

— não a Míriam-Rainha
filha de Joaquim e Ana
a bendita entre as mulheres
e Virgem Soberana —

mas a Míriam-Pequenina
filha de Lourdes e Felício
que desprende o laço
do materno vínculo

e sonha c/ o arco-íris
em cia. da Theotókos
após cumprir seu destino
junto aos seus fiéis discípulos

cante a alma da tradição
da Míriam terrestre à celeste
ao silêncio do coração:

“— mulher eis tua filha
acolhe-me em tua casa”
“— bem-vinda és amada
sê minha graça tua morada”

LIVRO DO ÊXODO

Devorar / dentes como punhais / a que nos gestou e pariu / o corpo
branco perfumado de ervas / assado em brasas e folhas de bananeira /
Devorar em ritos amorosos / o corpo da mama / pedaço por pedaço /
reivindicar os seios / os seios / os seios / o direito de primogenitura / não
só pelo prazer de incorporar o poder / a transmissão da energia / mas
fortalecer o ser / o ser / o ser / e a alegria /

Devorar vorazmente a carne / mais que a carne / o arco-íris da
tarde em chamas do corpo de Míriam / (ouvindo os tambores da ilha) /
banquetear-se do gozo / gosto / dos que a amaram / o sabor que reclama
saber / da matriarca de nossa lã / nada deixar à terra e as formigas /
sequer o vulto da clara pele de papel-bíblia / (enqto. os tambores despe-
dem-se da noite da ilha)

Devorar (como Dvořák devorou as pautas túbias) / todo corpo/
horto de Míriam / na fogueira santa de nossa antropofagia / daquela
que nos engordou para a cerimônia do adeus / e suas primícias / Devo-
rando-a / fomos dev-orados / descobrindo que nossa fome não era de
comida / mas de amor e vida / e nos libertamos da carne envenenada /
reiniciando a jornada / renunciando a luta contra a vida /

Devorar a que foi a ovelha sacrificial / p/ expiação dos *karmas*
familiares / mastigada até o tutano pelos nossos temores / assada no
azeite de nossa angústia corrosiva / E quando anoiteceu / anoitecemos /
e quando adoeceu / fomos curados / e conduzidos ao cordeiro imolado
/ que clama há séculos / há séculos / há séculos / pela ressurreição da
carne /

A que era /
A que é /
e A que será /
A Shekinah /
invocamo-la /
A testemunhar

VIAGEM AOS SEIOS DE MÍRIAM

Somos o que comemos,
Mãe Emoções do figo e venenos
O céu hasteia em nossas línguas
o néctar dos deuses contrariados
Sob as colheres de sopa quente
escorre em nossas bocas
um hálito de ausência
Continuamos famintos
do mesmo amor

Reféns da maçã em queda
consumimos o tempo de alegria
Mas o alimento nos devorava
O ansioso sabor A nutrição
da última ceia dos convidados

A vida: grande
praça de alimentação
Repletos de vazio
devoramos o absoluto

Grávidos da falta
crescemos em direção à lua negra
mastigando projeções e idealizações
A incapacidade de voar
às primícias do ninho
congelou-nos os gestos de distância
Carregávamos — estranho nascimento —
o cordão umbilical
da própria flor

— Qual o peso do prato?
— Qual o preço do *pathos*?

Envelhecemos, Mãe
A lua repleta de caos
teceu em seu colo o cosmos

Inda podemos salvar o fogo?
Mastigar o anseio
devolver-nos-á o seio?

As fermentações
do eterno feminino
abriram as mandíbulas das estações:
libertemo-nos da teia das ilusões

Resgataríamos o elemento psíquico
imitando a Virgem — ao colo o filho?
Despisse os seios — íntimo *strip-tease* —
mundi-proteção contra os perigos
nutriria seguro o grão-de-bico
ordenhando *in vitro* o próprio filho?

Renunciemos à ânsia desmedida

Nutramo-nos do leite da medida

Abramos a porta proibida

Esmaguemo-nos contra os seios
Morrão asfixiados os resquícios
da angústia e indiferença
Desabem as paredes
infiltradas de culpa
E escorram os fluidos vivos
suados e envergonhados
daquilo que muitos chamam Amor

O NOME DA FOME

Quem lhe fornece a semente
e dá a luz ao recipiente?
De todas as formas de fome
Qual conteúdo é o salame?
Seja carboidrato ou ternura
ronca-lhe o estômago a usura
quando é anoréxica ou ética
rói-lhe em excesso a metafísica
Mas se é dietética ou kármica
subtrai-lhe ao estro a lírica
De todas a fome-trina
a hidra é a mais assassina
instalando o seu pavio
com gastronômico fastio
Vai mastigando-nos *al dente*
ventre coração e mente
Se a redimíssemos fome
daria à vida o prenome?
E se disséssemos: sim!
jejuar-lhe-íamos o rim?
Que essencial alimento
reclama ao corpo o espírito?
De todas as formas de fome
amor é o verdadeiro nome!

O BANQUETE

A cozinha ocupava
o maior espaço
na morada íntima

Ao redor da mesa
pregava o espírito
suas lições extraordinárias
de enlouquecer *top models*
e dar água na boca
As bocas do fogão
acesas no coração
Mamãe era bom-bocado
na mesa de linho branco
distribuindo a sua arte
fogo alto e fogo brando
Panelas talheres e pratos
os utensílios domésticos
e o tempero do sentimento:
caminho da devoção
através do alimento
Por nossas mãos olhos gargantas
passavam frutos da terra água ar
provisões ultramarinas
secos e molhados
incluindo o delicioso sol
e uma insinuante lua
coreografados de desejo
objeto de delícias
Entre o cru e o cozido
o doce e o salgado
desenhava-se o excessivo
devorado e consumido
como caju no tacho
apurando o seu sentido

Quando papai era vivo
competia a biblioteca
com os sabores da cozinha
mas ávido o elenco *cult*
corrompeu-se com as sardinhas

Nosso trabalho com o fogo
era acender a ternura
pra não apagá-la a gula
Certo dia Freud
apareceu lá em casa
pra analisar a família
e quase perde a asa
(galinhas de parida
voavam sobre a sala)
Confundi sopa c/ cuxá
e nunca mais Sigmundo
foi convidado a jantar
Lavoiseriamante
a vida se transformava
de libidinosa feijoadá
em risoto de carne seca
enqto. os cordões umbilicais
enrolavam-se sob a mesa
sucumbindo à bacalhoadá
pra retemperar a fraqueza
ou a um frango envergonhado
rebatizado à francesa
Lavava-se mágoa
c/ peixe-pedra e caldeirada
Fortalecia-se o caráter
quibe de forno e lentilhas
Criar raízes/ramificar
em algum lugar
principalmente o mar
— infestado de camarões
onde desabrochavam ostras
sururus e caranguejos
numa sinfonia marítima —
era a tara gastronômica
a farra pantagruélica
dos membros da família

“— Que é a vida senão morder
os lábios o amor as frutas
conjugar ser e haver
até verter a cicuta?”
cantavam em coro as louças
Éramos o sol da terra
querendo ser luz no mundo
sacrificando as centelhas
à liturgia do estômago
Luz! Luz! Luz! Mais luz!
Qto. mais invocávamos
os manjares dos deuses
no rodízio das estrelas
infiltravam-se à sobremesa
a sombra e os seus espinhéus
como setas na garganta
Vieram o diabetes e a dieta
a carestia e a moda do menos
mas resistia a matriarca
com seus poderes mágicos
grelhando carneiros na casaca
lançando a tristeza às favas
Seríamos nós mesmos o banquete
buscando dar expressão
à fome das palavras
na língua do coração?
Solo extraordinário
o dom do manjericão
e o cheiro da alfavaca
capturava o imaginário
da filha de Leão
perfumando o ar da casa
O sabor do saber
e o saber do sabor
vindos da infância da alma
florescido com ardor

transferiu-o mamãe aos netos
com expressa recomendação
de manter a tradição
unidos ao redor da mesa
repartindo afeto e pão

Assim preparou-nos c/ afinco
a todas as coisas que virão
tudo tem sabor e sentido
quando tempera-o a boa ação
seja do cotidiano amigo
partilhe o sonho e o feijão
pois o paraíso perdido
esconde-o o sol no coração

BOLO DE LARANJA

cresce cresce minha cidade
cresce como a aurora e o poente
cresce as oportunidades
cresce a teu povo carente
alimenta os sonhadores
cresce as flores e as sementes
cresce a sopa a cada boca
cresce o sorriso a todos os dentes
cresce o tema a cada bardo
cresce o amor a cada lábio
arco-íris a todas as mentes
cresce cresce minha cidade
com fermento e sentimento
com o calor de tuas mãos
cresce sol de liberdade
reparte a todos o alimento
como o bolo de minha mãe

MAMÃE NO DIVÃ

Um dia disseram a minha mãe:

“— Comida é problema de
amor. O que me soneguei”

Ela ficou cabisbaixa pensativa
Serviu café completo à psicóloga

“— Comida é problema
de amor. Se tenho e nada dei”

CHORUS LINE

o *choral* cassas
nunca foi contratado
pra enterro
mas com o brilho
de suas estrelas
poderia sê-lo?

3 irmãs: míriam
ivete e graciete
fundaram a cia.
cartão profissional
do elenco do *choral*:
“chorar de alegria”

choravam em batizado
aniversário resfriado
e jogo de paciência
casa de enforcado
o mar emocionado
chorou por correspondência

cedo fizeram escola:
ensinar à alma
a arte de descascar cebola
logo ganharam fama
mas preferiram chorar
a deitar na grana

míriam era contida
graciete extravasada
ivete mais doída
o rio escorria do olho
e o público caolho
lavava a vida

essa é a história
do *choral* cassas
— chorem galáxias! —
e sua ópera-alaúde
que fez muita caridade
ao coração da cidade

o trio hoje é dueto
míriam e ivete
choram a canivetes
e graciete (em falsete)
grava cd independente
na eternidade

ROMANCE DE D. MÍRIAM E O NAMORADO DA MÃE

Quando meu pai subiu ao teto
a língua de Gabriel o neto
derramou à bisavó o afeto
invocando o gênio de plantão:

“— Arranjar-te-ei namorado
não laves mais o salão!”

A mim coube a partilha
de evitar-lhe a inanição
Levei-a ao cabeleireiro
servi-lhe peixe com cheiro
massageei-lhe os tornozelos
lavanda perfumei-lhe as mãos

A gasolina do amor
mordia as bocas do fogão
Meu pai cavalgava a lua
esporeando azul alcatrão

Minha filha Carolina
passava anilina no pão
Meu neto espreitando a rua
brincava de adivinhação:

“— Mulher vestida de sol
disse-me: expulso é o dragão!

Sob as dobras do lençol
já não sou homem ou mulher
mal-me-quer ou bem-me-quer
casado é o meu coração

MAMÃE E A ESTRELA D'ALVA

um pedaço de céu
caiu em minha mão
ergueu catedrais
amores sinais
um sonho de paz
e escorregou ao chão

LADAINHA AO QUEIJO DE SÃO BENTO

Ó glorioso queijo
de São Bento
que nutriste a família
com tuas bem-aventuranças
Ensina-nos o gosto das diferenças
Inspira-nos o prazer da verdade
Mantém-nos a fidelidade
ao sabor de tuas graças
e preserva-nos da tentação
de não faltares à mesa
até a eternidade

LADY MÍRIAM (pequeno oratório místico)

míriam amabilíssima
míriam boníssima

míriam belíssima
míriam gulosíssima
míriam mãeíssima
míriam matriarquíssima
míriam solidaríssima
míriam mão abertíssima
míriam guerreiríssima
míriam deliciosíssima
míriam miríssima

minha leoa da metro
minha rainha

PIETÁ

mistério humano
transfigurado
em seu milagre

o olhar místico
violentado por lírios
de quem viu Deus

como se o crucificado
nosso irmão ancestral
cuidado por ela

retribuisse-lhe a ventura
coroando-a da loucura
de santos e sábios

O LIVRO
(INÉDITO)

Ao Um e a todos
estas partículas
de Eros-Sophia

LIVRO I

O SENTIDO

(relatos
da fumaça
do incenso)

O LIVRO

(O Sopro)

No início era o verso
dormindo na escuridão
E um grande amplexo
regia a imensidão
Não havia sofrimento
nem não sofrimento
apenas o mistério
em seu fluxo eterno
As letras do alfabeto
suspensas e incriadas
eram penduradas âncoras
fecundando o universo
A multiplicidade
subordinava-se
à unidade da criação
Estrelas pétalas e peixes
pássaros animais homens
pastavam em cooperação
Mas a obsessão do ser
e a possessão de viver
germinaram o cio
incendiando o vazio
Então o verso
apaixonou-se pelo reflexo
e irrompeu o adverso
desnortando a estação
— Faça-se a luz!
clamou a Unidade
— “Faça-se a ilusão!”
bradou a Multiplicidade

Instituiu-se a cobiça
o Bem e o Belo
a Verdade e a Justiça
desconectaram-se do quaternio
O narciso e a flor de lótus
romperam os votos
E o grande caos
turbou a fonte original
Então a Multiplicidade
dissociou-se da Unidade
Mas preservou-a a Verdade
no arco-íris das Idades

BURACOS NEGROS

1

um buraco negro
não é só um buraco de brinquedo
o clamor milenar da senzala
explodindo a quântica fala
de um universo em degredo

é o cosmos gerando-se inteiro
a ausência que engendra e estala
o cerco de milhões de muralhas
q nem a mais infinita mala
pode contê-la por inteiro

2

eis a obra em negro
progredindo no palácio de espelhos:

mergulhai no bueiro
as estrelas libertai do cativeiro

3

quantos côvados à direita
mede-se-lhe a mortalha?
quantos santuários e altares
ornam-lhes as salas?
quantos úmeros e números
lavam-lhes o pó das sandálias?

4

de que serve um buraco negro
corpo fechado o ano inteiro
vaqueiro em coice de rodeio
se cai sem tiro de morteiro
choramingando pelo chão?

pra vencer esse irmão-meeiro
que derruba reis e bandoleiros
resta mirar-se no cruzeiro
desfiar o próprio novelo
desarmar o coração

5

buraco negro
tudo o que aguarda parteiro:
flor receio seio desemprego
janeiro desespero depressão
universos inteiros
em combustão

vara de Aarão
 toca as orquídeas negras
 da mãe-escuridão
 pérolas da dinastia Tang
 Bang-Bang do *yin e yang*
 do grande Big-Bang
 miríades de pur
 fragmentos de nun
 minuto inicial
 o cordão umbilical

a criação!

JARDINS DO ÉDEN

E Caim retirou-se da presença do Senhor e foi habitar ao norte do Edon.

E Caim procriou os proprietários de terra que herdaram a maldição do sangue derramado do irmão.

Os descendentes de Abel, os pastores, julgados culpados por alimentarem a terra com o próprio suor, receberam o dízimo da ovelha e da servidão:

— “Ousais competir com os bois que nos enriquecem? Pastai a vossa expropriação!”, clamavam os fazendeiros, as fúrias de plantão.

Então, a Árvore da Vida, irrompeu do solo, revoltada contra a crueldade a que foram submetidos os herdeiros do irmão:

— “Só comerão dos meus frutos os que tiverem as mãos vazias e a semente da pureza nos corações!”

Mas os latifundiários feridos em seu orgulho lançaram-se contra a Árvore da Vida, com machados e facões.

— “Nascestes em nossos domínios. Reclamamos a tua submissão!”

Então, o Senhor designou seu Anjo Vingador e estabeleceu nova pena à usurpação:

— “Exterminarei todos aqueles e seus descendentes que contra ela se erguerem. A cada gota de sangue derramado, se multiplicará o sangue de milhares de irmãos, até cumprir-se a profecia de que a terra todos partilharão.”

A Árvore da Vida continuava a florescer. Mas só a viam e dela comiam os frutos os puros, que a tinham plantado na genealogia do coração.

— “Nós teremos direito aos frutos”, ameaçaram os proprietários da terra, a dicotomia do ódio embaçando-lhes a visão.

Confundiam-na com a Árvore do Bem e do Mal e deliciavam-se com os frutos da própria maldição.

OS BICHOS

Minha âni
meus animais:
ao encontro de nossas partes sombrias
À beira do corpo
refletidos na luz astral
observo quando vêm beber água:
os espécimes selvagens e os mansos
os de sangue quente e frio
Contemplo-lhes a violência e a ternura
o urro e o arrulho:
o ouro que assassina e que ilumina

Aquele que em mim soprou o destino
plasmou-me os arquétipos ancestrais
da pré-história do voo e do abismo
Forças brutas de energia psíquica
habitam-me a sanha e a sina

Negá-las é ser estraçalhado por suas garras
Reconhecê-las é iluminar a outra margem
em que o lobo e o cordeiro pastam na neblina
Os animais alimentam os vivos
à passagem do anjo Tendo apreender-lhes
a vocação às alturas a tendência à profundidade
o manual de sobrevivência das selvas
a intimidade com o fluxo das estações
Como capturar-lhes o poder a beleza
a destreza a economia a concentração
e retirar-lhes o impulso à meditação?
Sua arte de ultrapassar obstáculos
ensina-me modelos de coragem e determinação
Espelho da natureza — a vaidade —
reflete os jogos do prazer e sedução

Treinado para o desejo e a fúria
sou eu quem os mantém libertos
ou acorrentados à sofreguidão do instinto
se identifico-me com o veneno da compulsão
Presencio neles a incrível metamorfose
em que a violência torna-se ternura
e temo que a minha luxúria
torture a compaixão

Animal insaciável — o homem —
arma ciladas
embosca as presas
rouba-lhes a luz alada

Realizado o serviço
deita-se contrito:
à mesa de cabeceira
os óculos e o coração
Mas os bichos — não

Ainda que semeiem destruição
os bichos sempre terão razão
Mas o homem — não
Quando aprenderá a lição?

Fisionomia retorcida
de disfarçada pantera
enfrenta a civilizada relva:
a asfaltada selva

Boca carnívora é a vida
A vida alimenta-se de vida
Come a vida a própria vida
pra ser a vida renascida?

Mas o que me mantém resistente e vivo
convivendo com espectros de fera e ofídios
é ter lançado três setas ao alto
e fixado três pontos no infinito:
a certeza na vida no espírito
o ideal da transmutação
e à ordem cósmica estar unido

Os bichos dão expressão
à natureza de minha vida
— o cio e o vazio —
e são fonte de imaginação

Para meus animais selvagens
quando brinco no chão
o intelecto e a vontade
são brinquedos de pelúcia:
bichos de estimação
Domá-los? Rrruge o coração

Meus bípedes meus quadrúpedes
meus alados terrestres e submersos
hóspedes do íntimo labirinto
formas de mistério infinito
quando a sabedoria do instinto
libertará o sinistro
que me embosca a afeição?

A humanidade decaída
e a animalidade soerguida
girando na roda da vida
encontra no diálogo da criação
— não a luta entre as espécies
não a evolução e seus revezes —
mas a outra face da revelação:
a estreita cooperação
entre a luz e o obscuro irmão

Transcender o conflito
resgatar o sentido
elevar-se ao infinito
sair do fechado círculo:
eis o pacto a ser vivido

Contemple
o reino
interior:
o bicho é o predecessor
do homem
na longa viagem
ao anjo sucessor

O resto:
são as mandíbulas
mordendo a carne da vida

O ABRAÇO

amigos tornai-vos pássaros
gravitai no puro espírito
acolhei em vossos braços
o humano e o infinito

não vos assemelheis às estátuas
dossel de frio granito
libertai vossas espáduas
restaurai o movimento

não vos convido a espantalhos
inútil afeto sem círculo
nem a cabides — secos galhos —
deixai fluir o sentimento

amigos não sejais fracos
abri o peito ao absoluto
descruzados os vossos braços
caberá o todo e o tudo

A REVOLTA CONTRA O UM

BOATE YUGOSLÁVIA (1)

Sexta Super
Sessão:
Genocídio em Kosovo
DJ:
Slobodan Milosevic

(Clipoema)

Metralhadoras-*techno* & granadas-*rock*
embalam a chacina-*pop*
Grande-Circo *pit bull*:
matar é o melhor *soul*
Carpaccio humano & coquetel *Kosovo*
Bloodmarys & sangue do povo
Pershings esculpem *piercings*
nos rostos das *darlings*
Clubbers de todas as tribos:
exterminai o inimigo!
Criança suja se lava em casa
Consciência suja se lava em brasa
Reggae-night & *serial killer*
mais uma produção dos meninos do *fuhrer*
Gelo seco & bate-estaca
tem bicho morto na discoteca!
Débito automático crédito bulhufas
judeu-muçulmano é efeito-estufa
Let it be Let it be
mais uma rodada de *beer*
Hitchcock railway
vida és *drag-queen* & *gay*
DJ aumenta esse som
chegam os penetras da Otan
DJ desliga já o *jazz* que jaz
não adianta matá-los uma vez mais
Hip hip hip hurra
Nobel pra *Milosevic* e a tchurma!
NOITE NEGRA DAS ARÁBIAS
CHORO POR MIM E POR TI YOUGOSLÁVIA

ENFERMARIA JERUSALÉM (2)

uma faixa de gaze
à faixa de gaza

CANÇÃO DOS MÍSSEIS TOMAHAWK (3)

a fé remove montanhas
eu desintegro-lhes as entranhas

MENINO DO IRAQUE (4)

adorava chupar balas
morreu com tiro na boca

O SENHOR DA GUERRA

1
cordeiro de deus
fúria do leão
touro de orfeu
— vede o grande mar
de desolação —
remédios adoecem
médicos matam

padres não confessam
pastores pastam:
contra a grande-besta
quem nos salvará?

2

o tiranossaurus rex
quem o imaginou abolido
do sangue da criação?
o dna entra em sêxtil
e o gigantesco réptil
ei-lo em operação
máquina mortífera
a fome de vísceras
aperta-lhe o botão

3

cordeiro de deus
berra mais forte
que os donos da terra

cordeiro de deus
grita mais fundo
que os canhões do mundo

cordeiro de deus
clama mais alto
que os animais imundos

águia
de oxalá
vinde
nos salvar

4

baixa as tuas línguas de fogo
explode a mansão do logro
destrói os tímpanos dos poderosos

fulmina os cavaleiros do apocalipse
livra-nos dos arquitetos de auschwitz
salva-nos do eterno eclipse

incendeia-lhes os campos de batalha
reduze-os a pó e palha
faz das suas arrogâncias mortalha

espalha a tua sagrada ira
devora o fígado da pantera
— essa prostituta das eras —

dá-lhes por comunhão
o sangue derramado
do próprio irmão

5

depois
eleva as tuas ovelhas
serve-lhes o banquete das estrelas
veste-as no linho das centelhas
acalenta-as na música das esferas
então
na alcandorada manhã
saciada nossa fome
lavaremos tua lâ
na luz do coração do homem

A CASA

*a minha filha
Carol*

Penetra todos os aposentos
ocupa os espaços cinzentos
toma posse dos sentimentos
Depois leva pra dentro o mar

Cultiva o vazio interior
saúda o mistério da flor
mistura alegria ao suor
e a paz irá habitar

Pinta de arco-íris os cômodos
convoca o sol e os sicômoros
decora o espaço de sonhos
e o amor se ofertará

Não temas subir as escadas
Abre as janelas da casa
Eis o enigma das asas
Estás pronta Podes voar

O ROSÁRIO

*aos cantores líricos e amigos
Carol e Victor Vieira*

o rosário é uma manopla
máquina de triturar
a queixos infiéis soca
e o chão vem logo beijar

o rosário é o grão-chicote
vergastando o calcanhar
mil e quinhentos mascates
do templo vai expulsar

o rosário é uma rede
repatriando céu e mar
pra que os peixes com sede
a todos venham saciar

o rosário é uma árvore
enlouquecida de amar
atraindo à sua nave
o homem o sol e a lua

o rosário é um trem de almas
ajoelhado nos trilhos
percorrendo em angústia e calma
a salvação dos seus filhos

o rosário é um terrorista
recrutado no *shabat*
treinado em fé e alegria
pro coração resgatar

o rosário é um parabélum
acendendo a luz no eterno
é a canção do violoncelo
lavando o fogo do inferno

é punhal e fina adaga
de salomônico fio
é molotov e granada
lançando aos ares o exílio

é também o laço e a corda
ligando o poente ao nascente
e nos círculos em cruz borda
a ponte entre o ser e o ente

O ESPELHO

Companheiro a vida é escândalo
se à luz o reflexo ignoras
Não procures nas nuvens os anjos
Os demônios não estão lá fora

Separa o sutil do espesso
na imensa teia dos dogmas
Contemplarás pelo avesso
o ser que dentro deplora

Combate interno o perigo
de erguer castelos e mitos
Libertar-te-ás do castigo
de ser o próprio inimigo

Por que os homens sendo soltos
permanecem prisioneiros?
Débeis lançam ao mar revolto
a chave que os mantinha inteiros!

Não busca a via que transforma
Aguarda o sagrado bem
Esculpirá áurea a forja:
ao peito — Jerusalém!

Ah! Jerusalém soubessem os
homens de onde jorram as fontes
estilhaçariam os reflexos
que cavam abismos Não pontes

Aceitar o inaceitável
absorver o absurdo e a raiva
integrar o imperdoável
consumar o todo e o nada

dissipar véus e neblinas
jamais negar a descida
mas reelaborar a subida
desvelará sino e sina!

Até lá prisioneiro
combaterás contra o espelho
destruindo inútil guerreiro
a glória de seres tu mesmo!

CORPUS HERMETICUM

sou como tu, israel
um país recheado de tragédias
e infinitas belezas naturais

um rio de água-viva
jorra nos jardins do templo
enquanto o sangue dos puros
escorre no muro das lamentações

sou o eleito e o injustiçado
a estrela e a videira
o pastor e a estrela extraviada
a coroa de davi a faca de abraão

embriagado de profecias e maldições
saio ziguezagueando pelas ruas
ouvindo a litania das metralhadoras
meu corpo apodrecido estala raízes
range nas tábuas do antigo testamento
as pesadas rodas do canhão

minha espada? a pena
da plumagem de um pombo branco
sujo na fumaça do crepúsculo

o grande mistério da vida
fala pela boca dos profetas:
— “jamais te conhecerás integralmente!
sempre haverá segredos
entre a árvore e a semente!”
clamam os anciões aos ventos:
— “consideras-te sábio?
aos ignorantes lavam-se os trajes
ao sábio nada é perdoado”

sibila no ar a serpente:
— “não conhecerás o amor pleno:
a ilusão será teu veneno!”

aquele que está nas alturas
quando salvará nossa amargura
ó israel?

até quando servir-se-á a dignidade
como prato de vísceras
no banquete da desolação?

ai israel
meu pecado e o teu
— a falta de unidade espiritual —
desnuda-se a céu aberto:
somos apenas uma rês
multiplicada em três
pastando no deserto

oferto-te um cordeiro em holocausto
com flor de farinha e azeite batido
temperado na pólvora das retaliações

inútil acender-te o incenso
c/ bálsamo cravo libânio açafraão
não disfarçaremos o fedor da eternidade
dos corpos em decomposição

eu vi o sangue libanês
da minha bisavó estrela
resplandecer na taça do sepulcro:
“cerradas permaneçam as lojas
‘trajes p/ noivas’
enquanto não se consumarem
as núpcias do candelabro e da oliveira
sobre a pedra negra do altar”

flor do cedro
vasilha de luz
de amidá
vinde nos cuidar

adonai 72 vezes
contaram-te morto nas fileiras
exilado na fornalha de nossos corações
tornamo-nos surdos às tuas lamentações

vinde mulher vestida de sol
mãe dos fracos e combalidos
dormir com todos os mutilados:
restaurai-lhes as torres fulminadas

a árvore do bem e do mal
despencou carcomida pelas guerras
(crianças dançam cirandas
jogando-lhes rosas e mirra)

de nossas costelas
escorre um rio de água límpida

somos o livro mordido pelos ossos
navegando no úmero de nomes e números

A BOCA

máquina de milagre e maldição
32 dentes que mastigam os
32 caminhos da sabedoria
e destravam os 221 portões
de rabi eliezer rokêach de worms
— entre o seio da mãe
e a nomeação do verbo —
quantas manadas de meteoros
bois pássaros e carneiros

rumaram ao matadouro dos ídolos
para o sacrifício do herdeiro?
em tuas porteiras eletrônicas
pastam nos campos proféticos
o círculo do Aleph e do Tau
a ócupla senda de Buda
os sete demônios de M^a Madalena
o *corpus hermeticum* de Freud
o papiro de Ebers
pétalas e constelações
o mal é que te consome o nome
ou que sai da boca do homem?
buraco negro do sol
trono do relâmpago
engrenagem de pombas e escorpiões
buscas a palavra perdida
e o som mágico da inúbia
mordendo a arca da coroa mercurial
em teu fim está contido o começo
útero túmulo berço
selo-te ao jejum
dos leões do templo:
o silêncio em oferecimento!

**A PELEJA DA SERPENTE E DA POMBA
NO ESTÁDIO CÓSMICO LUZ E SOMBRA
OU A
DISCUSSÃO DA GRAÇA E DA ELETRICIDADE
NO QUINTAL BIFOCAL DA CLARIDADE**

**INTRODUÇÃO DA SERPENTE
AO LEITOR**

Não sei por que às portas de Binah
fisgou-me a atração da Chochmah
trazendo no reflexo da quimera
o que do espelho brilha a bela e a fera
Da pia batismal leia-me Nahash
e a outra a virgem a santa a Shechinah
Eis afinal a verdadeira fábula
em que o mal e o bem lavam as velhas mágoas

A SERPENTE:

— Dize lavanderia da esperteza:
por que o branco sendo a cor do puro
lavas a roupa diária intramuros
como se exorcizasses a tua pureza?
Tens a pálida neurose do sol
que a tudo encobre o claro lençol
A que vens: seduzir ou converter?
O fogo imortal queime-te o ser!

A POMBA:

— Desenrola o teu negro intelecto
permite desembarque o meu espírito
Enquanto te arrasta pelas urzes

solto velas brancas no céu em cruzeiros
Sou omo total És petróleo bruto
Governa sobre nós o Absolut
Tens a profundidade Eu a altura
Dissolve no veneno a amargura

A SERPENTE:

— Eu sou da luz a eletricidade:
o vapor a descarga a claridade!
Sustento há éons o fogo nas alturas
aquecendo o intelecto na noite escura
Todo o progresso da ciência e a cura
oram por mim nos templos da usura
Vê: nem o dia escapa ao meu fascínio
às igrejas e *shoppings* ilumino!

A POMBA:

— Quem hasteou o sol na criação
e acendeu no homem o coração?
Quem deu à vida a contribuição
de tornar sábias a fé e a razão?
Sutil apreendeste a branca magia
tornando-a espessa por analogia
Do sol a sua total irradiação
converteste-o à nuclear fissão

A SERPENTE:

— Reconheces a contraparte ativa
coagulada à natureza viva?
Decompus as estrelas em mil átomos
e fiz da explosão fiéis apóstolos

Na sombra da graça te movimentas
lançando-me dos créditos a descrença
Teu canto de cisne fere-me as luzes:
também o bem ao mal dispara obuses

A POMBA:

— Quem paga a conta da humanidade:
a luz da graça ou a eletricidade?
A minha luz é pura e virtuosa
tornando as cinco chagas puras rosas
A recompensa ao bem que nada cobro
é o mal que a tua luz recebe em dobro
Mas o sol lançado às sutis esferas
irradia o prazer e o sol da guerra

A SERPENTE:

— Por que metes o bico em meu zodíaco
se nem te sabem as penas os outros bichos?
Tua magia é pouca A voltagem fraca
Recarrega as baterias ora gastas
Ninguém chega ao céu senão por mim
faísca na verdade o estopim
Nas noites do Sinai ou Everest
resplandeço igual ao Empire State

A POMBA:

— Brincas com fogo e mal conheces a pólvora
gera a luz o mistério da palavra
A eletricidade é irmã do sexo
a força esgota em mortal amplexo
Oceânica a graça se espria

multiplicando as marés de energia
O que proponho a ti é um novo pacto:
a abertura do círculo em um ato

A SERPENTE:

— Se Deus for o Diabo e o Diabo for Deus?
E se o azul do céu for apenas breu?
Pode o cordeiro pastar com o leão
e voarem juntos perdiz e gavião?
No intrincado jogo das essências
pra que mudar a pele das aparências?
A tua presunção noiva é platônica:
envia flores para a bomba atômica!

A POMBA:

— Rainha dos disfarces da alquimia
separa a técnica da sabedoria
Inverte o fluxo da polaridade
cooperando à nova gravidade
Permita que batize em fogo e água
os colaterais efeitos de tuas larvas
Compensa à graça a iluminação
furtada à energia da criação!

A SERPENTE:

— Crismou-te tola e frágil a natureza:
rebelar-me não ousa à correnteza
Abandonar controle e constrição
frustrar seria a divina missão
Reabro o círculo e deponho a guarda
desde que bata as asas em retirada

Prudência cale a língua em água quente:
misericordiosas são as serpentes!

A POMBA:

— Celebre a claridade o amor profundo
e o amor reate o espírito ao mundo!
Das obras do sol reaprende a lição
libertar das trevas o coração
Crucifica a vontade de poder
e ressuscita a vontade de ser
Se no jardim à flor protege-lhe o espinho
o mal é sempre um bem vindo a caminho

CONCLUSÃO DA POMBA

— Debaixo do teu suntuoso couro
plantou-te o criador belo tesouro
Quanto a mim pássaro de fino agouro
o que reluz em mim é a flor do ouro
Quer vistamos tentáculos ou asas
somos figuras da magia sagrada
Na vida real ou em contos de fadas
dirige a obra a bem aventurada

A PROFUNDIDADE E A ALTURA

queres a suprema loucura
de galgar aos céus a altura?
lança-te correnteza abaixo
mergulha no íntimo riacho

desce à raiz do cataclismo
beija as mil faces do abismo
entre o tûmulo e o tumulto
guarda as horas do escorbuto
deposita o ego: este porco
na habitação dos mortos
proclama-lhe dia de festas
consagra-lhes finas exéquias
resgatado ao céu o dízimo
implora ao alto o espírito
e oferta-te em sacrifício
pela graça de estar vivo
no dia do tempo e do vento
descerá do trono e templo
descruzar-te-á os braços
elevando-o ao seu afago
com o seu fogo consolador
lavará o hades interior
em seus rios de água-viva
irás à terra prometida
despido da glória vã
verás a estrela da manhã

A CAVERNA DE PLUTÃO

1

Todos têm direito
ao arco-íris:
apenas os fortes
os loucos e os profundos
são os escolhidos
para ler a escuridão

Jamais ergas pontes levadiças
 para não ouvir o coração
 Entroncamento ferroviário fábrica de enigmas
 o inimigo é quem convida ao silêncio
 Por que levantar rutilantes escudos
 contra a invasão do sol vermelho?
 Pensamentos são espadas Abrem clarões
 Penetra no reino dos ruídos:
 lá encontrarás as múltiplas vozes
 que celebrarão o êxtase da agonia
 Tua única glória é estar vivo
 Onde o silêncio pasta — camisa-de-força —
 encontrarás a ausência do conflito
 desnecessário à angústia da existência
 Ferve o sangue para a revolta:
 tempera-o no fogo das fermentações
 Não terás paz É verdade Mas o que é essa paz
 senão a cessação do pulsar da vida
 o cemitério do desejo
 o deserto de toda recordação?
 É na azáfama diária
 na conferência do caos e do sublime
 no intervalo do beijo e do aniquilamento
 que a tua carne beliscará a vida
 Convoca os deuses ao teu leito
 Serve-lhes absinto A verdade é luto
 Nessa hora agônica Deus
 descansará dos frutos
 E a solidão a grande solidão
 é a única invenção da criação

A Morte — não o discurso sobre Ela
a Óbvia a Escaldante a Extasiada
que nos leva rútilos ao parque dos ossos

Falo das pequenas excelências
melhor dizer ilustríssimas as carentes
que sucateiam nossas carnes pânicas
e exibem a coleção de fracassos
na passarela das mais puras convicções

Elas as minúsculas as preparatórias
que carimbam os passaportes de viagem
e nos remetem à sagração do abismo
para o jogo olímpico do gozo e da fúria
Bem-vindas sois dançarinas flamencas
ao tédio de toda ansiedade

Girai os tendões de vossos pés
sobre os cadáveres da falsa bondade
e dançai ao som das flautas-tíbias
onde a flor expectora a eternidade
Arrancai os olhos ao pedestal da força
celebrando o fracasso da perfeição
Consegues sobreviver à Grande-Morte
vivendo a morte da transformação?

Dissipa o treinamento do lamento
e enfrenta face a face a desolação
Só quando carregares o cadáver
de tuas falsas esperanças
terás te libertado da ilusão

Rouba ao céu um buquê de estrelas
segura a mão do imprevisível
e abandona a bagagem na estação

Ainda que flores de insânia
desabem da casa de infância
segue adiante Eis o grande mar
Só novo pecado nos renascerá

4

Nenhuma novidade
encontrarás na luz
A pupila gasta o sonho
na gilete do sonhado
A não ser que desças
a sete palmos de noite
miragens te propiciarão
o pesadelo do imaginado
Toda luz é ocultação
O que te cega
é o excesso de claridade

5

Senhores recorrei aos arcanos:
ensino-vos a abrir oceanos
Lançai fora todas as chaves
e girai a que abre pra dentro
Eis a Nota-Sol o Em-Si-Lá
a grande chave o Eu-Centro
Adestrai de presto a lírica:
a vida real é mais criativa
que a ficção científica
Riscai ao redor um círculo mágico
e evocai o poder do trágico
Sou Oroboro o Rei-de-Ouro
que fechou o círculo do fogo:
abriu o segredo da Flor de Ouro
e tornou-se o Sol vindouro
girando rabo e boca ao tesouro
as larvas cozinhando o ovo
Sou o Misanthropo e o Minotauro

o Dinossauro e o Pitecantropo-Outro
o Centauro-Pavão o Galo-Ígneo
que purifica a luz do olho
dinamitando o Bezerro de Ouro
Sou o que recicla os mitos
fecunda os astros e floresce a flor no lixo
preparando-te para a luz do Espírito
sem o qual serás submisso
Por renegares o teu negro ego
vagarás 40 anos no deserto
Teu sol deixará de ser cego
então irromperá o fogo amarelo
Enquanto não aceites tua escuridão
o mar não se abrirá ao coração
Até lá treina tornar vinho em água
abracadabradacabradacabracadabra

6

Ah Tirésias Tirésias
Empresta óculos-laser aos sensíveis
Protege-os das insolações infernais
e da corrupção da lei astral
Ai os sensíveis os sensíveis os sensíveis
Fácil é identificá-los — faróis baixos —
na fila de pão doce das padarias
A psicoterapia deles é o olho derramado
Feridos oferecem a outra face
até o massacre total
Delicados instruem a família
a enviarem santinhos na missa de 7º dia
Por carregarem um coração puro
são os mais castigados por Deus

Somos aquilo que morremos
 Sê teu próprio antídoto e veneno
 Abandona o roteiro do animal ferido
 rumo ao último repouso
 Jamais te tornes a lata de lixo
 de tuas ultrapassadas crenças
 As muralhas das costelas pedem destruição
 mas o templo ressurge ao terceiro dia
 O que vulgarmente chamas livre arbítrio
 é a terceira dimensão da solidão
 Tudo o que não flui pleno
 retorna de mais ou menos
 Vive a plenitude da realidade
 e abandonarás o resto pela metade
 O buraco negro da existência
 é a luta do sonegar e partilhar da luz
 Como trazer fogo à consciência
 senão com a fricção da experiência?
 A cada morte sobes mais alto
 buscando oxigênio na raiz
 Estranhos são os salões de beleza
 do renascimento O mistério da morte
 é o perigo de tornar-nos mais belos

Todos nós fracassamos
 Mártires e virgens fracassamos
 Anjos e demônios fracassamos
 Revolucionários e revoltados
 Mendigos burgueses potestades
 Fracassamos Fracassamos Fracassamos
 Menos você sexo: flor do desejo
 Prima-dona da agonia
 Angústia do divino Êxtase do caos

Rasga dogmas profecias livros:
 tudo precisa ser reescrito
 A vida é pessoal e intransferível
 Deus: uma aventura excepcional
 Cada experiência — uma ciência
 Da escuridão — vem sempre o clarão
 Do arco do triunfo do peito
 lança à verdade a seta mais funda: a emoção
 Imagina se igual ao movimento do mar
 a vida estiver no devido lugar?
 Da tensão entre arbítrio e destino
 está o ponto de transmutação
 Quem sabe se a súbita revolução
 é aceitar pessoas e coisas como são?
 Jamais interceptar o vir-a-ser
 do ser plasmado a acontecer
 Aclara o relâmpago do impulso
 e corta os pulsos da dissipação!
 Só algo resta a ser transmutado:
 a ilusão da iluminação

Vem noite
 com o teu agasalho de estrelas
 o teu vestido de mulher morena
 o teu perfume de aloés e noz-moscada
 Restabelece o mistério dos deuses
 Resfria a minha pele corrompida
 Lava a minha dor eterna
 Expulsa o invasor diurno
 Cura o coração incendiário
 Sobrevive meu olhos ao holocausto
 das ulcerações do Sol

Quebradas as tábuas dos princípios
 vivemos sob o signo do precipício
 Só o amor explode o inferno
 faz em cinzas a discórdia
 e veste a temporada do eterno
 Na proporção da profundidade da cova
 ascenderás à vida nova
 Aceita a morte Busca o abraço da vida
 A morte transforma a vida
 mas a vida despacha a escuridão
 A morte pesa tonéis A vida
 sempre é luz no início e fim do túnel
 Jamais a constelação do Dragão
 ofuscará os carneiros do Sol
 Por que dançaste às sombras dos abismos
 é necessário polir o corpo nas estrelas
 Do veneno transmutado ao escorpião
 esculpirás as garras do leão
 que plasmará na águia o coração

Conclusos estão os trabalhos de parto
 da oitava superior de Marte À postos
 Sonâmbulas as carcaças dos dinossauros
 ressurgem o ouro azul das utopias
 Não há patos na Patagônia
 tarzãs na Tanzânia babéis em Babilônia
 A Morte é insônia Convoca
 Vênus Netuno e Urano E sonha

Nada há mais a fazer
 Agora é ser

ODE A URANO

a Gerana Damulakis

Mente de Deus
abençoi
os cristais de rocha
da Consciência Cósmica

Revolucionai
o pensamento do todo
trazei o novo
despedi o antigo

Abri os canais
à viagem
do
inconsciente coletivo
Convocai
os sete espíritos
ao conselho da tribo

Derramai o essencial
libertai o cativo
expandi o sentido

trazei o extraordinário
à Era de Aquário
toque o raio de Urano
o mercúrio humano

quebrai o ovo
trazei o novo
ao povo

decretai radioativos
o orgulho e o egoísmo
tornai-os inimigos
do pessoal e coletivo

mas reverenciai
no todo
a manifestação do Amigo
celebrai
tudo
o que é vivo

de Gaspar
mago-rei
conexão c/ o ar
novo pensar
aos lábios trazei

poluição cessai
a guerra findai
perfumai o tempo
a fumaça ao vento
seja puro incenso

revitalizai
o dom das línguas
compartilhai
profecias
reinventai
a alegria

2
Homem
mergulhai no interior

invocai
mercúrio superior
revolucionai
ao seu redor
criai
um mundo melhor

3
sirvamos
à causa
da vida
só há uma
revelação
o ser-a-vir
só há uma
revolução
servir

4
Mente de Deus
gratos somos os humildes
por compartilhar-nos a verdade
do sonho de liberdade
— nova paideia
dna das ideias —
tornando terrena
a missão fraterna
de servir à humanidade

A QUINTA CHAGA

*Aos amigos Leonel Araújo Lima, Zeca Belo e
Alberico Carneiro, companheiros da
flor-de-lis metálica no coração*

Eis o caminho das espadas
que o Mar Vermelho abençoou
na constelação das coronárias
Taça de vinho tinto derramado
na toalha branca do sacrário
sou a ceia devorando ervas amargas

Víscera sagrada estressado músculo
ovelha imolada templo do crepúsculo
sol de Hiroshima bíblia de Abel
palco da chacina açougue do céu
bala de canhão dos doze apóstolos
UTI da paixão de todos os sós

Morrer pela cruz ou pela espada?
Arrancaria do peito a bomba-relógio
e contra a turba arremessaria a granada?
Metralhado ostentaria estrelado
os buracos do céu em adoração
guerrilheiro da magia sagrada?

Ave quinta chaga de Cristo:
o serafim científico executou o rito
de angioplástico gozo: projétil metálico
Ante-sala da iniciação — *stent* no coração —
fuso a fuso parafuso a parafuso
penetraremos no paraíso?

Buraco de agulha — eis a porta estreita
da artéria — chave da compaixão
Por esse buraco passaram e passarão
Franciscos e Pios o vício e o perdão
Nos canais interditados das veias
navegam uníssonos o mau e o bom ladrão

Vede os estigmatizados da razão
e o mistério decepado de asas
Ninguém transformará em devoção
os estigmas dos endurecidos corações
clamando onipresentes à rigidez do músculo:
— “afastai a pedra do sepulcro!”

Venerado com catéteres e adrenalina
o corpo cambaleia nas estações
Ora a nicotina: “ópio do povo /
vício do todo / cinzas de maria”
A serpente com as presas de metal
envenena-me com a seta do agulhão

Na caverna do peito — fenda
da rocha — o poço da paixão
3 da tarde: as angustiadas badaladas
da máquina gritando manutenção
Arame farpado: a chaga da terra
a natureza submetida à corrupção

Ferido por minhas próprias transgressões
dilacerado pelos meus pecados
minhas feridas jamais me curarão:
pingue nelas o sangue do crucificado
Quem reerguerá esse templo de paixão
consumido em desejos e desolação?

Consagrei o corpo em flor
às obras em suor do amor:
 mão direita — realeza
 mão esquerda — beleza
 pé direito — profundidade
 pé esquerdo — busca da verdade

Mas o coração milagre da criação
sofre o abalo da gravitação
 a queda da eterna árvore
Entre o elástico e o esclerótico
lançou-me o peito a um voo egoico
 — estreito céu — fatídica ave

Extenuado em vasoconstricção
quem reconciliará meu coração
com a senda do amor e compaixão?
Só o crucificado — *sursum corda* —
 alargará os afluentes envenenados
jorrando sangue e água da misericórdia

Ser conduzido pela claridade
aprender com a fonte a sobriedade
como o lírio curvar-se à castidade
eis minha precária humanidade:
a água condutora de eletricidade
fogo espalhou à chama da vaidade

Celebrei-te ó fragmento
sob as colunas do templo
Prisioneiro do tempo e vento
ergui-te fáustico monumento
Hoje ardendo em fragmentação
 aspiro ao sol da união

Desta sexta-feira sou o crucificado
clamando ao meu anjo os seus cuidados
Coração novo Caminho novo
Cântico novo Mundo novo
Complete o céu a grande obra
de quem na vida suportou ígneas provas

Do amor a via sacra negativa
seja transmutada a chaga em água viva
Pai glorifica os meus fracassos:
no peito habite o sagrado pássaro
Ó mangueiras do Sítio do Físico:
sobre vós derramo o meu espírito

OFERTÓRIO

Quando fores a São Luís aquece o teu coração:
enverga a jaqueta gris e leva a flor entre as mãos
Indaga à rua do Giz e aos sabiás de plantão
pela alegre codorniz que morreu de solidão
Chama um menino feliz do Coroado ou Pespontão
pra abençoar a cicatriz e dar asas à rejeição

Quando fores a São Luís ajoelha-te em oração:
encontrarás na Matriz meu corpo de ressurreição!

ENFERMEIRAS S/A

Quem saberia o dom dos corações
multiplicado o gesto em milhões
movendo-se na infinita teia

captada a recôndita veia
(que humilhada não se oferta
pela ânsia em ser buscada
mas desabrocha ao ser tocada
vermelho botão de rosa)
reproduzisse o eco bem-amado
perfumado bálsamo seta no alvo
do que retira a dor e em amor arde
no ardente coração da humanidade

O PENSAR E O SENTIR

pensar
acolhe o todo
sentir
dá sentido a tudo

pensar
é heidegger
sentir
francisco de assis

pensar
voa em uma asa
sentir
caminha sobre águas

pensar
é ser
sentir
você

pensar
aumenta o tesão
sentir
acordes do coração

pensar
torna-o frugal
sentir
delírio e carnaval

pensar
solta balões
sentir
fogueira de são joão

pensar
exorciza políticos
sentir
engendra místicos

pensar
brinca no coqueiro
sentir
banho de cheiro

pensar
arremessa
sentir
é pura sesta

(o sentimento
quer ser ágora
o pensamento
galáxia)

mas quando o pensamento
namora o sentimento
tempo e vento
são puro entretenimento

pensar
ergue-nos sobre a desventura
sentir
libera toda a ternura

A CHEGADA DA LUZ

Dei pra me emocionar
quatro cantos da alma
cisco no olho água de piscina
Roo meu dilúvio como posso
Quem derramou esse oceano
pra enxaguar o sol?

Uma história de amor
não é só o romance do amor
é mais que a memória do amor
não fosse a biografia do suor
ainda assim seria o amor
narrando as suas estórias

Silêncio: ouve o rumor
segredos do espinho à flor:
— tudo gira ao redor
de uma história de amor!
— adão e eva?
— novela de amor

- luz e trevas?
- drama de amor
- bela e a fera?
- alquimia do amor
- a noite escura da alma?
- a iluminação do amor
- a sabedoria e a loucura?
- os dois caminhos do amor
 - o velho e o novo?
 - os ciclos do amor
- o infanticídio de Kosovo?
 - o assassinato do amor
 - a explosão das galáxias?
 - a energia do amor
- a via-crúcis e a Via Láctea?
 - a grandeza do amor
 - a rebelião de Lúcifer?
 - o orgulho do amor
 - o homem e a mulher?
- o eterno renascer do amor

eu não sou meu país meus pais minha
 família minha casa minha religião meu carro
 minha conta bancária minha arcada
 dentária minha glândula pituitária

eu sou o cordão umbilical do sol o sonho da luz
 a morada do ser o pássaro e a asa
 a origem e o original a água e o sal
 a família planetária a flor azul de belém-efrata

— quem és? — sou eu não temais!
 — quem sou? eu sou — sempre e jamais!
 candelabros em fileira:
 derrete-se o coração
 à causa primeira

LADAINHA DOS POETAS

— Poesia descei a luz sobre nós!

— Poesia respirai o *Nous*!

— Poesia inspirai a nós!

Ó Mãe do Verbo Esposa da Luz
inspiraste Deus quando escreveu o primeiro
verso que inaugurou a criação:

— “*Faça-se a luz!*”

Fecunda os nossos inconscientes e corações
guardando-nos na presença da luminosidade:

— “*Glória ao Verbo!*”

Homero Virgílio Lorca

Rilke Borges Espanca:

— *guie-nos sempre a tentação
de o sol guiar o coração!*

Rimbaud Poe Blake

Teresa João da Cruz:

— *atravessai a noite escura
lavando na luz a amargura!*

Francisco de Assis Hölderlin

Pessoa Teresa de Calcutá:

— *preservai a irmã-natureza
as crianças e a pureza!*

Goethe Sousândrade Vallejo
Dante Neruda Octávio Paz:

— *ajudai-nos transgredir*
mas que seja pra subir!

Drummond Vinícius Bandeira
Adélia Lucchesi Cecília:

— *curai as dores do poema*
com santa clara e sol-gema!

Santíssima Trindade
da Manifestação:

Universo
Multiverso
Verso
purificai o adverso
caluniador do irmão!

Santa Sophia
protege-nos da asfixia
e do peso da mão
Baixa sobre os intelectos
a força dos arquétipos
a magia da comunhão
repartindo agora e sempre
a luz do ente

guardai-nos todos os dias
— principalmente os não santificados —
para a glória da poesia

Aleph
Tau
e Mem

O VAZIO

O vazio está no presente Jamais no passado Nunca no futuro
É um presente do presente

Vazias possibilidades: o amor chegar; a esperança passar
a noite; a autoestima permanecer em férias; a serenidade
relaxar; o desapego florir

Vazio é o espaço para o mistério passear e fazer
o seu trabalho

É o lugar que preparamos para o infinito vir cear
com o finito

É a antessala do divino; o altar da paz; o trono da plenitude;
o jardim da humildade; o fluxo do Eu-Sou

Vazio é o território do amor de Deus; da sabedoria de Deus;
da saúde de Deus; da harmonia de Deus; da alegria
de Deus em nós

Descerremos as cortinas Façamos silêncio
Limpemos a casa
Aceitemos a coragem e o temor
Chegue o vento
e instale o seu *show*

O VAZIO (2)

não
trilhei

caminhos
gloriosos
não
matei
dragões
nem
salvei
princesas

mas
submeti-me
à
humildade
dos
rios
(sustentar
abaixo
o
peso
dos
lírios)

surpreen-
deu-me
o
vazio
e
a
lua
refletida
ofertou-
me
os
seus
caminhos

CINTILAÇÕES (relatos da fumaça do incenso)

EROS (1)

sou feito
de ausência
e distância

filho
de penúria
e abundância

a encarnação
mais pura do mito

a emanção
do cintilar da presença

o amor

O EGO E A CONSCIÊNCIA (2)

o túmulo
de São Pedro
aberto
à visitação íntima
dorme
em minha alma

os ossos
do cristianismo
(ó muro
de lamentações)
pesam-me
nesta encarnação

mas o espírito
voa sobre as criptas
o jugo suave
e o fardo leve
elevam-me
ao etéreo

O VERBO (3)

a palavra sagrada
jorrava nos templos
e derramava
o arco-íris
das bem-aventuranças

mas os templos
cansaram
de louvar a criação
e a palavra sagrada
lançou-se do púlpito

a bolsa de valores
do espírito
abriu ao povo
as moedas e dons
das transfigurações

então o coração
tornou-se o santuário
e Jakin e Bohaz
as hastes do corpo
os pilares
(Deus
havia entrado
na Era de Aquário)

O PASSARINHO (4)

a cada dia
Deus
me liberta
dos véus
dos seus
diversos eus
— dos mensageiros
profetas
e anacoretas —
até desvelar-se
de espírito inteiro
em meu céu

A FONTE E A SEDE (5)

Conversei muito
com Deus
Caminhando/deitado
de joelhos

Um dia ouvi:
— “Cala-te!”
E comecei
a entendê-Lo

A FÊNIX (6)

vai luz
segue pela sombra
acrescenta
o que me falta
diminui
o que me excede
até encontrar
na fonte que me bebe
a rosa
que perfuma e inflama
o pássaro
que morre
e me levanta

ESTAÇÃO DO VENTO (7)

sopro de Deus
sopra sobre o mundo
mártir de mil faces
tempo de esperança
brisa de harmonia
vento de fraternidade

O PRÍNCIPE E O VAGABUNDO (8)

quando pisei o sol
a sinfonia da existência
ofertou-me a taça da criação
e encheu de luzes o meu caminho

mas o peso do ouro
endureceu-me o coração
e o sonho da vida
moveu o xadrez dos personagens

despido da herança de certezas
lancei cara e coroa
e renunciei à nobreza
rumo a novas fábulas

vestes de vagabundo
e o ideal da humildade
eram o novo quinhão
a guiar-me a alma

A POBREZA (9)

agita o vento
um pensamento
em minha cabeça

aves retornam
ao ninho das ideias

sopra o verde
nos galhos do coração

ajoelho-me em perdão
à natureza
pela destruição

c/ pássaros na mão
Francisco de Assis
reinaugura o verão

O PERFUME (10)

não
me cultivem
fora

minha
morada
é dentro

não
me ergam
estátuas

apenas
me aspirem
em silêncio

O TESTAMENTO DE ISAQUE (11)

cego de ver
apalpei o itinerário
de profecias
e latifúndios

estava rico
de sortilégios
lavado
na dor do mundo

bengala
descortinando o todo
concluí:
tudo era bom!

O ÚLTIMO DIA

— soubesses que falta à vida
concessão de único dia
sobra de alegre fatia
promessa de estreita via
o que acrescentarias
à glória da travessia?
— champanhe bife com fritas
colt 45 a bíblia
vestir-se de arco-íris
mandar rosas à vida
passear de chapéu de palha
peregrinar à Andaluzia

desbragar-se consolar-se
seguir a borboleta azul
tatuar o *aleph* no braço
comer feijoadada em família
pintar um quadro ametista
andar descalço no parque
descansar pra travessia
lustrar *smoking* pro espírito
doar-se ao pobre da esquina
empanzinar-se de alegria?
— seja possuindo ou não sendo
seja vivendo ou morrendo
seja de veneza o doge —
só vale o dia de hoje
vida noves fora *love*
ao que vivê-la não soube!

SEXTO SENTIDO

dizem (e eu
também digo)
que tudo
tem sentido

e embora
escondido
brota
a flor
azul
do signo
no perfume
do vivido

mas (também)
pressinto
num átimo
de íntimo
sob as aporias
do oblíquo

(onde tudo
é relativo)
que nada
tem sentido

e confuso
observo
em parafuso
nas escuras regiões
da alma
onde o não-brilho
revoga o pistilo

que tudo
permanece
no exílio
como um grito
no granito

e esse traço
(pressentido)
por sinal
(igual ao fósforo
aceso
no bósforo
em noites

de frio)
é o único
permitido
entre nós
— vis
— mortais —
e Ele
que escreveu
o Livro

em eras
remotas
a senda
dominava
a cena
(e a imaginação
excitava
os umbrais)

hoje meio odisseu
meio créu

meio joio
meio trigo

não
me torturo
mais

tornei-me
meu próprio sentido
nada mais

O SENTIDO

qual o sentido
de se estar vivo:
viver os cinco sentidos?
acender a luz do espírito?
reedificar o paraíso?
tornar-se do todo amigo?
ser lírio ou narciso?

por que quando o sentido
a face vem mostrar
esconde-se o não sentido
para o sem sentido brilhar?

o sentido
é paisagem que aí está?
o não sentido
é passagem que se abrirá?
o sem sentido
é viagem sem lugar?

ad finitum
é o universo:
mysterium
tremendum
mas do precipício
seremos salvos
quando a essência
reencontrar o princípio

por enquanto da vida
só captamos os ruídos

mas o verdadeiro sentido
será definitivo

quando o que clama
desde jerusalém
irromper-nos à alma
com o seu amém!

LIVRO II

O PARAÍSO REENCONTRADO

1

Namorada do Sol
Ventre do Céu
Coroa do Feminino
Regaço da Existência
Cordão Umbilical do Ser
Elegância do Absoluto
Provedora da Vida
Rainha dos Éons
Pedra da Fundação do Tempo
Senhora do Azul
Celeiro do Mundo
Inspiração dos Poetas
Árvore da Vida
Arco-íris Noturno
Mistério do Amor
Rio de Água-Viva
Misericórdia Infinita
Jardim da Essência
Natureza Naturante
Orquídea do Universo
Terra Firme

2

Aqui onde o espírito
sopra
lendas verdades e mitos

Ó Natureza
ouço a voz de Hölderlin
o sacrificado amigo
enlouquecido como um lírio

e peço abrigo

mergulhado
em contemplação

3

Preenche a taça
de oxigênio
rachada de adrenalina
cujos vapores
os elementos
em ebulição
sofrem em mim
os ciclos voltaicos
da criação

Abelha beijando
a flor
aspiro ao pólen
da ressurreição

Outubro: explodem
à mostra os rins
de cajus e tamarindos
rolando à superfície do chão

Quem inala o sopro
em minhas narinas
modela-me as formas
reinventa novo barro
humano cristal
em fabricação

Este corpo
é cansado
para suportar
o volume de verdade

o código do ser
a ira do viver
e range
sob o peso
da encarnação

4

Sou ruínas
despetalo em pedras
Holos-fragmento
vaso quebrado
espatifado de ausência

As quatro estações
da carne
aspiram ao sopro
quintessencial

Portal do mistério
enseada do inaudito
em cada dobra
de seus flancos
o pensamento da terra
brota o gel
do caos primordial
mesclando-se ao lixo
reciclado de infinito

A Terra
e a sua mitologia:
o antes e o depois
convivem
em meio
às contrações

5

O cordão umbilical
raiz de frondosa árvore
povoada de minhocas:
o canto das moscas-
verdes as formigas vermelhas
a pré-selvageria
dos símbolos e címbalos
a escrita automática
dos aromas

Cresço em metros
mas não percebo
os bichos os bichos
a hileia das hienas
(quando nasci
um cão mordeu-me
e passou-me a raiva)

Grande estufa
de cérebros-falantes
e plantas carnívoras
(súbito
vi a cara de Deus
entre relâmpagos
e clarões)

6

Ó natureza + pouso as mãos em tua pele jovem
e rusguenta + A tipografia das cascas imprime sulcos
em meus braços + Sinto o sexo roçar as árvores +
O sol com o seu chapéu de feltro incandescente
faz medidas pra me saudar + O veneno
que carrego na língua sequer destruiria
o vício da repetição +

Todos os mitos + preparação para o único+
Sou obra do bicho e do anjo quintessencial + mas é
em teu ventre ó nutridora que vejo a luz coalhar-se +
e retirar o arsenal de magia + rituais e sinais
de renascimento

O silêncio tem me enviado convites
c/ papel timbrado + *reality shows* do vazio +
pôster de florestas amazônicas e tibetanas +
mantras ecológicos + psicografia de ventos gerais +
pegadas de Teresa a carmelita descalça +
Espaço sagrado da consciência +
não penso + Sou existência

Quem me respira germina-me a infância +
Ô papel desbotado de parede do passado +
Os grandes animais partiram + encarnaram na pele
dos seus exterminadores + Restaram as árvores —
a vocação dos totens + Os pássaros — o caminho
para o alto + E as serpentes — em seu
teatro de iluminação e queda +

minhas fronteiras
psíquicas
mal constituídas

pedem-me distância
dos ruídos
da vida

antes cultivava
a palavra
ávida de possibilidades

agora curto
o silêncio
grávido de identidades

7

Animal ferido
no 6º dia
procuro meu nome
na agenda de Deus
perdida na criação

escolher
o sarcófago
natural

ou restaurar
o antigo
original

eis
a
questão

como retornar
à casa
se não concluí
a lição da alma?

frente às galáxias
e à vastidão cósmica
clamo ao tempo: mais
pelo relógio de Acaz!

8

ela a minha
solidão
foi a menor
de todas

sua virtude
foi ter
se auto-
diminuído

transformado
o mestre
em discípulo

foi a menos
negativa

a menos
desesperada

a mais
iluminada

a mais
compassiva

9

Bênção celeste
humilde te aguardo
assim como o milho
sonha as lamparinas
e a palha do arroz
alastra ao que o fascina
Curvado em ofício de concha
poluída praia íntima
recicle a salvífica onda
o óleo queimado e as resinas
Vinde chuva de cajú
arco-íris de andorinhas

bafo de cuscuz
destruindo ervas daninhas
fôlego de luz
sob os pulmões em neblina
Cresci em séculos
de adrenalina
e o anjo c/ seus exércitos
anuncia-me a ruína
Bênção celeste
divinas narinas
dá-me o oxigênio das gaivotas
— beija-me boca a boca —
alinha-me à ordem cósmica
violenta-me c/ tuas crinas
Conclui teu pacto — senhora
que em mim a natureza — flora
Se for merecedor
concede-me a liberdade
da busca da verdade
em sua expressão maior

10

Sou como Deus — rompidos os vasos — exilou-se
o aspecto feminino da minha divindade O vazio
habitará em mim até o reencontro c/ a Noiva qdo.
será restaurado o Tempo de Plenitude

Vem energia de união
consumar a comunhão

Sob a luz do todo
torna-me vaso novo

Eu não mereço
mas a misericórdia

me entrega
e eu aceito

Não me pertenço mais + sou o primeiro Adão
inflado no sopro da terra + a consciência vestida
contemplando o umbigo do mundo +

habita-me
a primeira
lágrima
de silêncio

11

— E a companheira?
“— Busca-a no mundo
e a conhecerás
Ela se chamará
Eros-Philia-Ágape
Nela estará refém
o coração da humanidade
Será quem
te consolará”

12

Ah paraíso
reencontrado
te pensava
arquetípico
habitado
em uma estrela
de Íxion
ou
na constelação

do infinito
onde náíade
estelar
despe o mito

Te sabia
perdido
deslocalizado
por Milton
na supranatureza
escondido
no espaço quântico
do existido
lá onde
Cristo reintegrava
os discípulos

Havia esquecido
que o Criador
retirou de si
num ato compassivo
as flores
do seu melhor sorriso
decorou o espaço
c/ arco-íris e narcisos
p/ o homem
à alegria e ao gozo
estar unido

Onde era
esse lugar?
cada vez
que seguia
abraamicamente
pra mim mesmo

sinalizava o sol
novo berço
reinvenção
do começo

mas sob
a palma
dos pés
pulsava
(tatuada
nos dedos)
a estrela
do endereço

onde se escondia
o meu lar:
era aqui
ou ali
lá ou acolá
ou no próprio
caminhar?

mesopotâmica
senha
amazônica
brenha
planície ou
montanha
roteiro
de terra e ar?

Campo de visão
descalço
as sandálias
e invoco
o espaço sagrado

(onde arde
a sarça)
na camada solar
do coração

13

Ah paraíso
redescobrir-te
reinaugura
novo círculo
para o brotar
do sentido

Embora reconheça
q a lei da selva
tenha invadido
o jardim da promessa

e o poder do arco
submeta
o mais fraco
e a sanha do esperto
oprime o sábio

e corram entrelaçados
nas águas do mesmo rio
o fratricídio e o sentido

a água viva
batiza
a água pesada

e a esperança
reacende a aliança
c/ o milagre da infância

(perdemos todos
os caminhos do jardim
menos as crianças
herdeiras da paisagem
aceitaram a ternura
e nos redimiram
das engrenagens
da máquina de tortura
— estávamos nus
disfarçados na folhagem —
sorridentes entre pássaros
ofertam uma flor à humanidade
enqto. cobras e lagartos
esgueiram-se sob a árvore)

14

porque se olharmos
com profundidade
dentro do homem
veremos a humanidade
dentro do homem
veremos a unidade
dentro do homem
leremos a divindade
no coração do homem
— o paraíso e a queda
e a reintegração —
dentro do homem

entre silêncio e ruído
desço à morada
do fogo interior
onde arde
a chama do amor
no mistério de tudo

15

belo é contemplar-te
ó unidade
ainda que engendres a arte
da multiplicidade
somos
areias
teias
centelhas
toda a criação

embora
o olho
não perceba
sabe-o
o coração

16

nem
sabedoria
nem
loucura
nem
estrela-guia
nem
noite escura
nem
ipsilone
nem
ipseidade
nem
conflito
nem
serenidade

nem
clássicos
nem
quânticos
nem
excesso
nem
avesso
nem
vazio
nem
plenitude
nem
doença
nem
saúde
nem
sax
nem
atitude
apenas
o fluir
do aqui
e agora
além tempo-
espaço
além
das horas

17

Urinei nas mangueiras
e em todas as árvores
da infância e adolescência
que me seduziam
a força dos rins

Vira-lata em trânsito
marquei o território
à sanha dos predadores
erguendo-me sobre as patas
no dilúvio do jardim

Meu exercício secreto
desenhava chuvas
líquidos itinerários
círculos sagrados
recitações fluviais

E confesso aos ventos
um sonho de maturidade
beber o orvalho das pétalas
e regar a grande árvore
dos jardins dos céus

18

Salvei a ira
para o encontro
com Deus

tentaram comprá-la
cesta
de pães e peixes

ou par de sandálias
no mercado
da verdade

devo a ela
(secreta pérola)
o ingresso

(sem subornar
a minha alma)
assim espero

aos umbrais
da
eternidade

(recado do vento:

onde mora
a raiva
transcorre
a seiva
morre
a larva
nasce
a borboleta)

19

piso c/ cuidado
o solo
dos antepassados
onde foi vertido
o sangue
do imaculado

caminho
lado a lado
dos espíritos
dos santos
loucos e heróis
martirizados

descobrimdo
passo a passo
o significado
q tudo é sagrado
sempre
cocriado

e a luz
q escreve
os ciclos
enfrentando os perigos
faz o amor
romper o castigo

20
sou o nome
o prenome
e o sem-nome

o *samsara*
o *satori*
e o nirvana

céu e terra
sol e lua
estão em mim

engendro o belo
o feio
e o terrível

nasço e renasço
nos ciclos
dos mitos

e habito
poeticamente
a existência

21

Conversas c/ a Terra
(depositando flores
no túmulo do poeta desconhecido)

afora os filhos
raros amigos
alguns amores
(muitos clamores)
estranhos mestres
(o excesso e a carência
e toda a não-ciência)
meus companheiros
de viagem
nesta jornada-terra
neste desejo-vida
além do espírito
minha morada
no infinito
e a poesia
caminho
da mais-valia
foram a xícara de café
o pão a fruta
o jornal diário
os autores relidos
(os pintassilgos
cantando no umbigo)

rostos solidários
gestos compassivos
a partilha da utopia
a solidariedade coletiva
encontros extraordinários
(às vezes um mendigo)
passeios à beira-mar
sonatas à solitude
epifanias da unidade
secretas transgressões
árvores que não plantei
letras e músicas
q cantarolei
e não mais sei
(um pingo d'água
é o começo do rio)
os filmes da tarde
os quartos de hotéis
a liturgia das horas
os sapatos macios
e a descoberta do vazio
tudo foi oportunidade
de beleza e verdade
(e o discernimento
de que na vida
como no texto
todo fim
é recomeço)
no fundo
só o amor
contou
e o que faltou
o vento
modulou
à melodia interior

O sentido
da minha vida
encontrei-o
na aceitação
de que tudo foi
maravilhoso
jamais estamos
desacompanhados
e somente
o sentimento
torna-nos felizes
e desapegados
à vida nascente

22

Graças ao eterno
foi me dada
a experiência
de cruzar o inferno
pássaro de asas arrancadas
descalço pisar em brasas
sol furando os buracos
romper a máscara
e entre os cactos
do deserto
tornar-me
um livro aberto

FORTUNA CRÍTICA

DEUS *MIX*: SALMOS ENERGÉTICOS DE AÇAÍ C/ GUARANÁ E CASSIS (2001)

LIGUE 0800: UM FEITIO DE ORAÇÃO

Entre as inúmeras qualidades da poesia de Luís Augusto Casas, estão as de ser atendida com o contemporâneo, atenta ao Brasil e às tendências da dicção poética global. Sua marca é o espírito provocativo, expresso em linguagem em que o cotidiano atua como elemento de ruptura. Já agora, em seu décimo livro, este poeta maranhense é indispensável para um mapeamento da criação nacional, na sua diversidade.

Sua poesia, lúdica e criticamente comprometida com as transformações contemporâneas, não obedece a cânones ou dicções literárias já estabelecidas. Abre-se ao espírito de um tempo onde a fragilidade conceitual é irreversível, devido à consciência de sua natureza contingencial e histórica, como comenta Heloísa Buarque de Hollanda¹.

Ao contrário dos anos 1970, dominados sobretudo pela poesia marginal/artesanal, quando tudo parecia mais demarcável, como acentua Carlos Alberto Messeder Pereira², a partir dos anos 80, prosseguindo pelos anos 1990, marchas e contramarchas se delineiam numa oscilação nervosa, entre clima de euforia e frustração, entre abertura política e crises econômicas.

Hoje, mais do que demarcar períodos e gerações, o importante, ainda segundo Heloísa Buarque de Hollanda, é acentuar o caráter autoral dos poetas contemporâneos. Neste sentido, a poesia de Cas-

¹ HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). *Esses poetas, uma antologia dos anos 90*. 11. ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 1998.

² PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. "O novo network poético 80 no Rio de Janeiro". *Revista do Brasil*. — Literatura anos 80. Ano 2, n. 5, p. 66-81, 1986.

sas já é uma *griffe* por sua sensibilidade alquímico/caleidoscópica, por sua consciência multimidiática, plural e sensitivamente interativa, que se faz patente quando, apresentada performativamente, acolhe os recursos provenientes de outras semioses (música, teatro, tecnologia) articulados a imaginários de proveniências sacras e profanas, antigas e modernas: “ó rh/bandaíd/do ser/anunciai na tv/aids/is dead” (*Salmo Curador*).

Os *Salmos Energéticos de Açaí c/ Guaraná e Cassis* representam uma reconfiguração do modo de orar nos dias atuais. Em diálogo paródico com os versos bíblicos, cria-se um espaço de ruptura/construção entre o céu e a terra. Escritos em sua maioria por Davi, os Salmos bíblicos cantavam Deus e o homem; os do poeta Cassas estendem as preces ao mundo como terceiro elemento, adquirindo um caráter “tríblico”. Se as vias de comunicação com Deus apresentam ruídos, estão prejudicadas ou cortadas, negociamos com atravessadores e trombeiteiros da nova música: “ó máquina/orai por nós/que recorreremos/a vós” (*Salmo de Alta Rotatividade*), “ó nada/tende piedade/de cada” (*Salmo do Nada*).

Da escrita de Deus, ficam as linhas tortas e a falta de horizonte. Comamos açaí e “deus” que nos coma ou engula. A nós e as nossas obras, já que “nem só de poesia/vive deus/mas do que sai/da boca do homem/e o que é do homem/deus tem fome” (*Salmo Inaugural*).

Com a crise das grandes utopias da salvação terrena e celeste, liberdade, igualdade, eternidade, ou perfeição tornam-se efeitos especiais. Afirmo o poeta: “a melhor postura/da esquerda/ainda é o coração” (*Salmo Esquerdo*). O reto e o torto, o direito e o avesso, o alto e o baixo, o dentro e o fora, em hibridações *fashion*, transformam-se no *mix* da dúvida, da indiferença, no ABC de um caos diverso daquele primordial que foi condição da criação. “Pisamos as duas vias/com cada banda do sapato” (*Salmo Responsorial*), e suplicamos ao acessório para transitar entre o “essencial e provisório” (*Salmo da Loja de Acessórios*). E continua o poeta na alquimia do açaí: “o que morreu ou nasceu/ após o mix consumir?/és o mesmo man/aqui ali e no taiti/é idêntico o açaí” (*Salmo com Mix de Açaí, Guaraná e Cassis*).

Entoando hinos à cópia e à xerox, compramos “auras de segunda mão”, vivemos “simulacros de ascese do corpo tatuado, a vida no *piercing*”, e trocamos a maçã culpada pela carne e o sangue do açaí: *“livrou-nos da maçã/e a acidez malsã/redimiu o castigo/do fruto proibido/limpou-nos a aura/lavou-nos a honra/aleluia! aleluia!/em copo taça ou cuia”* (Novo Salmo do Açaí). Nós e nossas circunstâncias, comentariam entre si Cassas e Ortega Y. Gasset.

As coisas em primeiro lugar sempre. Coisas resumidas em *kits*, arremedadas em *kitsch*, vendidas no hipermercado vital: “nada existe fora do mercado”. Vivemos o consumo em dívidas, moras, mídias, *self-service* e *fast-food* de alta rotatividade: *“mr. deus nunca foi/inimigo do dinheiro:/é o seu maior banqueiro”* (Salmo Mass-Média). Hipotecar o céu ou viver num céu-kitchenette pode não ser uma rima ou solução, mas é uma reorganização de espaços e Mr. Deus já desce ao inferno, pelas mãos do poeta.

A tônica da criação é um humor que verseja *“uma digestão rápida da vida ácida”* (Salmo de Farmácia), ou que retoca a parábola dos talentos de forma risível e hiperbólica: *“a quem já deu tudo/acrescenta um sobretudo/a quem deu nada: o supernada”* (Salmo Mass-Média). Nos Salmos energéticos de Cassas, o corpo, caricaturalmente, cresce em grande boca, muitos quilos, sentidos overdosados e drogados, a carne ensandecida, *“olhos vermelhos/do cão”, o corpo se recria como clone mais belo que super-homem na empáfia tecnológica da alma de silicone* (Salmo Clonado).

Trarão estes novos Salmos um outro feitio de orar, um receituário para encontrarmos o lado humano e profano do deus minúsculo, uma teologia da alegria e da beleza reconceituadas na miséria? Trarão a versão horizontal da prece a substituir as súplicas verticais e as hierarquias do estilo bíblico?

Rezaremos na farmácia, na grama, na hamburgueria, pelos doentes, pela ecologia, pelos famintos. Em espaços dessacralizados, acharemos a Graça ou o prazer já que *“inútil separar/transcendência e sexo/verdade e inocência”* (Salmo kundalini).

Na passarela provisória da vida, desfilaremos a linha *gauche* de Drummond. Santos de pau oco que o Senhor concebeu, executaremos em “cambalhotas” o *design* divino, como afirma e assina “no meio” o poeta.

*“deus escreve certo
por linhas tortas
o homem escreve reto
por cambalhotas
eu assino no meio
e dato sem receio”
(Salmo pré-datado)*

NÍZIA VILLAÇA

Gostei muito deste **Deus Mix: Salmos Energéticos de Açaí, Guaraná & Cassis**. É escrito com rara irreverência e extraordinária atualidade. Você é o mais novo e moderno poeta a realizar a alquimia da banalidade atual, uma alquimia-denúncia. É original e inusitado, uma espécie de revolta contra a banalização da vida nesta idade de consumismo desvairado. Gostei também de **Bhagavad-Brita: A Canção do Beco**, em que revela sua força de poeta inventivo e transfigurador do real.

Parabéns e viva a poesia maranhense que o pariu!

FERREIRA GULLAR

Identifico na poesia de Luís Augusto Cassas uma alma profundamente maranhense, embora me seja mais fácil sentir do que explicar isso. Neste **Deus Mix — Salmos Energéticos de Açaí, Guaraná & Cassis**, ele revela mais uma faceta de sua verve afiada e sestrosa, em poemas repletos de espiritualidade e deboche, que — diz ele — lhe foram encomendados, em sonho, por ninguém menos que o rei Davi.

É certo que os últimos poetas se tornarão publicitários.

Mas não Cassas, pois, como um salmista marqueteiro, ele já conjuga em sua escrita ascese e consumismo, sede de santidade e desejo de

luxúria, a febre mística e o clamor do sexo. Divina e demasiadamente humano.

A poesia de Cassas é um *outdoor* luminoso em meio à treva desses tempos sem Deus.

Saravá, poeta! Que Minerva te abençoe! A divindade, não o sabão em pó!

ZECA BALEIRO

O VAMPIRO DA PRAIA GRANDE (2002)

DENTADA NA JUGULAR

*No fundo de cada filho de família
dorme um vampiro
Dalton Trevisan*

A epígrafe retirada do conto *O Vampiro de Curitiba*, de Dalton Trevisan, a quem Luís Augusto Cassas dedica este **O Vampiro da Praia Grande**, nos dá a senha de entrada nesta assombrada morada poética que, diferentemente do transilvânico castelo do Conde Drácula, não provoca terror ou pânico, mas o assombro do maravilhoso onde habita a poesia. Ao perceber o vampiro no fundo dos mais comuns dos mortais, Trevisan sinaliza que o poeta não passa de um vampiro às avessas, na medida em que é ele quem, ao fincar as presas na jugular das palavras mortas, em estado de dicionário, as faz reviver, atribuindo-lhes novos sentidos, ou reanimando-lhes significados descartados ou fenecidos pelo sempre volúvel uso da linguagem cotidiana. É com esse gesto que o poeta reinstaura e redimensiona o vocábulo, alçando-o ao estado de poesia. Cassas, ao invocar **O Vampiro da Praia Grande**, verbaliza esse exercício poético de sugar o sumo das palavras e fazê-las sangrar revividas. É na transfusão de sentidos que a poesia se realiza plena.

Apesar da pouca intimidade com o universo dos vampiros, fui em busca de alguns esclarecimentos sobre essa tradição narrativa, com o objetivo de melhor compreender a fonte em que Luís Augusto Cassas foi beber (sugar?) para a realização dos poemas que reuniu neste volume.

É nesse contexto que **O Vampiro da Praia Grande** vai transitar. Reconfigurando o mito, Luís Augusto Cassas nos apresenta um vampiro neocolonial, que mistura características de todos os *nosferatus*, que frequenta os Neuróticos Anônimos, os Vigilantes do Peso e que, can-

sado da noite, vai à academia de musculação, ao desfile de moda e que se bronzear ao sol. Cassas concebe um vampiro que é, ao mesmo tempo lírico, fálico, apocalíptico e, sobretudo, humano.

Nos 55 poemas reunidos, o autor gira seu caleidoscópio poético onde a experimentação estilística e o referencial plural, em absoluta sintonia com a produção artística contemporânea, evidenciam sua liberdade criativa, que escapa às fronteiras classificatórias e delimitadoras da crítica anêmica.

O Vampiro da Praia Grande não tem compromisso com padrões ou fórmulas canônicas, caracterizando-se, portanto, pelo exercício experimental, onde todos os ritmos, metros e modos são incorporados em poemas curtos e longos, em que há espaço, por exemplo, para *jeux de mots*, como nos poemas *Vampiro Filosofando com Caveira* e *Ossobuco*, ou para a arquitetura gráfica, de sabor neoconcreto de *O Morcego*.

Com caninos *heavy-metal*, no estilo Robert de Niro, na meia idade, meio Alain Delon, meio *yuppie*, meio *hippie*, desejando a Vera Fischer, **O Vampiro da Praia Grande** é, na verdade, um pós-romântico irremediável; afinal, em seu cartão de apresentação, confessa: “... apesar do sofrimento infindo/no prazer torno-me lindo”. Quem há de resistir?

FRED GÓES

O SÍNDICO DO CAOS

Caro leitor, você está examinando a orelha do vampiro. Daqui a pouco estará vasculhando a mente do seu criador, Luís Augusto Cassas e estará apto a fazer a síntese tão própria deste poeta impróprio para acomodados. Espero que não lhe falte coragem. Cassas vai aos extremos. Num lado, sepulta um deus; no outro, ele é deus. Quando retorna ao centro, já é outro Cassas, muito melhor, mais lírico, mais irônico

e mais cruel, “o que tem cara de mau / jeito de metaleiro undergrau.” Isso ele faz todas as manhãs, em meio às caminhadas matinais na sua Praia do Calhau. Enquanto isso, o Vampiro vai fazendo a sua síntese: “só devoro quem amo”.

Nesta orelha pende um brinco, o da paixão; na outra orelha, ostenta o brinco da razão. Conhece a natureza humana e suga humor de qualquer pescoço. Vampiro vegetariano, sonha com a carne da atriz famosa. O poeta despreza a fórmula e o vampiro rejeita a lua, subverte a lógica e inventa o pretexto que justifique sua ida ao bar, a fim de cravar seus caninos nos canudos do *milk-shake*. De sangue, claro.

Conheci Cassas em Ipanema, e o Vampiro, numa tarde ensolarada na Praia Grande. Mas podia ser em qualquer praia, exposto aos encantamentos do sol, devorando sanduíches naturais da cozinha de Buda, em meio a tantas bundas, jogando tarô pra Krisna, Maomé, Deus-Mix, Lao-Tsé, Rajneesh e Pelé, entre *topless* e anseios com silicone. Longe da dor, néctar dos monges, Cassas é o pai do Vampiro, um vampiro em dia com os modismos. Frequenta a academia, faz questão de aparecer na coluna social, crítico mordaz da publicidade, o vampiro traça largos objetivos: “de tudo tornar-me-ei rei”.

Nada modesto, sugere Anne Rice como seu agente literário. Terror dos burocratas — “vampiro é quem ama o sangue”, enquanto “o homem ama o vazio” — o vampiro de Cassas passa filtro solar, deita na canga e surpreende o sol, dá a volta por cima e no prazer torna-se lindo. Esquivo, vaidoso, platônico, roupas de verão num corpo sarado, a síndrome do morto adiado, as nuvens não passam, as nuvens se disfarçam como pano de fundo de uma existência que ainda não aprendemos a medir. Pequeno demais para terminar assim, ou imensurável para doer eterno? Solitários, poeta e vampiro, só eles sabem a resposta.

Mas nem tudo é luz no caminho de **O Vampiro da Praia Grande**. Tem a indefectível sombra barulhenta da solidão que acompanha os indispensáveis, os males da civilização, o efeito colateral do açúcar e do sal. O Vampiro é obrigado por seu criador a discursar na Câmara de Vereadores de São Luís, confirmando que a relação continua inalterada, amor e ódio.

Este Vampiro é uma metáfora cruel endereçada aos que submetem suas existências aos porões da ganância, acreditando em promessas cínicas de um futuro de bens duráveis, enquanto a vida se alimenta de sol na Praia Grande. **O Vampiro da Praia Grande** descobre que seu destino é a luz, a liberdade. Vampiro é o mais puro-sangue e Cassas é o mais puro poeta impuro. Todo vampiro quer ser poeta, mas POETA é o Cassas, que faz dos deuses, trapaças, poeta intenso faz graça com um vampiro *fashion* que transmuta, tocador de sax em *sex shop*, faz musculação e come fruta. POETA é o Cassas, que faz da sua poesia consciência das nossas desgraças. Aqui nestas orelhas, leitor de pescoço apetitoso, não entra cotonete e a ordem do poeta é pôr tudo em ordem pra depois desarrumar. POETA é o Cassas, cuja existência está justificada na inexistência de um drama que possa explicar o medo de viver intensamente.

Com vocês, **O Vampiro da Praia Grande**, aquele “que só mata socialmente”. Sirvam-se do talento de Cassas, o lúdico síndico do caos.

LUIZ HORÁCIO RODRIGUES

Puro-sangue Cassas certamente não é — sua brasilidade não o permitiria. Mas pura poesia isto ele é. Poesia pura, sim, explodindo em criatividade, atacando com ironia feroz. Em suma: era o vampiro de que estávamos precisando. O digno herdeiro da Antropofagia de 22.

MOACYR SCLiar

O Vampiro de Praia Grande, de Cassas, é, a meu ver, o melhor livro de poesia editado ultimamente. Nele concentra-se uma desconstrução lúdica voltada para o humor de maneira a revelar-nos o que se julgava pertencer unicamente à circunspeção, matemática do simbólico. Anotações no decurso da leitura de **O Vampiro de Praia Grande** revelam um descontraído panorama no exercício de cada verso. *O Vampiro filosofando com Caveira* provoca risos, gargalhadas. A versatilidade do poeta surpreende a cada novo poema. Não suspeitava haver tanta verve no “sangue das palavras”. Sua liberdade de invenção é ilimitada.

Isto significa que na essência do ser está o riso... Nas reuniões sociais de São Luís **O Vampiro da Praia Grande** há de competir com o champagne, bebendo o sangue dos convivas. O livro é um marco na poesia brasileira. Feliz a sociedade de São Luís que possui a inteligência como motivo de riso, cuja “garganta não sobra pra janta”. Morre-se de rir ao ler *Ossobuco* ou *Vampiro Tocando Sax no Sex Shop*.

FOED CASTRO CHAMMA

EM NOME DO FILHO: ADVENTO DE AQUÁRIO (2003)

OS MENINOS DE SÃO LUÍS E O POETA-ALQUIMISTA DE AQUÁRIO

O verão de 2003 tem sido maravilhoso frente ao que podemos ver no céu numa só noite. Planetas. Asterismos. Nebulosas. Como Júpiter e os satélites de Galileu. Depois Saturno, com a clara divisão de seus anéis. As Plêiades — estrelas muito jovens —, que dividiam a solidão de Safo. As nebulosas do Caranguejo e de Órion. E quase amanhecendo, a estrela da manhã e o brilho surpreendente de Marte.

E, como a poesia e a astronomia inventam e descobrem distâncias e belezas — ou talvez seja eu que as interprete assim —, não pude não pensar na grande abertura que a move — um horizonte cósmico e verbal interminável. Os objetos celestes não conhecem fim, como tampouco as formas da poesia, fundando galáxias de verbos e sentidos, antes eclipsadas por outras formas de dizer ou brilhar.

Luís Augusto Cassas parece demarcar esse tipo de sensibilidade, atraída por outras e novas formas de dizer. E que não dependem de uma filiação *heavy* ao clássico ou de uma desesperada vontade de se tornar contemporâneo *light*. O que aplaudo em Cassas é a sua absoluta independência — essa vontade de ver e sentir, mais livre e mais aberta — de igrejas, seitas ou capelas, conhecidíssimas em nosso estranho planeta literário. Cassas é um ser levado pela distância. O ainda-não. O futuro.

Eis por que sua obra é uma forma de progressão, de busca inquieta em múltiplos quadrantes. Poesia e conhecimento. Não como atitudes complementares. Antes essenciais. Trata-se do *universo mundo*, de outros deuses, cidades. Assim foi com **Deus-Mix**. Assim é com este **Em Nome do Filho**. O centro é São Luís do Maranhão — como a Praga de Seifert — no sentido de que a cidade é maior que a cidade. A história e

a metafísica aqui se entrelaçam de modo inequívoco, a partir de rondós delicadíssimos. A fome. A revolução. A cidade e a Terra. E o futuro — dedicado aos meninos de São Luís, que hão de levar a cabo o ainda-não. Pedras de cantaria. Pedras da sabedoria. E o massivo processo de transformação desde a pedra, desde a rocha — ao poeta-alquimista em plena Era de Aquário — em que se construiu a polifonia brasileira. Micro e macrocosmos — como bem sabe Luís Augusto Cassas.

Estratos e mais estratos — assim se apresenta **Em Nome do Filho**. Estratos verbais, órbitas e dialéticas surpreendentes, formando neologismos, sequestrando e deslocando significados, tangenciando situações históricas, multiplicando analogias e associações realmente novas.

A poesia e os céus guardam infinitas surpresas. E sempre movidas por sentimentos de piedade e ousadia, amor e ódio, inteligência e sensibilidade. Vejo Luís Augusto Cassas nesse movimento. E não me resta senão cumprimentá-lo efusivamente.

MARCO LUCCHESI

O POETA E A SALVAÇÃO

Eis o elenco de bens que somos chamados a salvar, inventário feito por Luís Augusto Cassas, Poeta, em São Luís: monumentos e arquiteturas, palácios, sobrados e o castelão, muralhas, ruínas, pura pedra, a mina, o boqueirão, o chafariz, a fonte do bispo e a do ribeirão, o viaduto da Pedro II, a quinta das laranjeiras, a pedra do bonfim, as pedrinhas, a ponta d'areia, a fonte das pedras, a rua do sol, o coroadinho, e as casas de Deus com vários nomes, carmo, sé, desterro, são pantaleão, remédios, igreja de santaninha, madre deus, convento das mercês, além das perspectivas, das sombras, dos silêncios entre as casas, dos azulejos, dos verdes, do chão e de seus passos, do musgo e de suas vinganças. E além dessas pedras, as coisas vivas, o peixe-serra, o sabiá, o bem-te-vi, o curió, a rede de tucum e seus risos, a cocada e seus ritos, as alvas rendas, as

sedas, o sangue do açaí, o peixe no prato, a farinha na cuia, o cuscuz, o licor de tangerina. Tudo isto, memória, história, cultura e política, de um lado.

Do outro lado, os meninos. O dolorido, o pungente martirológio dos meninos de rua.

O Poeta se lança ao combate. Seu linguajar é todo litúrgico, de oráculos e exorcismos, de hinos e ladainhas, de epístolas e salmos, de cânticos e bem-aventuranças, de celebrações e comemorações, de proclamações e silêncios. De envio e missão. Sente-se chamado por Deus, ungido pela graça (*“é o deus em mim que te ordena”*), põe-se ao lado dos profetas irados e dos videntes cegos, convoca os passantes, assina seu manifesto. Sente-se investido: *“defensor perpétuo e lírico / de são luís do maranhão”*, consagrado para isto, como João Batista: *“em nome do sol e do mar / dou a ele força e poder / de lapidar e guardar / a vida que há de florescer”*.

Se sabe que *“o Mal é apenas o Bem a caminho / o Belo é o Feio reintegrado”*, nem por isso pensa que essas coisas virão automáticas, inevitáveis, fatalísticas. Teremos que construí-las, como a parede, a sala e o chão, o copo, a faca e o pão. Se acha que *“são necessárias a) cooperação entre o místico e o científico; b) conciliação entre o masculino e o feminino;”* etc., e outras seis atitudes (convergência, comunhão, junção, fusão, colaboração, integração), e se termina a lista desses sinônimos com um ponto e vírgula, é porque acha que tudo é tarefa, é missão que realizaremos em conjunto e nunca terminará. Sobretudo isto, como diz no *Lançamento da Poesia-Síntese*: a consciência com que devemos nos engajar junto com ele é meio-caminho, síntese e mediação entre o intelecto e a intuição.

Pleiteia uma nova “consciência poética”. O que faz é isto: instrumenta-se criticamente, aparelha-se, arma-se de quanta agressividade e lucidez possa, depois como que abandona tudo isso e então se joga na lida. Não quer salvar apenas azulejos, a memória, a sombra, a casa, o silêncio, mas, sobretudo, os pequeninos seres humanos que têm que passar escondidos ou corridos entre os palácios, as crianças roídas de fome, de ignorância e doença, humilhadas pelo medo que causam nos outros.

É um Poeta desconcertante. Na sua evolução, nunca se sabe aonde nos vai levar. Nos 11 livros anteriores, fez todo um aprendizado de técnicas. Foi do versículo bíblico, ondeante, rumoroso, alagador, ao verso curto, uma palavra só, sozinha mas precisa, límpida, solidária, responsável, iluminada, brilhante e necessária. Dono de toda técnica, hoje é um Poeta absolutamente livre. Não precisou nem escolher o tema. Chocou-se com o que viu: casas derruídas, ruínas progressivas, consciências cada vez mais nulas e sobretudo corações endurecidos, fechados irremediáveis. Entre os palácios, na sombra angustiante que projetam, vê meninos de rua e seu não futuro negro. O Poeta não compactua com a cidade que tenta preservar um patrimônio de humanidade mas se desumaniza ao tratar como nada as suas crianças.

Se alguma vez o Poeta foi difícil, pelos milhares de alusões e referências que fez, nem sempre claras para o leitor, aqui, agora, neste combate por São Luís e suas crianças, mesmo que não conheçamos Desterro, Sé, Remédios, Santaninha, Madre de Deus, Rua do Sol e Boqueirão, sabemos que podemos ir com segurança, porque ele vai à nossa frente, e ir com urgência, pois não haverá tempo de impedir a derrocada, se não detivermos o descuido, o descaso, a injustiça, a violência. O Poeta, que já andou em auras muito altas, em distâncias inacessíveis, agora é outro, já o havia anunciado no **Bhagavad-Brita: A Canção do Beco**, de 1999:

*“eis-me agora no chão:
pra entender a matéria
e o seu coração”*

A começar do tamanhinho dos versos... O verso curto ajuda a ser mais livre. Quem carrega menos peso dança mais fácil, pula mais rápido as pedras. O verso curto é perigoso, se vai vazio e não se aguenta em pé, mas é eficaz, porque induz naturalmente à simplicidade, purifica, leva ao despojamento, ao essencial. Luís Augusto se libertou da pontuação e das maiúsculas, cria seu ritmo com o branco da página, a mancha e seus intervalos, alivia ainda mais o verso.

Nem por isso diminuiu a carga de poesia de cada linha. Paradoxalmente, com menos referências e menos aderências, a poesia é mais profunda e comunicativa. Seu objetivo é claro: acordar as pessoas,

que comecem a pensar nos outros, não olhem só seu umbigo, seu castelo, sua luz. O social é a raiz do nosso ser humano.

Se às vezes não acompanhávamos o Poeta em tudo o que leu, do Oriente ao Ocidente, agora, neste livro, mesmo não tendo pisado aquelas ruas, entrado aquelas portas, olhado pelas mesmas janelas, sabemos que estamos no lugar certo, no ponto de encontro das duas linhas que fazem a história: o sofrimento do mundo e nossa capacidade de redenção. O Luís sabe o que quer e o diz, direto como um soco. Não há distância entre o que diz e o que compreendemos. Sua comunicação é imediata e eficiente. No primeiro e no último poema, define a urgência:

*“é preciso lavar a cidade
é preciso ninar a cidade
é preciso amar a cidade”*

Entre os dois poemas, a convocação:

*“convoque-se urgente o povo
para a construção do novo”*

O oráculo contra a cidade secular é severo:

*“fizestes mal às crianças
e ao seu jogo de varetas
perdendo o reino da infância
e o boi da cara preta”*

Pede que a cidade deixe os meninos nascer, brincar e, mais grave ainda, viver. Troca seu reino por um menino e promete que coroará “os pequeninos / condestáveis deste burgo”. E por isso nos quer com ele, na mesma tarefa urgente. Seu sonho e missão, nosso sonho e missão, passam a ser este:

*“os leões do palácio
e o cordeiro de fátima
pastarão na mesma casa*

*os corruptions e gaviões
voarão juntos
na mesma asa*

*a criança branca
e a criança preta
brincarão
a mesma retreta”*

“Quem não amar as crianças” abandone a esperança. “Copiai de Deus o segredo / a vida é jogo e brinquedo”. O meio de que o Poeta dispõe para essa missão tremenda é unicamente sua palavra, opaca. Mas podemos jurar, por tudo o que é sagrado, que vai consegui-lo.

Vai consegui-lo, já sabe como fazer, como fez no **Deus Mix: Salmos Energéticos de Açaí c/ Guaraná e Cassis** (2001), em que ensinava até o ateu mais impenitente a rezar, nos fazia ir “salmodiando” o que vemos, parodiando o que os outros dizem, o Lula diz, o Papa diz, o próprio Poeta diz. Como Affonso Ávila fez com o *Código Nacional de Trânsito*, terminamos de ler esses salmos e saímos construindo nossas próprias denúncias. Luís Augusto não disse uma única palavra ociosa, nestes dois livros (**Deus Mix** e **Em Nome do Filho**). Com seus elementos lúdicos, de brincadeira crítica e lúcida, o **Deus Mix** é sumamente depurado. Os **Salmos Energéticos** são secularizados, irônicos, irreverentes, sadiamente autônomos, cheios de alusões e textos paralelos, de espantosa riqueza referencial, de várias leituras tangenciais; mostram que o homem pode ao mesmo tempo ser filho e ser pai de sua palavra.

Parece brincadeira o que o Poeta fez, a partir de coisas tão sérias, com irreverência, criatividade, comunhão transformadora com as pessoas e as coisas boas do mundo, ironia e riso sadio, mas isso é fantásticamente desmistificador, um ensino/aprendizado de liberdade, um instrumento de libertação, uma libertação. Pode ser que se sinta incompreendido, analisado sumariamente por alto, pela aparência, por seus modismos, um crítico se contentando com repetir o outro, com variantes mínimas, ou dizendo coisas enormes que ele nem pensou em fazer.

Talvez por isso se sentiu um “*jó pós-moderno*”, “*um lot protestado*”, “*um sansão pelado*”, “*um saco de pancadas*”, “*cinzeiro de multidão*”.

Murilo Mendes, Jorge de Lima e vários outros não foram compreendidos até agora no alcance extraordinário de sua poesia, porque muitos leitores nunca viveram as experiências espirituais, místicas, de contemplação, de celebração, que tornariam possível saborear tudo que esses Poetas produziram e nos legaram. Assim também, para ler Luís Augusto não basta o preparo intelectual, conhecer aquilo a que alude: é preciso partilhar suas vivências, intuir seu mundo interior, frequentar com ele Tabores, Cenáculos, Jardins das Oliveiras e Calvários. Ninguém nunca vai lhe dar ordens. Descobriu seu caminho próprio, absolutamente livre, não vive de ninguém. Se aprendeu de alguém, tem hoje seu linguajar pessoal inconfundível. Que continue.

Em vários momentos, dá definições exemplares, lúcidas, insuperáveis: o poeta “*como o padeiro / no ofício diário do pão*” (**O Retorno da Aura**).

É fabuloso que o próprio leitor vá descobrindo a incrível capacidade de síntese do Poeta, sua dialética, a superação dos opostos, a conciliação das antinomias, a abertura para o Transcendente. É escrevendo sua poesia que doutrina e ensina melhor. Cabe-lhe comunicar. A nós, cabe receber, gostar, descobrir e utilizar o pão que ele amassou. Se os críticos não descobrem sua carga emocional, sua visão holística, sua missão de iluminado, é problema deles.

O monge continuará rondando sua capela, de noite, tentando ver através dos vitrais se ainda lucila ao lado do sacrário a luz que ele acendeu, no seu próprio coração. Agora é aguentar sua própria sina. O Poeta sabe que vale a pena.

PE. LAURO PALÚ, CM

UM LIVRO DE RESSURREIÇÃO

Às vezes um livro nos encontra, pleno e redondo, e a gente tem a sensação de que o tempo, por um momento, nos devolve o instante em que, num lugar qualquer da infância, descobrimos a alegria de abrir um livro pela primeira vez. Aquele momento no qual para sempre e mais um dia nos entregamos, irremediavelmente, à descoberta da leitura e à sua sucessão de maravilhas. A gente pensa que nunca mais esse acontecimento se repetirá, ao menos com a mesma intensidade.

E, de fato, à medida que amadurecemos, se torna cada vez mais raro a gente descobrir um livro capaz de nos devolver com a mesma intensidade os sortilégios e os encantos da infância e da mocidade.

Por tudo isso é bom para mim dizer que o seu livro, **Em Nome do Filho**, renovou nos meus dias de hoje a alegria e a gula do menino e aprendiz de leitor que fui em dias antigos, por tudo que nele é linguagem nova, invenções, descobertas, alta poesia e celebração. Livro impregnado do que é humano e fraterno. E, bem mais do que isso, sendo um ato e um gesto de liturgia do ser e da palavra em louvor de cidade amada e venerada pelo poeta, para além do tempo é um canto em louvor da vida e do homem.

Inclusive de exortação aos indiferentes e aos omissos.

Daí por que nele tudo é belo e límpido, impregnado de beleza e manchado de infância e tempo, como se a poesia em você fosse o que é e realmente parece ter sido sempre: ao mesmo tempo ato de criação e ressurreição.

Sob esse aspecto, o mais participante de todos os livros, porque tem o dom de nos encantar e comover, inclusive o de nos fazer entender e ver, de maneira nova, coisas e tempos novos e antigos, além de nos ensinar a sermos fraternos e solidários, como entenderão todos aqueles que abrindo o seu livro escutarem esse rumor de fonte que, mesmo depois de fechado, ressoa em nosso coração e em nossa lembrança.

JACI BEZERRA

Os poemas de **Em Nome do Filho**, de Luís Augusto Cassas, têm força profética e poder sacramental.

FREI BETTO

Invocando a cura da cidade, do povo, das casas, das ruas, Luís Augusto Cassas desperta em nós a ternura simples e profunda de amar e cuidar, com o mesmo carinho, as pedras e o coração.

MONJA COEN

No **Em Nome do Filho**, Luís Augusto Cassas parte numa busca da memória, da redenção da alma da cidade, e transforma seus achados em poesia de grande força verbal e melódica. O poeta faz 50 anos e os registra com uma homenagem à cidade. Nós devemos agradecer a homenagem e retribuir com a admiração por esta poesia, uma das melhores desta terra de poetas.

JOSÉ SARNEY

TAO À MILANESA (INÉDITO)

Cassas, Luís Augusto

Vieram lágrimas e sorrisos
escondidos e transparentes
Nas suas palavras e lentes
o Caminho se revela
transgredindo a transgressão
Linguagem revolucionária a mente
completa a oferta da serpente
tentação de seguir em frente

Eu não sei fazer poemas
Eles me fazem
Então leio você e vejo você
Aqui comigo
Conversamos, choramos, rimos

Tudo passa e acontece
no Zazen
Sentados em aparente silêncio
Ouvimos os tormentos internos
memórias
esquecimentos
relatos de uma existência

Quanto movimento!
Corpo-mente parados
extáticos
tática Zen
percebendo o imperceptível
vaivém

Lindo você
que reconheço
no Tao à Milanese

gassho
coen

MONJA COEN
Poema Inédito

EVANGELHO DOS PEIXES PARA A CEIA DE AQUÁRIO (2008)

A REVOLUÇÃO DA COMPAIXÃO NA ÁGUA LUMINOSA DE CASSAS

Esta obra poética de Luís Augusto Cassas é originalíssima! Fala do Evangelho como boa notícia, usando dois códigos só possíveis em nosso tempo: o código do inconsciente coletivo, onde vivem os grandes arquétipos que são os sonhos ancestrais da humanidade; e o código da astrologia, que fala das Eras de Peixes e de Aquário, este também um código dos grandes símbolos arquetípicos da humanidade.

Quando se fala de peixes, não se pensa em peixes, mas no seu significado simbólico. Peixes está no lugar do espírito de doação irrestrita, do amor incondicional e da compaixão, espírito este que encontrou no Cristo da fé sua suprema expressão.

Agora estamos deixando Peixes, sem perder nada de seu valor perene. Entramos em Aquário, o repositório de todas as águas, aquelas que tudo geraram e de onde veio também a vida. A vida quer mais vida. Por isso Aquário representa a solidariedade universal, caminho que leva à plena realização o processo da individuação humana. Unindo Peixes com Aquário, encontramos aquilo que Luís Augusto chama, com razão, de “a revolução da compaixão”. É o tempo a se inaugurar.

Sua poesia e suas metáforas devem ser entendidas neste trans-fundo mítico-simbólico-arquetípico. A mensagem nasce da ecologia profunda e espiritual: *“agora dai notícia ao povo / quem não assumir o lado peixe / não nascerá de novo”*. Num outro momento, interpela: *“lavai as águas humanos / santificai o profano / seremos o que sempre somos / gotas do mesmo oceano”*. Ponto alto de sua produção poética é seguramente o *Elogio da Delicadeza*: *“Onde encontrá-la? / Está não estando / — cuidando dos filhos — / (...) com suas mãos de fada / jamais*

nos fascina: / alivia-nos a queda / reenvia-nos pra cima”. O sonho final deste evangelho se traduz nesta conclamação: “afogai em lágrimas / os sonhos de guerra / transmutando em água / o sangue da terra / desfraldai às eras / a terra prometida / com o sal da terra / e a água da vida”.

Seu discurso poético revelando universalidade vem revestido com os peixes, as águas, os rios e o universo ecológico do Maranhão, conferindo especial singularidade ao seu texto, conjugando, com felicidade, o local com o global.

LEONARDO BOFF

O NOVO SALMISTA E O SEU AQUÁRIO DE PRECIOSIDADES

Não sei se louvo aqui o talento poético de Luís Augusto Cassas, evidente nessas páginas, ou se assumo a postura reverencial de quem se depara com um novo salmista.

Evangelho dos Peixes para a Ceia de Aquário é uma obra de profundo vigor literário e qualidade estética primorosa. O autor literalmente nos convida a um mergulho nas raízes maranhenses que cada um de nós traz dentro de si: *“que o homem / peixe é / na enchente de sua fé”*.

Se o poeta-salmista assume aqui que a sua “profissão é ser peixe”, na precisão do verbo ele resume, como toda boa poesia, seu intuito, como se imbuído, não de uma missão, mas de uma vocação inelutável que brota da mais primeva saudação: *“Minha profissão é ser peixe: nadar nas águas do inconsciente coletivo / fazer emergir a compaixão”*.

O dizer do poeta é sempre recorrente. Como se o exclamar trouxesse toda suficiência do falar. Então, as palavras tornam-se pedras cuidadosamente lapidadas, de modo a revelar tão somente o brilho de seus significados, sem fraseamento perdulário, nem as amarras da razão a impedir voos. *“meu nome é cristo-lampião / do sertão da dor / vingança: fazer o bem / e semear o amor”*.

Eis um livro-manifesto, um hino à vida, sem concessões à rima fácil ou aos jargões que traem a identidade poética. *“Irmãos do planeta / vençam a correnteza: / antes que a vida crie / fundo de combate à tristeza / salvem a natureza / assim seja”*.

Luís Augusto Cassas demonstra, neste aquário de preciosidades, ter atingido a maturidade literária, sem se deixar levar pelo formalismo em voga dos que nada têm a dizer e pensam que as palavras foram feitas para ter som e não sentido.

“Evangelho” é o título apropriado para essa salmodia. Significa boa nova. Aqui, a novidade é ótima. E salutar.

FREI BETTO

*Confissões de um simples pe(s)cador,
náufrago letrado que, por felicidade,
recolheu a garrafa que estava à deriva,
e nela encontrou a seivalquímica
que pôde sorver de seus versos sábios,
escritos pela sacra penapócrifa
de um poetapóstolo:*

EVANGELHO DOS PEIXES PARA A CEIA DE AQUÁRIO

Fernando Pessoa, expressando-se acerca da sinceridade dos poetas, classifica-os em três níveis: os inferiores, que dizem o que julgam que devam sentir; os médios (entenda-se aqui medíocres), que dizem o que decidem sentir; e os superiores, que dizem efetivamente o que sentem. Também em relação à arte, Pessoa propõe enxergá-la num esquema tripartite: *“O fim da arte inferior é agradar; o fim da arte média*

é elevar; o fim da arte superior é libertar”. [...] “Elevar e libertar não são a mesma coisa”, prossegue. “Elevando-nos, sentimo-nos superiores a nós mesmos, porém por afastamento de nós. Libertando-nos, sentimo-nos superiores em nós mesmos, senhores, e não emigrados de nós. A libertação é uma elevação para dentro, como se crescêssemos em vez de nos alçarmos”.

Luís Augusto Cassas e sua arte poética, que se faz extensa e bela, estão nitidamente declinados nos graus superiores de Pessoa. Para saber, basta ler com olhos transparentes este **Evangelho dos Peixes para a Ceia de Aquário**, destilado alquímico de um poeta maranhense, alma universal, que opera as palavras na incessante busca de uma experiência libertadora e guarda em cada texto uma oração filosofal, generosamente oferecendo-nos a possibilidade sincera de transmutação pela poesia, efetivamente sentida neste ar de devoção sacra que nos (e)leva para dentro, em sua obra.

Cassas é um pisciano nato, de 2 de março, que veio ao mundo, constata-se pela dimensão de seu trabalho, imbuído de uma missão *espiritualírica*. Seu brilhante *eguintelecto*, feito estrela-do-mar, presume-se, já sofreu mil mortes por afogamento nas águas diluvianas, já foi presa de Leviatã, terrível monstro abissal, já esteve engolido por eras a fio no ventre da baleia de Jonas. Já sofreu a absoluta diluição do sal no doloroso milagre da existência, já se deixou hipnotizar pelo perigoso canto das sereias, já viajou nove meses pelos sete mares indo aos quatro cantos do mundo, humildemente aprendendo a arte de nadar e emergir das águas densas com poesias cristalinas, dinamizando mensagens oceânicas em gotas *orvalhalquímico*, capazes de dourar a perdida aurora de Netuno.

Lidando com potências inconscientes, submersas, Cassas adquiriu mestria em umedecer solos estéreis e fertilizar os corações humanos, ensinando-nos a remar sem lágrimas nosso cotidiano rio de sentimentos. Um poeta estranhamente sedutor, que escreve com sacralidade e sensualidade puras; ao mesmo tempo um misto de “Homero cego-das-ruas” e repentista dos becos históricos de São Luís do Maranhão. Mescla de missionário suprarreligioso e de insano arcano do tarô, sem número e sem credo estatutário, Cassas desfila (des)percebidamente atento por

todas as igrejas e cartas da vida, por todos os arquétipos e mitos, convocando o panteão dos deuses a prestar auxílio, e todos os povos e mentes a compreender o sublime sermão interior, que podemos ouvir, sempre que em oração e poesia, subimos à moda de Cristo nossas bem-aventuradas montanhas.

Cassas ainda é hermético. Sua poesia, mesmo quando despretenhiosa, num contraponto de si própria, assume muitas vezes um caráter de sabedoria atemporal, porta-voz, ora da espiritualidade gnóstica, ora dos mistérios cristãos ou do esoterismo da cabala judaica. Casas também proclama em *versimagens*, as ciências proibidas de Hermes Trismegisto, entidade superdotada, mensageiro de Zeus, elo entre o céu e a terra, única divindade franqueada por Hades, príncipe das trevas, a penetrar em seu denso mundo inferior. Hermes, descrito por Homero como “o fiel companheiro dos homens”, é quem nos entrega o tripé da tradição oral: o hermetismo (ensinamentos complexos de sua própria sábia palavra), a magia (procedimentos ritualísticos que se realizam por meio do gesto, da palavra e da vontade) e a alquimia, assimilada de Efesto, artífice deus-ferreiro, que lhe teria ensinado o oculto ofício da transmutação do chumbo em ouro, bem como o segredo da imortalidade. E toda a poética cassiana, conquanto agrade por sua espontaneidade aos olhos leigos e sensíveis, encontra-se permeada de poemas alquímicos que prescrevem aos neófitos os passos que devem ser dados nas entrelinhas da Iniciação.

Neste **Evangelho dos Peixes**, particularmente, Casas presta precioso tributo a Jacob Boehme (1575-1624), sapateiro-filósofo, estudioso da cabala e da alquimia, cuja complexa cosmogonia, concebia Deus como tácita síntese da maior das antíteses, a englobar em sua absoluta natureza, tanto o bem como o mal. “*Que mistério da fé / envolve os sapateiros? Por que velar aos pés / acende no alto os luzeiros?*” Pergunta-nos o poeta que, ao mesmo tempo, diz querer “*ir à festa do céu com sapatos de Boehme*”, ensinando-nos que só no anonimato do ora et labora, na humilde condição de quem faz da própria vida devoção, é possível caminhar pela senda reservada da iluminação. E Casas se imagina calçando os sapatos de Boehme, “*luzidios como hidromel*” (bebida fermentada, açúcarado de água e mel, usada

em doses terapêuticas desde a Antiguidade), poética alusão ao cristallino Elixir da Vida Longa.

Outro trabalho dotado de extraordinária luz alquímica é a “Tábua de Opalina”; conversão pisciano-aquariana da célebre *Tabula Smaragdina*, ou Tábua de Esmeralda, texto originariamente grego, de cunho erudito, componente do *Corpus Hermeticum*, datado do século II d.C., cuja autoria, desconhecida, é miticamente reputada ao deus Hermes Trismegisto. O pergaminho, em verdade, está assinado por Poimandres, alquimista que, em respeito à regra áurea do anonimato, preferiu manter-se oculto por detrás da figura bucólica de seu pseudônimo (*poi-mén*, em grego, traduz-se por pastor). Traduzido por volta de 1460 para o latim pelo humanista italiano Marcilio Ficino (1433-1499), o segundo de seus treze aforismos, dotados de sutileza e complexidade, adverte: “*Quod superius est sicut quod inferius; quod inferius est sicut quod superius ad perpetranda miracula*” (assim como é em cima, é embaixo; assim como é embaixo, é em cima, para perpetuar o milagre).

Ora, feito Hermes dos gregos, Cassas promulga em sua Tábua a união das profundezas oceânicas ao espaço sideral; em cima e embaixo são posições opostas e ao mesmo tempo complementos mútuos um do outro, posto que o mar guarda em seu espelho todo o infinito, enquanto as estrelas-do-mar vivem seu pequeno drama, especulando entre si se não seriam elas os fractais microcósmicos de um mundo *divinestelar* magnânimo, incabível em sua compreensão.

Opalina, pedra azul, cor do oceano, relacionada ao signo de Peixes, é símbolo do mundo inconsciente. A nova tábua proclama a imagem do planeta Terra navegando feito Grande Peixe pela Via-Láctea, interposta à ideia de que estrelas são cardumes (e suas guelras, asas), fazendo aproximar assim nosso mar desconhecido do cosmos mais longínquo, enquanto transpõe a miríade infinita de seres marinhos para as constelações do firmamento, numa metáfora de *profundilux* revolucionária, característica deste novo movimento literário (que eu chamo de Aquarismo) do qual Cassas é um dos mais expressivos arautos, a lembrar que “*Sem Deus o homem é nada!*”, quando bate seu báculo à entrada do Templo, anunciando o novo Eon que se apresenta, momento em que os peixes, prestes a assumir plano secundário em cena, celebram,

satisfeitos, o rito de passagem (da humanidade e da Terra) para a Nova Consciência.

É possível antever a mutação psicoalquímica a operar-se neste futuro que se faz presente, capaz de resgatar pelo anzol da poesia, em águas claras da fonte universal (da qual provém e de onde todos provimos), nossa síntese divina.

Vivemos um momento histórico crítico e libertário, época em que os peixes (e Cassas os percebe humildes e sábios) ufanam-se em socorrer a humanidade, servindo-se a si mesmos às postas sobre mesas postas, oferecendo-nos sua melhores receitas e “boas novas” para a completa remissão das almas que saibam saborear a vida em sentimentos, enquanto ousam beber do cálice do amor em plena Ceia de Aquário.

Claro está, impossível capturar o Cassas sem que seus poemas nos saltem pelas frestas d’entrededos. Análises acadêmicas mais revelam sua *insanincompetência* quando pretendem explicar arte e poesia; ora, se a arte de Cassas nos liberta é porque nem sua Obra nem seus poemas, especificamente, deixam-se prender por coordenadas do intelecto.

Devo confessar que ler o **Evangelho dos Peixes para a Ceia de Aquário** fez-me afundar em mim mesmo, mergulhar em meus abismos, nadar por mares pessoais desconhecidos; sinto-me ora banhado por um misto de sentimento de espiritualidade e compaixão, molhado que estou pela torrencial queda de suas palavras; flagro-me ainda preocupado com o velho adágio que vem à tona e nos conta que, em verdade, não herdamos esse mundo de nossos pais, senão que o tomamos emprestado de nossos filhos. A escassez de água no Planeta, risco eminente à nossa sobrevivência, reflete profundamente a crua aridez da alma coletiva e nos pede urgentemente que ajudemos a perfumar o coração dos homens com o Elixir que exala destas páginas. Isto porque Cassas, *apostolalquimista*, deposita esperança na oração solitária, voltada à transmutação pessoal que, associada ao trabalho solidário de levar a chama de nossa vela à cadeia do próximo, cumpre transformar primeiramente o homem e, a partir disso, favorecer a iluminação da humanidade inteira.

A leitura deste **Evangelho** opera-me ainda um milagre natural, faz-me ouvir em meu silêncio a ressonância de um mistério, inunda-

me com a sensação oceânica de estar compartilhando de um segredo alquímico, faz-me sentir igualmente aos iniciados de Cristo, responsável pela Pedra Oculta em que um peixe fóssil filosoficamente espera, há *centilhões* de anos, aguardando pelas mãos transmutadoras daquele que o soltará, tal qual faz Cassas com seus livros, para nadar para sempre num aquário de poesias.

“Non nobis, Domine, non nobis”.

PAULO URBAN

Esse maravilhoso **Evangelho dos Peixes para a Ceia de Aquário** que acabo de ler, quanto frescor e quanta beleza; quanta força e quanta unidade; quanta centelha e quanto abismo; quanto caminho amplo e maravilhoso atalho. Alegria rara de observar a floração intensíssima de sua poesia desde a primeira página planetária até a sua deliciosa biografia líquida. Trata-se da força prodigiosa das águas de um oceano generoso que abriga peixes, palavras, astros, relações profundas como aquelas que o fundo marinho guarda para todo o sempre, imagens de grande inconsciência chegando a uma poesia de todo ecumênica, generosa, atenta a todas as formas possíveis e metáforas peregrinas e ousadas comparações.

Nessa pluralidade, já em outro momento denominada *mix*, reconheço uma veia pulsante e talvez mais do que em todos os poetas contemporâneos uma profunda relação com o poeta russo Khlebnikov em termos de um vigoroso e mágico desrespeito às fronteiras, trabalhando no limiar da possibilidade total das coisas que são ou que parecem. Meu aplauso total, sincero e radical.

MARCO LUCCHESI

Em **Evangelho dos Peixes para a Ceia de Aquário** há um lirismo que nos faz mergulhar em nosso aquário interior — em que nos lavamos nos espelhos da alma, à maneira dos álbuns de família.

ALCIDES BUSS

A MULHER QUE MATOU ANA PAULA USHER: HISTÓRIA DE UMA PAIXÃO (2008)

OBRA-PRIMA

Costumo dizer, como psicoterapeuta do encantamento, que os mitos só têm sentido quando podem ser sentidos. Afinal, de que valeria toda a mitologia universal se os mitos não espelhassem sempre uma nova possibilidade de experiência da alma humana?

De todos os heróis, digo ainda, o mais completo deles são os poetas, desde que verdadeiros, como é o caso de Cassas. Poetas assim, superiores nos dizeres de Pessoa, são pura *hybris*, posto que vibram a divina obsessão de responder ao chamado de sua própria natureza, que os obriga a romper a dimensão do *métron*, a não caber nas próprias linhas, a transformar a ordem das coisas e penetrar puros como crianças nos mistérios insondáveis, buscando aquele quê de imoralidade inerente a toda transgressão possível, de modo a libertar a alma dos grilhões de todo preconceito e nos elevar em suas asas ao voo libertário do mergulho em direção ao numinoso arquétipo da poesia.

Mais que heróis, os *poetas são p(r)o(f)etas*; sabem como ninguém ouvir a voz do *daimon* conselheiro, e cumprem vislumbrar paisagens além dos horizontes, para então contar aos homens o que nos espera no transcorrer dessa nossa história anímica. Os poetas vivem, pois, a perscrutar o interdito, a penetrar no Mistério, e, antevendo os raios da aurora de uma Nova Consciência, cantam em versionância com a grande orquestração divina.

Se cada um de nós traz uma missão nesta vida, a do poeta é a de se projetar no silêncio dos abismos e atirar-se de alma em profusão na busca dos segredos do amor e da dor, da luz e das trevas. Exceção entre os mortais, os poetas ousam penetrar no mais profundo Hades,

franqueados que são por sua própria arte e movidos pelo quê de amor divino que faz dedilhar a lira de seu próprio coração.

Neste particular, **A Mulher que Matou Ana Paula Usher** é, sobretudo, uma trágica história de amor. Mas é, ao mesmo tempo, uma tragédia de final feliz em que o poeta, morto várias vezes em sua honesta condição egoica, encontra-se, ao final de uma grande jornada arquetípica, liberto do veneno das paixões por tê-las experimentado até a última gota. Com isso, percebe-se transformado pelo fogo da revelação divina, que, embora capaz de nos fulminar em todos os sentidos, nos permite ressuscitar na Luz do espírito, diga-se de passagem, permeada em cada uma das entrelinhas que faz brilhar de amorosidade incondicional a essência desta Obra.

A senha deste opúsculo magistral de poesia alquímica está guardada em sua *Iniciação à Luz pelo Verso e pelo Pão*; são as palavras do Grande Arcanjo que, à Miguel, abençoa nosso poeterói com as asas do rigor e do amor e o convoca a dissipar de sua vida toda a ilusão pela força de sua luminosa espada, ainda que preciso seja sacrificar-se por esta causa.

E Cassas cumpre bem o seu papel de modo a alegrar seus anjos protetores, mas não sem antes despertar a inveja admirável dos deuses que, por capricho, o condenam ao sofrimento insólito de, tendo encontrado nesta vida a sua esposa alquímica, experimentar a profunda dor de concluir ser este amor humano de todo impraticável e impossível. Sim, a primeira vingança dos deuses contra seus heróis mais ousados, contra os poetas mais capazes, desses que insistem em melhorar a Obra-prima, é simplesmente a solidão, prerrogativa dos raros que chegam perto do cume olímpico das montanhas.

Em **A Mulher que Matou Ana Paula Usher**, Cassas viaja por mitos que à Homero enxergou, deslinda os segredos de uma paixão que à Camões experimentou, resgata das mãos da morte a própria alma à Orpheu, e alcança à Ulisses a utópica Ítaca dos que se sabem peregrinos de si mesmos, mas tudo isso não sem entregar aos seus leitores a essência do drama da existência humana (está lá, na poesia que dá nome a esta Obra), escrita à moda de um São Paulo enlouquecido pelo amor do Cristo, banhado na Luz da Grande Consciência, e que humildemente,

já caído do cavalo, convida cada um de seus leitores a aprender de uma vez por todas a principal lição da vida, razão pela qual estamos/somos todos entes viventes e encarnados.

Redestilando o poemextrato várias vezes na retorta: o poetalquimista Cassas encontrou na paixão humana sua matéria-prima, e compôs apartir dela esta sua Obra-prima do amor divino. Mas cuidado! Esta leitura pode nos matar, e ainda assim, nos iluminar de Verdade!

PAULO URBAN

UMA INICIAÇÃO ERÓTICA, POÉTICA E MÍSTICA

Imagino que quando um autor busca um prefaciador para o seu livro tenha expectativas. Quando Luís Augusto Cassas me convidou para fazer o prefácio do seu livro **A Mulher que Matou Ana Paula Usher** dei asas à fantasia e perguntei-me por que eu. Por ser psicoterapeuta? Por intuir que eu compreenderia o seu engenhoso livro de poemas? Pela minha experiência em haver escrito sobre o Amor e o Luto?

Esbocei alguns prefácios e fracassei. Ao concluí-los, sentia estarrem distante do espírito do livro a ser prefaciado. É como se arranhasse algo que, em seguida, me escapava e ficava então, para me valer de uma expressão de São João da Cruz, de “boca vazia”. Percebi que para entrar no reino da poesia, teria, de alguma forma, perder as minhas certezas e desapegar-me dos meus saberes específicos.

A poesia põe um freio, um senão, a todas as verdades que a filosofia e a psicanálise produziram e, nos obriga como leitores — em relação ao amor, à iniciação amorosa — ao singular, ao imediato, ao individual, ao que não pode ser generalizado, multiplicado, transformado em paradigma, em lei. Um grito, só um grito em guerra contra a palavra positivada. Assim vivi o livro de Cassas.

O prefácio que finalmente consegui escrever e que o leitor tem em mãos resulta então de uma *experiência de fracasso*. A derrota em dizer

o que a palavra não alcança, a derrota em arredondar ou integrar o que precisa manter-se tenso e paradoxal.

O tema deste belo, pequeno e curioso livro de poemas é o amor, o luto, a morte da alma quando o sentido da experiência não pode ser alcançado, a experiência iniciática que Eros pode proporcionar a todos nós e ao poeta em particular. O luto — a busca de sentido para o que foi perdido — é preciso que se diga, só se dá quando o que foi perdido — um grande amor, a pessoa amada — é muito significativo! *Luto e melancolia*, como deixou claro Freud, são as duas respostas para as perdas significativas.

Quem tem recursos psíquicos para fazer o luto recupera o sentido, o significado daquilo que foi perdido. Simboliza. É uma possibilidade sofisticada do ser humano fazer o luto, enlutar, sofrer e recuperar o sentido de quem partiu para não mais voltar. Quem não pode fazer o luto dá outros tipos de respostas: se cinde do vivido — a resposta mais comum — ou fica melancólico. Nesses dois últimos tipos de respostas o sentido e o significado — vale dizer, aquilo que é especificamente humano — não pode ser encontrado. Contemporâneo da experiência vivida, Cassas celebra a dissolução, ressignificando-a, lavando com luz a ferida. Escreve para reconquistar o coração da vida.

São temas difíceis — a iniciação no amor, na poesia, e na mística — porém, curiosamente, se casam. Todos os três temas partilham ou podem partilhar de uma quebra de unidade do mundo onde o homem não mais se diz a partir de si mesmo, mas conta com o Outro — o mundo dos deuses, as potências divinas de Eros e das Musas. Se casam também por que tanto o amor, como a poesia e a mística impõe o desconforto da quebra de sentido, do escape de sentido — e, a reconstituição de infinitos outros sentidos, ou também do não sentido.

*“Pode um peixe que é poeta
tornar multiplicação
a luz que o brilha e o resgata
sob o mistério do pão?”
(Uma Iniciação à Luz pelo Verso e pelo Pão)*

O tom do poeta, que é também o seu estilo pessoal, é devastador, corrosivo, paradoxal. As palavras que no discurso apolíneo são, de alguma maneira, positivas, claras, lógicas, precisas, indubitáveis, irredutíveis, tornam-se na poesia, e especialmente na poesia de Cassas, quebradas, cortantes, dilacerantes, paradoxais, estilhaçadoras, carregadas de uma extrema tensão que escondem aquilo que dizem, acenam para o não dito, dizem o maldito, reinaugurando possibilidades e contradizendo-as. Cito *Herança*: “Fizeram muito mal ao meu amor/ Uma bruxa má cortava c/giletes a carne de sua avó e ela tentava salvá-la/ Ela tinha 4 anos e escondia as lâminas na bainha da saia/ Brincava de salvar a avó que não queria ser salva / E as flores vermelhas desenhadas na carne da avó a torturavam”... É preciso dizer que o sublime também está presente. Destaco a busca da unidade, a dois, formulada no poema Um: “quando estou em ti/e tu estás em mim/inverte-se o princípio/do início e fim/no primeiro momento/há movimento:/eu sou tu és/no segundo momento / há desfalecimento: / não sei quem sou / acaso és? / no terceiro momento/viramos fragmentos:/o nós e o vós/habitam em nós/depois não há nada/e o espírito do só/recolhe-se ao pó”.

A experiência do amor apaixonado, sabemos todos, não é comportada! O poeta alfineta e, por vezes, fustiga a sua amada. Fustiga e recrimina a si mesmo. O amor insinuado buscou complementação — o percurso da assimilação das diferenças — exigindo o que o outro não tem e oferecendo o que o outro não quer. Fracassaram. E, todavia, é transparente que além das feridas, houve trocas, avanços, recompensas. Não é assim que a alma progride em sua fome e sede de ser? Leitora de Cassas, mas antes de tudo mulher, pergunto-me: quem não gostaria de receber um presente como este? Que mulher não se deixaria sensibilizar com a oferta do sentido e do significado de uma relação amorosa? O que a alma tem de feminino — no homem e na mulher — não é feita desta matéria: sentido e significado?

A realidade do amor como posseção de um Deus — em tempos de “amor líquido”; o inesperado da experiência — do encontro amoroso — que parece pertencer ao tempo mágico dos deuses é a dura lição da vida quando um amor que se pensou eterno ganha a qualidade do efêmero e parece não deixar rastros atrás de si: “somos o vaso alquímico/

que não suportou o segredo/e ao fabricar o ícone/fugiu a luz entre os dedos”.

O poeta, mas também os amantes, os que vivem a iniciação, todos eles, enfrentam a confusão entre os dois mundos: o mundo divino e o mundo humano. Todos eles enfrentam o que Santo Agostinho, em *As Confissões*, chamou de a “luta das duas vontades”. Uma delas iluminada pelo divino tenta dar-se a ele; a outra vontade aprisionada ao mundo afetivo, instintivo, fere toda a vez e a cada vez o chamado divino. Para caminhar, o homem, toda vez e a cada vez se trai. Eis o paradoxo da iniciação: mística, poética, erótica. É a confusão entre os dois mundos que **A Mulher que Matou Ana Paula Usher** retrata. Cassas tentou amar no mundo “demasiado humano” valendo-se da potência divina que Eros é, apesar do “amor líquido” em voga? Ou para me valer da expressão de *Meister Eckhart* ao se amarem, ele e sua companheira de alma, tentaram se apropriar da criatura amada como se fosse sua e não de Deus? Estes versos sinalizam nessa direção: “o que aconteceu?/por mais que o abismo/sorrisse olhos de orfeu/à luz confessemos:/grávidos gravitamos/no fogo de Deus/mas os planetas/em proximidade/abriram florestas/nas identidades/e o vento disse às centelhas:/as brasas — elevemo-las” (*O Caldeirão*). Mais: “ainda que caminhasses/pelas sendas da agonia/e o hades atravessasses/te faria companhia/seria o novo/em tua colmeia/seria teu povo/tu minha rainha/masna noite escura/da nossa humana loucura/incomodamos Deus/em sua ventura” (*A Busca do Mito*).

O sabor trágico e paradoxal do livro é percebido na expectativa que o autor tem que o amor que feriu, também cure; que a cura seja encontrada na própria ferida aberta que, doravante, verte sentido. Cito *Doença & Cura*: “amor – minha avenca/minha crença minha dança/minha doença e minha luxúria/tu que és minha tulipa/minha derrota e minha loucura/sê também a minha cura”. Houve bênçãos? Sim. Embora não houvesse a almejada transformação “do animal ferido que sabe o encantamento e em desespero aguarda o beijo da libertação” (*A Bela e a Fera*), a experiência amorosa conduziu os amantes a um lugar de reciprocidade: “tua teologia negativa/cortou-me a cabeça da hidra/mas reconciliei-te com eva:/o coração de maria/a lua apagou o seu alfanje/o

sol rompeu nos mirantes/em nome do amor perdoemo-nos/o que foi demais não sendo”.

Na conclusão de *A Busca do Mito*, a frustração ganha passagem: o mito da alma gêmea esboroa-se, lavando os reflexos da alma. Já não há lugar para ele. *“alma gêmea/alma fêmea/paiol de lenha/pelas caligrafias/do infinito/caminheiros/rumo a novas constelações/e oceanos/sê o último portal/além do bem e do mal/até o amor real”*. Em as *Núpcias* finalmente, o amor casa-se com a alma, ou enuncia essa possibilidade. O luto poético está pois em processo. Aliás, não há luto possível sem a amarga passagem pela frustração das fantasias e idealizações em torno de quem morreu ou partiu para não mais voltar. *“solitária e ardente em casa/aguarda-me a consorte: minha alma/amar nessa existência/tornou-se-me ciência e arte”*.

A leitura de **A Mulher que Matou Ana Paula Usher**, produziu-me uma espécie de retração, combustão, devastação na minha possibilidade de pôr ordem no mundo, ou melhor de pôr alguma ordem no mundo poético de Cassas. Talvez, por isso o discurso poético não entre nas várias Instituições do Saber a não ser para ser disciplinado. A poesia é quebra do sentido do mundo, é dilaceramento da verdade instituída, é, ela mesma, discurso que cria brechas, vazios e desacomoda o mundo.

Desacomode-se, como eu, caro leitor. Convido-o a percorrer esta paisagem impregnada de lírios e brasas.

AMNÉRIS MARONI

O POEMA QUE É UM ROMANCE

Preciso terminar a introdução da minha antologia (do conto baiano) atualizada e não consigo. Digo para Cassas que somente depois que concluir a penosa tarefa escreverei alguma coisa sobre seu mais recente livro. Mas algo me puxou, reli o livro de Cassas, senti tudo de novo, aquele encantamento e não vou esperar: vamos ler **A Mulher**

que matou Ana Paula Usher: História de Uma Paixão, editado pela Imago, em 2008.

Luís Augusto Cassas é um poeta experiente, senhor da palavra, do verso, da estrofe, do poema, fazendo com eles o que desejar. Tenho seus livros e sei do seu caminhar. Não sei é se, por ser este o mais recente livro, sou levada a me posicionar desta forma tão tomada pela emoção, ou se acontece o mesmo a cada vez que recebo um livro dele saído da editora. Sim, porque ele é um poeta que sabe nos arrebatrar. Porém, ao ir escrevendo e lembrando que realmente já senti tudo isto por conta de outros dos seus títulos, ainda assim este de agora está me parecendo mais estonteante. É um poema, é um romance, é a história de uma paixão. No final dá uma vontade louca de perguntar se não haveria uma maneira de, em lugar da morte do amor, fazê-lo renascer qual uma fênix. Não, quem renasce não é o amor, é o sujeito amoroso que nas trevas procura e encontra a luz. Ora, isto é confundir ficção com realidade. A poesia, por mais confessional que ela possa ser se comparada aos demais gêneros literários, não deixa, por outro lado, de ser a ficção do sentimento. Só que há versos que nos fazem viajar na história da paixão, como em *Torpedo à Moda Antígona*: “contigo eu moraria/ numa casinha de palha/ à beira da praia/ onde o vento faz a curva/ e viveria de brisa/ bebendo em teus lábios/ a água que vem da chuva”. É incrível o efeito do livro sobre o leitor, até esqueci que meu olhar deve ser o de uma observadora da literatura e não apenas uma deslumbrada leitora.

O título não deve ser associado nem ao poderoso e emblemático personagem, a amortalhada Senhora Madeline de Usher de Edgar Allan Poe, nem a qualquer outra que se chame Ana Paula, pois não precisamos de pontes. O livro está dividido em partes com seus títulos, contém uma estrutura perfeita, uma organicidade tal que, ao se deparar com seis páginas de prosa, a impressão do leitor é a de que o conjunto em prosa é inteiramente necessário. A prosa vem com o mesmo ritmo dos poemas, numa cavalcada frenética. Leia assim, sem tomar fôlego; depois, releia com calma, aí será de tirar o fôlego!

O poema *Um*, uma conjugação do ato amoroso, está disposto como a seguir: “quando estou em ti/ e tu estás em mim / inverte-se o princípio/ do início ao fim / no primeiro momento/ há movimento: /

eu sou tu és / no segundo momento / há desfalecimento: / não sei quem sou / acaso és? / no terceiro momento / viramos fragmentos: / o nós e o vós / habitam em nós / depois não há nada / e o espírito do só / recolhe-se ao pó". Conclusão: é um poema perfeito, leia com amor. Melhor, com paixão. Os poemas *A Cama, Doença & Cura, Herança, O Vento e a Estrela, Dia dos Namorados, O Círculo, Epílogo, A Busca do Mito, As Núpcias*, suscitam a vontade de começar reproduzindo-os aqui.

O *Discurso de Lilith nos Lençóis de Or* está fechado em cinco capítulos curtos: a primeira mulher, ou seja, o mito de Lilith é irresistível para a literatura, os escritores ficam encantados com a gama de significações encerrada nesta lenda, pois, criados por Deus em condição de igualdade, Adão e Lilith viviam juntos até que ela cometeu o primeiro pecado — que não foi a mordida na maçã — ao proferir o nome d'Ele; expulsa, então, do paraíso graças aos seus excessos, afoiteza e galhardia, e suas inquietações, Lilith passou a simbolizar a desventura, o mal, o diabólico exagero. Adão não suportou a solidão e rogou a Ele uma mulher, mas isto é outra história. Voltando ao *Discurso de Lilith...*, asseguro que é uma peça poética para ser desfrutada com releituras várias, dados a genialidade do discurso e o ritmo impresso; numa certa altura leio: "*Sou Sodoma saqueada / Paris desfigurada / Berlim destronada / Londres transtornada. (...) Até ontem fui Noite / Meu nome é Luz*". Já em *A Mulher que matou Ana Paula Usher*, é restaurada "*a luz do meu arco-íris bombardeado*", porque o livro é um reencontro com a luz após um amor doloroso.

O autor sabe trabalhar a matéria amorosa com extrema energia, recorrendo tantas vezes ao acervo mitológico que reforça o imagético mundo de sua poesia. Uma poesia que não receia as exigências discursivas, que conhece os ritmos e os movimentos da língua portuguesa para apontá-los diretamente rumo às brilhantes senhas literárias. O certo é que Luís Augusto Cassas transcende sempre... e daí encanta o leitor.

GERANA DAMULAKIS

**LUÍS AUGUSTO CASSAS:
A MULHER QUE MATOU ANA PAULA USHER**

1

O ser amoroso: um criador de ilusões.

Na poesia, a Alma exhibe o Corpo para cantar as glórias de Deus e também declarar seu descontentamento com a arte do Criador e criar-se à sua própria imagem e semelhança.

O que somos, o que não somos? Somos ficção, maquiagem, imitação, representação? Só o ser concreto ou o duplo para formar o uno?

Todo dia de manhã ensaiamos nossa peça, nosso teatro, e vamos à rua vender nosso peixe.

O ser amoroso, a Alma, leva o Corpo ao espelho e refletindo-o na lâmina d'água não se entusiasma com o que vê. Corta-lhe e tingem-lhe os cabelos, lhe impõe brincos às orelhas, *piercings* na língua, no umbigo, nos seios, no clitóris e no ânus; pinta-lhe os lábios com batom, raspa-lhe as sobrancelhas e pinta-as; passa pó-de-arroz, ruge, rímel, sombra no rosto; decora os olhos, pinta os cílios com lápis de colorir; corta, escarna e pinta as unhas das mãos e dos pés; depila os genitais e as axilas.

Pelo visto, a Alma não gosta quase nada do projeto do Criador para sua visada externa. Quer aprimorá-lo, poli-lo, engraxá-lo, colori-lo.

2

Linguagem encoberta, velada, cósmica e corpórea, amor humano e divino, que se corporifica do vocabulário do cotidiano mais contemporâneo, este livro de Luís Augusto Cassas é um dos melhores que já lemos no gênero lírico-erótico-amoroso e que se impõe o paradoxo do religioso. Se não é o mais belo é o mais completo ou complexo, sobre o ser amoroso.

Não é o Novo Testamento de Cristo e é um Novo Testamento ou testemunho do amor humano; não é o Cântico dos Cânticos de Salomão e é o Cântico dos Cânticos do amor carnal e espiritual; não é o Kama Sutra, de Mallanaga Vatsyayana, e é por outros viés. Pois neste

poema-romance de Cassas há também a releitura de Paulo de Tarso com Cristo no caminho de Damasco e há o encontro com Nietzsche, com Davi, Dante e São João da Cruz, aos quais relê, dando-lhes novos arranjos e variações.

Mas estará de fato o poeta interessado em reler, ou usa o processo como pretexto para demonstrar que o canto fica mais legítimo ao tirar a roupa e ficar nu de ardeios e ir pra cama com o poeta fazer amor?

Em Cassas ressoam várias vozes que ele desconstrói para impor a sua própria voz. Ele relê com variações e desconstrói com paradoxos e ironias deixando, no sêmen verbal, a sua inconfundível marca de poeta com um olhar excepcional sobre o ser amoroso.

3

A viagem de Cassas não é solitária, pois durante ela se encontra com vários passageiros ilustres. As escolhas são ótimas e nos dizem que ele, na longa e atribulada jornada da vida, não teve tempo para monotonia. Os diálogos são à base de desconstruções. Desse viés, o poeta dá a antigos textos uma releitura com linguagem contemporânea escancarada, com a ironia que pretende entabular uma conversa descontraída contra o pesado rigor com que se mascara o pulsar de vida tão efêmera.

A iniciação no texto de Cassas gera a necessidade de um olhar sobre o discurso poético como algo simultaneamente individual e coletivo.

Logo no primeiro poema, *Uma iniciação à luz pelo verso e pelo pão*, percebe-se que o cidadão Luís Augusto Cassas usa o poeta como porta-voz de sua autobiografia e deduz-se que daí para frente ele se centrará no paradoxo existencial em busca do casamento entre céu e inferno, entre Dionísio e Apolo, indo muito além de William Blake. Então, as pegadas são as falas do profeta Jonas, em busca de Deus, quando pede que a tripulação do barco, na iminência do naufrágio e dando-se por culpado, o lance ao mar, para ficar à mercê do grande peixe, sacrificando-se, para que os outros se salvassem. É ao Jonas no ventre da baleia que Cassas se refere, como se fora ele mesmo, em sua travessia no mar negro do cabo tormentoso da existência. Usando,

portanto, de releitura e desconstrução, ele subverte, utilizando-se de contiguidade fônica:

A luz busquei-a / no ventre das luas cheias / no sol da auroras / na liturgia das horas / no desenho dos dogmas / na geometria das formas.

O passo seguinte é reler Jesus sobre o episódio em que diz não devemos atirar pérolas aos porcos. Uma releitura velada sobre o retrato do artista quando jovem boêmio, quando o cidadão Cassas buscava a luz no lugar errado, como tantos jovens que, não tendo a sorte do bardo, embarcaram no Bateau Ivre (O Barco Êbrio) e se perderam “*no fundo dos copos / nas pérolas dos corpos*”, onde o pássaro verde da garrafa seduz, sem revelar que é uma medusa.

Mas da fase de purgação, na parte 3, ele está com Juan de la Cruz no caminho da purificação, em sua noite tormentosa.

No poema *Cósmica*, o encontro com Juan de la Cruz e Camões para mais uma travessura poética. É sempre a visão oposta que o seduz e um ângulo otimista, já que a vida é breve:

“Quem era? A mente em reflexo não sabia: mas o coração — mergulhador — cantava.”

“Alma fêmea gentil que me chegaste pela via genial do inesperado.”

Torpedo à Moda Antígona tem aquele sabor do ser amoroso deslumbrado. Mas a palavra Antígona, eufonicamente fazendo paralelo com antiga, dá bem o tom da armadilha aos que se deslumbram com as aparentemente fáceis soluções.

Com *Padaria*, começa a jornada mais significativa do livro. O encontro com Salomão permite uma outra leitura, aqui espirituosa, sobre o amor carnal.

O *Vento e a Estrela* permite o encontro, na encruzilhada da vida, com Dante e Drummond.

No entanto, a grande ressonância poética, o pulsar do discurso que mais emociona e comove está em *O Discurso de Lilith nos Lençóis de Or*.

A BUSCA DO MITO: **Um poema para variar leituras**

O subtítulo do poema (*pintando quadros*) é a primeira pista de um texto aberto ao diálogo e à discussão sobre o amor, projetado ao longo dos séculos e civilizações em suas várias facetas, em recorrentes analogias às pistas deixadas por outros.

O que busca o poeta Luís Augusto Cassas senão somar as várias formas de amar e, entre teses, criar sua antítese e concluir que o amor em crise é o grande achado, a grande saída. Não um fim em si, mas uma porta aberta para um recomeço.

Longe de restar-se numa concepção romântica sobre o ser amoroso que se dilacera e destroça diante do amor-separação, o poeta pretende restaurá-lo, ao lidar com uma nova compreensão da realidade amorosa.

Se em *Ainda uma vez — Adeus!*, Gonçalves Dias assinala uma separação dolorosa e marcada por ressentimentos e culpas, Cassas inaugura uma concepção que nasce da vivência ou da compreensão profunda do amor, cuja conclusão e separação deixa o coração livre e aberto a novas relações afetivas.

E o poema então se abre em várias leituras ou quadros. Aqui estão aqueles que entenderam o amor ao nível da transfiguração. São os (*casados em espírito/devotos do serviço*). Pensaríamos então em poetas como Francisco e Clara de Assis, Terezinha, João da Cruz. Ali, a fidelidade ilimitada que caracteriza o mito da espera e paciência eterna — Penélope. E outros tipos de ilusões amorosas.

Mas vem a segunda parte do poema e o mito dionisíaco aflora, Príapo e Vênus se conjugam em *hybris*, leões de circo, vínculos e bicho.

Na terceira parte, Cassas usa o mito do amor, segundo a concepção de Paulo de Tarso, compondo-a com o mito de Orfeu descendo os círculos do inferno para as núpcias com sua bem-amada Eurídice. E logo na 3ª estrofe desconstrói João da Cruz. O aspecto antitético e paradoxal entre o amor a Deus e o amor humano são ressaltados.

Na 4ª parte do poema, Cassas concorda com a verdade de que o mito do amor é inconcluído e sabe que a chegada a tal consciência é uma grande consolação. Somos seres humanos e não deuses.

No 5º círculo da descida ao Hades, o poeta propõe um pacto de perdão mútuo de maturidade na hora da separação: *“em nome do amor perdoemo-nos / o que foi demais não sendo”*.

A Alma em sua peregrinação pelo Planeta Terra, oculta no Hospedeiro, o Corpo, ao manipulá-lo e conduzi-lo, faz com que ele se engendre entre as núpcias de céu e inferno, até o dia em que faz com que este apreenda o Satori (sabedoria) que nasce da conexão com outras almas. Esse enamoramento inclui sofrimento recíproco, paixão, posse, purgação e catarse.

ALBERICO CARNEIRO

**POSFÁCIO INTERESSANTÍSSIMO
OU BILHETE EM CHAMAS
DE MARCO LUCCHESI A LUÍS AUGUSTO CASSAS**

Meu caro amigo Cassas,

Li com alegria o seu **A Mulher que Matou Ana Paula Usher**. Algo de Poe. E de Modigliani. E pensei em Jeanne Hébuterne — que é parte de um sentido plural. As muitas vozes que habitam seu coração e o modo de conjugar-lhe as infinitas demandas, que não cessam.

O Feminino, ao fim e ao cabo. E dessa vez, sob o princípio que salva e destrói. Beatriz e Francesca. A luz e a sombra. E creio que, desse contraste, a misteriosa e, todavia, palpável Ana Paula Usher teve de ser assassinada para que as partes contrárias do Feminino fossem, afinal, reintegradas na vasta coincidência de opostos, que crescem vigorosas nas terras agrestes de seu coração. Jeanne, Beatriz, Francesca foram como que de todo absorvidas, sem esconder, contudo, uma dura descida à gramática da sombra e das chamadas.

Cassas amigo, você desceu ao Hades porque não podia escolher outro modo de subir.

Foi esta a sua altura. A profundidade das coisas vividas.

Receba o abraço de seu leitor e amigo

MARCO LUCCHESI

Observo a construção de uma sólida e imorredoura obra literária. Seu nome inscreve-se na tradição da literatura brasileira ao lado de Gonçalves Dias, Odorico Mendes, Coelho Neto, Franklin de Oliveira e tantos outros grandes nomes maranhenses.

Seu poema é uma síntese cabalística do Orgasmo na origem física do ser o qual se esgota no verbo feito luz, como entendeu Moisés ao inaugurar para o povo judeu e para o mundo a civilização da Palavra.

FOED CASTRO CHAMMA

A paixão se transforma em compaixão quando o caminho da luxúria se desfaz e surge então o prazer maior da vida, o reencontro com o mais íntimo de si mesmo. Já não há dualidades, mas corpo e alma reunidos na grande roda da imortalidade.

MONJA COEN

O FILHO PRÓDIGO: UM POEMA DE LUZ E SOMBRA (2008)

UM CÂNTICO ESPIRITUAL

A poesia como arte de fazer poemas, registro de uma visão do mundo, espelho de condição humana e uso supremo da linguagem, pulsa neste **O Filho Pródigo: Um Poema de Luz e Sombra**, de Luís Augusto Cassas.

Arte da língua e da linguagem, ela, a poesia, é sempre o estuário de uma experiência pessoal e intransferível. Assim, todo poema decorre de uma circunstância, como estatui Goethe, o que significa a emergência e a presença de um timbre autobiográfico. Num poeta, a biografia e a antibiografia estão sempre juntas, quer quando ele exprime claramente a sua vida pessoal, quer quando recorre a máscaras e escondimentos, tornando-se uma metáfora de si mesmo. Mas o que deve importar, realçando o acento íntimo ou projetando o empenho de impersonalização e despersonalização, é o resultado: a experiência tornada linguagem poética e a realidade convertida em imaginação.

Neste pungente e desdobrado poema longo de Luís Augusto Cassas, a experiência pessoal oferece ao leitor a sua alta pulsão e inequívoca tensão. É um cântico espiritual, uma interrogação ao divino. O poeta celebra a morte de seu pai, e o sentimento de perda justifica o seu canto, em cujos versos ressoam as notas de uma marcha fúnebre, as palavras de um sombrio cantochão. A densa subjetividade que permeia o poema se transmuda na sua razão artística e estética. A transcrição de uma dor pessoal tornada emoção comove aquele que está do outro lado do rio: o leitor.

Esta poesia de Luís Augusto Cassas, coabitada pela sombra e pela luz, é ao mesmo tempo um regresso à casa paterna viva na memória e erodida pelo tempo e pela morte, e uma incursão em uma luminosa

e perene morada que está no passado e no futuro — esta poesia, atravessada por um sopro cosmológico, ora ostenta a linguagem faustosa e misteriosa de um ato litúrgico, de uma prece sibilina, ora se retrai e contrai numa inteira nudez monacal. É a nudez do filho pródigo, que volta ao lar paterno despojado de tudo, mas enriquecido pela experiência da amargura e da decepção — e o seu regresso se abre no horizonte como a promessa de uma nova esperança, de uma redenção.

*“Caminho vivo entre mortos
Caminho morto entre vivos
Mas onde fui ferido
tornei-me mais reluzido”*

Uma ferida de luz! Uma operação mística: nesta quadra em redondilha menor vibra o itinerário espiritual do poeta, sustentado por uma litania de alto teor religioso, de contundente carga de confessionalidade e memorialidade.

Na poesia brasileira — especialmente no território tão pouco visitado da poesia de natureza meditativa e reflexiva, voltada para a transcendência — o maranhense Luís Augusto Cassas ocupa um lugar de inconfundível relevo. A sombra e a luz regem, simultâneas, a sua partida e o seu regresso: o seu estar no mundo e a busca já tornada resposta, com a descoberta e o encontro de si mesmo.

LÊDO IVO

O ENCONTRO DE ULISSES E TELÊMACO

Pode-se dizer que a obra de Luís Augusto Cassas — dentre suas direções multifárias e abertas — é atravessada por uma sentida telemaquia. A busca da origem. Da ilha. E da casa. Como quem sofre uma nostalgia orientada para o passado e para o futuro.

Tudo isso pode ser apontado, por exemplo, a partir do livro **Deus Mix**, onde a busca não passa de uma física da confluência, das origens tantas que ferem como flechas pontiagudas homens e deuses.

Mas é somente nesse doloroso e belo **O Filho Pródigo**, que se realiza o encontro de Ulisses e Telêmaco.

Assim, pois, como dizer aqui o tamanho de um regresso, voltado para uma nova Ítaca, sob os auspícios de uma cosmologia da parte e do Todo?

O poema avança por campos gerais e sonda a pluralidade de saídas e significados. O eu-lírico representa todas as partes, sem distinguir réu de juiz, defesa de acusação. O livro não se restringe a apontar para um trivial *j'accuse*. Cassas é um poeta forte, porque possui o desenho de um cosmos, que sabe e persegue, estuda e medita. E, assim, portanto, conhece de modo mais alto as escalas de grandeza que nos regem, desde o DNA ao Empíreo, do sonho alquímico ao teatro da ciência — as formas todas que compõem o legado de nossa miséria (e sorte).

A figura do pai emerge, portanto, de uma compreensão certamente dolorosa, sofrida — quanto não lhe custou escrever este livro? — quase devastadora, e, apesar ou por causa disso, estabelecida num plano de amor, que não move apenas o sol e as demais estrelas, mas que inaugura a via imperscrutável do perdão.

Mas tudo isso, a partir de uma visão de mundo, tanto mais aberta, quanto mais solidária, em que a rede de fenômenos se confunde com arcanos e essências que o poeta sabe ler no céu, na pedra e no coração.

Livro de rara beleza, de pura e clara redenção. O fim de uma viagem, que encontrou não apenas um porto, mas uma demanda de beleza e reintegração.

MARCO LUCCHESI

O FILHO PRÓDIGO, UM POEMA ESCRITO A PRANTO DE OSSO

Platão, o sacerdote da beleza, afilhado de Apolo, o deus da luz, era preguiçoso e foi vendido como escravo. Louco, acompanhava outro louco, pelas ruas de Atenas: a “mosca errante”, Sócrates. Tinha inveja de Homero e o expulsou da República. Ele que conhecia a senha da imortalidade e elaborou sua filosofia inspirado no semântico tripé das palavras beleza, justiça e amor, padeceu de estúpida fraqueza e investiu contra Homero, o rei dos poetas.

O selvagismo do preconceito contra a grei dos rapsodos data talvez daí, da Grécia de Platão. E o que mudou não mudou. Nós, os poetas, somos os artistas do ócio, nutridos sobretudo pelo ópio da preguiça, conforme interpretam os endeusados de gravata, mandantes da revolução industrial-materialista; esquecendo-se de que foram os poetas que alimentaram, primeiro, o espírito contemplativo e perscrutante dos filósofos, na antiguidade. E quando a filosofia se ateizou, a poesia continuou a alimentar o sentimento do mundo, através das línguas de fogo dos poetas. Diante de tal realidade desoladora, que indicia a falência da poesia como instrumento de catarse da mente humana, só me resta perguntar aos silfos se é preciso que nós, os poetas, leiamos nós mesmos para que tal ofício não desapareça das páginas da literatura.

Certo? Errado. Só uma coisa neste planeta movimentada a alma dos homens, a poesia. Que dá voz à voz de outras vozes. Luz parida pela inocência da própria luz. Centelha que fecunda fulgor e depois é constelação. Pois que, então, pode-se dizer que o poeta é um ser antenado entre a magia de duas realidades: a linguagem e o mundo. E reflete, portanto, na essencialidade epicêntrica de sua obra, o nada antes dele e o nada depois dele. Amor e liberdade andam juntos, acoplados à genial fantasia desse ofício: o de explorar os domínios subterrâneos do sonho, através da palavra. É o mergulho da paixão cantar e ser poeta. A poesia

ilumina a vida. Acende lumes no rosto ilusionista das coisas. É mistério e realidade.

É o que faz, sôfrego e ardente, o menino cinquentão Luís Augusto Cassas, desde a rebeldia de suas primeiras emoções em lutar corporalmente com a palavra, desrespeitando os silvos e semáforos fechados, para chegar aos umbrais da eternidade, troando a poesia da **República dos Becos** (Ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1981), seu livro de estreia, que o inseriu definitivamente no cenário da poesia brasileira.

Eu o conheci aqui mesmo, sobre o calor deste asfalto do cerrado goiano, nos meados dos anos 1980, quando éramos ambos entrincheirados pela loucura rimbaudiana dos sonhos. Queríamos porque queríamos mudar a rotação cósmica do homem e seus desígnios de mortal, para o grande Éden, onde respiram as delícias do devaneio. Éramos, portanto (e ainda somos) os pedreiros da metafísica: a boca cheia de sol e o verbo contra a podridão da vida. O Cassas às vezes lorquiano, às vezes maiakovskiano, do povo, no permeio do povo, como um profeta, ele e sua cornucópia de lirismo; o pródigo de volta, afetado espiritualmente pelos tormentos da eterna luta entre Ormuz e Arimã, explodindo em fagulhas ao retorno da luz.

A poesia desse vate tresloucado sempre me causou estranheza e assombro, pelo ácido humor de suas estripulias com a palavra sustentando a elegância imagética de seus versos. O que o transforma num clássico gozador do barroco e do épico, do burlesco e do erudito; eletrizado de amor e tesão quando copula com a quimera de suas musas, no etéreo da psiquê ou da carne. Ínsito a essas aventuras de piruetas com a linguagem está a elegância do seu texto, em miríades de faces e emoções de originalidade e dor. Porque o belo, em poesia, que não dói, não é belo, é casca, máscara de areias. E a poesia que não provoca poesia, não é poesia. Pois que perpetuar o sopro da beleza é sua função; ir além do efêmero, dissipando-o no tudo deste nada, para o que viemos, e não somos nada, além de urina, solidão e grito. A natureza da criação artística, sim: fala tudo. E o Cassas sabe disso, tanto que é um poeta frequente, de pé, absolutamente antenado com a universalidade dos temas, — se devaneico, infernal, satírico, lúdico ou místico — o

corpus de tudo no singular-plural de sua visão é o que importa: solidão em núpcias com o fogo da quimera.

Lúcido mediador entre o medíocre e o frugal, a santidade e a luxúria, o jubiloso e o tétrico, o poeta do sol é ácido e mordaz, às vezes bruto, como eu gosto, mas rebelde e belo e também manso como um filhote de rouxinol.

Feliz desse maranhense de São Luís (onde nasceu em 2 de março de 1953), que tem como vizinho de seus olhos escancarados para as imensidões do infinito, lá onde Homero é o sol e Safo de Lesbos é a lua. Essa pira que arde e lhe purpureia poesia, enquanto o insula solitário, a palmilhar léguas de areia, tangido pelo encanto aterrador das oceânides — cujo sementeio lírico já chega a quase vintena de livros — traduzindo o seu altíssimo espírito de fidelidade para com a palavra, esse divino tijolo de luz, deslocando-a, com invejável primazia, para dentro de sua morada eterna; o coração do texto, bafejado pelo orfeico sopro da criação.

Ele, que já desceu às plagas infernais e retornou transfigurado à praia, nos faz agora, com este **O Filho Pródigo: Um Poema de Luz e Sombra** (Imago Editora, 2008), passageiro de nova aventura cataclísmica em redor da mente humana. Cassas, o filho pródigo da poesia, é também a própria matéria prima neste filho pródigo de volta ao aconchego da paternidade. É um livro louco, freudiano, espiritual, dramático, fúnebre e lírico em direção ao cimo do grande Zen, a catedral do íntimo.

Nele, Cassas — cuja arte o faz luzir acima de seus demais congêneres, bruxos da poesia — explode inteiro. É o profeta de si mesmo, crucificado pela nostalgia da razão absoluta, todo empapado de pavor e lirismo, acendendo os archotes teologais da esperança, rumo ao canto de retorno, à Casa do Pai, seja lá onde for, se no Planeta do Sinai, ou no lampadário das galáxias, onde o sol é azul. Ruptura e volta. Remorso e ressurreição, marcam a angústia deste retorno à paternidade do colo planetário sob o trono das nuvens, na floresta das sombras.

A poesia desse atlântico ribeirinho nega, perscruta, canta e exalta. Ensina o homem a sentir com didática emoção. O pensamento vem depois do incógnito infinito para as mansões do etéreo. A palavra é o

veículo, a roda da linguagem. Entra de corpo inteiro nas águas desse pretenso e filosofante conceito de poesia, que o mestre Aristóteles chamou de mimesis, imitação da natureza, retórica do espírito.

Enquanto anjo órfão, perdulário, que trava solitários solilóquios com as pernas do pai, no fogo das lembranças, alando-se de tristezas à morada do poema, endereço metafísico para o qual foge, após 40 anos vagando em círculo, de périplo em périplo, pelas águas da frustração, à procura de Ítaca na alma, com “pétalas de sangue” brotando-lhe dos dedos — o filho da bruma flerta com a maldição, mas despetala também rubro ramallete de jacintos sobre o paul das trevas, com sua “roupa de gaivota” a inquirir o inescrutável “poder do incognoscível”, sabendo que a vida é “o bueiro dos mistérios”, sob o sol da via láctea.

O Filho Pródigo, portanto, do Cassas, é um poema escrito a pranto de osso, doloroso, rilkeano, angelical, satânico, litúrgico e filosófico, onde indagações do sangue e da alma se transmutam em corpos de pai e filho; um na viagem do outro, de volta (e revolta) ao Paraíso, da maçã proibida pela mentira dos séculos.

Percebe-se, então, a partir daí, que, no âmago do discurso emocional-conteudístico deste autor, está o retrato de um homem assombrado, atônito; e que pede tréguas, resposta aos ícones da mitologia, aos oráculos e até à soberana luz dos astros, em comunhão de íntimos mistérios com as pulsações do universo. O tempo para ele, de jangada a navegar, deflagra o sentido das coisas e do sentimento do mundo, mas sobretudo, embeleza-o, em seu fluxo lírico do fluir dialético e eterno.

Cumprida a missão, trombeteia o vate na portada de seu trágico e amoroso cântico, de preito ao pai: “dissipados os véus, diante do trono: o Múltiplo retorna à Unidade”.

GABRIEL NASCENTE

EM NOME DO PAI

*Honra o teu pai e a tua mãe, para
que se prolonguem os teus dias na
terra que o senhor teu Deus te dá.*

Êxodo, 20, 12.

Decifrar o enigma e proceder à construção de sentido para si, com o outro, na vida do mundo e entre o infinito do cosmos — eis a desafiante tarefa que aguarda, segundo a segundo, a condição humana. O nada, a causa, a necessidade, o acaso, o tempo e a morte são cartas do cortante baralho das perplexidades do Homem que, sem escolha, é instado a resolver a equação de tudo na voragem da existência, nada bastante a sua precariedade de transitório oleiro, sempre a caminho das cinzas, frente ao sol e ao barro da esperança.

Mais do que bicho e menos do que Deus, como o definiu Aristóteles, o Homem aspira ao mais e tropeça no menos, sujeito de todas as grandezas e de todas as misérias, mais e menos consciente do caminho para a lucificação que o plenificará, em sintonia, em sinfonia com o universo. No fio da navalha, dançando sobre o abismo, este animal que pensa, sonha e crê, ora sucumbe ao vazio, ora constrói prodígios, navegado pela dor e cavalgando a alegria, na busca eterna e trôpega da sedutora e fugidia felicidade.

O Homem, este animal que pensa, sonha e crê, estrangeiro no mundo e despejado da certeza, desde sempre testemunha de si mesmo e das suas circunstâncias, tem levado à língua da percepção o sal do mito, da magia, da religião, da filosofia, da ciência e da holística, perseguindo as poéticas que o expliquem.

Eis quando desponta no horizonte Luís Augusto Cassas, senhor de absoluta fidelidade à poesia como sondagem de Ser, com o livro **O Filho Pródigo: Um Poema de Luz e Sombra**, cuja tensa polaridade logo revela que foi escrito com nervo e com sangue, flor de catarse nascida no chão de pedra do drama humano.

É que o poeta, em seu canto visceral de Filho, não se explica sem o seu Pai. E este, como metáfora advinda dos tempos axiais, enquanto

elo, raiz e fonte, significa Deus, Rei, Chefe, Pátria e Superego, tornando o Pai princípio, causa e proteção, mas também o peso da montanha de chumbo a carregar, sob o dever de, honrando a sua autoridade, ser Ele, ser como Ele, ser mais do que Ele. E o código e a gramática e o paradigma, sem dúvida, são do Deus, do Rei, do Chefe, da Pátria e do Superego, tornando possível que a tese paterna encontre a antítese filial.

Com a posição reverente das palmas unidas, o livro de Luís Augusto Cassas constitui uma saudação a seu Pai, Raimundo Nonato Corrêa de Araújo Neto, a declarar que o poeta edificou pedra a pedra, vergalhão a vergalhão, cimento a cimento, a reconhecida síntese de que o Deus da Causa é o Deus do Efeito, unificados Pai e Filho na bem-aventurança sofrida do fio do tempo e da linha do horizonte. No além, da água e do espírito, em que as esferas da eternidade e do infinito exprimem, amorosas, a Luz do Bem:

*“Somos dois
diante da divindade
Pequenos sóis
da mesma verdade*

*Somos o só
e o mesmo
Somos o próprio
si mesmo*

*Que viemos fazer aqui
senão confraternizar-nos
com a vida e o seu longo elixir
no prazer de reencontrar-nos?*

*Entre tantos semelhantes
façamos o mundo girar
e como Zorba dançar
enquanto escoam os instantes*

*Eia juntos caminemos
além do além do além
sob o amor frutifiquemos
aos pés do Supremo Bem!”*

Só que a unidade pacificadora exigiu do poeta que expusesse as vísceras dos antecedentes, definidos pelos embates dos códigos, nuvens de desencontros e sombras de controvérsias. Eis os arquétipos de ambos, o Pai, a indicar o destino, e o Filho, a contestar o caminho; o Pai, senhor das palavras, e o Filho, a preferir o silêncio; o Pai, a ditar a norma, e o Filho, a transgredir em versos; o Pai, fechado em copas, e o Filho, faminto de afeto; o Pai, que também foi Filho, e o Filho, a vislumbrar só o Pai; senhor da floresta, o Pai, e o Filho, a querer só uma árvore: a do (im)possível. De onde o peso do Pai Totêmico:

*“Antimilagre da vinha
Abraão levantava o braço
Isaac baixava o cachaço
mas o céu não intervinha*

*Narciso ao avesso
toldei a imagem
de insana viagem
de auto desprezo*

*Trágico engodo
servido c/ torresmo:
poderia ser todos
menos eu mesmo*

*E almoçávamos contritos
disfarçados do ocorrido
empanturrados de sol
mas de afeto subnutridos”*

A narrativa cortante do poeta representa um parto de libertação, o renascimento para a alegria pelo hemisfério da dor: a da casa que não era lar, da vergonha como ama, da tristeza como cama, do regulamento contra o sentimento, do dever contra o prazer e da obediência contra a inocência. Nasceu daí o território demarcado: o Pai, fogo, luz e voo; o Filho, água, sombra e mergulho. O poeta precisou embaralhar as cartas místicas do enredo, para que o Pai-Luz e o Filho-Sombra pudessem ser o Pai-Sombra e o Filho-Luz e se reencontrassem, fundidos e unificados, plenificados e compreendidos, o círculo espiritual do Pai-Luz e do Filho-Luz, enfim, do Pai que foi Filho e do Filho que é Pai. Na fraternidade do fogo e da água reside a completude.

Eis que o Filho ascendeu à compreensão de que foi o juiz sem balanças justas do Pai, a quem, renascido, suplica que o abençoe. Alcançou, o Filho, a paragem da gratidão ao Pai que nele revive, por vislumbrá-lo, agora, como o humano Deus que, entre o erro e a verdade, entre o menos e o mais, afinal, entre o bicho e Deus, pode inspirá-lo no mundo. A translúcida comunicação do Pai-Filho ao Filho-Pai sugere a elevação ao mensageiro do verde que, ao retornar à sua ilha, deve conhecer a magia, a alta alquimia do sementeiro do sol, construtor da casa e artesão da obra.

É que o contingente sucumbiu ao absoluto. E quando, na Luz, o Filho conquista o coração do Pai, a asa do dharma revoga, como revogou, todo o peso do karma. Luís Augusto Cassas, primo-irmão do tempo, navegante das horas: ensaia, solfeja, canta. Canta alto, canta forte, em seu regime espiritual:

*“Ó amor de Deus
flui flui flui flui
dentro do meu interior
com força e alegria
Ó poder do céu
rui rui rui rui
todos os obstáculos
e portões fechados
à conciliação e alegria”*

ROSSINI CORRÊA

CATARSE

Catarse! O ajuste de contas desse poeta maior — que é Luís Augusto Cassas — com a imagem de seu pai. Poema de grandeza trágica e de doçura filial; urdume intrincado que largamente ultrapassa o universo familiar, rebuscando, através dos referenciais bíblico e clássico, questões básicas da condição humana.

As pernas fantasmais do pai reflorescem no filho, mas o filho não é livre, aferrado, como está, ao leito de Procusto. O pai-procusto, o pai-Abraão — desta admirável estrofe:

*“Antimilagre da vinha
Abraão levantava o braço
Isaac baixava o cachaço
mas o céu não intervinha”*

Na relação não há socorro, resolvê-la-á o filho na letra emocionada deste livro! É o amargor do filho, entregue à regência greco-romana de Héstia, a deusa do lar:

*“Héstia não acendia
o fogo sagrado do ninho
Tínhamos uma casa
não um lar”*

A opressa fragilidade da infância pesponta várias passagens do discurso poético: o regulamento que afoga o sentimento, o dever que consome o prazer. O pai percebe o gênero mas não distingue a espécie; o filho entende as caramboleiras e conversa com as aves, isto é, vê o particular, o pessoal de cada um e de cada coisa; nada mais natural desconstrua as técnicas, como explicita.

O caminho da profundidade, que lhe apontam Hades e o deus do mar, enseja, na figura feminina de Perséfone, um dos mais belos versos de todo o livro, pelo uso certo do adjetivo “escuro”:

“o leite escuro do receio”

E a culminação do confronto é metafísica:

“— *Pai por amor a você
carrego o peso
da insatisfação do ser!*”

O vigor da diegese — montada, aqui, sobre cinco frases curtas, calçadas por pontos — produz versos de grande força, melhormente apreciados no contexto:

“*Rasgue-me a pele Entre-me nas veias
Durma-me no sangue Faísque-me nos olhos
Não terá meu coração*”

O final do livro exprime a pasmosa e apaixonada reconciliação do filho pródigo com o pai. E corresponde ao acúmen lírico de toda a obra.

A expressão de Luís Augusto Cassas é clara e direta, e vário o seu equipamento retórico: da antimetábole à pletora — sempre judiciosa — da metáfora. E abundam as antíteses e paradoxos, sem que eu tenha deparado, nesta primeira leitura, o oxímoro, no qual, com alguma frequência, se resolve o raciocínio antitético; terá talvez o autor querido evitar a figura já maximamente explorado no barroco.

O Modernismo trouxe à baila, entre outras novidades, a utilização da terminologia atual e técnica. Fá-lo Cassas com seguro efeito. A meiga passagem “*menino/ que agasalha outro menino*” é sacudida pelo verso seguinte “*sem nenhum extintor de incêndio*”. Ou o inusitado efeito entre estes dois versos: “*onde dormem as tábuas da lei / o eletroencefalograma das estrelas*”. Ou ainda “*ao vivido/ extraindo-lhe o óleo diesel?*”

O livro vigoroso, denso, avesso a maneirismos. E comovente na sua verdade pessoal e estética.

MILTON TORRES

UM LOUCO DE DEUS

A poesia nos mata muitas vezes para, em todas, nos resgatar pelo sopro da linguagem. Como num rito de afogados no imaginário, em que cada palavra é um navio. É o que nos mostra Luís Augusto Casas, em seu mais novo livro, **O Filho Pródigo: Um Poema de Luz e Sombra**.

Trata-se de um longo poema em tópicos, indicado pelas letras do alfabeto, onde a apropriação do discurso poético alcança o mais alto vigor imagístico, ao plasmar o sentimento imponderável da perda do pai.

O poema “é uma ferida de luz! uma operação mística” no dizer de Lêdo Ivo, que escreve na quarta capa seu deslumbramento com “a nudez enriquecida pela experiência da amargura e da decepção — e o seu regresso se abre no horizonte com a promessa de uma nova esperança, de uma nova redenção”.

Trata-se da volta ao nada, ao aqui/agora, em que o poeta munido apenas da memória e das palavras, navega entre dois infinitos mares, o passado e o futuro, a gritar como um louco de Deus: “*quem acendeu o combustível / da loucura / nos olhos do filho?*” E diz mais: “*por órfãos caminhos / meu pai não poupou o primogênito / mas o entregou / por seu amor ao mundo*”.

A poesia é uma loucura santa. E o poeta é aquele que dá voz ao que perece; o que recolhe a expressão do último gesto. Porém, este poema, ao corporificar as dimensões conflitantes de luz e sombra, não se encerra no dualismo. Em meio ao turbilhão do nada relativo, onde a morte enlaça a nossa pequenez, há o milagre da poesia que nos alumbrava o rosto de Deus. E essa inquietude nos devolve à existência sua porção luminosa.

Além de Marco Lucchesi, nenhum outro poeta da poesia brasileira recente dialoga com Luís Augusto Casas, na impalpável extensão do sagrado. Há razões para isto: de João Cabral de Melo Neto para cá, instaurou-se, entre nós, a obsessão pelo concreto que, de resto, é tão errônea quanto a obsessão pelo abstrato, posto que dualista e redu-

tora. O que nos interessa na linguagem poética é, justamente, a sua indomável febre de transgredir, de quebrar paradigmas. Onde houver uma certeza pronta, um padrão imutável, a poesia passa ao largo.

Em mais de um livro, a poética de Augusto Cassas envereda pelo viés da mística cristã. E, forçando a nota, poderíamos aludir à genealogia de outros poetas das nossas letras que também trilharam esse caminho, como Jorge de Lima e Murilo Mendes. Ou até mesmo em outras línguas, como o espanhol San Juan de la Cruz e o inglês John Donne. Mas não há confluência no *modus operandi* de tais poetas com a sintaxe incendiária deste demiurgo do caos que, fundindo oriente e ocidente, via mitologias gregas, místicas védicas e cristandade revificada, reconstrói nesse caldo de culturas, os caracteres de uma subjetividade pós-moderna, antecipando-se, de certo modo, à globalização internética. E é o próprio prefaciador da obra, Marco Lucchesi, quem nos semeia indagações: “Assim, pois, como dizer aqui o tamanho de um regresso voltado para uma nova Ítaca, sob os auspícios de uma cosmologia da parte e do Todo?” E acrescenta: “Cassas é um poeta forte, porque possui o desenho de um cosmos, que sabe e persegue, estuda e medita.”

“Vence a dura estrada / e ao término da jornada/terás companhia”, diz o poeta. E diz consciente de que criar é encontrar um meio de eternizar-se. De celebrar o nunca visto mas reconhecível. É alimentar-se da ausência em sua torturante fisicalidade, como se o coração fosse o outono a depenar-se.

SALGADO MARANHÃO

BACURI-SUSHI: A ESTÉTICA DO CALOR (INÉDITO)

O CORAÇÃO A MIL DE LUÍS AUGUSTO CASSAS

Estou no Rio. É fim de abril. O sol beija a janela amorosamente. Mornos e benfazejos, os dias vividos já anunciam maio. Penso em Luís Augusto Cassas, homem solar do Maranhão, todo paixão, imaginação, carne e vísceras.

Penso nele e em sua poesia derramada, vital. Poesia de um ser corajoso que é tão somente coração desnudado, delírio, espasmo, gozo, batida, ritmo louco.

Criação, ordem e caos. Penso em São Luís, o casario baixo, branco e azulado, os sobrados, as esquinas, os telhados, as igrejas, as ruas e ladeiras com nomes líricos. Nomes que lembram os que designavam as ruas de um Rio de outrora, perdido nas páginas do tempo. O Rio dos vice-reis. De reis e imperadores. Ou imperatrizes tristes, traídas. São Luís, Rio, cidades irmãs, cheias de luz, cidades que nos entontecem por serem abençoadas pela visão vertiginosa do mar, que chora e lava seus sortilégios e pecados.

Assim como as ruas de sua cidade natal, que mantêm a antiguidade do batismo, Cassas também é um homem antigo, ultrapassado, como ele mesmo diz, homem com o terrível estigma de transformar tudo o que toca, cheira, come, bebe ou sente em poesia. A vida, os peixes, os frutos, as frutas, as ruas, os mendigos, os podres e ricos poderes, o lixo, o desencanto e o cântico do amor. Poeta até à medula, Cassas respira palavras. Sem medida, luxuriosamente. Gosta de extravagâncias. E escreve tudo o que reverbera nas profundezas de seu ser, sem temer o que é considerado prosaico ou banal, pois sabe que o banal, o hodierno, o comezinho, o cotidiano é rico e belo, por estar vivo. Pulsante. Fazer

parte da misteriosa, enigmática trajetória humana na terra. Ser comestível. Alimento do corpo e da alma. Alma que a tudo se arrisca, embriagada de sol, lua, estrelas, horizontes, poentes. Alma de ilhéu que quer ser continente. Mundão vasto. Cosmos. Universo. Verso e reverso de cores, dores, odores, suores, orgasmos endoidecidos, viscerais, telúricos amores.

Estou no Rio e penso em Cassas e em seu último livro de poesia, **Bacuri-Sushi: A Estética do Calor**. Ao ler os versos, reencontro o homem. O riso caloroso. O corpanzil, a cabeleira revolta e o imenso carinho pelos amigos. O prazer de comer, embriagar-se de ilusões, novas paixões. Entranhas de mulheres. Vulvas. Ventres.

Cassas conta as loucuras que comete, ou cometeu, sempre rindo. Tem essa capacidade rara de rir de si mesmo. Sabe que vive em fantasias e desvarios. Que sempre vai fundo, no poço da vida, em busca de novos versos, sentimentos, êxtases. Viver é sempre perigoso. Consciente dos precipícios, o poeta vai à luta, pois porta a arma e a bala de prata do verso, aquela que ama, sangra, mata e se mata, mas renasce na poesia. Maculando com púrpura e sombra das letras as páginas virgens.

O bardo maranhense tem um credo. Crê no sol equatorial, crê na matéria e na Virgem Maria. Crê no Espírito Santo do povo. E crê na reencarnação do Verbo. Ao leitor incauto que quer entrar na selva abrasadora de sua poesia, ele faz um alerta. Cuidado! Ao penetrar neste país deixe a alma entreaberta, quem dorme em São Luís acorda poeta. Triste sina. Os poetas, todos sabemos, são benditos como os santos, mas também amaldiçoados como os loucos e visionários. Os videntes. Os alquimistas. Os que veem o invisível. O sexo das pedras, das nuvens e das flores. O fundo do mar. Aqueles que ouvem o gemido do céu. E o decifram ou traduzem, sem saber que estão a decifrar o caminho do arco-íris, escavar o umbigo do mundo, abrir portas sem retorno.

Mulheres, quantas mulheres, na poesia de Cassas. Lençóis, quadris, sereias, haréns. Coxas, lábios, nádegas, espáduas nuas. Lagoas e desertos. Vislumbre de um oásis florido que só viceja onde existem histórias, fábulas, versos. Pois apenas a mulher presa no verso é eterna como estrela nacarada pendurada na Via Láctea.

Mulheres e gozos, comida, paladares, gostos. Bacuri, favos, camarão, daiquiris, ervas e evas, línguas e sushis. Tudo se come na cidade do sol, a cidade dos prazeres. Feijoada, rapadura, cuscuz, carne de sol, chouriço, esfihas. Galinhas sacrificadas ao paladar. Fêmeas torturadas. Cidade luxuriosa e triste de perdas e silêncios, ruídos e alegrias. Babilônia moderna. Quem beber da água saberá na ilha da mulher mais alva desnudando a quilha. Cidade onde corpos lascivos embalsamam as mágoas e as feridas da sede da vida.

E São Luís também é cidade de bêbados, e todo bêbado tem um santo e acredita em milagres. Milagres somente possíveis na cidade sensual onde até a chuva cai em horizontal. Cidade que aluga horizontes. Vende auroras e mares infinitos. Cidade da preguiça e do lento tecer dos dias. Da sesta e dos roncos. Dos guarás e das formigas vermelhas, que queimam a pele com sua picada venenosa.

Como são belos, simples e comoventes, os retratos falados, as homenagens às personagens da cidade, às cantoras, às santas, ao médico, ao poeta e ao bêbado santificado. As louvações a Vieira, Rita Ribeiro, sabiás em lamparinas, loucos mortos a dançar em casuarinas. São fábulas, mitos, causos contados à beira da fogueira, como a de Magno, bêbado recuperado, com pinta de Barack Obama que recolhia em sua casa os embriagados do mundo. É singela a historieta sobre o doutor Odorico Amaral de Matos, que cura e vacina crianças, doentes e feridos com as flores da piedade sangradas no peito.

Já o que falar das duas Marias, a de Jesus Carvalho e a Aragão, uma a pregar a luta de classes e a outra a pregar o amor face a face? Nada, nada mesmo. Cassas falou tão bem que o importante é ler o poema para deleitar o coração. O mesmo ocorrendo com os poemetos de contingência sobre Santa Almerinda e São José Francisco de Chagas, aquele que, como seu fraterno homônimo, amante da natureza, esculpe na carne do verso incendiários lírios. Leiam, leiam os poemas...

Expondo suas vísceras, o poeta maranhense conseguiu o que preconiza como arte maior na arte de versejar: colher a pura rosa dos abismos. Ou tirar mel do fel, na vigília e no sono. Poesia, diz Cassas, é o incêndio da beleza. Com o sol e o sal do Maranhão no rosto, Luís Augusto Cassas, empunhando quixotescamente a espada do verbo

e depondo suas máscaras no chão, sonhou um novo livro. Cheio de pecados e vertigens, alegorias, metáforas e pesadelos, faróis e fogueiras, viciados e puros, gênesis, evangelhos e apocalipses.

Com ele soluçamos a palavra amor em nossos peitos abafados, numa escura sala de cinema hoje inexistente. O da família. E nos redimimos. Eternizados em palavras. Cheios de saudades de São Luís e de seus poetas *muy* loucos.

CECÍLIA COSTA

BIOGRAFIA DO AUTOR

Luís Augusto Cassas (2 de Março de 1953, em São Luís do Maranhão) nasceu longe, como as utopias, desenvolvendo a vocação para o horizonte.

Trilha o caminho do meio, mas há risco de abocanhar o inteiro. Após ciclo de mortes e transformações, novo nascimento entre duas palavras.

Tendência à profundidade, por estar sempre em queda. Teórico do mais. Hoje, discípulo do menos.

Poeta do alto e do baixo, do externo e de dentro; às vezes é fogo; às vezes, vento.

De índole solitária, não é membro de nenhuma academia, sindicato ou entidade de classe. Mas aprecia longas caminhadas e bom papo.

Gosta de contemplar a unidade, dispersa na criação: “Embora o olho não perceba, sabe-o o coração”.

A serviço da luz, do belo e do verso. Para ele, o mundo é pura poesia. Não é à toa que o chamam universo.

contato com o autor:

luisaugustocassas@terra.com.br



Rua Santa Mariana, 21
Bonsucesso . 21061-150 . Rio de Janeiro . RJ
orcamento@zit.com.br
zit.com.br